

TERRA

ELOY MORENO

O problema de procurar a verdade é encontrá-la
e não saber o que fazer com ela



**FENÓMENO
EDITORIAL**
7 edições
no primeiro ano

SUMA
de letras

ELOY MORENO

TERRA

Tradução de
INÊS GUERREIRO



OceanofPDF.com





OceanofPDF.com

*Pensei que seria simpático partilhar convosco
a banda sonora de Terra, por isso, criei uma lista no Spotify
com os principais temas que me serviram de música de fundo
enquanto escrevia este romance.*

*Deixo-vos o nome da lista e um código QR,
para o caso de vos apetecer ouvi-los
enquanto estiverem a ler.*

A lista chama-se:
NOVELA TIERRA (Eloy Moreno)



Trinta anos antes...

Um carro velho desvia-se por um caminho de terra, para se perder no interior de um bosque. Um bosque com árvores tão altas e tão entrelaçadas, que a luz do dia mal consegue espreitar por entre os ramos.

O homem que o conduz permaneceu em silêncio durante todo o percurso, revendo mentalmente cada um dos passos que vai dar a partir desse momento. Está nervoso, ensaiou a situação muitas vezes, mas sempre sozinho.

Há já vários minutos que o rádio emite sons difusos, até que, ao entrar no bosque, emudeceu completamente: não há rede.

As duas crianças sentadas no banco de trás também vão caladas. Estão assustadas, porque não sabem para onde se dirigem nem para que serve a chave que trazem pendurada ao pescoço.

Depois de mais de dez minutos a circular pela lama, em silêncio, chegam a uma pequena clareira onde uma cabana de madeira os espera. Não há ali mais ninguém, apenas eles e a incerteza.

Os três saem do carro, e é o homem que, depois de duas tentativas, consegue abrir uma porta que parece não desejar convidados.

Os dois miúdos entram devagar, tentando habituar os olhos a uma escuridão que domina tudo. Em contrapartida, o homem dirige-se logo à pedra da lareira, retira de lá uns fósforos e acende uma vela.

Com palavras suaves, diz-lhes para se sentarem no sofá que se encontra ao seu lado; entretanto, com outro fósforo, tenta atear o lume.

A menina procura a mão do irmão, que é mais velho, e aperta-a com força.

— Calma, está tudo bem — sussurra-lhe ele ao ouvido.

Finalmente, a lareira está acesa.

O homem avança até ao fundo da divisão para ir buscar uma cadeira velha e uma caixa de madeira. Instala-se em frente ao sofá, diante deles.

Sorri.

E fala.

As crianças escutam.

Explica-lhes que vão participar num pequeno jogo, um jogo que nunca experimentaram. Tenta convencê-las de que será divertido.

Devagar, vai enumerando as regras.

Escutam sem dizer nada. Assentindo depois de cada frase, tentando assimilar cada uma das instruções. Por fim, quando termina, tocam com cuidado na chave que trazem pendurada ao pescoço.

O homem levanta-se, pousando a caixa de madeira no chão. Dirige-se para a lareira e aproxima as mãos do lume. Assim, daquele ponto e de costas para eles, volta a falar.

— Serão vocês a escolher o prémio... Mas não será um prémio imediato, será um prémio para o resto das vossas vidas.

Silêncio.

O homem agacha-se e esfrega as mãos, demasiado perto das chamas.

— Pensem naquilo que mais vos agradaria neste mundo, no que gostariam de alcançar quando fossem mais velhos. Seja o que for, se conseguirem terminar o jogo, prometo que farei os possíveis para que se torne realidade. Mas... não podem revelar o vosso desejo a ninguém: nem tu a ela, nem ela a ti; só eu o poderei saber. Será o nosso segredo.

Os dois miúdos olham um para o outro sem saber o que dizer, talvez por

serem demasiado pequenos para uma decisão tão importante.

— Não há pressa, temos tempo...

Ambos sabem que se encontram num momento determinante das suas vidas. Se aprenderam alguma coisa durante a infância, foi que este homem que têm à sua frente cumpre aquilo que promete.

Depois de vários minutos, em que o único som que se ouve é o do estalar dos ramos na lareira, o rapazinho levanta-se, aproxima-se do corpo que permanece agachado frente ao lume e diz-lhe qualquer coisa ao ouvido. O homem assente e sorri. A criança também sorri.

A menina permanece calada no sofá. A julgar pela idade, poderia parecer demasiado nova para saber o que deseja. Poder-se-ia até pensar que não percebeu bem a pergunta... Mas não é assim: o que se passa foi que decidiu enfrentar o pai e procura mentalmente um desejo tão ousado quanto irrealizável. Por fim, depois de vários minutos a matutar, tem uma ideia e aproxima-se, a arrastar os pés. Agacha-se um pouco e sussurra-lhe o seu desejo ao ouvido.

— Mas... — protesta o homem, surpreendido.

— É este o meu desejo — replica a menina, com um sorriso que deixou de ser sincero há algum tempo.

As duas crianças voltam a sentar-se no sofá.

Passam-se alguns minutos. Silêncio.

O homem levanta-se, dá-lhes um beijo e, depois de confirmar disfarçadamente se a câmara que se encontra por cima da porta está ligada, abandona a cabana.

Os miúdos ficam ali, sozinhos, com a luz e o calor da lareira.

Fecha a porta à chave, dirige-se para o carro, liga o motor e afasta-se... mas não demasiado. O suficiente para que pensem que se foi embora, o

necessário para, sem que eles saibam, conseguir ver o que se passará a seguir.

E espera.

E os minutos passam.

Dez.

Encolhe-se de frio dentro do carro.

Vinte.

O homem começa a ficar nervoso. Está tentado a sair para ver o que se está a passar, para perceber se estão a avançar no jogo.

Silêncio. Frio. Ouve-se um grito: o grito de uma menina. Um grito que percorre a cabana, o bosque, e que o atravessa, a ele próprio.

Sai do automóvel e corre o mais depressa possível em direção às crianças.

Foi este o princípio de tudo. Na realidade, também foi este o fim de tudo.

OceanofPDF.com

*Um ser que se habitua a tudo;
parece ser esta a melhor definição que posso dar
do Homem.*

DOSTOIÉVSKI

*Numa época de logro universal,
dizer a verdade é um ato revolucionário.*

GEORGE ORWELL

OceanofPDF.com

— Boa noite... — sussurrou, depois de vários minutos de aclamações.

E voltou a ficar em silêncio.

Abriu e fechou os olhos várias vezes, talvez para tentar adaptar as pupilas aos *flashes* que incidiam sobre o seu rosto como relâmpagos.

Tornara-se o acontecimento do ano, do século, até, dizia a imprensa mais sensacionalista. O local era o mesmo de sempre: um magnífico auditório de aço e vidro, propriedade da sua empresa, mas, desta vez, o motivo era muito diferente: o mundo assistia aos últimos momentos de vida de alguém que chegara a ser a pessoa mais poderosa do planeta.

Os jornalistas tentavam tirar a fotografia mais espetacular, a imagem que, no dia seguinte, se encontraria na primeira página dos principais órgãos de comunicação de todo o mundo. Sabiam que cada gesto, cada palavra... qualquer pormenor poderia espalhar-se como um vírus através das redes sociais.

Nesse dia, eu, em vez de estar num plano inferior, aos seus pés, a tentar captar a frase ou a imagem do ano, permanecia sentada na zona reservada aos VIP, rodeada de políticos e empresários que traziam às costas uma carga tão imunda, que tinha dificuldade em olhar-lhes para a cara.

Todos me conheciam, e eu a eles. Todos conheciam a única jornalista que conseguira vencer aquele homem nos tribunais, várias vezes. Por isso, quando entrei, ninguém me cumprimentou.

Embora nenhum comunicado prévio sobre o alinhamento do evento tivesse sido emitido, quase todos sabíamos o que aquele homem, que mal se sustinha de pé, ia dizer. Suspeitávamos de que seria a sua despedida, a sua última aparição pública. Todos sabíamos a verdade, a verdade que a imprensa tentara ocultar durante o último ano.

Mas é impossível guardar um segredo quando é o próprio segredo que se põe a falar à nossa frente, quando é o próprio segredo que tem dificuldade em manter-se de pé no palco.

Ali estava agora, em silêncio, sob um emaranhado de holofotes e aplausos, um homem que iniciara o seu império com uma simples câmara. Uma pequena câmara com a qual gravava concursos que ele próprio inventava. Um visionário que revolucionara a indústria televisiva, desde os seus primórdios, que ousara fazer o que outros nem imaginavam ser possível, que criara a empresa mais rentável do mundo, do zero... Um homem que chegara a ter mais poder do que o próprio presidente. Um génio para muitos... um ser desprezível para outros.

Um homem que começara com a ideia de fazer a melhor televisão do mundo e acabara por criar os programas mais atrozes e vergonhosos... os programas que mais pessoas viam.

Um homem que reunira a maior fortuna do planeta, que se mantivera ano após ano no primeiro lugar da lista *Forbes*. Um homem com tanto dinheiro e poder, que eram os principais dirigentes do mundo a pedir-lhe audiência, não o contrário.

Era também um homem que transpusera todos os limites, tanto legais

como morais; que enfrentara famílias, que destruía casamentos, que rentabilizara a dor alheia de uma forma nunca, até então, vista. Um homem que conseguira ter contra si praticamente todas as associações existentes: as ambientais, as dos direitos humanos, as defensoras dos animais... Um homem que transformara o ser humano num brinquedo.

Um homem que teria sido capaz de fazer qualquer coisa para conseguir mais audiências, qualquer coisa...

E esse homem era o meu pai.

OceanofPDF.com

O evento condicionara a vida de parte da cidade. Três das principais avenidas estavam cortadas, formara-se um grande perímetro de proteção à volta do edifício.

Era possível ouvir, e, de vez em quando, ver, dois helicópteros sobrevoar os arredores; e a segurança privada era tal, que, para se aceder à área de público e de imprensa, era preciso permanecer várias horas na fila.

Aquele homem que nesse instante falava tinha mais inimigos do que amigos, por isso, o controlo das entradas tinha de ser minucioso. Depois de passar por um triplo arco de segurança, vários guarda-costas privados levavam a cabo uma revista exaustiva. Nesse ponto, foram encontradas mais de trinta armas de fogo. Todas elas sem a intenção de atacar: esquecimentos de convidados, que, ao serem descobertos, ofereciam pedidos de desculpa e as deixavam num depósito sem apresentarem o menor protesto.

Mas nenhum método é infalível, e, num descuido, num momento de confusão... há sempre alguém que consegue fazer entrar uma pequena arma no recinto, daquelas que quase não se veem, das que cabem num bolso, das que também matam se disparadas do local e distância certos.

E, sim, apesar dos milhares e milhares de dólares investidos em segurança, quando aquele homem começou a falar, a pistola já conseguira entrar na sala.

Sim, o meu pai, um homem que começou a trabalhar tanto, que, um dia, se esqueceu de que, algures, à sua volta, existia uma família. Um homem que, mais depressa do que qualquer filha teria desejado, começou a trocar beijos por moedas, abraços por presentes e amor por promessas.

E eu estava ali por um único motivo: Nellyne.

Era o que estava escrito no envelope que chegara a minha casa. Se tivesse escrito Nel ou Nelly, como das outras vezes em que recebera o mesmo convite, certamente, não teria ido. Mas, desta vez, pela primeira vez, estava escrito Nellyne.

Nessa noite, cheguei sozinha, entrei por uma porta traseira, mostrei as minhas credenciais, e o meu apelido fez o resto. Apesar de ter recusado, o pessoal de segurança privada da empresa acompanhou-me até ao palco presidencial, algo que, tendo em conta o que se passou depois, me salvou a vida. Reservara-me o melhor lugar, na primeira fila, a poucos metros dele.

Por isso, quando subiu ao palco, foi inevitável que os nossos olhares se cruzassem. E, ali, entre o barulho dos aplausos, a chuva de *flashes* e a grande distância afetiva que nos separavam... olhámo-nos. Vi os seus lábios desenharem uma palavra no ar: Nellyne.

Apenas três pessoas me chamaram por esse nome: uma delas estava morta, a outra desaparecera da minha vida havia muitos anos, e tinha a terceira à minha frente nesse instante.

Nellyne. Uma palavra que começou a esbater-se na minha mente, que me conduziu a um passado que, para mim, sempre esteve demasiado distante. Talvez tenha sido isso — a esperança de voltar ao lugar em que fui feliz —

a convencer-me a estar ali presente, naquela noite. Nellyne. Era assim que me chamava na única altura em que se comportou como um pai.

Vivíamos numa pequena aldeia rodeada por um bosque magnífico, que percorríamos juntos aos fins de semana. A dez minutos de distância, havia também um rio onde tomávamos banho no verão e pescávamos no inverno. Quase não tínhamos dinheiro, mas tínhamo-lo a ele. Foram anos felizes. Até que tudo começou a mudar, no dia em que apareceu com aquela maldita câmara.

Ao início, adorámos a ideia, um brinquedo novo com que podíamos fazer os nossos próprios filmes. No entanto, aquilo que começou por ser um passatempo transformou-se, aos poucos, numa obsessão e, por fim, numa profissão que nos expulsou a todos da sua presença; bem, quase todos. Sempre pensei que, se aquela câmara não tivesse aparecido, tudo teria sido muito diferente... as nossas vidas, a relação que tínhamos uns com os outros, nós próprios...

Mas começou a ficar obcecado. Gravava sem parar e, depois, de noite, víamos os filmes. A minha mãe morria de vergonha, mas eu e o meu irmão, de início, adorávamos. Lembro-me de ele fazer testes comigo, de nos rirmos juntos por determinada cena ficar tão má; de, a meio de uma filmagem, nos dar um ataque de riso e termos de interromper...

No entanto, com o passar do tempo, foi-se esquecendo de me chamar Nellyne... os seus sonhos começaram a ser tão grandes, que tudo o resto — e nesse *tudo o resto* estávamos nós — à sua volta desapareceu.

Demorou alguns segundos a recomçar a falar, em voz baixa, como se, na realidade, não quisesse dizer nada, como se as palavras, em vez de lhe nascerem da garganta, saíssem da sua consciência, na hipótese de ainda restar algo dela.

— Boa noite... — E fez-se novo silêncio. — Quem me viu e quem me vê? Mas, enfim, cheguei aqui, o que não é coisa pouca.

Ouviram-se risos e um aplauso que se prolongou durante vários minutos, enquanto ele erguia as mãos lentamente, para pedir que parassem.

— Esta será a minha última aparição pública. Esta noite, despeço-me do mundo da televisão, um mundo que me deu várias alegrias, que me fez viver muito... Mas tudo chega ao fim, tenho de dar lugar às novas gerações. O meu corpo disse-me que chega...

Nesse momento, a sala emudeceu.

O meu pai fechou os olhos e engoliu a saliva.

Devido à sua magreza extrema, quase conseguimos ver essa saliva atravessar-lhe a boca, percorrer-lhe a garganta e cair num corpo que se perdia no interior do *smoking*. Aproximou-se devagar do microfone e disse aquilo que toda a gente já sabia.

OceanofPDF.com

— Sofro de um cancro que me matou.

E o edifício encheu-se de silêncio.

Durante os minutos que se seguiram, a única coisa que se ouviu foi um murmúrio a percorrer a sala.

Na verdade, era algo que já se sabia, mas que ninguém se atrevera a confirmar oficialmente: o meu pai estava doente. A cada fotografia roubada pelas revistas durante os últimos meses, via-se um homem mais magro, mais fraco. Com efeito, nesse mesmo instante, qualquer pessoa podia ver, através da pele, que a vida se esvaía do seu corpo.

Um homem de um metro e noventa, olhos azuis, atraente... que, no esplendor da vida, chegara a ser uma das pessoas mais desejadas do planeta e, neste momento, com apenas sessenta e seis anos, era um esqueleto coberto por um fato preto. Um esqueleto que, sem que ninguém soubesse muito bem como, se mantinha ali, de pé, em frente ao público.

— Sim, na verdade, já me matou. Agora, a única coisa que faço é esperar pela morte. É óbvio que há coisas que o dinheiro ainda não pode comprar, caso contrário... — Respirou lentamente, de modo a arranjar forças para continuar. — Mas, enfim, chega a vez de todos, e posso dizer que vivi. Como ouvi certa vez, a morte é apenas o início da imortalidade.

Silêncio.

Olhou para o público com calma, aproximou-se do microfone e continuou.

— Mas não queria deixar a empresa sem fazer uma confissão, a confissão

mais importante da minha carreira... Como se dizia no meu tempo:
preparem as rotativas.

OceanofPDF.com

— A televisão é mentira.

Deixou que o silêncio se adensasse.

E o silêncio deu lugar ao sorriso, e logo uma gargalhada coletiva se espalhou por toda a sala.

— Bem, aí têm a vossa parangona para amanhã. Tudo, absolutamente tudo, é mentira.

— O público começou a aplaudir.

Ao fim de vários minutos, deixaram-no continuar.

— Contratamos atores para produzir notícias falsas que, depois, nos servem para encher programas de conversa e revistas cor-de-rosa, que, naturalmente, também pertencem à nossa empresa; sujamos cozinhas de propósito, para depois podermos criticar os restaurantes, e, assim, voltar a limpá-las; enchemos as arrecadações com os objetos que desejamos, para que as audiências subam; contratamos vendedores fictícios, para que levem objetos antigos de determinadas marcas para as casas de penhores, e, assim, ganhamos dinheiro sob a forma de publicidade encoberta; fazemos com que um aventureiro achesse um rio gelado numa paragem inóspita, sem mostrar que, a alguns metros, há uma ponte, uma estação de serviço e até um McDonald's junto à autoestrada. Manipulamos os concursos, de modo que o prémio vá para o participante mais popular entre o público, aquele que pode dar-nos mais audiências, e não para o que mais sabe. Ao espertalhão aborrecido, calham sempre perguntas cuja resposta nem na Internet se conseguiria encontrar. Por detrás de cada criança com jeito para a cozinha, está um *chef* que elabora os pratos que depois aparecem no

ecrã... Tudo, absolutamente tudo, em televisão, está adulterado. Tudo é mentira.

OceanofPDF.com

À medida que o meu pai falava, o semblante das pessoas no público ia mudando: já não havia sorrisos, não havia tentativas de aplauso; começaram a perceber que não se tratava de uma piada, que aquele homem estava a falar a sério.

— O problema, e a vantagem, para mim, claro — continuou, depois de fazer uma pequena pausa —, é que há milhões, milhares de milhões de pessoas que pensam que... Bem, não só pensam, estão também completamente convencidas de que tudo o que aparece na televisão é verdade... e, embora tenham visto a mesma atriz num programa a fazer de mulher maltratada, noutra, de dona de casa entediada e, no seguinte, de aventureira nos Himalaias, não conseguem perceber que é a mesma pessoa.

Deteve-se por uns instantes para recuperar o fôlego. Tinham sido demasiadas palavras para alguém tão fragilizado. Pegou num copo e, ao levá-lo à boca, esteve prestes a entornar a água. Finalmente, mas não sem dificuldade, conseguiu beber e deixá-lo de novo no seu lugar.

— Desculpem... — sussurrou, enquanto recuperava forças. — Mas sem dúvida que o melhor na televisão é o facto de os produtores, os guionistas, os donos de tudo isto serem transformados em deuses. Amanhã, escolho uma pessoa, dizemos, em três ou quatro canais, que é um violador, depois as redes sociais encarregam-se de lhe dar cabo da vida para sempre, embora, mais tarde, se prove que é falso. Não importa, já não divulgamos essa informação, nem introduzimos uma indicação tão resumida e breve, que ninguém seja capaz de a ler. E, claro, também podemos fazer o contrário: pegar no tipo mais idiota do planeta e transformá-lo num herói,

em político ou mesmo em presidente. Podemos brincar a ser deuses, e eu fui-o. Fui Deus! — gritou, e, nesse mesmo instante, começou a tossir.

Ninguém dizia nada. O público permanecia em silêncio.

Voltou a tentar pegar no copo, mas, desta vez, este caiu ao chão. Apareceu logo alguém para o ajudar.

Apareceu ele. O meu ele. Aquele que, desde há muitos anos, nunca precisou de capa para ser o meu herói.

OceanofPDF.com

Ele, o meu irmão.

Ele, que se foi afastando de mim à mesma velocidade a que se aproximava do meu pai, sobretudo quando a única coisa que ainda nos unia, a minha mãe, morreu.

Acho que foi aí, nesse funeral, em que houve tanto dinheiro de sobra quanto falta de carinho, que percebemos que, ao mesmo tempo que nos abraçávamos, também nos despedíamos.

Porque, quando a nossa mãe morreu, desapareceu com ela aquilo que nos mantinha unidos: todas as visitas que fizemos ao lar, as chamadas para nos perguntar como estava, para saber se a tínhamos achado melhor, se parecia mais animada, se tínhamos notado algum progresso nos últimos dias...

Assim permanecemos durante muitos meses: a partilhar momentos na sala de espera, a sussurrar tristezas à volta de um café, a passear pelo jardim daquela prisão vestida de branco, enquanto ela era sujeita a algum tratamento... em suma, a ver a nossa mãe escapar-nos por entre os dedos, enquanto a vida se lhe ia a cada sopro...

Com a sua morte, os nossos caminhos foram-se afastando lentamente. As chamadas tardavam cada vez mais, as mensagens eram mais curtas, os silêncios, mais prolongados. Até chegar o dia em que não houve contacto; deixámos simplesmente de falar. Não aconteceu nada de especial, e talvez isso, a ausência de motivo, tenha sido o mais triste de tudo.

E agora ali estava ele, a apanhar o copo que o meu pai, que o nosso pai, não conseguira segurar.

— Sim, é tudo mentira... — afirmou, depois da interrupção. — E sabem o que é melhor do que a mentira? O que não tem limites. Quando se experimentou a dependência da mentira e não há maneira de a deter, esta reproduz-se e cresce... porque é sempre possível criar uma mentira maior do que a anterior... — Voltou a tossir.

Silêncio.

— Esse é o grande problema da televisão: o poder. Porque o poder faz esquecer o que é justo, o que é correto... o poder só nos quer ver crescer, a nós.

Voltou a parar, talvez demasiadas frases seguidas... talvez demasiadas verdades juntas. Tossiu várias vezes e tentou continuar sem desabar ali mesmo.

— E depois vem o dia em que percebemos que podemos fazer o que quisermos com as pessoas, que temos rebanhos de pessoas sentadas no sofá, prontas a engolir qualquer ideia que lhes quisermos enfiar no cérebro. Nem todas, claro. Ainda há algumas que preferem ler um livro ou ir brincar com os filhos... Mas são poucas, muito poucas... As que interessam são as outras, a turba que nos tornou ricos. Sim, claro, sobretudo a mim, mas a vocês também, a todos os que aqui estão — disse, levantando o braço devagar e apontando com um dedo para o público.

Brincar com os filhos, que ironia ser o meu pai a usar esta frase. Sim, ele brincou comigo, brincou de duas maneiras: durante os meus primeiros anos, como um pai, e, durante os anos seguintes, como um animal de estimação.

Um animal de estimação que passou com demasiada rapidez de abanar a cauda a arreganhar os dentes.

OceanofPDF.com

Ninguém sorria. As suas palavras geravam um incômodo cada vez maior... Mas quem se ia levantar? O discurso estava a ser transmitido em direto para mais de cento e cinquenta países, praticamente o mundo inteiro escutava as palavras daquele homem. Além disso, ali, naquele edifício, tinham-se reunido as pessoas mais poderosas do planeta, todas à mercê do que pudesse sair daquele corpo com menos de cinquenta quilos.

— Mas os investidores que não se assustem. Não há motivo para preocupações. Sei que muitos de vós já estão a calcular o prejuízo que as minhas palavras poderão causar nas vossas carteiras, nas vossas ações. Calma... Será que um toxicodependente larga a droga por lhe dizermos que esta faz mal? Um fumador irá, porventura, parar com esse vício por o avisarmos de que o tabaco mata? Não, porque não conseguem, não conseguem passar sem essas substâncias... É essa a maravilha do ser humano! Podemos enriquecer graças às suas dependências. Afinal, trata-se apenas disso: de encontrar os pontos fracos das pessoas e fazer negócio com elas.

Silêncio.

Afastou-se ligeiramente do microfone, olhou em volta e continuou.

— Felizmente, a dependência da televisão é legal, ninguém me pode prender por isso. As pessoas não vão deixar de assistir por nada do que aqui disse hoje. E sabem porquê? Porque o fizeram desde cedo e, agora, já não conhecem alternativas. Criámos o ecossistema perfeito para ganhar dinheiro: damos-lhes uma educação medíocre, em que ler, por exemplo,

lhes parece uma condenação; depois, obrigamo-las a trabalhar durante oito a dez horas num emprego da treta, em troca de um ordenado da treta, e acabam tão cansados, que a única coisa que lhes apetece é chegar a casa e ligar a televisão. Uma televisão que lhes dirá onde gastar esse dinheiro que tanto lhes custou a ganhar. O círculo vicioso perfeito. Portanto, não se preocupem: por mais barbaridades que eu diga esta noite, a batalha, para estas pessoas, estará sempre perdida.

OceanofPDF.com

No interior de um edifício que acaba de ficar em silêncio, cerca de dez metros acima do palco, vários atiradores furtivos vigiam cada um dos movimentos do público.

Por experiência, sabem que, apesar do controlo exaustivo da entrada, há sempre erros: uma pequena faca, algum objeto que possa ser lançado, líquido que, adicionado ao de outro convidado, consiga criar um explosivo... são muitas as hipóteses. E mais ainda no caso da estrela da noite: um homem que foi vítima de vários atentados nos últimos anos.

Ataques com origem em pessoas perturbadas, em familiares de um participante de algum concurso ou em várias das associações, que, por vezes, se coordenaram, tendo como único objetivo ver morto o homem que hoje ali se encontra a discursar.

Continuam a observar o público do auditório, tentando detetar qualquer movimento estranho.

— Lembro-me das minhas origens... — continuou, quase num sussurro.
— Quando olho para trás... Aqueles concursos tão intimistas... Fizemos coisas geniais. Primeiro, pequenas, com um orçamento muito reduzido... Lembro-me de que, já nessa altura, contratava amigos e conhecidos para fazerem de participantes... Nisso, distinguíamo-nos da concorrência: os nossos concursos eram divertidos porque os concorrentes eram falsos, estavam a representar. Batota? Sim, mas, enfim, o mais importante era entreter.

»Recordarei sempre com carinho a primeira vez que me deram uma oportunidade... Numa altura em que todos os concursos eram iguais, com perguntas e respostas, consegui inovar. Lembram-se do jogo das chaves? Foi o meu primeiro grande triunfo.

O jogo das chaves... Comecei a tremer. Fechei a mão direita com força, como tantas vezes fizera, na esperança vã de que, quando a abrisse, a cicatriz já ali não estivesse.

— Esse concurso foi o princípio de tudo: começou a entrar dinheiro, e o que é bom no dinheiro é permitir fazer algo maior. Criávamos programas cada vez melhores, mais originais, mais arriscados...

»Em dada altura, apercebemo-nos de que, quanto mais o concorrente sofria, mais audiências tínhamos, e foi como descobrir o melhor tesouro, pois o sofrimento podia ser sempre maior ou, pelo menos, diferente. Também percebemos que as pessoas adoravam violência, sexo, traições...

por isso, acabou por ser inevitável surgir um concurso como aquele, um dos mais bem-sucedidos da História...

Interrompeu-se, apanhou um pouco de ar, pegou lentamente no copo e bebeu água.

Olhou para o público.

Aproximou-se do microfone.

— Sim, todos sabem do que estou a falar. *Da Casa, é a isso que me refiro*. Na verdade, a ideia surgiu uma noite, num bar. Eu estava com o meu grande amigo Dmitry a beber o penúltimo copo da noite e a ver o que as pessoas em volta faziam, quando ele me sugeriu a ideia de um concurso em que várias pessoas ficassem a viver numa casa cheia de câmaras que as gravariam dia e noite.

»Lembro-me de que fiquei calado, de copo na mão... e ainda me lembro da minha resposta, palavra por palavra. Era mesmo ingénuo!

»Disse-lhe: «Mas quem é que, no seu perfeito juízo, vai passar o tempo a assistir à vida de outras pessoas quando poderia estar a viver a sua?»

»E também me lembro da resposta dele, como se estivesse aqui, à minha frente: «*Todas as pessoas que não têm vida*», foi o que me disse.

»Nesse dia, o velho Dmitry deu-me uma lição. Com aquele concurso, percebi que havia muita gente, muitíssimas pessoas, sem vida própria, sem nada melhor com que se ocupar do que ver dez tipos a fazer figuras tristes dentro de uma casa.

»Confesso que pensei que aquilo fosse durar dois dias, mas acabei por perder a conta às temporadas. Além disso, claro, soubemos aproveitar o sucesso: reportagens para vender revistas que também éramos nós a publicar, entrevistas noutros programas que também pertenciam à nossa empresa...

O meu pai começou a tossir numa sala em silêncio total. Ninguém,

absolutamente ninguém, dizia nada.

— Desculpem... — Respirou várias vezes, até recuperar o fôlego. — Aquele programa incitou-nos a ir um pouco mais longe. Foi o período do auge da minha criatividade: um concurso para eleger o divórcio mais elegante e a separação mais traumática; infidelidades provocadas de propósito com atores muito atraentes, com a intenção de destruir casamentos...

»Depois, demos mais um passo, com o famoso *Não quero este filho*. Lembram-se? Um programa de abortos em direto, onde as mães se juntavam numa casa cheia de câmaras, para decidir o que faziam com as gravidezes não desejadas... e, ali, no *plateau*, tomavam a decisão, dependendo da votação do público.

»Foi então que começaram os grandes ataques à minha pessoa: as associações feministas queriam matar-me! Que hipocrisia! Mas a maioria das concorrentes engravidava apenas para participar no programa... E essas associações de mulheres diziam que o monstro era eu.

Silêncio de novo.

Começou a tremer ligeiramente.

Respirou fundo várias vezes.

Continuou.

— Depois veio o famoso *Vou ou fico*, o primeiro programa de suicídios em direto. O primeiro suicídio ao vivo. Foi outro grande momento da indústria televisiva. Ninguém fora tão longe.

»As pessoas enlouqueciam, ficavam nos bares, havia reuniões familiares em casa para ver aquele primeiro homem que perdera tudo atirar-se do alto de um edifício. Ninguém o obrigara, a lei estava do nosso lado, ele assinara um contrato.

»É verdade que o *casting* do programa foi um pouco estranho: pessoas

arruinadas, divorciados em plena depressão, mães que tinham perdido os filhos... Sim, reconheço, se se pensar friamente no assunto, é demolidor... E se vos disser que o primeiro concurso desse programa foi o mais visto a nível mundial, até hoje? Quem é, afinal, o monstro?

Silêncio.

Todos vimos um pequeno sorriso desenhar-se-lhe no rosto.

— Monstro, demónio, depravado, imoral... sim, foi o que me chamaram em muitos órgãos de comunicação. Mas... como chamaríamos, então, a todas as pessoas que ficaram a ver aquele homem lançar-se no vazio? E a todos os que fizeram negócio à sua custa? Quantos autocolantes, canecas, crachás... se venderam com o seu nome? Como chamaríamos a todos os que compraram uma *T-shirt* onde se lia: eu estava lá quando o ricky se atirou?

Descansou, inspirou...

O seu corpo tremia cada vez mais, como se o esqueleto que o sustinha estivesse prestes a ceder.

— No entanto, apesar de tudo o que vos contei, apesar de só termos dado às pessoas aquilo que elas pediam, reconheço que, durante todos estes anos, aconteceram coisas que poderíamos ter evitado, que deveríamos ter evitado... É esse o preço... Quando se arrisca, não é possível evitar os efeitos colaterais.

OceanofPDF.com

Eram precisamente os efeitos colaterais aquilo que mais preocupava o pessoal da segurança da sala. Por isso, tinham blindado o edifício, por isso, havia atiradores furtivos no telhado... Porque esses efeitos colaterais tinham investido várias vezes contra o homem que estava neste momento a falar: o marido que vira o casamento desabar porque a mulher o enganava com um belo ator contratado pelo programa; os avós que tinham visto em direto o neto «não chegar a nascer»; concorrentes que, depois de alcançarem o estrelato, tinham perdido tudo; mães cujas filhas, depois de saborearem o mel da fama, haviam sido vítimas da droga e da prostituição... Eram esses efeitos colaterais aquilo que mais se temia na empresa, pois eram imprevisíveis, podiam surgir em qualquer momento. Nunca se pensa na paciência que a vingança pode ter.

Por isso, havia controlos tão apertados. No entanto, nessa noite, não tinham sido suficientes: a arma já se encontrava dentro da sala, e o seu detentor estava pronto a utilizá-la, aguardava apenas o momento certo.

— E chegou, finalmente, o concurso que nos transformou na empresa mais rica do planeta. A minha grande obra-prima. Vendemos os direitos a mais de cento e oitenta países, por uma quantia que poderia passar várias vidas a contar.

»Na verdade, a iniciativa não foi minha. A ideia surgiu sozinha. A NASA precisava de dinheiro, de dinheiro que não havia governo capaz de pagar, e eu precisava de audiências, queria continuar a crescer como um vírus que destrói tudo... e, infelizmente, às vezes, até o corpo daquele em que vive. A tecnologia existia, faltava apenas financiamento.

»Como a maioria de vós já sabe, chegámos a um acordo: eles contribuiriam com os cientistas, e nós, com os concorrentes. Tudo separado: duas viagens, duas colónias. Suficientemente afastadas para não interferirem uma com a outra, mas próximas o bastante para, em caso de urgência, poderem colaborar.

»Foram momentos gloriosos. Alcancei os píncaros do sucesso. As audiências já não se mediam em milhares de espectadores, mas em milhões. Todas as noites consultávamos os índices, e, dia após dia, estes ultrapassavam todas as expectativas. Tínhamos um limite, claro, que era a população mundial; só isso nos impediria de continuar a crescer.

»Escapou-me tudo das mãos, reconheço. Lembro-me daquela capa em que aparecia com a coroa de louros de César. «William Miller, *Imperator*», dizia.

»As marcas investiram milhões para que os seus logótipos estivessem bem visíveis na roupa dos concorrentes. Os alimentos que consumiam, as

joias que exibiam, os ténis... tudo era patrocinado. E funcionou, claro que funcionou. Durante quase três anos, foi o programa mais visto do mundo. Do mundo! — Começou a tossir.

Respirou devagar, e continuou.

— Dia após dia, mês após mês... Sabem o que significa ser o programa mais visto todos os dias, a nível mundial?

Silêncio.

Inspirou profundamente e, ao expirar, o rosto mudou de expressão.

Com um ar de tristeza, ficou a olhar para o público.

— Até que... infelizmente, aconteceu o que aconteceu.

Nesse momento, apareceu um grande laço preto no ecrã, e as luzes foram enfraquecendo até deixarem o público na penumbra.

Apesar de o desastre ter ocorrido há vários anos, a Humanidade ainda não recuperara. Muitos psicólogos reconheceram que teria de passar, pelo menos, uma geração para que o sucedido não continuasse a suscitar dor e tristeza nas pessoas que o viveram em direto.

— Sei que, devido ao meu percurso, para muitos de vós, não passo de um monstro que só pensa em dinheiro — nesse momento, olhou para mim —, mas, sabem, eu também tenho sentimentos. Confesso-vos que me arrependo de muitas das coisas que fiz. Mudaria vários momentos da minha vida, claro que sim, mas agora é demasiado tarde, não vale a pena lamentar-me.

»E, entre todos esses momentos, há um que, para mim, foi demolidor. Porque eles, sobretudo ela, faziam parte de mim, de vós, da Humanidade.

Silêncio.

Muitos dos elementos da assistência escondiam o rosto, para tentar disfarçar as lágrimas que surgiam sempre que alguém falava do sucedido.

— Nesse dia, o Universo lembrou-nos de que somos apenas humanos, pequenas formigas num todo...

Voltou a tossir.

Tentou pegar no copo, mas acabou por desistir da ideia.

O corpo tremia-lhe cada vez mais, com maior intensidade.

Devagar, aproximou-se do microfone.

— Bem... acho que já falei o suficiente. O meu corpo precisa de descansar...

Afastou-se timidamente do microfone e olhou para o público durante vários segundos, tantos que, por um instante, pensei que fosse abandonar o palco.

Continuou.

— Não quero prender-vos mais. Terão, com certeza, coisas melhores para fazer do que estar a ouvir as pequenas batalhas de um homem que se tornou velho em poucos dias...

Novo silêncio.

— Resta-me apenas agradecer-vos por terem vindo... Obrigado... muito obrigado.

Nesse momento, começou a ouvir-se *I am mine*, dos Pearl Jam, e explodiu o aplauso mais longo que ouvi em toda a minha vida.

As luzes foram-se apagando aos poucos, até restar apenas um foco a apontar para o meu pai, no meio do palco.

Chegou, então, a parte mais complicada da noite para os serviços de segurança. Tinham sugerido que a organização modificasse a despedida final: um homem num palco, com um holofote a apontar para si, era o alvo perfeito.

Mas o meu pai recusara-se, queria uma despedida em grande, com a sala de pé e uma luz a incidir sobre si, como as grandes estrelas. Disse que, por essa altura, já ninguém tinha o direito de decidir o que devia, ou não, fazer.

No instante em que tudo fica às escuras, uma mão toca, nervosa, numa pequena pistola, sobre o tecido das calças. Observa dissimuladamente os atiradores furtivos que se encontram no seu campo de visão, para verificar se algum deles descobriu as suas intenções.

Sabe que o momento é perfeito. Sabe também que tem de agir rapidamente, caso contrário, poderá não correr bem. Ensaiou-o muitas vezes, mas, mesmo assim, treme. Inspira profundamente e leva a mão ao bolso.

O corpo magro do meu pai mantinha-se, orgulhoso, em palco, de pé, com um semblante tranquilo, de olhos fechados e com aquele pequeno foco a apontar para ele.

O público começou a levantar-se dos seus lugares, sem parar de aplaudir.

O meu pai abriu lentamente os olhos, olhou para mim e sorriu.

Durante alguns segundos, imaginei que estávamos sozinhos, eu e ele, como naquelas manhãs em que vinha à minha cama e me acordava, fazendo-me festas nos pés; aquelas manhãs em que, ao abrir os olhos, a primeira coisa que via era o seu abraço.

O público continuava a aplaudir.

Um, dois, três... cinco minutos. Foi passados quase dez minutos de aplausos que, aos poucos, como uma tempestade a afastar-se, o silêncio começou a instalar-se.

Um silêncio total.

Nesse momento, o meu pai tirou uma pequena pistola do bolso, apontou-a à cabeça e disparou.

OceanofPDF.com

E um monte de ossos desabou num instante.

O pessoal da segurança subiu imediatamente ao palco para o ajudar.

As sirenes começaram a tocar, e a sala mergulhou no caos. As pessoas que se encontravam nas primeiras filas tinham visto o que se passara, mas o público situado em posições mais afastadas pensou que fosse um atentado, que havia um louco aos tiros no edifício.

De imediato, centenas de pessoas amontoaram-se nas portas de saída, o que originou uma avalanche de corpos que iam semeando a morte enquanto tentavam salvar a vida.

Por me encontrar na zona VIP, fisicamente separada do resto da sala, pude sair sem dificuldade por um corredor independente; com efeito, elementos da equipa de segurança acompanharam-me a uma área onde não correria riscos.

Mas o resultado final do medo foi desastroso; mais de cem feridos e doze pessoas mortas, oito por asfixia ou esmagamento, três por ataque cardíaco e uma por suicídio.

Nessa noite, quando cheguei a casa, desatei a chorar como há muito não fazia. Pela primeira vez na minha vida, percebi que, para o meu pai, *eu* fora o pior efeito secundário.

Por um lado, acabava de perder alguém com quem já não tinha qualquer relação, mas, por outro... afinal, tratava-se do meu pai.

Tive a mesma sensação de quando, anos antes, a mamã morrera; apercebi-me de que a morte não leva apenas a pessoa; com ela, desaparece também a possibilidade de novas memórias.

A muitos quilómetros de distância, num dos escritórios de advogados mais prestigiados do mundo, observa-se com surpresa aquilo que acaba de acontecer. Já estavam preparados para a sua morte, mas nunca haviam pensado que o fizesse assim, em direto.

Felizmente, aquele homem deixara o futuro organizado antes de disparar: a partir desse momento, seria o seu dinheiro a controlar tudo. Redigira um testamento complexo, comprando as pessoas necessárias e silenciando as que o não eram.

Gastara metade da sua fortuna em joias muito especiais. O resto fora investido, de modo a assegurar que essas joias chegassem aos destinatários: pessoas que estavam numa lista estranha, de tal maneira, que muitos dos envolvidos nem sabiam que faziam parte dela.

Era esse o trabalho daquela firma: encarregar-se de fazer cumprir o testamento. Para isso, evidentemente, não dispunham apenas de advogados; tinham também outro tipo de funcionários, daqueles que não vestem fato nem têm ordenado, dos que não duvidam nem fazem perguntas.

O funeral esteve à altura do que fora a sua vida. Como aquando da sua despedida, foi preciso criar um perímetro de segurança à volta do cemitério, para controlar as pessoas que se haviam aproximado para lhe dizer adeus: chefes de governo, monarcas, ditadores, empresários, os principais vencedores dos seus concursos... e milhares de cidadãos anónimos, que, movidos pela curiosidade e pela morbidez, também compareceram.

O carro funerário chegou à entrada principal do cemitério e ali, sob um manto de nuvens escuras, quatro pessoas pegaram no caixão para o transportar em ombros.

Desde a morte do meu pai até ao enterro do cadáver, em momento algum foi permitido ver o corpo. As explicações foram claras: tinha a cabeça completamente desfeita devido ao disparo.

O enterro foi transmitido em direto, como ele teria desejado, com anúncios a aparecer de forma ininterrupta na parte de baixo do ecrã, onde cada uma das empresas — mediante pagamento — expressava as suas condolências.

A marca do carro, a multinacional têxtil responsável pelo fabrico de um fato que ninguém viu, uma das floristas mais prestigiadas... Que empresa não pagaria para aparecer frente a milhões de espectadores? Até no seu enterro, o meu pai conseguiu ganhar dinheiro.

Depois de percorrer uma das alamedas principais do cemitério, chegaram a um pequeno jardim; ali, desceram lentamente o caixão e introduziram-no no panteão familiar, para que ficasse junto do cadáver da minha mãe.

É curioso o destino, pois, agora, na morte, os seus ossos estariam mais

perto do que os seus corações alguma vez haviam estado.

A partir desse dia, o túmulo permaneceria protegido dia e noite, pois receava-se que fosse alvo de atos de vandalismo: nem com os mortos o ódio sossega.

Depois de umas breves palavras de despedida, deu-se a cerimónia por terminada, momento em que os jornalistas que assistiam se digladiaram para obter uma declaração por parte das pessoas que lhe eram mais próximas.

Eu sabia que, durante todo o funeral, a imprensa me iria procurar: uma fotografia minha lavada em lágrimas teria sido capa de qualquer jornal, mas não conseguiram. Não por não ter chorado, o que aconteceu, mas porque decidi não assistir ao enterro. Vi tudo a partir de casa.

Senti-me culpada por não ter sido capaz de o amar mais. Talvez se tivesse tentado compreender a sua personalidade, se tivesse tentado aproximar-me dele, se lhe tivesse perdoado...

Desliguei a televisão, apaguei as luzes e fechei os olhos.

Refugiei-me entre as recordações que não tive e as que gostaria de esquecer.

— Adeus, papá — disse-lhe, em silêncio.

Nunca imaginei que, passados poucos dias, ele voltaria a aparecer na minha vida... na nossa vida.

OceanofPDF.com

O Concurso

(Vários anos antes da morte do meu pai)

OceanofPDF.com

Faltavam apenas alguns minutos para que fossem conhecidas as oito pessoas escolhidas. Estava tudo preparado para dar início à fase final do concurso mais ambicioso da história da televisão.

Longe ia o momento em que vários dos homens mais influentes do planeta se tinham reunido numa sala para assinar o contrato mais complexo e polémico dos últimos tempos.

Demasiadas exigências por todo o lado, demasiado dinheiro em jogo e, naturalmente, demasiado poder a distribuir. Qualquer pormenor diplomático podia fazer soçobrar todo o projeto.

O problema era que — tendo em conta a opinião pública — aquilo não podia dizer respeito a um só país, não resultaria. Apesar de a iniciativa surgir por parte do setor privado e de um dos pesos pesados ser uma organização norte-americana, conviria que fosse um projeto que envolvesse toda a Humanidade, e, portanto, todos os países deveriam estar, de alguma forma, representados. Todos deviam senti-lo como algo seu.

As principais agências aeroespaciais já tinham desenvolvido a tecnologia necessária. Faltava apenas dinheiro, muito dinheiro, por isso, tiveram de recorrer a três dos homens mais ricos do planeta.

Finalmente, através de compensações e subornos, convenceu-se a maioria das partes a envolver-se de alguma forma, ou, pelo menos, convenceram-se as mesmas a dar a entender que estavam envolvidas.

Decidiu-se, desde o início, que o projeto se dividiria em duas partes. Uma primeira expedição, a Centinel, encarregar-se-ia de enviar três astronautas, juntamente com vários robôs, com o objetivo de, durante dois anos, ir

preparando as infraestruturas necessárias para a segunda expedição, a qual enviaria uma nave espacial com oito civis, que viveriam permanentemente no planeta vermelho.

OceanofPDF.com

A Primeira Expedição. Centinel

Foi o acontecimento mais importante da História recente: pela primeira vez, um ser humano ia pôr os pés num planeta que não a Terra.

O programa teve audiências extraordinárias: os preparativos, as experimentações tecnológicas, a seleção dos três astronautas... tudo era acompanhado com verdadeira devoção por milhões de pessoas. Talvez por isso, quando, depois de seis meses de viagem, o primeiro ser humano caminhou na superfície de Marte, nasceu um sentimento de orgulho nunca visto, sentimento esse que percorreu todo o planeta e chegou a cada casa, a cada ser humano.

Eram três os rostos visíveis da Centinel: dois homens e uma mulher, três pessoas que já faziam parte da História, três seres humanos que, a partir desse momento, seriam tratados como heróis. E assim foi, pelo menos no início, porque, depois, aconteceu algo que condenaria um deles ao ódio mundial e, acima de tudo, ao esquecimento.

Três astronautas tinham feito uma viagem sem regresso, pois, de momento, não se dispunha da tecnologia necessária para conseguir que uma nave espacial descolasse de Marte. Os próprios referiram que, talvez, num futuro muito, muito distante, pudessem criar toda a infraestrutura para fabricar os propulsores no local, para obter o combustível necessário, para controlar o lançamento a nível informático... mas, por enquanto, a ideia de regressar era uma utopia.

Durante as semanas que se seguiram, cada pequena vivência, cada descoberta se transformava em tema de conversa na Terra: tudo era novo e tudo se fazia pela primeira vez.

Através de várias câmaras, era possível observar o dia a dia dos astronautas e o progresso na montagem das várias partes daquele que seria o novo lar dos oito escolhidos: os módulos residenciais, a estufa, os painéis solares...

De vez em quando, impresso numa das paredes da nave espacial, numa parte do fato dos astronautas, aparecia o símbolo de uma marca de joias que fabricava uns anéis muito especiais. Eram três letras, duas minúsculas e uma maiúscula, que formavam a palavra *eXo*, mas com um X que envolvia simultaneamente as duas vogais. De início, era apenas mais uma marca entre todos os patrocinadores do projeto, por isso, não chamou a atenção de quase ninguém.

Nessa missão, tudo era gravado, tudo ficava registado para a História: desde as tarefas atribuídas aos robôs até aos pormenores da rotina diária dos astronautas, como irem à casa de banho ou os seus exercícios de ginástica.

Mas essa primeira expedição não era um *reality show*, era uma missão científica, pelo que, aos poucos, deixaram de se transmitir imagens da vida quotidiana e mostrava-se apenas aquilo que se relacionava com a construção e preparação das instalações para os oito civis escolhidos.

E, pelo facto de não haver paixão, sexo, nem violência, as audiências do programa começaram a baixar. (Quem ia perder tempo a ver três das mentes mais brilhantes da Terra a construir uma base em Marte, quando havia outros canais a revelar o novo romance da *celebrity* do momento?)

Foi então que a principal empresa organizadora decidiu mudar de tática e concentrar-se na outra expedição, na qual partiriam mais tarde pessoas comuns, pessoas da rua.

Foi esse o motivo do grande sucesso que, depois, sobreveio: a próxima pessoa a viver em Marte podia ser o nosso melhor amigo, o nosso médico, a professora da nossa filha, o mecânico que nos arranja o carro, a vizinha que cumprimentamos no elevador, a desconhecida com quem nos cruzamos todos os dias no autocarro... Qualquer pessoa podia fazer parte do grupo selecionado, e isso, a democratização da colonização de Marte, podia — e, sobretudo, devia — gerar muito dinheiro, muito dinheiro. Era a única solução para que todo o projeto no seu conjunto, a Centinel e o *reality*, pudesse resultar.

O que nunca se tornou público foi a existência de uma terceira parte do projeto batizada com nome eXo. A parte que realmente dava sentido a tudo e que, no entanto, também corrompia tudo.

OceanofPDF.com

No mês da morte do meu pai, o passado voltou para me atormentar. Nesse dia, poucos minutos depois de chegar a casa, um mensageiro tocou à campainha e deixou-me um embrulho lá fora, na entrada. Não me deu tempo de falar com ele; quando abri a porta, vi-o desaparecer de bicicleta, rua abaixo. Na realidade, não era a primeira vez que me acontecia algo semelhante. Já estava habituada a que fontes anónimas me passassem informação confidencial daquela forma: uma denúncia de alguém, um relatório que escapara não se sabe bem como, um vídeo comprometedor...

Peguei no embrulho e dirigi-me ao sofá.

Como todos os dias, depois de passar demasiadas horas no jornal, chegava a casa esgotada. O sono ganhava sempre a batalha contra um corpo que trabalhava mais horas do que devia, numa empresa onde as notícias já eram obsoletas antes mesmo de acontecerem; onde, se não se fosse o primeiro, não se era ninguém; onde, em segundos, era preciso decidir se uma informação era verdadeira e publicá-la nesse mesmo instante ou hesitar e, possivelmente, ficar sem o furo.

Liguei a televisão, sentei-me de pernas cruzadas no sofá e comecei a abrir o pequeno embrulho. De alguma forma, havia sempre um lado emocionante numa situação daquelas. Nunca se sabia o que se podia encontrar lá dentro: um simples rumor, uma pista que depois não chegava a lado nenhum ou talvez a notícia do século.

Aquilo que nunca imaginei foi que, lá dentro, estivesse ele.

A vários países de distância, num quarto de um pequeno hotel perdido entre as montanhas, um homem acaba de receber uma chamada da recepção a comunicar-lhe que um mensageiro lhe deixou um embrulho.

Desliga o telefone, surpreendido e, principalmente, assustado.

Desce as escadas a pensar na estranheza da situação. Ninguém deveria conhecer o seu paradeiro; na verdade, às vezes, nem ele sabe onde estará no dia seguinte. Há muito tempo que optou por desaparecer do mundo, que abandonou a sua vida para se esquecer até de si próprio, para existir num lugar onde ninguém o reconheça.

— Deixaram algum bilhete, alguma mensagem? — pergunta na recepção, enquanto observa um embrulho inerte, sem qualquer marca distintiva.

— Não, nada. Uma rapariga disse-me que era para si e deixou-o em cima do balcão. Respondi-lhe que não havia aqui ninguém com esse nome, tal como me indicou, mas ela não me ouviu. Não sabia que fazer, pelo que acabei por decidir informá-lo. Espero não o ter incomodado.

— Não, não, claro. Muito obrigado.

O homem sobe até ao quarto com o pequeno embrulho nas mãos. Fecha a porta lentamente, senta-se em cima da cama, em silêncio, e liga o pequeno candeeiro da mesa de cabeceira. Não há nome, nem morada. Está tentado a agité-lo para ver se ouve alguma coisa lá dentro, mas pensa quão perigoso seria fazê-lo. Sabe que não tem muitos admiradores.

Por instantes, passa-lhe pela cabeça abrir a janela e atirar o embrulho, para o ver cair na neve que cobre todo local.

Volta a tocar nele, acaricia-o.

Finalmente, a curiosidade leva a melhor.

E abre-o.

E aquilo que encontra lá dentro faz-lhe pior do que uma bomba.

OceanofPDF.com

Depois da chegada dos três astronautas a Marte, começaram a realizar-se provas de seleção para a segunda expedição: a televisiva.

Desde o início, deixou-se muito claro aos concorrentes que seria uma viagem apenas de ida. Quem partisse não poderia regressar. Talvez, no futuro, se se desenvolvesse a tecnologia necessária para fazer descolar uma nave espacial do planeta vermelho, a ideia de voltar fosse exequível, mas, de momento, não era opção.

Uma das novidades no processo de seleção foi que só o facto de alguém se inscrever nas provas tinha um custo de cem dólares. Esta decisão suscitou protestos, pois, segundo várias associações, a capacidade económica não deveria limitar a possibilidade de participar num projeto como aquele. Todos deveriam ter as mesmas oportunidades.

A empresa justificou-se, dizendo que não queria perder tempo com aspirantes a estrelas que se apresentassem apenas na seleção para tirarem uma fotografia e a publicarem nas redes sociais, mas que não faziam tenção de abandonar a Terra. «Para nós, a seleção de candidatos é uma questão muito séria, e apenas o que custa dinheiro é levado a sério», declarou o responsável pela comunicação da empresa.

Mais de um milhão de aspirantes de todo o mundo apresentou-se no processo de seleção. Mais de um milhão de pessoas que, por um motivo ou por outro, queriam abandonar a Terra, para nunca mais voltar. E isso somou muitos milhões aos cofres da organização, uma verdadeira mais-valia.

Apesar de, oficialmente, os critérios para escolher os candidatos incluíssem a capacidade para a tomada de decisões, foram também tidos em

conta a atitude positiva face aos problemas, o comportamento sob pressão, a motivação e o trabalho de equipa, assim como, de forma extraordinária, a popularidade, a simpatia e, naturalmente, o aspeto físico. Afinal, não deixava de ser um programa para angariar dinheiro, e a organização sabia que pessoas perfeitamente preparadas, educadas e respeitadoras não trariam grandes vantagens.

OceanofPDF.com

O processo começou a ser gravado desde o início. Tudo fazia parte de um concurso televisivo com o qual a empresa organizadora pretendia financiar as despesas do projeto e, além disso, ganhar dinheiro, muito dinheiro.

Foi durante a última fase de seleção que as audiências dispararam: em cada cidade, em cada casa, cada pessoa tinha o seu candidato preferido. As casas de apostas — muitas delas propriedade da mesma empresa que organizava o concurso — viveram o seu período de ouro. Podia apostar-se em tudo.

Durante os últimos três meses, originaram-se fortes debates sobre quem seria mais adequado para rumar a Marte. Nas mesas-redondas dos programas, especialistas e não especialistas discutiam as vantagens e os defeitos deste ou daquele candidato. A imprensa cor-de-rosa investigava a vida passada de todos os participantes. Qualquer pormenor sobre a sua intimidade era trocado por dinheiro.

Desencadeou-se um movimento de histeria coletiva, e as pessoas começaram a organizar-se em grupos, pela Internet, tanto para apoiar como para desprestigiar um determinado candidato. Haviam-se criado perfis nas redes sociais, reunido milhões de assinaturas e, até, organizado manifestações nas cidades dos candidatos, para lhes dar apoio. Tudo era público, tudo era opinável.

Pela primeira vez na História, transmitia-se um concurso de forma simultânea, a nível mundial. Um concurso cujos direitos eram detidos por uma única empresa, por um único homem. O homem que se tornou a pessoa mais rica e poderosa do planeta.

NELLYNE. Era esta a inscrição que decorava a caixinha de madeira que se encontrava dentro do embrulho que acabava de abrir. Comecei a recordar os últimos pormenores da morte do meu pai: tirou a pistola do bolso e, sem que houvesse tempo para alguém reagir, disparou sobre si mesmo. E caiu no chão.

Passados poucos segundos, o pessoal da segurança afadigou-se à sua volta, e levaram-no dali. Ninguém voltou a ver o seu corpo... E se o seu espetáculo final tivesse sido cometer suicídio sem chegar a morrer?

Agarrei a caixa com força entre as mãos, sem querer abri-la, mas assumindo que acabaria por o fazer. Afinal, era jornalista, e ele sabia-o.

Mantive-a no colo durante vários minutos, enquanto pensava nele, em todos os momentos que não tivemos, em todas as ocasiões em que pudemos falar e não o fizemos. Inspirei e expirei profundamente, tentando empurrar as suas recordações com o ar.

Voltei a olhar para a caixa, acariciei-a e, lentamente, abri a tampa: deparei com três objetos.

O primeiro arrastou-me para o passado como um furacão: levou-me até ao lume, ao silêncio e ao medo. Transportou-me para uma cabana perdida no bosque. Para uma chave que despertou a dor numa das linhas da minha mão, aquela que nunca deveria estar ali, a que mudou o meu destino.

O segundo objeto era um telemóvel, um dos normais, sem nada a destacar, sem qualquer marca exterior, preto, simples.

E o terceiro...

Ao ver o terceiro, soube que o meu pai ganhara.

A vários países de distância, num quarto de um pequeno hotel, um homem permanece sentado na cama, a observar, com surpresa, o conteúdo de uma caixa que não compreende como chegou até ele. Uma caixa com dois objetos.

Pega num deles e aperta-o entre as mãos até conseguir sentir dor. Fecha os olhos e, no interior das pálpebras, aparece ela: ela com medo, ela pequena, ela em silêncio, ela a dar-lhe a mão... Lembra-se da lareira, do sofá, da caixa, do lume... e volta a ouvir um grito. Um grito que estilhaçou o silêncio de um bosque. Depois do grito, um pai a abrir a porta da cabana com violência, a pegar na irmã ao colo, a levá-la para o carro... Um carro que voou por cima da lama, em direção ao hospital.

Uma chave muito parecida com aquela que, anos antes, permaneceu pendurada ao seu pescoço, uma chave que lhe faz lembrar o dia em que tudo começou a desfazer-se: o visível e o invisível. O dia em que a desconfiança começou a devorar a convivência.

Pega no segundo objeto: um pequeno telefone, preto, simples. Olha para ele, espantado. Mantém-no durante alguns segundos na mão, até premir o botão de ligar.

O telefone ativa-se: não lhe pede palavra-chave, não há sistema de bloqueio. Mas, depois de ligado, apercebe-se de que há apenas dois ícones: o de chamada e o da lista de contactos.

Fica vários minutos a olhar fixamente para o ecrã, a tentar perceber o que se está a passar, de quem é aquele telefone e por que razão deveria ver os contactos de um telemóvel que não é seu.

Acede à lista: há apenas um contacto guardado, sem nome.

Deixa o telemóvel em cima da mesa e deita-se no sofá.

Permanece assim, a olhar para o teto, em silêncio, a pensar em quem poderá estar do outro lado, com aquele número. Os minutos passam...

E, depois de quase duas horas perdido num enxame de dúvidas, toma uma decisão.

Pega no telemóvel e prime o botão de ligar, perguntando-se se a pessoa que irá atender, do outro lado, será real ou apenas um fantasma.

OceanofPDF.com

«O homem mais rico do mundo» foi o título que tantas vezes encheu as capas das revistas. As multinacionais começaram a pagar quantias avultadas para que os trinta últimos concorrentes utilizassem os seus produtos sempre que apareciam no ecrã.

As audiências deixaram de ser medidas em milhares de espectadores, para passarem a calcular-se em milhões, dezenas e centenas de milhões. Que marca não haveria de querer estar ali?

Todas as multinacionais sabiam que, se aproveitassem aquele concurso, poderiam vender os seus artigos, inclusive no lugar mais recôndito do planeta. A qualidade dos mesmos não importava, a sua utilidade não importava. O importante era que os candidatos os utilizassem; era o suficiente para vender.

Foram feitas estimativas, mas ninguém conseguiu realizar um cálculo exato do dinheiro que aquele projeto mobilizava por dia.

Finalmente, depois de vários meses de processo seletivo, começava o programa em que se revelariam os nomes dos oito escolhidos, as oito pessoas que formariam a primeira colónia permanente em Marte.

Por todo o mundo, milhões de ecrãs cobriram-se de preto. Passados poucos segundos, apareceram imagens de Marte, além de outras da Terra.

De novo um fundo negro. E, aos poucos, como numa pequena dança de pirilampos, vários focos começaram a iluminar um enorme palco cujo solo representava o terreno do planeta vermelho. Ao fundo, sobre um ecrã infinito, deu-se início à projeção de um vídeo em que se mostravam, em câmara acelerada, os avanços na construção da colónia durante os dois anos

anteriores. Viam-se os robôs da Centinel a trabalhar incessantemente na montagem exterior dos módulos, e os três astronautas a montar as partes mais delicadas.

O vídeo, que durou cerca de cinco minutos, concluiu com um grande «Obrigado, Centinel!» e os astronautas a acenar para a câmara.

De novo, fundo negro.

Apareceram, então, entre aplausos, os dois apresentadores do programa.

OceanofPDF.com

— Obrigado... sim, obrigado, obrigado, obrigado! — gritou o apresentador. — A Humanidade deve-vos imenso, Centinel. Obrigado pelo muito que trabalharam para que, em alguns meses, os oito escolhidos possam aí viver. Obrigado também às empresas que o tornaram possível e aos países que colaboraram para que este projeto alcance uma escala mundial. Obrigado, do fundo do coração.

Mais um aplauso extraordinário.

— Pois é, Steven. Graças ao seu trabalho, podemos continuar com este projeto maravilhoso. É admirável tudo o que fizeram em quase dois anos. Dois anos!

— Incrível, Alison! Já se passaram dois anos, e estamos finalmente aqui e... Querem saber quem são os escolhidos?! — gritou de novo o apresentador.

— Siiim! — rugiu o público.

— Claro que sim! Bem-vindos e bem-vindas a esta viagem só para corajosos, uma viagem apenas de ida!

Mais aplausos.

— Sim, Steven. Hoje, finalmente, vamos saber quem são esses oito audazes. Hoje, vamos conhecer os novos habitantes de Marte. Quatro homens e quatro mulheres.

— Será a primeira colónia de civis a viver de forma permanente noutro planeta. É mesmo incrível... Mas passemos àquilo por que aguardamos há tanto tempo.

— Sim, mas, antes de revelar os nomes, vamos entrar em contacto com o

centro onde se prepararam durante estes últimos meses.

No grande ecrã, apareceram os trinta candidatos: quinze homens e quinze mulheres. Todos eles sentados nuns estranhos bancos em forma de semicírculo.

— Olá! — exclamou a apresentadora.

— Olá! — gritaram todos, a sorrir.

— Que prazer ver-vos aí! Nervosos? Chegou o dia por que todos esperavam... suponho que sabem o que tenho nas mãos — comentou, com um sorriso. — Tenho aqui os envelopes com os nomes dos oito escolhidos, nem mais nem menos!

Na realidade, ninguém conhecia muito bem o processo pelo qual os vencedores seriam selecionados. Dera-se a entender que, depois de ultrapassados os testes psicológicos, de atitude e de convivência, seriam os espectadores que, com os seus votos, escolheriam os oito vencedores. Mas, na verdade, não era assim. A ideia das votações era apenas um mecanismo para obter mais dinheiro para o projeto.

Durante os últimos meses, uma equipa de *hackers* manipulara as redes sociais com milhares de perfis falsos, para que as pessoas sentissem mais empatia por determinados candidatos, os preferidos da organização. Tal como se fizera em algumas eleições norte-americanas, no Brexit ou em determinadas ações relativas à Amazónia ou à Gronelândia... todo o processo estava adulterado.

Levara-se as pessoas a acreditar que o seu voto teria grande importância, pelo que milhares, milhões, de pessoas tinham enviado a sua mensagem — mediante pagamento — para o programa, apoiando o seu candidato preferido.

— Como todos sabem — continuou a apresentadora —, a participação

inicial no concurso foi extraordinária. Tenho aqui os números: 1 300 454 participantes. E, entre todos eles, vocês, os espectadores, através das vossas votações, selecionaram os trinta que aqui se encontram.

Estas palavras fizeram o público rebentar numa salva de palmas.

— Mas lamento, malta. Nem toda a gente pode ir para Marte. Por enquanto, apenas oito o conseguirão. Futuramente, alargaremos a colónia e... quem sabe, talvez um dia consigamos que ali nasça um ser humano.

Na verdade, esse assunto, o dos nascimentos em Marte, suscitara grande polémica... e uma ou outra morte.

OceanofPDF.com

Um anel de prata, liso por fora e com duas inscrições na face interior: um símbolo com a marca eXo e um código numérico; era esse o terceiro objeto que se encontrava na minha caixa.

Durante os meses em que o jornal investigara a existência daqueles anéis, nunca tínhamos conseguido ver um verdadeiro, e talvez o tivesse ali agora, nas minhas mãos.

Dizia-se que o código era a representação numérica de uma impressão digital. Para verificar se o anel nos correspondia, tinha de se aceder à Internet, introduzir o código e encostar o dedo à câmara, para que captasse a marca. Feito isto, só podiam aparecer duas mensagens: um X vermelho, que indicava que o anel era falso ou que não nos pertencia; ou um OK, o que queria dizer que era verdadeiro, que era nosso e que estávamos na lista eXo.

Mas que significava estar nessa lista?

Ninguém sabia. Ao longo dos últimos anos, fora esse o mistério que qualquer jornalista desejara resolver. Também existia a possibilidade de se tratar, simplesmente, da campanha publicitária mais rentável da História. Na verdade, a empresa eXo tinha muito poucos produtos à venda, quase todos joias de gama muito elevada. Mas havia um que se destacava dos outros: um anel de prata cujo valor de mercado não devia exceder os vinte milhões, mas que, em contrapartida, se vendia na sua página da Internet por *cem* milhões, e não a qualquer um.

Fiquei a observá-lo, enquanto brincava com ele entre os dedos. Estava nervosa.

Abri o portátil e acedi à página oficial da eXo.

Tenho de reconhecer que as mãos me tremeram ao escrever o código. Premi o botão para ativar a câmara e mostrei-lhe a minha impressão digital.

Passados poucos segundos, apareceu um *OK* no ecrã. Estava na lista eXo.

Não sabia que lista era essa, nem o que significava, mas lá estava eu. Permaneci em silêncio, quase às escuras.

Deitei-me no sofá, com o anel na mão.

Silêncio. Silêncio na minha casa, na minha mente.

Nesse momento, quando o meu olhar se deteve num ponto qualquer do teto, o telemóvel que se encontrava na caixa começou a tocar. O susto fez-me saltar do sofá. Esquecera-me completamente dele.

Peguei-lhe com tal nervosismo, que me caiu ao chão.

Voltei a pegar-lhe e olhei para o ecrã: número não identificado.

Fiquei a observá-lo durante alguns segundos, sem saber que fazer, se deixá-lo tocar ou descobrir se, do outro lado, seria um morto a atender.

OceanofPDF.com

Assustada, atendi, mas não disse nada.

— Estou? — ouvi do outro lado, e, por um instante, poderia jurar que era ele. Não respondi.

— Estou? Está aí alguém? — voltou a insistir.

Silêncio.

— Papá? — disse, sem perceber muito bem porque proferira aquela palavra, uma palavra que não pronunciava há anos.

Papá, como se a morte fosse a desculpa definitiva para lhe perdoar e voltar ao baloiço por baixo da árvore, aos banhos no rio, às aventuras pelo bosque onde eu era uma *super-heroína* e ele o meu supervilão, onde todos os dias, com um poder diferente, eu salvava a Terra: umas vezes com a força extraordinária que obtinha ao comer nozes, outras, com uma capa de tecido que me dava a possibilidade de voar para os seus braços, ou com os óculos mágicos com que conseguia ver no escuro... *Papá*.

Desta vez, não foi a minha a voz que não se fez ouvir, mas sim a do meu interlocutor. Fiquei à espera.

Silêncio de ambos os lados.

— Nel?... És tu? — voltei a ouvir.

E, então, detetei um pequeno matiz na sua voz, ligeiro, mas suficiente para reconhecer esse pedaço de vida que se distanciara de mim.

— Sim... sou eu... — ousei finalmente responder —, mas porquê? O que significa isto? — perguntei, a tremer.

— Não sei, Nel, não sei...

A conversa esmoreceu até ao silêncio.

— Recebi um embrulho com a chave e com um telemóvel... —
continuou.

— Eu também... — sussurrei.

— Havia um número gravado... marquei-o...

Por alguns instantes, ambos ficámos sem saber que fazer, tal como acontecera durante tantos anos.

— Porquê? Para quê? — perguntei.

— Não sei...

Foi nesse momento que decidi fazer-lhe a pergunta que andara a pairar na minha cabeça, a pergunta resultante da desconfiança.

— Ele está morto?

Silêncio de novo.

— Sim, Nel. Desta vez, não houve truques. Eu estava lá. A cabeça saltou-lhe, disparada.

Papá.

— Pois, mas não seria a primeira vez que... e logo ele.

— Não, Nel — interrompeu-me. — Desta vez, não. Está morto.

Silêncio.

— E porquê? As chaves? Depois de tantos anos...

— Estou há várias horas a pensar nisso e acho que, de alguma forma, ele quer que terminemos o jogo...

— Já o fizemos... — repliquei, as palavras arrastadas pela mágoa. — Ali, naquela cabana, acabou...

Não consegui evitar, comecei a chorar. Percebi que não chorava de dor, mas por tudo o que deixáramos pelo caminho; lágrimas por não termos tentado. Não chorava por aquilo que fora, mas por aquilo que poderia ter sido, por todas as oportunidades que perdemos.

— Sim, eu sei, Nel. Lamento. Não sabes quantas vezes me lembrei do

que aconteceu naquele dia, mas já passou muito tempo... Porque não consegues esquecer?

Nesse momento, estive prestes a desligar, porque ele, sem saber, disparara sobre o meu ponto mais fraco, aquele que nos faz pensar se, na realidade, não somos nós os culpados. Eu fizera essa pergunta muitas vezes a mim mesma. Porque não seria capaz de perdoar, depois de tanto tempo?

A conversa voltou a cair no silêncio. Foi ele quem, mais uma vez, o quebrou.

— E se o pai te quisesse dar outra oportunidade...?

— Outra oportunidade! De quê? — gritei.

— Não sei, de lhe perdoares, ou de te dizer que lamentava o que aconteceu... Ou talvez não, talvez não seja nada disso e tenha simplesmente sido egoísta ao ponto de não querer deixar fosse o que fosse por resolver, por terminar, porque queria cumprir a sua promessa, para tu poderes concretizar o teu desejo...

— O meu desejo?! — gritei de novo, e, nesse instante, desatei a rir. — Se soubesses o que lhe disse, se soubesses qual foi o meu desejo... foi apenas a resposta de uma menina de dez anos, assustada com tudo o que se estava a passar.

«Pedi-lhe algo impossível», pensei.

Silêncio.

Silêncio entre ambos.

Um silêncio dos que antecedem a tempestade.

E, então, ouvi a pergunta que me fez vacilar.

— Nel... como estás?

Efetivamente, a questão da natalidade fora uma das mais polémicas de todo o projeto. Houve acesos debates televisivos em que se chegava sempre a posições irreconciliáveis.

Ficou muito claro, desde o início, que o sexo e a procriação eram duas questões completamente diferentes. No que diz respeito à primeira, havia muitas piadas sobre o facto de Marte poder ser complicado para os homens, pois, sendo a gravidade inferior à da Terra, poderia diminuir a pressão arterial, o que, por sua vez, diminuiria o fluxo sanguíneo, fundamental à ereção.

Talvez por isso mesmo, porque Marte podia tornar o sexo mais complicado, contara-se com um aspeto adicional para a seleção dos candidatos, um requisito não reconhecido em termos oficiais, apenas no plano visual: os concorrentes, além de jovens, eram atraentes, muito atraentes. A organização sabia que o sexo significava audiências, que ver um homem e uma mulher sair do duche podia suscitar mais interesse nos telespectadores do que ver uma lentilha germinar em Marte.

No entanto, relativamente ao sexo, não houve qualquer tipo de protesto ou restrição moral. O grande problema surgiu com o tema da reprodução.

É verdade que, no futuro, a grande meta era o ser humano reproduzir-se fora da Terra, mas talvez esse futuro ainda estivesse demasiado longe, e o facto de se tentar procriar nesta primeira missão pudesse ser um suicídio.

Não só porque, face a uma complicação durante o parto, tanto o bebé como a mãe poderem morrer, mas porque, se as radiações solares em Marte já são perigosas para os adultos, muito mais seriam para as células

reprodutoras e para os fetos. Havia uma grande probabilidade de o feto nascer com malformações ou de a mãe sofrer um aborto, e esse era um risco que ninguém queria assumir: do primeiro parto fora da Terra, não podia nascer um ser humano disforme ou morto.

Mas, claro, por outro lado, naturalmente, havia o espetáculo, as televisões, o público, a excitação de ver nascer o primeiro marciano... A opinião pública estava dividida.

Foram meses de debates intensos entre especialistas, filósofos, médicos, sociólogos... até que, por fim, se tomou uma decisão.

OceanofPDF.com

E aquele «como estás?» faz vacilar a irmã, que há demasiado tempo espera a pergunta.

Segura o telemóvel, sem saber o que fazer de seguida: dizer a verdade ou continuar com a conversa, fingindo não ter ouvido a pergunta.

É o irmão que volta a tomar a iniciativa.

— Nel, tive saudades tuas... — confessa ele, a quem também custa muito dizer o que realmente sente, um homem que tem tanto medo de falar como de continuar calado.

A mulher deixa o telemóvel em cima do sofá e senta-se no chão, com a cabeça entre as pernas, tentando que as recordações mais dolorosas não sejam as que nunca teve.

O homem — embora não o veja — sente a dor do outro lado da conversa, sabe que ela está ali, a ouvir sem querer, mas sem poder deixar de o fazer.

— Nel... — continua, consciente de que, a partir desse momento, qualquer uma das suas palavras poderá magoar —, não sei o que o pai queria com isto, não sei qual era a sua intenção. Mas, se tiver a possibilidade de me aproximar da minha irmã, é o que tentarei fazer. Se isto pode fazer com que, finalmente, volte a abraçar a miúda que queria salvar o mundo com umas botas e uma capa, alinhio.

Silêncio.

Mas ele sabe que, no fundo daquele silêncio, ela o ouve, e, por isso, embora até o medo o magoe, vai continuar.

— Gostava de te ver, de te falar de cada momento em que estive prestes a

ligar-te e não o fiz, de todas as fotografias em que te procurei e não te encontrei, de todas as recordações tuas que não tenho...

A mulher permanece no chão, a brincar com o anel entre as mãos, calada, sem ser capaz de dizer nada, enquanto o irmão continua a libertar-se de todas as palavras que, durante anos, puseram uma âncora no seu coração.

— Nel, sabes que um dia teremos de voltar a falar... Depois da história da mãe... — Nesse momento, um homem que está há uma vida inteira à espera desta conversa desfaz-se por dentro e começa também a chorar; lágrimas que atravessam o telefone, o tempo e a distância.— Nelly... apesar de tudo, apesar da distância, da vida, do medo... apesar de tudo, nunca deixei de te amar.

Permanece o silêncio entre dois irmãos que deixaram de brincar juntos num rio, para terem um oceano de distância entre si.

— Nelly... — suplica —, diz qualquer coisa... diz-me que estás aí, que estás a ouvir...

— Lamento... — responde ela, enquanto aperta o anel com força na mão —, agora, não posso falar. Lamento...

— *Okay*, espera, espera! — insiste ele, como se o telefone fosse o cordão umbilical que os une, como se interromper a conversa significasse uma despedida eterna. — Antes de desligares, dá-me ao menos uma esperança. Promete-me que voltaremos a ver-nos.

Ambos sabem o que significa uma promessa na sua família.

— Prometo... — diz ela, enquanto prime o botão do telemóvel para pôr fim à conversa.

E ele respira, tranquilo.

A procriação não seria permitida. Foi essa a decisão final.

Depois, foi a vez da outra decisão, talvez mais polémica ainda do que a primeira: como evitá-lo?

Sabia-se que haveria sexo, certamente, muito. Quatro homens e quatro mulheres entre os vinte e os quarenta e cinco anos, belos, com demasiado tempo livre... O sexo seria um dos grandes entretenimentos.

Embora a possibilidade de ocorrer uma gravidez fosse improvável, não era impossível e poderia originar uma situação de verdadeiro perigo. A primeira solução em que se pensou foi a de esterilizar os concorrentes.

Mas o facto provocou mal-estar entre várias associações pró-vida, que não hesitaram em ir para a rua protestar. Embora, de início, se tenha tratado de manifestações pacíficas, foram-se radicalizando, até que, por fim, os distúrbios provocados pelas referidas associações causaram várias mortes.

Quando, por fim, foi possível acalmar os ânimos, surgiu a outra grande pergunta: Quem esterilizar? Eles ou elas? Não era necessário fazê-lo a todos.

Esta pergunta simples voltou a desencadear debates acesos entre vários grupos feministas, entidades de defesa dos direitos humanos, associações a favor da igualdade...

Finalmente, tendo em conta a polémica que qualquer pergunta originava, tomou-se uma decisão com o objetivo de satisfazer toda a gente, mas que não satisfez ninguém: decidiu-se esterilizar os oito concorrentes.

Concorrente Número 1

— Não vamos adiar mais, Steven, pois temos milhões de espectadores à espera.

— Vamos lá! Começemos por revelar os nomes...

— Ora bem, ora bem... — brincava a apresentadora, enquanto abria o primeiro envelope e olhava para o cartão que se encontrava dentro dele. — Então, então, então...

— Quem é? Quem é, Alison?

— Só te posso dizer que ninguém ficará surpreendido com a sua escolha, garanto-te. É um dos favoritos.

Apagaram-se as luzes, começou a ouvir-se a música do programa, e a fotografia do escolhido apareceu no ecrã.

Frank Smith

Concorrente n.º 230 656

31 anos

Pediatra

As centenas de pessoas que ocupavam o *plateau* começaram a gritar, entusiasmadas. Frank fora, desde o início do programa, um dos preferidos do público e, naturalmente, da própria organização. Um homem muito atraente, de olhos azuis e cabelo escuro. Um metro e oitenta e seis de altura, complexão atlética, inteligente e simpático.

Entre os milhares de inquéritos e *rankings* realizados, aparecia sempre

como um dos cinco candidatos que, com certeza, partiriam para Marte. Por isso, ninguém estranhou ter sido o primeiro escolhido, o mais votado.

— Parece que gostaram, não é verdade? — comentava o apresentador, enquanto piscava o olho à colega.

— Claro, como haviam de não gostar? Que motivos teriam para ficar desagradados?

E o *plateau* começou a aplaudir de novo.

— Frank, está a ouvir-me? — perguntava a apresentadora, ao mesmo tempo que, no ecrã, se apresentava a imagem de um homem a chorar, abraçado ao resto dos companheiros. — Frank?

— Sim, Alison. Estou a ouvir, mas nem acredito!

— Então, acredite! Já está, já está. Foi o primeiro a ser selecionado para rumar a Marte.

Frank não parava de receber felicitações e abraços dos outros concorrentes.

— Muito bem — continuou o apresentador. — Vai ser complicado falar com ele agora. Assim sendo, vamos passar o vídeo que gravou há alguns dias para vos convencer a votar nele nesta fase final, sim, a vocês, os verdadeiros protagonistas de toda esta aventura.

O *plateau* escureceu de novo, e foi exibido um vídeo em que Frank se apresentava e explicava rapidamente a sua vida. Uma vida que, afinal, o planeta inteiro já conhecia. A de um homem com uma infância comum, que se destacara nos estudos, que seguira a formação em Medicina com excelentes notas e que dava consultas às crianças de uma pequena aldeia. Os pais também apareceram a falar dele com orgulho. Quanto às suas relações pessoais, não tivera filhos, nem par conhecido.

Adorava a profissão de pediatra, algo que, como o próprio dizia, não

tinha muito sentido em Marte nesse momento, mas quem saberia se, no futuro...

E aquilo que, de início, poderia ter constituído um inconveniente transformou-se numa vantagem, porque, de uma maneira ou de outra, todos tinham esperança de que um dia nascesse um ser humano em Marte, talvez nas missões seguintes.

*

Aquilo que o vídeo não mostrava era a outra verdade, aquela que o dinheiro se encarregara de ocultar. Uma verdade que a organização conheceu tarde, quando a sua popularidade se encontrava no ponto mais alto, quando as empresas se digladiavam por causa dele e retirá-lo do concurso teria sido equivalente a matar a galinha dos ovos de ouro. Decidiu-se que a verdade não interessava, que, de momento, em Marte, essa verdade não tinha importância.

Talvez se o público, em vez de se preocupar com o aspeto dos correntes ou com a sua simpatia, tivesse feito outras perguntas... Como, por exemplo, quais são as razões que levam uma pessoa a abandonar a Terra para sempre?

Concorrente Número 2

— Como todos sabem, nenhum deles pode estar aqui hoje. Gostaríamos que fosse possível, mas têm de permanecer isolados, pelo que teremos de nos conformar em falar-lhes através dos ecrãs — anunciou a apresentadora, preparando-se para abrir o segundo envelope. — Ora bem, agora, vamos ao segundo concorrente, ou melhor, à segunda.

— Quem será, quem será? — espicçou o colega.

— Estamos a fazer história, Steven. Daqui a uns anos, quando nos lembrarmos disto... Ora... — Depois de analisar o conteúdo do envelope, exibiu um pequeno sorriso.

Mostrou o envelope ao colega.

— Bem, poderíamos dizer, acerca dela, que é especial e diferente. — Sorriu também.

E, com aquelas palavras simples, praticamente todo o público soube quem era a próxima seleccionada.

— Passem as imagens no ecrã!

Apagaram-se as luzes, ouviu-se a música, e a informação apareceu.

Andrea Zhao

Concorrente n.º 222 315

22 anos

Informática

Andrea não entrou no concurso com o pé direito. Talvez pelo aspeto, talvez pela atitude, talvez por ser parca em palavras... mas, aos poucos, foi

entrando no coração dos espectadores graças à sua inteligência e, acima de tudo, à história que arrastava consigo.

Era baixinha, magra, pálida, embora fosse, sem dúvida, atraente. O cabelo preto contrastava com uns olhos orientais cinzentos, que, simultaneamente, cativavam e assustavam. Foram as suas demasiadas tatuagens, os seus muitos *piercings* e o excesso de maquilhagem permanente que suscitara a rejeição inicial. Mesmo assim, o público foi descobrindo que, sob essa camada artificial, se escondia uma pessoa delicada, uma rapariga que todos desejavam proteger...

Naturalmente, depois de se conhecer o seu passado, ninguém teve dúvida de que a jovem merecia abandonar o planeta. Tivera uma vida insignificante, em que andara de um lado para o outro, sem destino, sem país, sem carinho, sem ninguém que lhe desse um beijo ao cair da noite, sem ninguém que a abraçasse em plena tempestade, para lhe garantir que os trovões eram apenas barulho, e os relâmpagos, apenas luz. Nunca teve uma palavra de carinho de manhã, ao acordar; ninguém foi o seu salva-vidas sempre que tudo em volta se afundava. Mesmo assim, o seu currículo era impressionante: uma entendida em matemática, que se especializara em informática.

O seu vídeo de apresentação foi o mais curto de todos. Não tinha família de que falar, não houve amigos a contactar... Não falou dos motivos pelos quais queria ir para Marte, mas das razões pelas quais queria abandonar a Terra. Bastaram dois minutos para convencer o público de que esta rapariga deveria passar para a primeira fase. Depois, a sua capacidade de resolução de problemas, disciplina e força de vontade fizeram o resto para conseguir chegar à final.

Quando Andrea ouviu o seu nome, fez um pequeno esgar, que quase poderia considerar-se um sorriso. Não saltou nem se mexeu do seu lugar,

olhou apenas para a câmara e limitou-se a receber os parabéns dos companheiros.

Na realidade, Andrea era especial, muito mais especial do que alguém poderia imaginar. Ninguém sabia como aquela rapariga passara de viver nas ruas de Pequim a estudar na universidade mais prestigiada do país, ninguém desconfiava da existência de determinadas bolsas muito especiais.

Aquela jovem tinha nas mãos a vida de muita gente. Mas, claro, ninguém sabia disso, nem deveria saber.

OceanofPDF.com

Acabava de fazer uma promessa ao meu irmão, o que, na minha família, era algo para cumprir.

Parecia estúpido continuar com aquele jogo das chaves, quando eu própria sabia que era impossível tornar realidade o desejo que pedi ao meu pai. Foi uma piada; na verdade, uma vingança. Estava assustada e pensei em algo que nunca pudesse cumprir.

Apesar da minha tenra idade, naqueles tempos, a nossa relação já estava arruinada; o seu temperamento autoritário começou a substituir o carinho. Só precisava de nós para as suas experiências, para os seus concursos, para fazer testes de câmara; e quase não nos abraçava, e quase nunca brincávamos a salvar o mundo juntos. Sim, talvez nos amasse, à sua maneira, mas aquilo que nos dava não era amor.

A promessa que fiz ao meu irmão teve que ver com o anel, com todas as horas que investira a investigar o que parecia um eterno rumor: uma lista que parecia existir, mas que ninguém vira. Uma empresa que vendia anéis, praticamente sem valor monetário, por cem milhões de dólares, uma empresa que não admitia um comprador qualquer. Quando alguém queria adquirir um, tinha de dizer se era para si ou para oferecer. Em ambos os casos, a empresa analisava o destinatário e, por fim, decidia se vendia ou não.

Quase não havia informação disponível na Internet, e se, de repente, alguém publicava um dado sobre o assunto, desaparecia numa questão de minutos.

O meu pai sabia que eu não ia continuar o jogo da cabana apenas porque

ele assim desejava, sabia que era preciso mais para me convencer, e dera-mo. Optei por não dizer nada ao meu irmão acerca do anel. Não tinha a certeza de que ele e o meu pai não tivessem planeado tudo juntos.

No dia seguinte, quando cheguei ao trabalho, fui ter com o meu chefe para lhe pedir uns dias livres. De início, opôs-se, visto que estávamos mergulhados em várias investigações importantes e não queria prescindir de ninguém.

— Desculpa, Nel. Terá de ser daqui a algum tempo. Sabes que temos entre mãos vários casos demasiado delicados. Não é a melhor altura — disse-me.

— Compreendo, mas, acredita, nenhum desses casos vai conseguir superar este — respondi, a sorrir.

— Bem, então terás de me convencer, de me dar uma razão muito boa — replicou, enquanto cruzava os braços e me olhava fixamente.

Foi então que pousei o anel em cima da mesa.

Concorrente Número 3

— Muito bem... passemos ao terceiro concorrente — disse o apresentador. Abriu lentamente o envelope seguinte e mostrou-o à colega.

— Ora, ora... poderíamos dizer acerca dele que é um candidato... muito, muito útil — respondeu, sorrindo.

— Completamente de acordo contigo, Alison. Na realidade, seria capaz de consertar qualquer coisa, em qualquer lugar...

E, com este simples pormenor, a maioria dos espectadores soube quem era o escolhido. As redes sociais mencionaram-no milhões de vezes com uma alcunha (#maozinhas), até que as luzes se apagaram, com os seus dados a aparecerem no ecrã gigante.

Juan Cruz, «o Mãozinhas»

Concorrente n.º 25 334

32 anos

Mecânico

Sendo um homem que tanto reparava um carro como um frigorífico, tinha o perfil perfeito para arranjar qualquer coisa num lugar onde não se podia chamar o técnico e estava disponível vinte e quatro horas por dia.

Foi, sem dúvida, essa competência que lhe deu uma grande vantagem, em relação aos outros concorrentes, para chegar à fase final. Também era muito atraente: belo, alto e com um corpo trabalhado no ginásio.

De repente, aquele homem musculado levantou-se da cadeira e começou a saltar de alegria. Abraçou-se a todos os companheiros e, sem parar de

sorrir, aproximou-se da câmara. Estava vestido com um fato-macaco patrocinado por uma das maiores empresas de *bricolage*. Uma empresa que recentemente mudara de *slogan*: «As nossas ferramentas reparam seja o que for, em qualquer parte do mundo, e até fora dele.»

Passados poucos minutos, voltaram a mostrar o vídeo com que se apresentou a concurso e no qual contava que trabalhara em muitos sítios; o último fora uma pequena oficina de que era proprietário. Mas também referia que estava entediado, que sentia que tinha de mudar de vida, experimentar coisas novas.

Casara duas vezes, embora nunca tivesse tido filhos. Os pais ainda estavam vivos, tinha três irmãos, nenhum dos quais apareceu no vídeo. Dizia que não se dava muito bem com a família, mas que, no fundo, os amava muito.

Durante cinco minutos, aquele homem contou a sua história. A sua, mas não a verdadeira. Não a outra história, que posteriormente se foi revelando através das redes sociais, mas à qual não foi dada grande importância. Talvez porque todas as pessoas merecem uma segunda oportunidade, sobretudo, se forem tão atraentes como ele.

Saí de madrugada, quando as estradas ainda estavam vazias. Esperava-me uma viagem de oito horas até alcançar de novo o meu passado, o lugar a que havia anos não regressava.

No dia que se seguiu ao telefonema, quando o meu corpo e, acima de tudo, a minha mente já estavam mais aquietados, voltei a falar com o meu irmão. Foi uma conversa curta, como a de dois desconhecidos que entram em contacto só para confirmar o local e a hora de um encontro, mais nada.

Conduzi em silêncio, recordando, com mais intensidade do que nunca, o meu pai, e logo agora, que já ali não estava. Pensando não em quando começara a odiá-lo, mas em quando deixara de o amar.

Depois de várias paragens e centenas de canções, cheguei a um cruzamento: o mesmo cruzamento de sempre. Tudo parecia novo, diferente, mas, ainda assim, senti que tinha chegado a um lugar familiar. Detive-me por uns instantes e virei para a cidade que me viu crescer.

À medida que me aproximava, ia-me apercebendo de que ela também tinha crescido: um polígono industrial com várias fábricas deu-me as boas-vindas. Onde antes havia apenas plantações de cereais, existia agora indústria e cimento.

Avancei cerca de três quilómetros e, precisamente na entrada da povoação, surpreendeu-me ver uma estátua de quase dois metros que representava um homem a olhar para o céu; aquele homem era o meu pai.

Meti pela rua principal, bastante mais longa do que nas minhas recordações de infância, mas na qual consegui reconhecer alguns estabelecimentos, sobretudo um, um muito especial.

Quando, no telefonema anterior, o meu irmão me indicou o lugar onde nos poderíamos encontrar, pensei que estava a fazer troça de mim, que era impossível aquele café ainda estar aberto, depois de tantos anos. Mas ali estava, o mesmo café em que o nosso pai nos levava a comer gelados todas as sextas-feiras, quando saíamos da escola. Aquele era o nosso refúgio, o lugar feliz onde começava o fim de semana. Era ali que contávamos como corra o dia, era ali que falávamos das pequenas grandes coisas das crianças... e era ali também que nos explicava as suas ideias novas para programas e concursos.

Estacionei a alguns metros e fiquei dentro do carro. Fechei os olhos. Imaginei-me de novo a percorrer aquelas ruas com o meu irmão.

Nesse momento, estava a passar na rádio o tema *Appointments*, de Julien Baker. Foi precisamente o verso «*maybe it's all gonna turn out alright*», «talvez tudo corra bem», que me convenceu a sair.

Dirigi-me ao café. Respirei profundamente, abri a porta e entrei.

E vi-o.

Sim, reconheci-o. É verdade que, durante a viagem, pensara nele, na minha infância, no nosso primeiro beijo, naquele coração que desenhámos numa árvore. Que teria sido feito da sua vida? Continuaría naquela povoação? O que nunca imaginei foi que o encontraria ali, no mesmo café em que nos apaixonámos, a gerir o negócio do pai.

Concorrente Número 4

— Ora muito bem — disse o apresentador, enquanto a colega lhe mostrava o conteúdo do envelope seguinte. — Atenção ao que se segue.

— Acho que isto vai agradar... vai agradar, principalmente, ao quadrante masculino... Será que se pode dizer isto hoje em dia? — perguntou ela.

— O quadrante masculino? Acho que, por enquanto, sim.

— Então, acho que isto vai agradar ao quadrante masculino.

Nesse momento, apareceu a fotografia e os dados da concorrente selecionada.

Amelie Borowski, «Miss»

Concorrente n.º 445 616

25 anos

Modelo

Sem dúvida, para muitos — e também para muitas —, a concorrente mais atraente de todas as que se haviam apresentado. Desde o princípio, destacou-se pela sua beleza, pelos seus olhos, pelas suas medidas perfeitas... foi esse o motivo pelo qual, desde o instante em que se apresentou a concurso, todos começaram a chamar-lhe simplesmente Miss. Os seus detratores argumentavam que a única coisa pela qual se salientava era a beleza; os seus defensores argumentavam que era verdade, sim, mas que se destacava bastante nesse campo.

No seu currículo, referia que era modelo de profissão, embora, até ao momento em que se inscrevera no concurso, ninguém a conhecesse. A sua

história anterior era muito vaga: trabalhara como empregada de mesa em muitos estabelecimentos, como funcionária em várias lojas de roupa, como secretária numa empresa de materiais de construção... embora a sua verdadeira história só se tivesse sabido algum tempo depois, quando já era demasiado tarde.

Foi quando começou a salientar-se no concurso, que muitas empresas publicitárias se interessaram por ela, e, aos poucos, transformou-se num ícone da moda mundial.

Foi tal o seu sucesso, que, mesmo antes da seleção final, esteve prestes a abandonar o programa para se dedicar à carreira de modelo na Terra. Mas acabou por avançar: em Marte, não teria concorrência, seria especial, mas, se ficasse na Terra, em alguns meses, talvez, acabaria por ser apenas mais uma.

Mal ouviu o seu nome, Miss levantou-se do seu lugar e começou a pular de alegria. Um corpo de um metro e setenta e oito de altura, com um magnífico vestido azul — de um dos criadores mais conhecidos —, aproximou-se da câmara e, com os seus lábios carmim, beijou a lente da objetiva.

De seguida, passaram o seu vídeo de apresentação. Nele, não falava do seu passado ou da família. Limitava-se a expressar a esperança de ir para Marte, de ser a primeira modelo fora da Terra, e a referir como seria emocionante experimentar ali novos produtos...

O que não disse foi que, mais do que aproximar-se de Marte, o que queria era afastar-se da Terra. Em momento algum falou do seu passado, do verdadeiro, não do que inventara para as revistas.

O que nunca poderia imaginar era que seria a pessoa a mudar a História da Humanidade. Mas, enfim, isso seria mais tarde.

Como esquecer o primeiro amor de uma vida? Como esquecer o primeiro beijo? Aquele que sabe a nervosismo, a gelado e a medo. Aquele que se dá sem se saber muito bem como começou. Esse amor adolescente que nos faz desejar que o Sol nasça antes do amanhecer e que a noite nunca chegue, para não ser preciso voltar para casa.

Mudara fisicamente, contava uns quilos a mais e menos cabelo, mas continuava a ter o mesmo sorriso pelo qual um dia me apaixonara. As nossas mãos entrelaçadas no parque, o primeiro *amo-te* e o segundo e o terceiro...

Quando entrei, ficou a olhar para mim. Demorou alguns segundos a reagir, o tempo de a mente lhe lembrar que há muitos anos os nossos corações tinham chegado a tocar-se.

— Tu! És tu, Nelly! Mas que surpresa — gritou. E as poucas pessoas que havia no estabelecimento viraram-se para olhar. — Não posso acreditar! Nelly! Estás aqui!

E lançou-se na minha direção para me dar um abraço daqueles a sério, dos que se dão com os próprios ossos.

— Que alegria ver-te! Mas o que fazes por aqui?

— Bem, é por causa do meu pai... Imagino que já saibas... — De facto, foi um reparo absurdo. Quem, por esta altura, não saberia do suicídio de um dos homens mais poderosos do planeta? — Vim tratar da papelada e dessas coisas...

— Lamento imenso pelo que se passou... Foi um duro golpe para quem

vive aqui. Na verdade, há muita gente que ainda não recuperou, com tudo o que lhe devemos, com tudo o que fez por nós, por este sítio...

— Por vocês? — perguntei, surpreendida.

— Sim, claro. Se não fosse ele, nenhum de nós teria continuado aqui. A maioria das famílias teria partido. Lembras-te da empresa de transportes, a dos camiões?

— Sim, claro. Praticamente metade das pessoas daqui vivia daquela empresa.

— Pois, quando os carros autónomos começaram a funcionar, todos sabíamos que seria uma questão de tempo até virem os camiões autónomos. E assim foi. A empresa começou a despedir os condutores, pois os trajetos que faziam eram sempre os mesmos, conseguiram automatizá-los... Já não era preciso tanto pessoal, apenas camiões. Praticamente todos os condutores foram para o desemprego, e com eles todas as empresas que lhes davam trabalho... Lembras-te de como isto era de manhã?

— Claro que me lembro. Havia fila.

— Ora, de um dia para o outro, a povoação ficou sem nada. Felizmente, o teu pai tomou conhecimento e, quando começou aquela história toda do concurso de Marte, decidiu trazer várias fábricas de componentes para aqui. Aquilo salvou-nos: em apenas dois anos, a população duplicou. Não encontras aqui uma única pessoa que diga mal dele. Tudo o que vês à tua volta existe graças ao teu pai.

— Oh, não sabia de nada — respondi, admirada.

— Pois... ele disse-me que não se davam muito bem, que não falavam há muito tempo... mas, enfim, isso era lá convosco. Mas falava-me sempre de ti, e também do Alan, que... seguramente... Como está ele?

— Bem, a verdade é que não o vejo há muito tempo, mas combinámos encontrar-nos aqui.

— O quê? Meu Deus! Que bela notícia. Vou ter-vos aqui outra vez, juntos — voltou a gritar.

— Sim, e tu? Como estás? Como corre a vida? — perguntei, tentando desviar a conversa para um tema que não fosse a minha relação com o meu irmão.

— Certamente, a minha vida não foi tão apaixonante como a tua, nem de longe. Casei com a Mira, lembra-te?

— A Mira! Claro que me lembro.

— Sim, o amor da minha vida... Foi o que pensei na altura, mas, claro, quando não há muitas mulheres da nossa idade em volta, podemos enganar-nos, dizendo que é o amor da nossa vida, embora aquela que realmente amei tenha partido...

Nesse momento, percebi o que significara para ele, que, de facto, naquela tenra idade, tínhamos estado muito apaixonados.

— Tivemos dois filhos — continuou —, mas a coisa não funcionou: demasiada rotina. A relação tornou-se tóxica.

Notei que o rosto se alterou: pela primeira vez desde que começáramos a conversar, ficou triste.

— Na verdade, passei quinze anos atrás deste mesmo balcão. Acho que saí desta terra duas ou três vezes... Que paradoxo, não achas? Há pessoas que vão viver para Marte, e eu nem deste lugar saí... Enfim... Mas... e tu? Como foi a tua vida?

— Nunca casei, ninguém me conseguiu aturar.

— Eu ter-te-ia aturado. — Sorriu. Sorrímos.

Um silêncio incómodo intrometeu-se entre nós.

— E filhos?

— Filhos? — Sorri. — Não, não tive tempo...

Ia acrescentar que sim, que teria gostado de ter filhos, que teria gostado

de ser mãe, que durante muito tempo tentei, que quase fiquei obcecada, mas que não resultou. Enfim, a Natureza não quis que resultasse. Ele ter-me-ia dito que ainda era nova, que podia tentar... e teríamos tido uma conversa desconfortável, pelo que decidi não dizer nada. Percebeu e mudou de assunto.

— O importante é estares aqui. Incrível! Diz-me o que queres tomar.

— Apenas um café.

— Só um café?

— Sim, obrigada.

— E os gelados? Que tal um daqueles gelados? — Sorriu-me, enquanto se punha atrás do balcão.

Sentei-me à mesa de sempre, a de canto, aquela da qual se podiam ver perfeitamente as duas ruas. E, de longe, observei-o enquanto atendia outro cliente; imaginei como teria sido a minha vida com aquele amor de infância...

Estava eu no meio destes pensamentos, quando a porta se abriu e ele entrou. Vi que também abraçava o meu velho amor. Estiveram alguns minutos a falar, a rir, como se se tivessem visto mais vezes durante os últimos anos, algo que o meu irmão depois me confirmou.

Finalmente, pediu-lhe qualquer coisa e dirigiu-se a mim.

Comecei a ficar nervosa, muito nervosa.

Eu, que entrevistara mafiosos, traficantes de todo o tipo, homens tão poderosos quanto perigosos, agora, a pessoa que mais receava que se aproximasse de mim era o meu próprio irmão.

Tirei o anel do dedo e escondi-o no bolso.

Concorrente Número 5

— Vamos ao quinto. Isto está cada vez mais emocionante. Quem será? Quem será?

Milhões de olhos observavam o programa que ia decidir o futuro de quatro homens e quatro mulheres. A apresentadora olhou para dentro do envelope e sorriu.

— Bem... talvez este homem seja uma surpresa para grande parte do público, embora, para muitos outros espectadores, tenha sido um candidato necessário.

— Acho que já temos uma pista, não é verdade, Alison?

— Sim, Steven. Acho que já disse demasiado. Vamos lá.

O palco escureceu, e um rosto apareceu no ecrã. Desta vez, o aplauso não foi tão intenso como antes. Não era um dos favoritos, mas aparecia nos primeiros lugares quando se faziam listas dos candidatos mais úteis. Também era o mais velho de todos: tinha quarenta e cinco anos.

John Scott

Concorrente n.º 12 441

45 anos

Militar

É facto que nunca se definiu um limite de idade na pré-seleção, mas a verdade foi que a organização privilegiou a juventude; com efeito, entre os trinta últimos escolhidos, a média de idades encontrava-se nos vinte e oito anos. Mas este candidato era especial em muitos sentidos: de entre os oito

vencedores, foi uma das duas pessoas que não se apresentaram a concurso de forma voluntária.

Também tinha um privilégio exclusivo que nenhum dos outros concorrentes conhecia, um privilégio que tinha de manter oculto o tempo inteiro, se fosse necessário.

Na realidade, a organização precisava dele ali. Era um militar com experiência em combate, um homem que participara como mediador em muitos conflitos internacionais. Uma pessoa capaz de manter a calma, mesmo nas circunstâncias mais extremas. Alguém que testemunhara um pouco de tudo e, naturalmente, alguém que sabia calar tudo.

O seu metro e noventa de estatura e os seus cento e dez quilos de músculo eram suficientes para impor ordem em qualquer situação, mais ainda numa pequena colónia de apenas oito pessoas, uma colónia onde não havia polícia, nem juízes, nem advogados...

Muitos sociólogos tinham avisado que, num lugar onde ninguém aplicasse as leis, o ser humano tinha muitas possibilidades de se autodestruir.

O seu vídeo de apresentação foi também um dos mais breves. Falou dos motivos pelos quais queria ir para Marte, acima de tudo, para viver novas experiências; referiu-se vagamente ao seu passado, embora quase tudo fosse segredo de Estado, e, por fim, apresentaram várias imagens do seu dia a dia. Um dos pormenores que chamava a atenção mal se olhava para ele era a grande tatuagem que tinha num dos braços musculados, no direito: a cabeça de uma cobra nascia na parte de cima da mão, e, depois de lhe percorrer todo o braço, a cauda terminava precisamente no bíceps, muito perto do ombro. Uma tatuagem que, no futuro, ia ter de esconder.

— Olá, Nel — disse-me, quase sem olhar para mim.

— Olá, Alan — respondi, com a voz sumida.

Levantei-me e estendi-lhe a mão, apenas. Nesse dia, cumprimentei o meu irmão como quem cumprimenta o vendedor que lhe bate à porta.

Entre os nossos rostos, havia mais de dez anos de distância, dez anos sem sabermos diretamente um do outro, dez anos de intenções.

— Como estás? — perguntou.

— Bem, bem... E tu? — Desviei a pergunta, porque, da última vez que ma fizera, fora-me abaixo.

— Eu? Bem. Agora, longe de tudo. Na verdade, já tinha deixado a empresa há uns anos, quando foi a história do concurso. Aquilo mudou tudo. Fez-me equacionar quão breve a vida pode ser... Larguei tudo.

— Ah, não sabia disso... — As suas palavras apanharam-me de surpresa. A sua saída da empresa não aparecera em qualquer jornal; uma notícia como essa teria sido capa.

— Já estava farto de ser o alvo da maior parte das críticas com que não tinha nada que ver, simplesmente por ter o pai que tinha. Os ataques, os insultos, as ameaças... tudo o que não podia alcançar o destinatário final chegava-me a mim.

Silêncio. Ficámos a olhar para o vazio, até que ele voltou a falar.

— Reparaste aqui na terra? Tudo mudou, mas também parece tudo na mesma.

— Sim... — respondi, enquanto procurava cada pormenor, cada um dos momentos que ali vivera.

— E lembrás-te do parque? — perguntou, apontando para fora, pela janela.

— Sim, claro que me lembro. — Exibiu-me um leve sorriso, enquanto olhava para o outro lado da rua, uns pórticos apenas adiante.

— Tenho a certeza de que, se sairmos agora daqui e formos procurar a árvore, a terceira à...

— ... à direita — terminei, instintivamente.

— Sim, essa. Lembras-te? — Sorriu-me. — De certeza que, se escavássemos um pouco, ainda encontrávamos aquele saco com tesouros.

Os nossos tesouros: o seu carrinho de plástico, a minha boneca com um vestido azul, a sua moeda de prata, uma das minhas capas de super-heroína, a carta que me escreveu quando caí da casa da árvore e estive uns dias no hospital... E, ao recordar tudo isso, ali, apercebi-me de que não ia aguentar muito mais as lágrimas. Desde que entrara por aquela porta, tentara contê-las, naquele pequeno espaço que se situa entre a pálpebra e a vergonha... Acabámos por ser salvos pelo dono do estabelecimento.

— Olá, malta! Trago-vos o que pediram — disse-nos, enquanto me piscava o olho.

Pousou a bandeja em cima da mesa e deixou ao meu lado um gelado com duas bolas: morango e banana, com *chantilly* e duas bolachas, o mesmo gelado que eu pedia quando lá ia com o meu pai, às sextas-feiras à tarde. Ao meu irmão, deixou um gelado com duas bolas de baunilha e um chocalatinho.

Rimo-nos.

— Não consegui arranjar os mesmos chocolates da carinha sorridente. Acho que não os fazem há anos, mas, enfim, espero que este sirva — disse, enquanto lhe punha a mão no ombro e voltava para o balcão.

Eu e o meu irmão olhámo-nos de novo, com os gelados à nossa frente,

como naqueles anos em que ele procurava o momento certo para me surripiar uma das duas bolachas sem que me apercebesse. Vi nos seus olhos a intenção de o fazer.

Por alguns instantes, concentrámo-nos em comer os nossos gelados, sem olhar um para o outro, talvez em busca das memórias no sabor de cada colherada.

— Parece que temos de voltar a jogar — disse ele, quebrando de novo o gelo.

— Não sei se quero — respondi, sem erguer o olhar.

— Claro que queres... é por isso que aqui estás.

Continuámos a comer em silêncio, até que o dono do estabelecimento regressou e conseguiu que a conversa acabasse, cicatrizada pelo silêncio.

— Quanto te devemos? — perguntou o meu irmão.

— Só podes estar a brincar. Nada, absolutamente nada. Vão até à cabana? — perguntou.

— Sim, talvez comecemos por aí — replicou o meu irmão.

— Nesse caso, devo dizer que o caminho já não se encontra como dantes. Foi-se degradando com os anos. É impossível ir num carro normal, muito menos num como os vossos. É preciso um todo-o-terreno dos potentes.

— Bolas — respondeu o meu irmão. — Não tínhamos pensado nisso. Sabes onde podemos alugar um?

— Bem, podem sempre usar aquele ali — disse, apontando para um todo-o-terreno novo.

— O vermelho? É teu?

— Meu? — Sorriu. — Não, não. Bem que gostava. Acho que é vosso.

O tema da segurança fora um dos aspetos mais importantes nas negociações preparatórias. Cientistas, advogados, filósofos e juízes tinham passado meses a discutir como se aplicaria a lei e a justiça em Marte.

Tinham-se revisto várias constituições, entre elas as dos Estados Unidos, da Islândia, do Japão... e também a de um ou outro país da Europa, com o objetivo de redigir uma que servisse para qualquer colónia fora da Terra, tanto na Lua, em Marte, como em qualquer outro planeta que se pudesse alcançar no futuro.

Começar uma sociedade de raiz podia até ser uma ideia deveras imaginativa, mas, segundo diziam os especialistas, o holocausto, os *gulag* soviéticos ou qualquer guerra fratricida testemunhavam as atrocidades de que os seres humanos eram mesmo capazes quando a pessoa errada estava no poder. Havia a possibilidade de todos morrerem antes mesmo de a população começar a crescer.

Um dos comentários mais partilhados nas redes sociais durante esse período foi, numa entrevista, o de um dos gurus tecnológicos mais ricos e reconhecidos:

Se o ser humano não consegue chegar a um consenso numa pequena comunidade de vizinhos, o que espera que aconteça num lugar sem forças policiais e sem ninguém que aplique a justiça? As violações, o assassinato, as agressões... estão garantidos, impor-se-á a lei do mais forte e, por fim, a destruição da colónia. Uma colónia espacial é um ambiente propenso a tiranias. Para dar um exemplo, se alguém conseguir ter o controlo do oxigénio, dominará toda a população.

Estas palavras afetaram um público que, até esse momento, via o

concurso como um simples divertimento, como se tudo o que pudesse acontecer em Marte fosse um jogo.

O grupo de especialistas começou a trabalhar para redigir uma Constituição que, por consenso alargado, fosse aceite para o novo território. Decidiram tomar como exemplo a Constituição islandesa, pois, mesmo estando na Terra, tratava-se de um território isolado do resto do mundo, onde a população é relativamente reduzida e as coisas parecem correr bastante bem.

OceanofPDF.com

Experimentámos as nossas chaves, e foi a do meu irmão que conseguiu abrir a porta do veículo. Arrancámos e começámos uma viagem sem palavras. Limitámo-nos a olhar em frente, como se ali, diante do limpa-pára-brisas, fôssemos encontrar tudo o que havíamos perdido com os anos. A estrada avançava na nossa direção à mesma velocidade que eu regressava ao passado.

Continuámos em silêncio, até vermos o velho hotel, agora em ruínas. Poucos metros adiante, à nossa direita, aparecia um pequeno caminho. Metemos por aí.

Estava tudo praticamente inalterado: as mesmas árvores, a mesma lama, o mesmo medo... e as mesmas chaves, embora, desta vez, não as levássemos penduradas ao pescoço.

O caminho degradara-se bastante, avançar era complicado: uma bifurcação à direita; outra, desta vez à esquerda; mais uma, também à esquerda...

Finalmente, chegámos.

Um arrepio percorreu-me o corpo. Ali estava, a mesma cabana, muito mais pequena do que me lembrava. E também nós estávamos naquele lugar, os dois irmãos, como Hansel e Gretel, a observar a casa onde um dia deparei com uma bruxa sob a forma de medo.

Desligou o motor, e ficámos a olhar em volta, de dentro do habitáculo. Foi o meu irmão que, sem dizer nada, contornou o veículo e me abriu a porta.

— O que esperas encontrar? — perguntou-me.

— Tudo o que houver para encontrar — respondi.

E, mais uma vez, entrámos juntos naquela cabana.

Acendemos a luz. Silêncio.

— E agora?

— Agora, já não tenho dez anos — afirmei.

Olhámos um para o outro. Ambos nos lembrávamos perfeitamente da ordem das pistas da vez anterior. A primeira estava na cozinha; na terceira gaveta, havia um cofre que se abria com a chave do meu irmão. Dentro daquele cofre encontrava-se uma pista que nos conduzia à lareira.

Dirigimo-nos para a cozinha. Abrimos a gaveta, mas não havia lá nada. O cofrezinho não se encontrava lá. O meu irmão pôs-se a espreitar nas outras gavetas: nada.

— Não compreendo. O que se passa? Onde está o cofre? — perguntou.

— Não está aí. Não o vais encontrar — respondi.

— Porquê? — questionou, surpreendido.

— Porque acho que não viemos para começar o jogo, viemos para o continuar.

Concorrente Número 6

— Já só nos restam três concorrentes — referiu a apresentadora, ao mesmo tempo que abria um novo envelope.

Olhou para o cartão e passou-o ao colega. Ambos sorriram.

— Outra das preferidas, sem dúvida... Quem não gostaria de a ter junto a si em caso de emergência?

E, depois destas palavras, uma grande exclamação percorreu a assistência. Todos os presentes sabiam de quem estavam a falar.

Apagaram-se as luzes, ouviu-se a música, e, no ecrã, apareceu a escolhida.

Laura Ricci, «a Doutora»

Concorrente n.º 142 491

39 anos

Médica

O público pôs-se de pé para a aplaudir, não apenas para lhe dar os parabéns, mas em sinal de respeito. Desde que se apresentou a concurso, foi uma das participantes mais valorizadas. Uma mulher corajosa, forte, segura de si, uma mulher que passara a maior parte da vida a trabalhar como voluntária nos lugares mais conflituosos e miseráveis da Terra. Uma mulher que salvara milhares de pessoas; habituada a operar nas piores circunstâncias, que não tinha em conta a que fação pertencia um ferido, quando se tratava de lhe salvar a vida. Uma das melhores cirurgiãs do mundo, tão versátil, que era capaz de fazer um transplante ou de trazer uma

criança ao mundo quase sem equipamento médico. Uma vida dedicada aos outros.

As câmaras fizeram *zoom* sobre o seu rosto. Um rosto de alegria contida: apenas a suficiente para provar que estava feliz por ter sido escolhida, mas sem cair numa atitude que pudesse incomodar aqueles que não o haviam sido.

De seguida, mostraram no ecrã o seu vídeo de apresentação. Nele, falava brevemente da família, da infância e da sua carreira na medicina e agradecia a todas as pessoas que tinham passado pela sua vida, inclusive as que quase a haviam abandonado.

Reservou algumas palavras finais, que atingiram o coração do público, palavras que definiam perfeitamente a essência daquela mulher.

Durante toda a vida, percebi o mal que o ser humano pode fazer, fui testemunha das piores atrocidades: assisti a assassinatos, mutilações, abusos de crianças; violações, em grupo, de mulheres que eram minhas amigas, sem que pudesse fazer algo para o evitar; vi o ser humano comportar-se como o pior dos animais. Muitas vezes, estive prestes a morrer. Escondi-me, fugi, pedi ajuda, tive medo, muito medo, mas é verdade que também vi precisamente o contrário: senti o amor de um desconhecido, a ajuda de um inimigo, a proteção de uma mãe, o companheirismo, a felicidade de uma família, a generosidade daquele que nada tem. Vi crescer a amizade e o amor em lugares em que nem as plantas se atrevem a nascer...

Vi as duas faces do ser humano: o amor e o ódio, o respeito e a violência, a amizade e a traição, a generosidade e a cobiça...

Talvez por isso, porque acredito que o ser humano é capaz de escolher uma dessas faces, gostaria de fazer parte de uma sociedade que vai começar

do zero. Gostaria de estar lá, para evitar que aconteça o mesmo que aqui. Pelo menos, quero morrer sabendo que tentei.

Quando o vídeo acabou de ser projetado, ouviu-se o aplauso mais intenso e mais longo de toda a noite.

Aquilo que muitos espectadores não sabiam era que, além disso, aquela mulher conseguira convencer as grandes corporações farmacêuticas, de modo a levarem, na viagem, equipamento médico de primeira qualidade e todo o tipo de medicamentos essenciais.

Aquilo que ninguém sabia — nem ela própria, sequer — era que a organização a escolhera por outro motivo.

OceanofPDF.com

A muitos quilómetros de distância, em três pontos diferentes da Terra, três homens seguem o programa com desinteresse. Sabem exatamente quem vão ser os oito escolhidos, pois foram eles a decidi-lo, foram eles a fazer a seleção final.

Um desses homens, o mais rico do planeta, centra agora a sua atenção nela, na Doutora, na mulher em que apostou pessoalmente, desde o início.

A presença de alguém como ela foi uma surpresa. Na verdade, nunca teria chegado à final, não fosse porque, ao reverem cada um dos aspetos da sua vida, se tinham dado conta de que, entre todas as suas qualidades, havia uma muito especial.

No início do programa, entre as centenas de milhares de candidatos, o público nunca teria reparado na Doutora. Por isso, manipularam as redes sociais para que o seu nome aparecesse nos primeiros lugares das listas. Precisavam dela. Precisavam dela, especificamente dela.

Não fôramos até ali para começar o jogo, mas para o continuar. Era evidente que devíamos recomeçar no ponto em que tínhamos ficado da última vez: na lareira. Ambos nos aproximámos lentamente do local em que tudo começou.

Abri a palma da mão e olhei para a marca que a atravessava até ao interior do pulso, o sítio exato em que nascem os pensamentos do suicida. Nesse dia, estive prestes a morrer, perdi muito sangue; também perdi muito mais coisas. Alguns anos depois, tatuei um trevo preto, para tentar esconder uma cicatriz que só me trazia recordações do passado.

— Nel, se quiseres, eu faço isso — disse o meu irmão.

— Nã... não... Tenho de ser eu...

Tentei esquecer-me de Nellyne, de mim própria, em criança, e, sobretudo, tentei esquecer-me dele. Concentrei-me em ser a jornalista que estivera em muitas situações perigosas, a mulher que não hesitara em arriscar a vida para conseguir uma notícia. Não ia ser uma recordação infantil a derrotar-me.

Agachei-me, inspirei e, tal como uns anos antes, enfiei a mão para levantar o guarda-fogo com os dedos. No entanto, desta vez, só a introduzi completamente ao perceber que depois seria capaz de a retirar, desta vez, a lareira não estava acesa e a grade não estava incandescente e, naturalmente, desta vez, não tinha dez anos.

Levantei-a e encontrei uma caixa de madeira, decerto a mesma que há uns anos ali estivera, aquela que nunca chegámos a abrir, a que deixámos

abandonada quando o meu pai entrou a correr na cabana para me levar para o hospital.

Peguei na caixa e deixei-a em cima da mesa.

Ficámos os dois a olhar para aquele objeto como quem descobre um tesouro da infância. Estava fechada com um cadeado, e já tínhamos utilizado uma chave. Era evidente a quem cabia abri-la.

Introduzi a minha chave na pequena fechadura, dei-lhe uma volta, abriu. Lentamente, levantei a tampa.

Nenhum dos dois sabia o que ia encontrar: talvez uma pista, alguma adivinha, um teste... O que nunca imaginámos era que lá dentro se encontraria o nosso pai em estado puro.

OceanofPDF.com

Concorrente Número 7

— Depois deste grande e merecido aplauso, começamos a aproximar-nos do fim. Já só nos restam os dois últimos concorrentes selecionados para seguirem até Marte.

O ecrã mostra um plano geral dos restantes vinte e quatro concorrentes.

— Continuamos... — anunciou Alison.

Steven começou a abrir o envelope do próximo participante, o último homem.

Devagar, olhou para o conteúdo do mesmo e exibiu um pequeno sorriso.

— Muito bem, muito bem — comentou, enquanto o mostrava à colega.
— Faz sentido, será útil para todos. Não posso dizer mais nada.

— Sim, claro que é útil, sobretudo se, no futuro, quisermos que as pessoas consigam alimentar-se em Marte.

Aas luzes voltaram a apagar-se, ouviu-se a música, e, no ecrã, apareceu uma nova fotografia.

Tim Robbien, «o Jardineiro»

Concorrente n.º 142 491

32 anos

Botânico

O Jardineiro, nome que lhe fora atribuído nas redes sociais, era um homem forte, alto e também muito atraente, que aparecia no ecrã com um fato-macaco patrocinado por uma das principais empresas de fertilizantes e pesticidas.

Era verdade, ele era importante. Era preciso comer. Se os vegetais não crescessem, os participantes teriam um grave problema, por isso, alguém como ele era essencial em Marte.

A sua história era dura, muito dura. Ele, sim, tinha verdadeiros motivos para abandonar a Terra, acima de tudo, porque já não lhe restava nenhum para ficar.

Na realidade, depois de se ter inscrito no concurso, as redes sociais encarregaram-se de revelar toda a sua intimidade: a história veio à tona em poucos dias. Uma história que, longe de o prejudicar, o ajudou a chegar ao fim do concurso. Ocorrera havia mais de oito anos, mas ele nunca recuperara dos acontecimentos. Dissera mil vezes a si mesmo que não fora culpa sua, que não era um assassino... No entanto, no fundo da sua consciência, nesse lugar onde não se pode alterar a verdade, sabia que sim, que fora ele o responsável por destruir a vida das pessoas que mais amava. Desde o ocorrido, dedicara-se completamente à botânica, à jardinagem, a tudo o que tivesse que ver com a terra, para ver se, assim, criando vida dia após dia, poderia compensar todas as mortes.

Foi projetado um vídeo com a sua rotina diária: ia ao ginásio, cuidava das plantas num laboratório de investigação famoso, deitava-se muito cedo para se levantar de madrugada, era vegetariano...

O seu vídeo terminava com a seguinte frase: «Quero ser o primeiro a fazer crescer uma planta em Marte.»

Os aplausos encheram todo o auditório. Quando, finalmente, se fez silêncio, os apresentadores continuaram.

— Muito bem. Já estamos a chegar ao fim. Só nos resta uma, e digo uma, porque nos falta uma mulher. Tenho de comunicar ao resto dos homens que lamento imenso, mas desta vez não foi possível. Mas fiquem descansados, pois haverá, decerto, mais oportunidades.

Começou a abrir o último envelope.

Dentro de alguns segundos, a surpresa seria revelada: aquilo que começara como uma brincadeira ia tornar-se realidade.

Foi um erro desde o início, todos o sabiam: o público, o resto dos participantes, a empresa e, sobretudo, o homem mais rico do mundo sabiam que aquilo podia ser um desastre. Mesmo assim, foi escolhida.

Obviamente, acabou por correr mal. Muito mal.

OceanofPDF.com

Dentro daquela caixa, havia uma carta do meu pai. Uma carta que não soube compreender nesse momento.

Quem vive? Quem morre? Quem decide? Podias ser tu, Nelly? Serias capaz de dizer algo semelhante?

Imagina que amanhã tens à tua frente mil pessoas, mas que só podem viver cem, não existe outra opção. Imagina que és tu a decidir quem morre e quem vive... Que farias, como decidirias?

Sim, Nelly, sei a tua resposta: tentarias salvá-las todas. Mas... e se fosse impossível? Se só pudesses salvar cem? Far-me-ias um discurso para me convenceres de que todas elas têm o mesmo direito a viver. Mas terias de decidir.

Para mim, em contrapartida, seria mais fácil, porque me apercebi de que nem todas as pessoas são iguais. O ladrão não é igual ao polícia, o assassino não é igual ao médico, aquele que investe mil horas a construir a sua empresa é diferente de quem passa o dia no bar sem fazer nada, a criança que estuda não é igual à criança que importuna... E, se quiseses um exemplo definitivo, olha para nós, Nelly, para ti e para mim. Eu e tu não somos iguais.

Odeias-me há anos, e eu, pelo contrário, não deixei de te amar, um só dia que fosse, desde o primeiro instante em que te tive nos braços. É verdade que te amei à minha maneira, que talvez não tenha sido aquela de que precisavas... Mas amei-te da mesma forma quando não medias nem um palmo e me davas a mão para conseguires andar, como quando, num tribunal, cara a cara, tentavas fazer com que me metessem na prisão.

Sabia que não querias voltar a esta cabana apenas por causa de um jogo, mas a coisa muda quando há um anel, não é verdade? Há quantos anos andas a tentar encontrar uma pista fiável que te conduza à lista? Uma lista que existe. Imagino que, por esta altura, já tenhas confirmado que fazes parte dela.

Também sei que vais continuar a pensar que essa marca que tens no pulso foi culpa minha, e talvez, em parte, seja verdade, talvez tenha sido eu o responsável... Mas há outro lado, sabes? O nosso, aquele que não nos agrada, o que não queremos ver: tudo o que nos acontece é culpa nossa também. Sim, fechei-vos nesta cabana, mas a decisão de introduzir a mão no guarda-fogo foi tua. Havia mais opções, muitas mais. Podias tê-lo levantado de outra forma ou ter pedido ajuda ao teu irmão... Sim, estou a imaginar a tua cara neste instante e a tentar adivinhar o que me dirias se estivesse à tua frente. Dir-me-ias que tinhas apenas dez anos...

Depois do que se passou na cabana, fomos nos afastando: ambos pusemos um preço demasiado alto na nossa relação. Mas também é verdade que o teu ódio não começou ali, sei que já vinha de trás. Talvez tenha tido origem na minha maneira de te educar, na minha autoridade, nas minhas exigências. Na verdade, fi-lo porque foste sempre muito madura para a tua idade e porque pensei que, ao exigir-te cada vez mais, poderia conseguir o melhor de ti. Vejo que me enganei. Ou talvez também me tenhas culpado por me ter afastado da mãe. Mas, às vezes, não se pode forçar o amor, e entre mim e a tua mãe... Poderia dizer-se que tínhamos visões muito diferentes da vida. Sei que todas estas palavras não vão melhorar nada, mas que importa isso neste momento? Terá valido realmente a pena, terá valido a pena estar tanto tempo sem falar?

Suponho que muita gente, tal como tu, irá pensar que vou para o único lugar em que poderia estar: o Inferno. Um lugar que os seres humanos inventaram para aterrorizar os próprios seres humanos.

Também sei que muitos se alegrarão com a minha morte. Não quero saber. Tomei uma decisão, e, na verdade, foi uma decisão fácil, sobretudo, porque já não tenho opção.

É isso ou continuar a sobreviver à morte. Não sabes o que é urinar todas as noites na cama, não conseguir estar de pé mais de dez minutos sem ter de me apoiar em alguma coisa, depender de outras pessoas... Não imaginas como dói terem de me levar à casa de banho, despir-me diante de uma estranha para que me lave...

Isto já não é viver, menos ainda para alguém que viveu como eu. Quando se esteve tão próximo de ser um deus, não se pode viver assim...

Mas, claro, não quero partir como um simples velho, na cama de um hospital caro. Seria demasiado comum. Não posso partir sem aparecer numa última capa.

No entanto, antes de me despedir, queria deixar algumas coisas tratadas, e isso incluía-te a ti, Nelly.

Há muitos anos, nesta mesma cabana em que se encontram, prometi-vos que, se acabassem o jogo, vos concederia o desejo que quisessem ver concretizado. Na altura, o jogo foi interrompido, por isso, sinto-me na obrigação de te dar uma nova oportunidade de o continuares, para realizares esse teu desejo.

O Alan já conseguiu, mas tu ainda não. Sei que a tua resposta não foi frívola. Como te disse, foste sempre muito madura para a tua idade. Naquele momento, soube que estavas a pôr-me à prova. Procuraste mentalmente um desejo que não te pudesse conceder, que não conseguisse satisfazer, mas impossível é apenas aquilo que não se tenta.

E, sim, posso dizer que, desde esse dia, tenho andado a construir esse teu desejo, procurei forma de o satisfazer, de te mostrar que não há impossíveis.

Finalmente, consegui, mas tens de o conquistar. Tens de terminar o jogo.

Concorrente Número 8

Toda gente conseguiu detetar uma mudança no rosto do apresentador, quando este viu o conteúdo do envelope.

— Então? Quem é, Steven? Diz qualquer coisa. Parece que ficaste sem palavras...

— Bem, sim, Alison... Um pouco, talvez... talvez seja uma surpresa para todos, mas, afinal de contas, foi o público que escolheu. E apareceu no ecrã o que quase ninguém esperava.

Vera Sweet, «Veruca»

Concorrente n.º 842 491

20 anos

Influencer

Nesse instante, o público pôs-se de pé e ouviu-se um grande apupo coletivo. A organização do programa substituiu o som original por uma pista de áudio com aplausos.

Nas redes sociais, já foi mais complicado filtrar o impacto. Publicaram-se as mensagens mais obscenas, eliminaram-se aquelas que continham insultos, mas era impossível conter aquele *tsunami* de opiniões.

— Muito bem. Temos a última participante selecionada. Parabéns! — disse Steven.

O ecrã mostrava Vera, que começou a saltar de alegria. Os restantes concorrentes limitaram-se a sorrir. Ninguém se levantou para a cumprimentar. Notava-se, no rosto dos não selecionados, um sentimento de

raiva e de injustiça, mas sabiam que não podiam fazer nada. Neste caso, o poder e o dinheiro tinham escolhido.

O seu verdadeiro nome era Vera, mas havia anos que toda a gente lhe dera a alcunha de Veruca, pela sua reputação de menina mimada, com base no romance de Roald Dahl. Apesar de ter tentado durante algum tempo que não lhe chamassem assim, não conseguiu evitar. Por fim, vendo que não conseguia lutar contra isso, começou a utilizar o pseudónimo Veruca nas redes sociais.

E porque estava Veruca ali, entre os escolhidos? Tão-só porque o pai era um dos três homens mais ricos e influentes do mundo. Um dos três homens que tinham tornado o projeto possível.

Na realidade, a sua única qualidade era o facto de, desde criança, os pais a terem exibido como mais um objeto, juntamente com o carro, o iate ou a mansão. A menina fora criada no meio do dinheiro, das câmaras e da fama.

Quando nascera, o pai oferecera-lhe um perfil nas redes sociais, e, desde então, tudo sobre ela se tornara público. Todos os seus canais mostravam a sua vida, dia após dia: as viagens, as vedetas com que partilhava momentos, o último carro que lhe tinham oferecido, as festas a que ia... Graças a essa exposição pública permanente, tinha milhões de seguidores por todo o mundo.

Tinham-lhe dado tudo, absolutamente tudo, mas faltava-lhe qualquer coisa... No momento em que, através das redes, expressou o seu desejo de ser uma das candidatas a ir para Marte, ninguém lhe deu importância, tudo parecia uma campanha de *marketing* para ter ainda mais seguidores. Mas, com o passar do tempo, persistiu na ideia.

Começou a escrever nas redes tudo o que ali queria fazer: as imagens que publicaria, as novidades que haveria na sua vida... O seu desejo era contar

toda a experiência e, claro, ser uma das primeiras oito pessoas a viver de forma permanente fora da Terra.

De início, tanto a mãe como o pai se opuseram taxativamente. É verdade que já era maior de idade e, como tal, livre de decidir, mas continuava a depender completamente dos pais.

Continuou a insistir, até que, um dia, aconteceu algo extraordinário: o pai mudou de opinião, deu-lhe autorização para ir.

Nesse dia, publicou uma das imagens com mais *gostos* da História: uma fotografia em que aparecia ao lado do pai, com um formulário de inscrição no concurso.

Essa imagem, e a decisão que envolvia, originou a primeira grande crise entre os pais. A mãe apareceu em várias entrevistas a chorar e a suplicar à filha que não o fizesse, que não partisse. Quando parecia que a decisão já era irreversível, gravou um vídeo a criticar duramente o marido, classificando-o como um «louco que não é capaz de dizer não à filha».

O casal nunca ultrapassou a situação: continuaram juntos para as câmaras, mas, na intimidade do lar, a sua relação desfazia-se de dia para dia.

Ninguém compreendia aquela mudança de opinião. Ninguém conseguia explicar como o homem que sempre declarara que Vera fora a coisa mais bela que lhe acontecera a deixava agora partir para sempre.

No ecrã, apareceu uma rapariga, vestida com uma saia cor-de-rosa, botas azuis e uma camisola de mil cores, a saltar — de câmara na mão — de um lado para o outro, de alegria.

Os seus apoiantes, que também existiam, e muitos, argumentavam que poderia ser uma mais-valia e que, além disso, graças ao seu domínio das

redes sociais, poderia viralizar, de forma exponencial, qualquer acontecimento que ocorresse em Marte. Os seus detratores diziam que o seu lugar devia ser ocupado por outra pessoa, que ela não podia trazer nada à Humanidade. Desenvolveu-se uma plataforma muito numerosa a exigir ao programa a eliminação da candidata.

Para a organização, representava um risco, mas também era verdade que aquela jovem podia transformar-se numa fábrica de dinheiro: era a sexta pessoa com mais seguidores no mundo inteiro.

— Vera, está a ouvir-nos? — perguntou o apresentador, ao mesmo tempo que ela continuava a saltar de alegria.

— Sim. Diga, diga...

— Nada. Parabéns e felicidades por ter conseguido. Todos sabemos quanto lhe custou...

— Obrigada! Obrigada! Muito obrigada! É um momento tão especial! Eu, em Marte! — continuou a gritar, sem conseguir estar parada por um instante.

— Bem, Steven, enquanto ela se acalma, vamos passar o vídeo de apresentação.

Afastei o olhar.

O meu desejo, passados tantos anos.

Naquele momento, não percebi quase nada do que estava a ler. Respirei e continuei a carta.

Mas... e se esse desejo se concretizar? Que acontecerá então? Que acontecerá quando acabares o jogo e tiveres de tomar uma decisão para o poderes satisfazer?

Talvez não tenhas tido consciência de que pedir algo semelhante implica ter uma opinião determinada acerca do ser humano, algo sobre o qual nunca concordámos.

É verdade que eu e tu estivemos tão longe como o inverno do verão, mas, quem sabe, talvez possamos ter-nos encontrado num dia de outono, ou viver, nem que seja por um instante apenas, na primavera.

Conheces a minha opinião sobre as pessoas: não passamos de um vírus destinado a destruir a Terra, e talvez eu seja um exemplo perfeito disso mesmo. Em contrapartida, tu, Nelly, tens lutado a vida inteira contra o lado negro das pessoas, tentando que o mundo seja melhor, mais justo. Conquistaste? Serviu-te de alguma coisa?

Enquanto houver leis e alguém que as faça cumprir, pode ser que se consiga manter o sistema, mas, no momento em que, por qualquer circunstância, esse sistema desaparece, surge a violência: saques, assassinatos, violações... e o ser humano também é isso.

Se fosse preciso escolher, se tivesses de escolher quem salvar e quem não salvar, serias justa, Nel? Saberias distinguir um ser humano de outro?

Talvez sejam demasiadas perguntas para uma só carta. Mas não te preocupes, as respostas surgirão à medida que te aproximares do fim do jogo, quando tiveres de escolher entre dizer a verdade ou escondê-la para que a vida possa correr. E vais ter de o fazer, garanto-te.

Despede-se o teu pai, esse a quem nunca mais voltaste a chamar papá.

O vídeo passava em revista a sua vida breve, da infância ao momento atual, passando por várias sequências sobre a sua adolescência, em que se via a brincar com os pais numa mansão, a apanhar banhos de sol num dos iates da família, a voar de helicóptero, em vários concertos... Era o filme de umas férias eternas.

O vídeo terminava com as últimas palavras que pronunciou para ser selecionada no concurso.

Como viram, estive nos melhores lugares da Terra: estive nas melhores praias, nos melhores hotéis; viajei nos melhores aviões privados, nos melhores iates; participei em alguns filmes, estive nas festas mais requintadas, conheci as pessoas mais famosas do planeta... Poderia dizer que fiz tudo aqui. E preciso de mais, preciso de explorar novos mundos, de viver novas experiências, de fazer o que ninguém fez... preciso de fazer *selfies* com a Terra em pano de fundo, deve ser espetacular.

Por isso vos peço que votem em mim, que me ajudem a concretizar o meu sonho, que assim se tornará o vosso sonho, porque estarei lá para partilhar convosco tudo o que me acontecer: enviarei fotografias, vídeos, mensagens de amor, de carinho... e tudo a partir de Marte.

Beijinhos.

A opinião geral considerou que não estava preparada para algo semelhante, que era uma menina crescida, que, apesar de ter estado em muitos sítios, nunca vivera na realidade.

Por outro lado, os seus fãs, os seus seguidores mais entusiastas, incitavam-na a fazê-lo: todos os dias recebia milhares e milhares de mensagens que lhe diziam como tudo ali seria belo.

Na organização, sabiam que aquilo era uma bomba que podia explodir a

qualquer momento, que podia destruir o esforço de muitos anos e de muita gente.

E assim foi. Explodiu e quase destruiu todo o projeto.

OceanofPDF.com

— Pronto, Steven. Já está. Já temos os escolhidos. Esperemos que seja o programa mais belo que alguma vez foi transmitido.

— E aqui termina a emissão de hoje. Dentro de uma semana, os escolhidos partirão. Esperamos que tudo lhes corra muito bem. Desejamos-lhes o melhor. Aos restantes, aos que ficam, nunca se sabe se daqui a algum tempo haverá outra oportunidade e poderão voltar a tentar.

— E aqui têm o *link*. Sabem que, a partir de agora, têm três canais dedicados, única e exclusivamente, ao programa. Não deixem de ver os últimos momentos destes oito corajosos na Terra: o que vão comer, como vão organizar as despedidas, a bagagem que irão levar na viagem...

A muitos quilómetros de distância, no escritório de uma casa luxuosa, o homem mais rico do planeta, e responsável pela empresa organizadora do concurso, olha, com desagrado, para a lista dos mais votados na primeira seleção, aquela que reduziu os participantes a trezentos e trinta.

Segundo as votações reais do público, os oito candidatos a iniciar a nova civilização em Marte deveriam ter sido: uma mulher cujo único mérito era ter vendido a sua intimidade e a de toda a família a um programa de televisão durante vários anos; um vidente que ganhara a fama de prever uma série de resultados desportivos; uma jovem que se entretinha a partilhar modelos de roupa nas redes sociais; um ator porno famoso pelo tamanho do seu membro e por ter dormido com uma política conhecida; um futebolista malsucedido no campo desportivo, mas que conhecera o êxito nos meios noturnos; uma mulher cuja grande qualidade resultava de ter sido companheira de vários empresários famosos; e, finalmente, dois irmãos gémeos, Timmy e Cole, que eram os *influencers* na berra nas redes sociais — ele dava conselhos sobre como jogar videojogos, ela, segredos sobre maquilhagem e moda.

O homem suspira prolongadamente.

Reclina-se na cadeira e olha para cima, através de uma claraboia que lhe dá acesso direto à visão de um céu carregado de estrelas. Permanece assim durante alguns minutos, até que o som do telemóvel o interrompe.

— Olá, Dmitry.

— Olá, Will. Por enquanto, tudo bem, certo? — pergunta o seu melhor amigo e sócio.

— Sim, tudo bem na nossa lista adulterada, ao passo que na verdadeira...

— Sim, eu vi.

— Não temos solução.

— Bem, é por isso que estamos a agir desta forma, porque somos nós que temos de escolher — afirma o seu interlocutor.

— Sim, somos nós, mas vamos escolher os melhores ou, simplesmente, os que têm mais dinheiro?

— Bem, vamos escolher os melhores entre os que têm mais dinheiro. É apenas isto.

Os dois homens ficam em silêncio por alguns instantes, até que Dmitry volta a falar.

— E a história da Veruca?

— É o que mais me preocupa... Não devíamos deixar que partisse. Devíamos parar, enquanto é tempo. Vai correr mal.

— Precisamos do dinheiro dela e, principalmente, da sua influência.

— Esperemos que compense o risco.

— Há sempre a opção de se concretizar a ameaça, o que foi acordado.

— Não gostaria de o fazer.

— Pois, mas, se for preciso...

Permanecem calados. De seguida, Dmitry volta a falar.

— Bom, mudando de assunto, há relatórios novos?

— Sobre...

— Sobre o tempo que falta.

— Bem, para nós, sim... mas para os nossos filhos...

— É por eles que o estamos a fazer.

— Por eles.

E, sem se despedirem, dão a conversa por terminada.

O homem mais rico do mundo continua a olhar para as estrelas. Pensa em

tudo o que investiu para levar este projeto a bom porto. Pensa também em Veruca.

E volta a lembrar o acordo que os três homens fizeram. Um acordo não escrito: cada um deles tem uma filha, foi essa a garantia que puseram em cima da mesa para assegurar o silêncio.

OceanofPDF.com

E assim acabava a carta, que me trouxe mais dúvidas do que respostas. Deixei-a em cima da mesa, para que o meu irmão a pudesse ler, e sentei-me no sofá, no mesmo em que, tantos anos antes, senti medo.

Ali, voltei a recordar aquele momento em frente à lareira. Voltei a recordar as suas palavras: «Serão vocês a escolher o prémio... mas não será um prémio imediato, será um prémio para o resto das vossas vidas.»

Ainda nem fizéramos dez e doze anos, éramos duas crianças que tinham de responder a uma pergunta para a qual ninguém as preparara. Demorámos a reagir. Olhámo-nos, sem saber que dizer. Durante alguns minutos, permanecemos em silêncio, até que o meu irmão se levantou, se aproximou dele e lhe anunciou o seu desejo. Um desejo que ouvi.

Talvez pelo facto de esse silêncio ser demasiado intenso, talvez porque o nervosismo falou demasiado alto, talvez porque me concentrei a olhar para os seus lábios, mas ouvi-o: «Quero ser rico, ter dinheiro, muito dinheiro.»

Foi esse o seu desejo, e não há dúvida de que o cumpriu, apesar de não ter terminado o jogo. Desde que éramos pequenos, o nosso pai inculcou-nos sempre a necessidade de ter uma empresa, de comprar e vender produtos para gerar lucro, de comercializar qualquer coisa, e, nisso, o meu irmão foi sempre um aluno destacado.

Nesse aspeto, fui diferente: enquanto ele colecionava moedas, eu tentava colecionar momentos; enquanto ele comprava e vendia objetos, eu brincava a outras coisas...

Pus-me a observá-lo enquanto lia, enquanto os seus olhos se moviam de um lado ao outro do papel.

Quando terminou, aproximei-me da mesa, junto dele.

Ambos espreitámos para dentro da caixa: havia uma chave roxa e uma nota de um dólar com um nome escrito num dos cantos: Oliver Wokz.

OceanofPDF.com

Embora, aos poucos, o jogo das chaves se tenha modernizado e, em cada edição, tenham sido aplicadas tecnologias mais modernas, a versão original era muito simples: começava-se com duas chaves e, depois, iam-se descobrindo mais chaves e pistas. Estávamos a jogar a primeira versão, a original, aquela que o nosso pai quis experimentar connosco pela primeira vez.

Nesse dia, de novo naquela cabana, de novo com o meu irmão, começou o jogo que me mudou a vida.

OceanofPDF.com

A descolagem

OceanofPDF.com

Dez, nove, oito...

E o mundo inteiro susteve a respiração.

Tinham-se realizado muitos testes, tinham-se enviado vários veículos espaciais com todo o material necessário e, naturalmente, depois de todas as garantias possíveis terem sido alcançadas, lançara-se com sucesso a expedição Centinel, com os três astronautas. Mesmo assim, apesar de tudo estar controlado, havia sempre algo que podia correr mal. Era a primeira vez que se enviava um transportador espacial com capacidade para tantas pessoas.

Esse receio, o de uma avaria inesperada, foi o motivo pelo qual não houve publicidade durante a descolagem. Nenhuma empresa queria ser lembrada do facto de ter patrocinado a morte dos oito escolhidos.

Sete, seis, cinco, quatro...

Silêncio mundial.

Três, dois, um...

Um barulho ensurdecedor.

E o veículo descolou.

E, com ele, os oito escolhidos, encarregados de transformar a Humanidade numa espécie interplanetária.

As câmaras situadas na Terra perseguiram o rasto do veículo espacial, que, de momento, mantinha o rumo sem dificuldade.

Passados alguns segundos, a tensão acumulada derivou numa alegria coletiva que percorreu todo o planeta: abraços, sorrisos, lágrimas,

chamadas, mensagens que sobrecarregavam as redes sociais... A felicidade inundou tudo.

Quando as câmaras da base começaram a perder a imagem, ligaram-se aquelas que a própria nave transportava, situadas no interior da cabina e nos capacetes dos oito selecionados.

Câmaras que captaram os últimos segundos antes da descolagem e também os primeiros depois da mesma. Semblantes de preocupação e pânico, olhos fechados para não serem testemunhas do futuro imediato, maxilares cerrando-se até morder, punhos apertados... Gestos de medo que deram lugar ao alívio, à emoção e às lágrimas, quando os tripulantes da nave espacial se deram conta de que, depois do estrondo, continuavam vivos.

Já não havia volta atrás. Acabara-se o tempo dos arrependimentos. Afastavam-se de um lugar que os vira nascer, mas que não os veria morrer.

Restavam, agora, seis meses de viagem, seis meses de difícil convivência entre oito pessoas que, apesar de terem estado juntas durante algum tempo, não se conheciam, de todo.

Os organizadores, os sociólogos e os psicólogos tinham advertido que, passados o companheirismo e a alegria iniciais, surgiriam os pequenos conflitos, decerto não graves ao ponto de fazer abortar a missão, mas suficientemente consideráveis para determinar as relações posteriores entre os participantes.

Como é evidente, também seriam suficientemente intensos para captar o interesse do público.

O público, era isso que importava. A partir desse momento, a organização deveria fazer os impossíveis para que ocorressem coisas interessantes durante o trajeto, caso contrário, sabia que perderia muitos espectadores.

Três homens, situados em três pontos diferentes do planeta, acompanham com atenção, através de um canal privado de televisão, tudo o que se está a passar. O lançamento não lhes interessa especialmente, antes a repercussão de tudo aquilo nas redes sociais.

Contam com uma equipa com um número reduzido de pessoas — na sua maioria *hackers* —, extremamente preparadas e controladas, que, a partir desse momento, vigiarão a Internet, para censurar de imediato qualquer comentário ou notícia inconveniente sobre o projeto. Têm autorização para eliminar a publicação e, inclusive, o utilizador responsável pela mesma. E se, em última instância, for necessário, também têm preparados indivíduos especializados em eliminar a pessoa real que se encontre por detrás desse utilizador: há demasiado dinheiro em jogo.

Os minutos vão passando, mas, de momento, não acontece nada de estranho, tudo decorre de acordo com o previsto. Sabem que a terceira parte do projeto — a mais delicada — pode continuar. Quanto mais dinheiro entrar, mais longa poderá ser a lista e mais possibilidades haverá de tudo ganhar sentido.

Três homens que carregam um anel especial, único, irrepetível e infalsificável. Um anel com um código no interior, com o valor de uma vida.

Três homens que têm tanto respeito uns pelos outros como medo, por isso, deram como garantia aquilo que mais amam na vida: as filhas.

O principal problema, neste momento, é que um deles quis introduzir essa garantia no concurso.

E isso pode pôr fim a tudo.

OceanofPDF.com

— Oliver Wokz, diz-te alguma coisa? — perguntei ao meu irmão.

— Wokz? Não é um apelido comum. Acho que já o ouvi, mas não me lembro onde.

— Talvez devamos pesquisar na Internet, a ver se aparece alguma coisa — disse eu, enquanto escrevia o nome no telemóvel.

Apesar de ter feito várias buscas em diferentes diretórios pessoais, redes sociais e grupos, não consegui encontrar qualquer correspondência de interesse.

— Que estranho! Há muitos resultados diferentes com partes do nome, em separado, mas, com o nome completo, nada — afirmei, enquanto continuava a tentar com outras combinações.

O meu irmão tirou um pequeno computador portátil da mochila e sentou-se no sofá.

— Espera. Vou tentar nos outros motores de busca — sugeriu.

— Tens acesso? — Quando fiz a pergunta, apercebi-me de quão pouco sentido fazia. Claro que tinha acesso. Bastava ter dinheiro, muito dinheiro.

O Google afirmara-se como o mais importante motor de busca generalista. No entanto, se se quisesse encontrar informação especial, não era o mais eficaz. Havia outros mais precisos, mais sigilosos e, naturalmente, muito mais caros: os bancários. Os principais eram os das empresas de pagamentos eletrónicos, totalmente ilegais, mas muito úteis.

Numa época em que o pagamento em dinheiro era praticamente inexistente, em que a esmagadora maioria das transações se realizava com cartão ou meios de pagamento eletrónico, as grandes corporações bancárias

tinham-se aliado para criar motores de busca que permitiam saber em que era utilizado o dinheiro de cada pessoa. Era possível averiguar onde gastava cada dólar, a que horas o fazia, a quanto montavam as suas dívidas, quais eram os seus gostos musicais, a sua comida preferida ou o último filme que vira e até a prostituta com quem estivera.

Eram, naturalmente, motores de busca proibidos pela lei, por isso, a licença para a sua utilização não estava ao alcance de qualquer um, mas do meu irmão, sim.

De vez em quando, para algum caso específico, a polícia recorria a eles. Os jornalistas também podiam comprar, no mercado negro, um acesso limitado para dois ou três dias. Era arriscado, porque, segundo a legislação, uma prova conseguida através deste tipo de motores de busca era considerada nula em julgamento e podia acarretar sanções económicas e mesmo penas.

Mas o meu irmão tinha certamente licença de utilização sem restrições: a magia do dinheiro.

Pôs uns auriculares e começou a escrever no teclado do computador.

Olhei para ele por alguns instantes, observei o seu rosto, os olhos cravados no ecrã. Decidi deixá-lo sozinho e sair da cabana.

Ali, no meio do nada, olhei em volta e abracei o meu próprio corpo, tolhida pelo frio.

Encostei-me à porta e voltei a pensar na nossa nova relação, outra vez juntos, como se não tivesse passado todo aquele tempo. Como se todos os «um dia destes ligo-lhe», «porque não me liga ele» ou «temos de fazer qualquer coisa» já não fizessem qualquer sentido.

Estava frio.

Passados alguns minutos, voltei a entrar na cabana.

— Encontrei alguma coisa? — perguntei, enquanto me sentava no sofá,

ao seu lado, mas a alguns anos de distância.

— Não, e é estranho, muito estranho. Devia estar aqui, devia aparecer. Experimentei, inclusive, os motores de busca das plataformas de criptomoedas, mas nada...

— E o que significa isso?

— Bem, pode significar três coisas: a primeira, que a pessoa não existe, algo que vou descartar, porque não faria sentido, portanto, vamos centrar-nos nas outras duas opções — respondeu, enquanto se aproximava inconscientemente de mim. — Uma delas é esta pessoa viver num país onde o pagamento eletrónico não se encontre generalizado, mas isso limitar-nos-ia a algumas regiões isoladas da Ásia ou de África. No resto do mundo, seria complicado viver sem pagar com moeda eletrónica. E a última opção seria...

— Estar morto? — quis saber.

— Não, não, os mortos também aqui estão. Quem sabe se um dia não teremos de ressuscitar os seus movimentos? — disse, sem que o rosto se alterasse. — A última hipótese é tratar-se de uma criança.

OceanofPDF.com

Os seis meses de viagem tornaram-se eternos, tanto para os escolhidos como para uma organização que não sabia muito bem como conseguir que as audiências não abandonassem o programa. Nos primeiros dias, tudo era novo: a comida, a forma de a consumir, a ida à casa de banho, a lavagem dos dentes, os preparativos para dormir... tudo era testemunhado com um entusiasmo extraordinário. Mas, aos poucos, esta novidade foi-se dissipando, e chegou o momento em que ver oito pessoas, praticamente sem nada que fazer, num espaço tão reduzido não era nada divertido, mesmo que essas pessoas estivessem a realizar um feito histórico.

Felizmente, o ser humano consegue gerar conflitos onde quer que vá, e, com o passar das semanas, surgiram algumas divergências. Qualquer pequena mania num espaço mínimo como o daquela nave espacial podia transformar-se num drama: alguém que não põe algo no devido lugar, um companheiro que comeu mais do que aquilo que estava definido, o facto de não se respeitar determinado turno...

Mas não há nada como o amor para gerar conflito e audiências. A organização dava como adquirido que, com quatro homens e quatro mulheres a partilhar uma área tão reduzida, em breve, o amor se manifestaria, ou, pelo menos, a atração física. E, claro, sabiam que, com o amor, surgiria o ciúme. Com esse *cocktail*, os conflitos estavam assegurados.

Assim aconteceu. Durante a viagem, dois dos eleitos começaram a sentir-se atraídos um pelo outro. De início, foram apenas pequenos sussurros que as câmaras captavam de vez em quando, carícias suaves quando passavam

um pelo outro, um abraço inesperado sem sentido aparente, contactos visuais... algo que, talvez ali, no interior da nave espacial, podia passar despercebido, mas que as redes sociais se encarregavam de empolar.

A organização tentou aquecer o ambiente, repetindo cada imagem de afeto até à saciedade, em câmara lenta, com música, o que, claro, também foi estimulando o público e, naturalmente, os anunciantes.

Por exemplo, transmitiu-se um programa em que se explicavam as várias possibilidades de praticar sexo em órbita. Tinham-se realizado diversas experiências numa viagem anterior, concluindo-se que havia apenas quatro posições sexuais possíveis, sem que se utilizassem cintos ou algum tipo de ancoragem. Fizeram-se simulacros com bonecos que divertiam o público, e, nas redes sociais, instigavam-se os participantes a pô-las em prática.

Várias páginas porno, na Internet, aproveitaram o embalo e filmaram muitas cenas a simular relações no espaço. Uma dessas páginas, a mais consultada pelas crianças entre os nove e os doze anos, realizou um filme porno completo com oito adolescentes muito parecidos com os candidatos.

E eis que teve lugar o primeiro beijo.

Como se constituíssem um ser com vida própria, as redes sociais conseguiram que as imagens corressem mundo em apenas alguns segundos.

Foi um beijo breve, quase involuntário, daqueles que se dão por acaso, dos que conseguem arrastar o sabor da incerteza, mas, mesmo assim, um beijo.

As imagens passaram rapidamente de dispositivo em dispositivo, e, em apenas alguns segundos, havia muito pouca gente na Terra que não soubesse o que se passara.

As redes sociais encheram-se de vídeos de felicitações, de palavras bonitas, de corações, de flores... Encheram-se de açúcar e de mel... davam os parabéns aos dois protagonistas do primeiro beijo em órbita.

«Esperemos que seja o início de algo maravilhoso», «Que lindo», «Que bonito», «É amor», «Felicidades», «Ohhh», «Adoro», «O casal perfeito»... O problema sobreveio quando, passados poucos dias, a mesma cena se repetiu, mas com um protagonista masculino diferente.

OceanofPDF.com

— Uma criança?

— Sim, a terceira opção é ser uma criança, mas uma criança pequena, certamente com menos de oito ou nove anos e que, estranhamente, ainda não esteja nas redes sociais...

— E a escola?

— Explicar-se-ia, se vivesse numa cidade pequena, se andasse numa escola que ainda não estivesse integrada no sistema central.

— E agora? O que fazemos?

— Vou pesquisar pelo apelido, que é estranho. Não deve haver muitos. Mas havia.

— Nada. Vai ser como procurar uma agulha num palheiro. Há muitos. Deve haver uma alternativa...

— A nota. Afinal, é outra pista — sugeri.

— Sim, a nota, é verdade. Não pensámos nisso... Mas o que significa a nota?

— Dinheiro, mesmo que seja pouco, apenas um dólar. Não sei, é possível que seja de algum concurso, de alguém que ganhou pouco dinheiro... Mas uma criança?

— Deixa-me pensar. Uma criança e uma nota de um dólar.

Permanecemos assim durante bastante tempo, sem fazer progressos. Continuei a pesquisar nos canais normais, mas não chegava a lado nenhum. Procurei também nas principais redes sociais para crianças, mas não aparecia em nenhuma, o que significava que tinha menos de sete anos ou que, por algum motivo, não estava registada com o seu nome, caso

contrário, já estaria na Kidnety, a rede social para crianças mais importante do mundo.

O meu irmão observou a nota durante um bom bocado, para ver se tinha algo especial. Viu-a a contraluz, procurou a numeração na Internet, mas nada.

— Não sei. É um dólar, um dólar normal e comum. Uma criança e um dólar — afirmou.

— Que relação existe entre uma criança e o dinheiro? Como pode uma criança ganhar dinheiro? — perguntei.

Nesse momento, o meu irmão virou-se para mim.

— Repete lá isso.

— O quê? A história da relação entre uma criança e o dinheiro? Não sei. Estava a pensar como poderia uma criança ganhar dinheiro.

— É isso, é isso. É isso, de certeza.

— Não estou a perceber.

— Há uma forma de uma criança ganhar dinheiro, especialmente na nossa empresa. Claro, como não pensei nisso antes?

O meu irmão pegou de novo no portátil e começou a teclar.

OceanofPDF.com

Enquanto oito pessoas continuam fechadas dentro de uma nave espacial, um dos três homens fundadores do projeto, aquele que mais dinheiro investiu e que é proprietário da empresa mais importante do mundo, acaba de enviar uma mensagem para a estação Centinel de Marte.

Caro capitão Marcus Z. N.,

Daqui, William Miller.

Verificámos, pelos gráficos, que passaram há pouco tempo por uma tempestade. Isto implica alguma alteração nos prazos?

Relativamente aos testes com as plantas, esperamos que tudo evolua de forma favorável e que tenham conseguido resolver os problemas. Trata-se de uma unidade fundamental para se conseguir manter a alimentação de toda a colónia.

Fale-me também da evolução dos sistemas de oxigénio.

No que diz respeito ao financiamento, de momento, por aqui, não há problema. Continuem a anotar o material necessário para a próxima missão.

Ficamos a aguardar uma resposta. W. M.

Passados cerca de trinta minutos, recebe-se a resposta de Marte:

Caro William:

Sim, foram dois dias completamente perdidos. Não tínhamos visibilidade, e os robôs não podiam fazer o seu trabalho, devido à acumulação de areia. Depois de analisados os danos, concluímos que foram de monta, pelo que haverá um atraso considerável.

Os sistemas de oxigenação funcionam perfeitamente.

A área em que estamos a ter dificuldades é a unidade de crescimento. As plantas estão a morrer. Embora não saibamos o motivo, teoricamente, está tudo bem, mas deve haver algum parâmetro errado. Vivem durante alguns dias, mas depois morrem. Continuamos com os testes.

A comida é suficiente, vamo-la racionando. Temos esperança de resolver este problema quanto antes.

E, sim, temos acrescentado à lista tudo o que consideramos necessário.

*Aproveitamos esta mensagem para lhe perguntar pelas nossas famílias.
Despeço-me, atentamente, Capitão Marcus Z. N.*

Depois de receber a mensagem de Marte, o homem mais rico do mundo volta a escrever.

*Os nomes que me forneceram já estão incluídos. Todos receberam o anel e, pelo que pudemos verificar, todos o registaram. O prometido é devido.
W. M.*

Quando esta mensagem chega a Marte, os três astronautas ficam descansados. Não precisam de qualquer papel. A palavra daquele homem é muito mais importante do que qualquer contrato. Se prometeu, vai cumprir.

OceanofPDF.com

No instante em que, numa divisão quase escondida, Miss dá um beijo interminável ao Jardineiro, as mesmas redes que, dias antes, lhe tinham desejado o melhor com o Mãozinhas começam a instigar o ódio contra uma mulher que beijou duas pessoas diferentes.

Mas as redes julgam e condenam, são um organismo vivo que tudo controla. #MissPutta, #MissCornos e #MissPorca acompanham as mensagens, que, em alguns minutos, chegarão também aos dispositivos dos oito escolhidos. E, com as mensagens, virá o conflito, precisamente aquilo de que a organização precisa para fazer subir as audiências.

Embora não tenha havido qualquer tipo de confronto físico, a partir desse momento, a relação entre os dois homens arrefeceu de tal maneira, que deixaram de se falar.

Com o passar dos dias, a tensão aumentou tanto, que, a dada altura, Miss teve de intervir.

Era manhã, foi depois do pequeno-almoço. Dirigiu-se a todos.

— Foram apenas beijos, mais nada. Estamos aqui há muitos dias, juntos, mas também sozinhos. Às vezes, preciso de um pouco de contacto. E gosto de vocês os dois... Há concursos na Terra em que podemos dormir com vários candidatos antes de escolher, e estão a julgar-me por causa de uns beijos? Isto não é a Terra. Não me parece que alguém tenha de me dizer o que posso ou não posso fazer.

Nesse momento, olhou diretamente para a câmara e disse o que ninguém se atrevera a dizer.

— E vocês, das redes sociais, vão-se lixar! Vão-se lixar todos! — gritou, enquanto mostrava o dedo médio.

Fez-se silêncio.

Miss conseguira calar as redes sociais, nem que isso durasse apenas alguns segundos. Evidentemente, estas não tardaram a manifestar-se, como a cobra que só sabe morder, concentrando nela todo o seu ódio, através de memes, imagens e insultos.

A partir de então, embora os dois pretendentes tenham fingido compreender as explicações de Miss, começou uma competição entre ambos: para seduzir uma das mulheres mais atraentes do mundo, estavam dispostos a sacar das armas.

E, embora um não pudesse saber sempre o que o outro estava a fazer, pelo menos em direto, sabiam que, com alguns minutos de atraso, as redes sociais fariam o papel de alcoviteira moderna e contar-lhes-iam tudo. Tinham assumido que veriam a realidade através de olhos alheios.

Durante os dias seguintes, mal se falaram, e tentaram evitar o contacto, algo que, num espaço tão reduzido, era bastante complicado.

Os outros participantes aproveitavam as horas mortas para saber mais acerca dos companheiros; afinal, era com essas pessoas que partilhariam o resto das suas vidas.

Muitas das perguntas que faziam entre si tinham que ver com o passado, aquele que um dia decidiram deixar cristalizado, para viverem uma aventura sem retorno. Trabalhavas em que área? O que estudaste? Como é que a tua família aceitou o facto de queres vir para Marte? Tinhas algum relacionamento amoroso?

Falavam de relações anteriores, da infância, das suas preocupações. E, naturalmente, falavam muitas vezes dos motivos que os tinham levado a

abandonar a Terra, motivos que, em muitos casos, eram demasiado confusos.

Com o passar do tempo, foram-se habituando às câmaras que os rodeavam, de tal maneira, que chegavam a não as ver. Isso fez com que, muitas vezes, dissessem coisas de que depois se arrependiam: pequenos segredos, opiniões negativas sobre outros concorrentes, que, em minutos, eram replicadas nas redes sociais e chegavam ao visado. Tudo isso gerava novos conflitos e... mais audiências.

Tinham de se habituar a que, ali, os segredos só existiam se se verbalizassem os pensamentos.

Foi Frank, o pediatra, que, um dia, num desses momentos depressivos que todos tinham com alguma regularidade, se esqueceu das câmaras e fez uma confissão estranha. Era tarde, praticamente toda a gente estava a dormir quando a Doutora e Frank ficaram sozinhos, observando o Universo a engoli-los através da janela.

— E tu? Porque decidiste abandonar a Terra? Tinhas lá tudo. Na verdade, acho que és uma das pessoas mais perfeitas que conheço: jovem, bonito, simpático, com uma magnífica profissão na área da pediatria... — comentou a Doutora.

E a resposta fez com que as redes fossem ao rubro.

OceanofPDF.com

— A que te referes? — perguntei ao meu irmão.

— À contabilidade! A contabilidade da empresa. Crianças com dinheiro, de certeza que é isso. Além do mais, bem me parecia que o nome não me era estranho.

Eu olhava-o sem saber muito bem de que estava a falar, enquanto ele, com um gesto da mão, me pedia que esperasse. Continuou o que estava a fazer no computador, enquanto eu estava ali, ao seu lado, no mesmo sofá que tínhamos partilhado anos antes, a olhar para uma lareira que não estava acesa, a tentar perceber por onde fugira o carinho.

Passaram-se apenas alguns minutos.

— Está aqui! — exclamou.

— O quê?

— Bem me parecia que havia algo que me era familiar. Ora, é impossível consultar todas as transações da empresa de um momento para o outro, mas há aqui algumas que são recorrentes, ano após ano, por isso, o apelido não me era estranho.

— Rendimentos recorrentes?

— Sim, vais ver. A empresa tem uma lista de várias pessoas, na sua maioria atores amadores, que pode chamar no caso de ser necessário um novo concorrente ou algum tipo de falso testemunho, por vezes, até para notícias que inventávamos.

Continuei a olhar para ele, enquanto me explicava, e ali, na excitação dos seus olhos, voltei a ver a minha infância.

— É complicado acontecerem sempre tantas coisas como parece. Por

exemplo, imagina um cão que morde uma mulher, a quem amputam o braço. Nesse mesmo dia, andávamos à procura de atores e de cães parecidos, para inventarmos uma notícia de que outro cão tinha mordido outra pessoa, com mais raiva, diante dos filhos, no parque... ou coisa do género. O que queríamos era reduzir as audiências relacionadas com a notícia verdadeira e desviá-las para nós. Outras vezes, podíamos fazer um programa especial de pessoas a quem tivesse morrido o cão. Então, chamávamos muitos atores. Ora, deixávamos esses atores de sobreaviso, caso fosse necessário, e pagávamos qualquer coisa a alguns, todos os meses, para que estivessem sempre a postos.

— Como uma taxa fixa para pessoas...

— Isso mesmo... — Ficou em silêncio por alguns instantes. — E encontrei o apelido... Há apenas um, pelo que não restam dúvidas, mas há duas coisas estranhas.

— O quê?

— A primeira é a quantia. É elevada, muito elevada: transferem-lhe todos os meses dois mil dólares. Algo muito raro. Demasiado dinheiro só para ter alguém como suplente.

— E a segunda?

— Estás a ver este código azul? Este M18 significa que se paga à mãe ou ao pai, ou ao responsável legal, mas o dinheiro, na verdade, vai para o menor. Isto confirma que é uma criança, e, claro, se já me parecia muito para um adulto, para uma criança, então, parece-me disparatado, sobretudo porque quase nunca trabalhávamos com menores. Demasiados problemas legais.

Ficámos em silêncio durante alguns segundos.

— Mas o mais curioso de tudo é o sítio onde esta criança vive — disse.

Talvez tivesse sido a emoção de estar a passar por aquela experiência que fez com que o pediatra esquecesse que se encontrava rodeado de câmaras.

— Sim, na verdade, estava bastante bem. Poderíamos dizer que tinha tudo, quase tudo. O meu único problema era sofrer de uma doença — confessou.

— O quê? — exclamou a Doutora, surpreendida. — Uma doença?

— Sim... — respondeu, quase sem levantar a voz.

— Mas o que tinhas? Já não estás doente?

— Bem, sim, estou, mas aqui não me afeta. Só era perigosa na Terra. Aqui não tem qualquer importância. Poderia até dizer que estou curado. — Tentou sorrir.

— Mas... não compreendo. Não te detetaram no processo de seleção? Fizeram-nos exames de todo o tipo.

— É uma doença indetetável através desse tipo de exames. Não é visível a olho nu. É muito mais complicado...

E, de repente, Frank pareceu regressar à realidade e voltar a tomar consciência de que havia uma série de olhos e ouvidos em toda a volta. Dera-se conta de que as suas palavras tinham ido mais longe do que os pensamentos desejariam chegar.

A primeira coisa em que pensou foi nas redes sociais: crucificá-lo-iam com perguntas.

— Nada, esquece. É um disparate... Esquece.

— Mas estás bem? — quis saber a Doutora.

— Melhor do que nunca — respondeu Frank, sorrindo, enquanto, dentro

de si, procurava um estojo de primeiros socorros para os seus sentimentos.

Quando a conversa chegou à Terra, as manifestações de apoio a Frank inundaram as redes. Aquela confissão, a doçura das suas palavras, as lágrimas que não chegaram a correr, mas que todos viram... tudo isso afetou um público que tinha demasiadas perguntas para tão poucas respostas.

Com o passar dos dias, diminuiu a pressão sobre Frank, que não sabia como sair daquela situação. Finalmente, decidiu inventar uma resposta. Uma noite, depois do jantar, no pequeno convívio que, por vezes, se realizava antes de irem dormir, comentou que se tratava de uma espécie de problema psicológico: agorafobia; ficava muito ansioso quando tinha de lidar com espaços abertos, algo que, felizmente, não lhe aconteceria em Marte.

E a mentira funcionou, acalmou os companheiros e, sobretudo, as redes sociais, que não paravam de o assediar.

Os dias sucederam-se, e sucederam-se as semanas. Aos poucos, o assunto foi ficando enterrado entre as declarações dos seus companheiros: afinal, todos tinham segredos.

O Mãozinhas confessou que cometera vários delitos na juventude, que tivera de roubar de vez em quando, que a família nunca se preocupara com ele, que estivera anos a viver numa casa onde ninguém lhe dava atenção. Confessou também, entre lágrimas, que, num desses assaltos sem importância, um homem morrera, que não fora ele a matá-lo, que fora um acidente... E foi perdoado, talvez por parecer arrependido, talvez por o ter dito a chorar, talvez porque o homem que morrera era demasiado velho, e ele, demasiado belo...

A Doutora não tinha muito que esconder. A maior parte da sua vida fora dedicada aos outros. Era ela quem, do lado dos justos, mais vezes vira a face negra do ser humano, aquela que vemos sempre demasiado longe.

*

Andrea mal falava. As suas conversas consistiam em unir monossílabos com gestos. «Sim, não, pois...» era o seu léxico; o computador que andava sempre consigo era o seu mundo. Ninguém sabia nada acerca do seu passado, mas não lhe fizeram perguntas.

Em contrapartida, a vida de Veruca fora pública desde a infância. Não poderia ter escondido um segredo, mesmo que o tivesse desejado. Toda a sua existência fora passada a caminhar pela passadeira do sucesso, não do seu, mas do que lhe fora emprestado por ter nascido naquela família. Coisas do destino.

Miss, apesar de participar em quase todas as conversas, evitava falar do seu passado. Se lhe perguntassem diretamente, limitava-se a dar as mesmas respostas que apresentara no concurso.

O militar argumentou que a sua vida passada fora, toda ela, uma missão e que, portanto, estava protegido pelo segredo profissional. Garantia que qualquer informação poderia afetar terceiros, e revelá-la seria, além de injusto, completamente ilegal.

A história do Jardineiro já era conhecida de todos. Ainda assim, se, de vez em quando, algum companheiro trazia o assunto à liça, ele limitava-se a permanecer em silêncio.

— Onde vive? — perguntei ao meu irmão.

— Em Aytenfort. Diz-te alguma coisa?

— Na verdade, não.

— Nota-se que não eras grande seguidora do programa. De certeza que, se fizéssemos esta pergunta a qualquer fã, ele te respondia de imediato. Foi o sítio onde o Frank nasceu.

— O pediatra?

— Sim, o próprio. A coincidência é curiosa. Acho que é uma pequena povoação. Deve, com certeza, haver uma ligação.

— Um filho? — respondi.

A verdade é que, ao longo do programa, tinham-se gerado numerosos rumores sobre os concorrentes, e um dos que mais força tivera fora de que um dos escolhidos pudesse ter um filho secreto na Terra, uma criança que, se tivesse passado à esfera pública, teria sido um peso para a sua seleção.

— Bem, é possível — replicou. — Talvez não lhe conviesse revelá-lo. Não teria sido visto com bons olhos. Na verdade, estive a ver, e as transferências começaram no mesmo mês em que passou a fazer parte dos trinta últimos escolhidos. Achas que terá deixado um filho na Terra?

— Também pode ser um familiar. Ou um paciente. Não é pediatra? Talvez uma criança com uma doença para a qual fosse preciso dinheiro.

— Bem, parece que temos de ir ver de que se trata.

— A essa cidade?

— Sim, suponho que sim. Temos uma chave para usar. Talvez se encontre lá a porta, a caixa, ou seja o que for que possamos abrir para

continuar o jogo. Além disso, não é muito longe daqui. São apenas umas seis horas de carro.

— Uma insignificância... — respondi, tentando sorrir.

OceanofPDF.com

À medida que se aproximava o momento da aterragem, o nervosismo entre os participantes ia crescendo. E não apenas entre eles. Na Terra, notava-se que algo importante estava prestes a acontecer.

Essa incerteza refletia-se nas audiências, que iam subindo de dia para dia. Aproveitando o momento, a empresa publicou um concurso para continuar a gerar receitas. Consistia numa votação mundial para decidir por que ordem os oito escolhidos sairiam da nave espacial. Apesar de não serem os primeiros a chegar a Marte, pois três astronautas já o tinham feito. Mas seriam os primeiros civis a ocupar esse papel, e isso ficaria para a História.

As votações duraram quase um mês, e as receitas, para a empresa, foram extraordinárias.

Finalmente, quando restavam apenas três dias para a aterragem, o resultado foi dado a conhecer. Como é evidente, o público não foi tido em conta. A ordem foi determinada pelos patrocinadores. A empresa que mais dinheiro investiu foi uma multinacional de roupa desportiva. Interessava-lhe que os primeiros pés a pisar Marte calçassem uns ténis da sua marca.

A segunda empresa foi uma corporação de construção civil que decidira mudar a cor do fato espacial do participante que a representava, para que apresentasse o seu logótipo em grande.

E assim, pela ordem imposta pelo dinheiro, iam descendo todos os participantes.

Na realidade, graças à manipulação das redes sociais, as pessoas votaram naquilo que acabou por acontecer, ou vice-versa. Não foi necessário alterar os dados. Desta forma, evitavam-se protestos.

Saber o resultado não foi algo que importasse muito na nave espacial. A única que se sentiu decepcionada foi Veruca, ao pensar que o pai não tinha tanta influência como ela pensava: tivera a esperança de ser a primeira a sair. Por fim, para a compensar, o pai chegou a um acordo com uma empresa tecnológica para que ela fosse a primeira a tirar uma *selfie* em Marte.

OceanofPDF.com

Foi uma viagem longa, feita, sobretudo, de silêncios. Ali estávamos nós, dois irmãos que, no passado, tinham sido tudo um para o outro e, agora, mal sabiam de que falar.

Depois de mais de seis horas em que nos fomos revezando ao volante, chegámos à pequena povoação. Parámos no primeiro café que encontrámos, para perguntar pelo nome acerca do qual tão pouco sabíamos.

— Os Wokz? Sim, claro, é muito fácil — respondeu o empregado. — Basta seguirem a rua principal até ao fundo da povoação. Aí encontrarão um parque e várias casas em volta. A que mais se destaca é a deles.

— A que mais se destaca? — perguntei.

— Uma branca, com ares de mansão. Vão reconhecê-la, porque tem duas colunas douradas à entrada — disse, a sorrir.

Estávamos a beber um café ao balcão, quando, passados poucos minutos, se aproximou um homem que se encontrava a alguns metros, com uma cerveja na mão.

— Ninguém sabe muito bem onde aquela bruxa vai buscar o dinheiro — sussurrou, o hálito tresandando a álcool.

— Quem é a bruxa? — perguntei.

— A mãe, a mãe... — E bebeu um gole. — De repente, de um dia para o outro, mudou de casa. Éramos vizinhos, vivia mesmo ao meu lado... Também comprou um carro, dos caros...

Voltou a pegar no copo e bebeu-o de uma assentada. Deixou-o vazio em cima do balcão e continuou:

— Ninguém sabe muito bem de onde veio o dinheiro. Ela diz que é de

uma herança, mas não acredito. Há ali mais. Aquela cabra está a esconder alguma coisa.

— Já chega — disse-lhe o empregado de mesa, enquanto limpava o líquido que tinha entornado. — Não lhe liguem. Está com os copos, como quase todos os dias.

O homem afastou-se e instalou-se ao fundo do balcão, sem parar de olhar para nós. Não voltou a falar.

Pagámos o café e saímos.

— A que propósito veio aquilo? — perguntou-me o meu irmão.

— Parece que a mulher não tem muito boa fama...

Entrámos no carro e continuámos até ao fim da rua.

Tal como o empregado do café dissera, a casa distinguia-se perfeitamente: grande, branca, com duas colunas douradas, mesmo ao lado do parque. Uma pequena mansão, comparada com o resto das residências da terra, embora, numa zona chique de qualquer grande cidade, fosse certamente a casa mais pequena.

— Muito bem. E agora? — perguntou-me o meu irmão.

— Vamos à procura da chave seguinte. É disso que se trata, certo?

Aproximámo-nos da entrada e tocámos à campainha.

Poucos segundos depois, uma mulher veio abrir.

— Bom dia, em que posso ajudá-los?

— Bom dia — respondi. — Procuramos a senhora Wokz.

— Lamento, mas a senhora não recebe visitas a esta hora. Se quiserem deixar-me o vosso cartão, ela liga-vos mais tarde.

— Diga-lhe que viemos de muito longe para falar com ela. Serão apenas alguns minutos — insisti.

— Lamento. Já lhes disse que não os pode receber.

— Muito bem — interrompi. — Diga-lhe então que viemos cancelar as

suas transferências periódicas, as que pagam esta casa, as suas despesas e, suponho, o seu ordenado também.

Nesse momento, o meu irmão ficou a olhar para mim, surpreendido.

A mulher fechou-nos a porta na cara, e descemos a escadaria em direção à rua.

Antes de chegarmos ao carro, ouvimos a porta abrir-se de novo.

— Desculpem, desculpem! — gritou da entrada. — Lamento imenso, mas, às vezes, os vizinhos são muito incómodos, e a minha senhora prefere não ter de falar diretamente com eles.

Olhámos um para o outro e sorrimos. Foi o primeiro grande sorriso que trocámos desde há demasiados anos. Entrámos no salão principal e, dali, passámos para uma pequena sala.

— Olá — cumprimentou-nos uma mulher de meia-idade, do sofá, sem esconder o ar de surpresa. — Vocês... vocês são os filhos dele, não é?

— Sim, é verdade — respondeu o meu irmão.

— É um prazer tê-los aqui. Lamento imenso o que se passou, mas há tantas visitas desagradáveis, pessoas a vender coisas, outras a pedir dinheiro, pessoas que incomodam...

Sentámo-nos à sua frente.

— Também lamento imenso pelo vosso pai. Muito difícil...

— Obrigado — respondeu o meu irmão. — Viemos precisamente por isso. Fiquei agora à frente de todas as contas — mentiu — e estou a rever os pagamentos, os contratos... Não se sei se me entende. Verifiquei que há umas transferências mensais em nome de Oliver Wokz.

— Sim, é o meu filho, o meu menino.

— Como lhe dizia, estou a rever as despesas, e gostava de saber a que se devem estes pagamentos.

A mulher ficou um pouco nervosa.

— Bem... assinei um contrato com o seu pai, na eventualidade de um dia precisar de um rapazinho como ele para um anúncio, para um programa... Mas já tive muitas vezes auditorias das finanças, e está tudo certo. Pago os meus impostos, é tudo legal, tenho a papelada toda...

— Sim, sim, não temos qualquer dúvida acerca disso. Mas, ao que consta, o seu filho nunca apareceu em nenhum programa. Continuo sem perceber porque continua a receber esse dinheiro.

— Não sei. O seu pai sugeriu-nos este acordo. Na verdade, foi ele que veio aqui pessoalmente para assinar o contrato.

— O meu pai? O meu pai veio cá? — perguntou o meu irmão, surpreendido.

Olhámos um para o outro e percebemos que havia ali algo estranho. O nosso pai não era pessoa de andar a visitar casas particulares. Aquele rapaz devia ser muito mais importante do que pensávamos.

— Sim, o seu pai veio cá, e assinámos o contrato. E fez-me prometer que a coisa ficaria entre nós, que nunca revelaria nada acerca do mesmo — insistia a mulher.

— O meu pai pode ter combinado isso consigo, mas eu preciso de saber a verdade, caso contrário, terei de anular tudo.

Vimos uma das pálpebras da mulher começar a tremer.

— Está bem, mas aquilo que vos vou contar não é fácil.

A nave começou a perder velocidade, ao mesmo tempo que as audiências aumentavam. Não havia casa que, nesse momento, não estivesse em frente a um ecrã a observar o que já fazia parte da História.

Referira-se que um dos principais problemas da missão era aterrarem demasiado longe da Centinel, pelo que um erro de cálculo poderia fazer com que todo o projeto fracassasse.

Aos poucos, a nave foi-se posicionando na vertical, para poder descer até ao planeta vermelho.

Teve início a contagem decrescente. O público ascendia a milhões de pessoas.

Graças a sofisticados sistemas de travagem, a nave foi descendo lentamente até pousar em Marte, e, depois de um suspiro mundial, sobreveio um aplauso interplanetário.

As pessoas começaram a abraçar-se, a rir, a chorar... Nesse momento, parecia que tudo era possível: podíamos destruir um planeta, o nosso, mas também podíamos procurar outro. Acabávamos de dar um passo de gigante na cultura do descartável.

As câmaras internas mostravam os ocupantes a soltar, aos poucos, os cintos de segurança, para, ato contínuo, se fundirem num grande abraço. Por um instante, esqueceu-se qualquer fricção existente entre eles. Continuavam vivos, e era isso que importava. Aos gritos, os concorrentes acenaram para uma das câmaras principais, a que estava em contacto permanente com a Terra.

Depois de vários minutos de desfasamento temporal, um simples «Olá!»,

ao alcançar a Terra, desencadeou uma grande alegria.

O tempo que uma mensagem vinda de Marte demorava a chegar à Terra, ou vice-versa, dependia de vários fatores, como a distância existente em cada momento entre os dois planetas, de o Sol se encontrar entre eles ou da posição dos seus vários satélites, mas, em média, era de cerca de seis a sete minutos de ida, e o mesmo para a volta.

— Olá, daqui Terra! — gritou o apresentador. — Não imaginam o que sentimos neste momento, como estamos orgulhosos de todos vós.

— Correu tudo bem. Finalmente, chegaram. Estão longe em termos de distância, mas muito perto nos nossos corações — acrescentou a apresentadora. — Deram-nos a informação de que aterraram a alguns metros do local previsto, mas de que o erro foi mínimo. O *Rover* saiu da Centinel para vos dar as boas-vindas.

Quando mais imagens chegaram, viu-se o *Rover* parar em frente à nave, de lá saindo dois astronautas que abriram a porta e acederam ao interior para abraçar os novos habitantes de Marte.

Depois dos cumprimentos habituais, das perguntas, das gargalhadas e dos comentários, chegou a hora de vestir os fatos para sair para o exterior.

— Estão preparados? — perguntou-lhes a única mulher astronauta.

— Sim — gritaram em uníssono.

A primeira a sair foi Miss, e a câmara focou-lhe os pés.

No instante exato em que Miss pisava Marte, o modelo novo de ténis que usava foi posto à venda a nível mundial. Em alguns minutos, a Internet foi abaixo com as encomendas. Nesse mesmo dia, de noite, soube-se que tinham sido os ténis mais vendidos da História, num só dia. O investimento da empresa valera a pena.

O segundo foi o Mãozinhas. Tal como estava combinado, vestia um fato cor de laranja, diferente dos restantes, com o logótipo de uma das empresas mais importantes do mundo gravado no peito.

Em terceiro lugar, apareceu Frank. Tirou um biberão e fingiu beber dele através do capacete. Um biberão criado para esse momento, com um *design* inovador, de um material completamente novo. Foi um sucesso de vendas.

OceanofPDF.com

Desde que a aterragem se iniciara, várias pessoas, em diversas regiões do mundo, coordenam-se para vigiar a Internet. Estão ali para eliminar qualquer imagem ou comentário inadequado.

De momento, os organizadores podem respirar de alívio. Tudo decorre dentro da normalidade esperada. Não há nada a censurar, pelo menos, por enquanto.

No entanto, os centros de controlo 1 e 2 estão preparados para todas as eventualidades.

OceanofPDF.com

— Não sei como começar... É uma terra pequena, e o Frank era o único pediatra, uma pessoa muito querida. Era bonito e simpático e acertava quase sempre nos diagnósticos. A verdade é que não posso dizer mais a esse respeito... — Ficou em silêncio.

— Mas...? — perguntei.

— Bem... enfim... — interrompeu-se durante alguns instantes —, também se dizia que tocava demasiado nas crianças.

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro, sem dizer nada.

— Na verdade, não havia qualquer prova, não passavam de rumores: sim, por vezes, despia-os sem necessidade, acariciava-os... coisas assim. Mas ninguém podia provar nada.

Ficou de novo em silêncio.

— Um dia, o meu filho ficou doente: a febre começou a subir rapidamente, tinha o corpo inteiro a tremer. Assustei-me tanto, que o chamei cá a casa.

»O Frank atendeu o telefone à primeira e disse-me que não me preocupasse, que chegaria dali a alguns minutos. Enquanto esperava por ele, lembrei-me de utilizar uma câmara...

A mulher afastou o olhar.

— Mal chegou, fomos logo para o quarto do meu filho, e ali começou a auscultá-lo e a medir-lhe a febre. Olhei para o telemóvel e disse-lhe que tinha uma chamada. Fui lá para fora, para o jardim. Instalei-me a cerca de trinta metros da casa, suficientemente longe para que me pudesse ver da janela. Assim, poderia agir livremente.

A mulher interrompeu-se de novo e chorou, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. Nem eu nem o meu irmão fomos capazes de lhe dizer fosse o que fosse; deixámos que desabafasse. Continuou.

— Sim, sei que agi mal, e arrependo-me, mas queria saber se era verdade. Na realidade, convenci-me de que aquilo podia ser bom para todos. Disse a mim mesma que, se o Frank não fizesse nada com o meu filho, eu seria a primeira a defendê-lo de qualquer acusação.

»Fiquei a dar voltas pela relva do jardim, a fingir estar a ter uma conversa que nunca existiu. Passados cinco minutos, mais ou menos, voltei para casa.

»Entrei de novo no quarto e não notei nada de estranho. Explicou-me que não era grave. Um vírus que atacara com mais força do que o normal. Receitou-me uns medicamentos e pouco mais. Despedimo-nos e, até aí, correu tudo dentro da normalidade. O problema surgiu quando vi a gravação da câmara.

Depois de Frank, as câmaras focaram-se em Veruca, a participante que saiu da nave espacial logo a seguir. Precisamente no momento em que toca no solo, pega num telemóvel, estende um dispositivo especial que traz no fato e tira uma fotografia: #primeiraselfieMarte. Foi a imagem mais partilhada da História, nas redes sociais, até esse momento.

Depois dela, os restantes concorrentes saíram em direção ao *Rover*. Conduziram o veículo durante, mais ou menos, uma hora pela superfície do planeta vermelho, até chegarem à colónia.

— Muito bem, malta — disse a astronauta, quando já todos tinham entrado. — Bem-vindos à vossa nova casa.

— À nossa casa para todo o sempre — brincou o Jardineiro.

E aquele *para sempre* caiu como uma pedra na mente dos escolhidos. Ninguém deu seguimento à graça, nenhum deles disse absolutamente nada. Chegara o momento que os psicólogos mais temiam: acabavam de perceber que não se tratava de um jogo.

Não voltariam a ouvir o barulho dos pássaros na Natureza; não sairiam para correr no parque, de modo a sentir o ar fresco da manhã; não regressariam cansados do trabalho, nem dentro de uma carruagem do metro... Também não poderiam ir às compras a um centro comercial, nem beber uma última cerveja num bar, com amigos; já não ouviriam o trânsito tão incómodo no início do dia; nem ficariam de mau humor ao ouvir o ladrar do cão do vizinho...

A partir desse momento, esse *para sempre* consistiria em desligar um despertador que tocava da mesma maneira todas as manhãs, em tomar um

pequeno-almoço constituído por comida que nunca saberia a nada, em usar a roupa do dia anterior. Esse *para sempre* resumir-se-ia a prepararem-se todos os dias para não ir a lado nenhum.

OceanofPDF.com

— O que é que a câmara gravou? — perguntei.

— De início, nada fora do normal. O Frank falava com o meu filho e pedia-lhe que se endireitasse e despisse a *T-shirt*.

»Depois, a câmara captou o Frank a olhar pela janela, na minha direção. Percebeu que eu estava longe, que podia avançar. Mostrou-se um pouco mais carinhoso com o menino; pediu-lhe que tirasse as calças e os *boxers*. E, claro, uma criança com aquela idade obedece...

A mulher parou de falar, tirando um pequeno lenço.

— E, com o meu filho despido, começou a passar-lhe com aquele aparelho de ouvir os batimentos cardíacos, por todo o corpo: pelo peito, pelas costas, pela barriga... até chegar ao...

Silêncio.

— E depois... depois fez o mesmo com os dedos.

Silêncio.

— Passados alguns minutos, a câmara captou uma mudança no seu rosto, quando eu já estava a voltar para casa. Vestiu-lhe rapidamente os *boxers* e as calças, deixando-o deitado, em tronco nu.

»Quando entrei no quarto, estava tudo normal. Disse-me que lhe dera um medicamento, que não era grave, e foi-se embora.

— Mas não o denunciou? — perguntei, incrédula.

— Não... Depois de ver as imagens, não soube muito bem como reagir. Por um lado, queria vingança; por outro, tinha vergonha de que alguém soubesse, de que o meu filho fosse apontado. E se o que ele tinha feito fosse normal? E se só estivesse a observar todas as partes do corpo?

— Com os dedos? — quase gritei.

— Sim, pois, mas, às vezes, a mente tenta convencer-nos, justificar qualquer ação para que a verdade não pareça tão dura. Não sei, andei durante algum tempo a dar voltas ao assunto. Era o único pediatra da povoação, e aqui conhecemo-nos todos. E os dias foram passando.

— Até o nome dele aparecer na televisão, certo? — intervim.

— Bem, sim... Então, assustei-me. Ele participava naquele programa, eu tinha o vídeo... Foi tudo muito confuso. Por um lado, estava magoada, muito magoada pelo que tinha feito ao meu filho. Não sabia o que conseguiria se fosse à polícia.

— E, em vez de o denunciar, preferiu dizê-lo aos responsáveis pelo programa... — continuei.

— Bem, só queria avisar.

— Claro, e, quando viu que o Frank estava a tornar-se um dos preferidos do público, que as empresas tinham assinado contratos milionários, tudo se tornou mais claro — concluí, tentando conter a raiva.

— Bem, foi nessa altura, não sei...

— Chegaram a um acordo, certo? Dinheiro em troca de silêncio — insisti.

A mulher não falou, e, dessa forma, disse tudo.

— E onde ficou a história da vergonha, da raiva, da dor do seu filho? Onde?

A mulher demorou alguns minutos a responder.

— Quando o seu pai veio ter comigo, garantiu-me que o Frank estava melhor lá em cima, que já não poderia fazer mal a mais crianças, que não ganhava nada em denunciá-lo, que ia ser muito complicado provar alguma coisa.

— O meu pai convenceu-a de que era melhor receber uma quantia

mensal — acrescentei, levantando-me do sofá.

A mulher ficou em silêncio.

Foi o meu irmão que, pegando-me na mão, me indicou que voltasse a sentar-me.

— Mas... por favor, por favor... Lamento, sei que não agi bem. Tentei fazer o melhor para o meu filho, o melhor para ele... Por favor, não acabem com as transferências. É disso que vivemos... Por favor...

— Enfim. Não viemos cá para julgar a sua moral — interrompeu-a o meu irmão. — Viemos, porque precisamos de uma coisa que ainda não encontrámos. Se nos ajudar, talvez possamos esquecer tudo isto, e a senhora continuar a receber o dinheiro.

— Sim, sim, claro, o que quiserem, o que quiserem — respondeu a mulher.

— Já vai perceber. Estamos a fazer um jogo, o das chaves. Lembra-se dele?

A mulher assentiu com a cabeça.

— Bem, acontece que, por algum motivo, a última pista nos trouxe aqui. Pensávamos que fosse algo relacionado com o seu filho, por isso lhe fizemos todas estas perguntas a seu respeito, mas parece que não estamos a chegar a lado nenhum...

A mulher observava-nos em silêncio.

— Na verdade, aquilo que precisamos de saber é o que esta chave poderá abrir — disse o meu irmão, enquanto a pousava em cima da mesa.

No momento exato em que a mulher viu a chave, o seu rosto alterou-se.

— Há mais uma coisa que não vos disse...

Apesar de terem estado a viver num ambiente semelhante, apesar de lhes terem repetido mil vezes que não poderiam regressar, apesar de os psicólogos os terem preparado para essa realidade... ninguém pode imaginar o impacto que tem dar o passado como morto.

Na Terra, durante o período de preparação, tiveram sempre a possibilidade de abandonar o programa e de regressar à vida anterior, de fechar a porta, de se despedirem e voltar para casa.

Mas essa porta já não existia.

Os oito candidatos, juntamente com dois dos astronautas da Centinel, começaram a percorrer umas instalações bastante parecidas com os locais onde as simulações se tinham realizado.

Depois da primeira porta exterior, havia uma divisão relativamente pequena, na qual deviam deixar os fatos. Depois de cumprida essa tarefa, abriram outra porta que dava acesso à sala mais segura de toda a infraestrutura e que, a partir desse momento, ficaria conhecida como Sala Comum. Havia lá dentro máscaras de oxigénio, várias caixas com alimentos, água... Além disso, existia ainda uma grande mesa, cadeiras e dois sofás. Essa sala seria também o local onde se reuniriam para comer ou para comunicar com a Terra.

A partir dali, estendiam-se dois corredores: um dava acesso a uma espécie de cozinha e a um pequeno ginásio; o outro levava aos quartos. Ao fundo deste corredor, havia uma porta que comunicava com outro, que, por sua vez, conduzia a várias outras salas posicionadas em círculo: a estufa, a sala de comunicações e de energia, a da criação de oxigénio...

— Bem — disse-lhes a astronauta —, a partir deste momento, esta será a vossa casa. Mas não se preocupem. Nos primeiros meses, iremos ajudar-vos a gerir tudo isto. A ideia é que, dentro de mais ou menos um ano, tenham os conhecimentos necessários para serem autossuficientes e, no futuro, possam formar novos colonos.

— Sairemos para o exterior? — interrompeu o Mãozinhas.

— Sim, claro. Haverá passeios lá fora, por vezes, em missão de reconhecimento, outras, apenas por lazer, para esticar as pernas. — A astronauta sorriu. — Mas isso será daqui a alguns meses, e irão sempre acompanhados por alguém da Centinel. As saídas não são uma brincadeira. Um erro lá fora é morte certa.

Todos assentiram.

— Viremos cá de vez em quando, para verificar como estão, para realizar diversos treinos, para conversar convosco, para ver se será preciso salvar-vos... — E sorriu.

— Salvar-nos de quem? — perguntou Veruca, assustada.

— De vocês.

OceanofPDF.com

— Conheço essa chave. Tenho uma igual — afirmou a mulher. — Na verdade, as transferências são apenas uma parte do dinheiro, a parte legal, a que se vê. Mas há outra. Há um cofre no banco.

— Dinheiro escondido... Já calculava — disse eu. — Parecia-me estranho conseguir ter esta casa com dois mil dólares mensais apenas. Sabia que havia mais qualquer coisa.

— Sim. Explicou-me que pagar-me mais por transferência seria demasiado suspeito, pelo que o resto vai lá parar.

— E onde é o banco? — perguntei.

— Em Kanter Pine, uma terra próximo daqui. É o cofre 344.

— Muito bem. Acho que é tudo o que queríamos saber — disse, enquanto nos levantávamos.

— Vou continuar a receber o meu dinheiro, certo?

— Tudo sobe e desce — interrompeu-a o meu irmão. — A Bolsa, os imóveis e até esse vídeo que a senhora tem, tudo pode já ter perdido todo o valor... até a moral oscila.

— Mas não me podem fazer isto! Vou enviar o vídeo para a imprensa! Direi que o vosso pai me comprou para não o tornar público!

— Por mim, pode fazer o que quiser — respondi, a escassos centímetros do seu rosto. — Mas avise-me quando, um dia, explicar ao seu filho como conseguiu ter esta casa.

— Estamos finalmente em Marte — disse Frank, quando os dois astronautas da Centinel já se tinham ido embora.

— E vivos! — acrescentou o militar. — À nossa!

E ali, na Sala Comum, todos pegaram num copo e brindaram ao futuro da Humanidade em Marte. Um futuro que, para eles, se poderia eternizar.

No meio dessa felicidade momentânea, ninguém pensou que não se conheciam, que não sabiam com quem iam partilhar o resto das suas vidas. Conheciam o que era público, o que tinham dito nos vídeos de apresentação, mas não o que escondiam, a vida de que tinham decidido fugir.

— À nossa — disse a Doutora. — Porque vamos começar uma nova civilização, porque deveríamos conseguir fazer melhor.

— Brindo a isso — acrescentou o Jardineiro.

E assim, um após outro, à exceção de Andrea, foram expressando em poucas palavras o que sentiam nesse momento.

Ninguém poderia desconfiar do que haveria de acontecer depois.

OceanofPDF.com

Dois irmãos dirigem-se ao banco de uma pequena cidade de que nunca tinham ouvido falar. Quando lá chegam, perguntam pelos cofres. Um dos funcionários acompanha-os ao longo de um comprido corredor, até uma sala estreita.

— É aqui — disse. — Podem ficar o tempo que desejarem. Quando terminarem, carreguem neste botão, e a porta abrir-se-á. Lembro que, enquanto aí estiverem, não poderá entrar mais ninguém. Regras de segurança. E, sim, a câmara ali em cima está sempre a gravar.

Quando o homem abandona a sala, os dois irmãos começam à procura de um cofre, o número 344.

Curiosamente, o mesmo cofre que, um dia antes, foi aberto por outra pessoa, um homem alto e forte, com um rosto que se escondia sob um boné, uns enormes óculos de sol e uma barba hirsuta. Um homem que nunca aparecerá nas gravações das câmaras de segurança.

Começa o primeiro dia do resto da tua vida.

Um dia em que a curiosidade ainda conseguirá vencer a rotina, mas que não durará para sempre. Aos poucos, será essa mesma rotina a enterrar o entusiasmo, a alegria e, por fim, a esperança.

A primeira tarefa consistiu em escolher os quartos. É verdade que a organização poderia tê-los deixado logo atribuídos, pois, na verdade, eram todos iguais, mas isso não ia gerar conflitos, e sem conflitos não há audiências.

— Ora bem, temos de escolher o quarto em que iremos passar o resto dos nossos dias — referiu Frank.

— Credo, isso não soou nada bem — respondeu o militar.

— Por mim, é indiferente. Não tem importância, visto que são todos iguais... — respondeu o Jardineiro.

— Por mim, também — acrescentou a Doutora.

— Eu prefiro que o meu não seja o primeiro — disse Veruca.

— Porquê? — perguntou Miss.

— Não sei... acho que tenho medo de estar tão perto da porta... no caso de...

— No caso de aparecer algum marciano! — gritou o Mãozinhas, e, nesse momento, todos desataram a rir.

Se algum deles tivesse sido capaz de adivinhar o futuro, certamente não teriam achado o comentário divertido: num lugar como aquele, nunca se sabe quem pode entrar porta dentro.

— Se não houver mais nenhuma exigência, podemos tirar à sorte. E, na

eventualidade de, por coincidência — disse John, olhando para Veruca —, calhar o primeiro quarto à Veruca, o mais próximo da porta, eu troco o meu pelo dela. Combinado?

Todos assentiram, exceto Andrea, que continuava com o olhar preso ao ecrã do computador portátil.

— Andrea? — interpelou o militar.

Andrea virou-se devagar, como se aquela conversa não fosse com ela, como se, na verdade, nada do que se passava à sua volta lhe interessasse. Fitou-o com aqueles olhos cinzentos que tinham cativado meio mundo, e, com um movimento ligeiro, aquiesceu com a cabeça.

Fez-se o sorteio com uns papelinhos, e não houve problemas: o primeiro calhou ao Jardineiro.

— Então, vamos estrear os nossos quartos — disse, alegremente, Frank, a quem calhara o último, o mais afastado da porta. — O que acham de daqui a uma hora, mais ou menos, nos encontrarmos aqui para jantarmos juntos?

Todos concordaram, entusiasmados, exceto Andrea, que continuava hipnotizada pelo ecrã do computador.

Aquele primeiro jantar foi breve, quase fugaz. Ali não era preciso reservar mesa, não era necessário esperar pelo empregado, nunca haveria queixas quanto aos preços, não aguardariam em filas longas, à porta, nem teriam crianças a gritar na mesa ao lado. Mas também era verdade que nunca se poderia convidar os amigos, nem organizar um jantar com a família, e, por mais comentários que fossem publicados na Internet, no dia seguinte, ninguém teria oportunidade de nos dizer o que tinha achado.

Também não se encontraria comida que não tivesse sido processada e embalada. Comer uma peça de fruta ou legumes frescos seria impossível, pelo menos, durante algum tempo. Por isso, e apesar de terem estado a consumir produtos semelhantes durante os dias que antecederam os testes,

quando deixaram em cima da mesa os invólucros metalizados, os tubos transparentes e as várias embalagens com alimentos, fez-se silêncio.

Miss tirou uma fotografia e publicou-a nas redes sociais.

John foi o primeiro a abrir algo que parecia pasta de dentes e a engoli-lo de uma assentada.

Em apenas alguns minutos, todos começaram a mastigar massas informes com pouco sabor, a beber líquidos de umas embalagens metalizadas e a devorar todo o tipo de barras mais ou menos agradáveis.

Durante aquele jantar, aconteceu algo que nenhuma das câmaras conseguiu captar: uma sensação percorreu a mente e o corpo de cada um dos concorrentes, a de valorizar o que já não possuíam, e que nunca mais possuiriam.

Depois do jantar, cada um limitou-se a reunir os restos das embalagens e a despedir-se dos outros companheiros. Talvez fosse o cansaço, talvez o impacto da realidade ou apenas o futuro a cair-lhes em cima, de repente, como uma tempestade em pleno verão.

— Até amanhã a todos — disse a Doutora.

E, com frases semelhantes, cada um deles despediu-se do primeiro dia do resto das suas vidas, rumo aos respectivos quartos.

Foi aí que sobreveio a verdadeira solidão, aquela em que nunca tinham pensado enquanto viviam envoltos numa nuvem de fama. A solidão que nunca teve espaço para se manifestar entre os fãs, as entrevistas, as fotografias e os autógrafos. A solidão que acaba por nos encontrar, por mais que nos escondamos.

Peguei na única coisa que se encontrava dentro do cofre: uma chave com o número 010 impresso e presa a um porta-chaves.

— Este porta-chaves faz-te lembrar qualquer coisa, certo? — perguntou-me o meu irmão.

— Sim, claro, é da Universidade Thoth — respondi.

Era uma das universidades mais prestigiadas do país, no ramo das Ciências. Tinha acolhido três prémios Nobel.

Mas o que chamou a minha atenção não foi o porta-chaves, mas a forma da chave na parte mais larga: era um trevo. Exatamente igual ao que estava tatuado no meu pulso direito. Um trevo que nasceu na minha pele quando o meu pai morreu, num momento em que o mundo se desfazia em pedaços e eu não sabia por onde começar a juntá-los. Um trevo preto, pequeno, com três folhas. Com quatro, teria sido mentir a mim mesma, porque há muito que o meu pai não fazia parte da minha vida. Naquele momento, não disse nada ao meu irmão sobre o assunto.

O jogo, em traços largos, consistia em ir encontrando chaves, que, associadas a pistas, iam abrindo caixas, portas, ferrolhos, que, por sua vez, escondiam outras chaves. A última era sempre dourada, e o jogo terminava quando o concorrente conseguia encontrar o objeto que essa última chave abria. E ali estaria o prémio, neste caso, o meu desejo.

O segredo para se conseguir chegar ao fim do jogo era encontrar padrões nas pistas e ir escolhendo os que estavam certos. Alguns não levavam a lado nenhum, outros faziam com que se vencesse.

— Bem... parece que já temos um padrão — disse o meu irmão. — Se

tivermos em conta a história do Frank e este porta-chaves...

— Andrea, certo? — interrompi, sem o deixar terminar a frase.

O meu irmão olhou para mim, surpreendido.

— Exato! E eu a pensar que não seguias o programa.

— Bem, afinal de contas, sou jornalista. Era impossível permanecer aquém de tudo aquilo. A informação acerca do concurso estava por todo o lado: as caras deles, as suas histórias, as suas vivências... Mas sei um pouco mais acerca da Andrea, porque, no jornal, investigámos o seu passado.

»Se bem me lembro, dizia-se que era um verdadeiro crânio e que tinha estudado precisamente nesta universidade. Na verdade, segundo li no artigo, dizia-se que acabara o curso dois anos antes do habitual, algo que não acontecia desde que ali se licenciara o último prémio Nobel.

— Sim, é isso mesmo. Está certo.

— Para mim, a Andrea sempre foi um mistério. Era como se não encaixasse no concurso. Sempre com o seu computador. Ninguém sabia o que andava a fazer.

— Talvez estivesse apenas a investigar, a procurar informação.

— Sim, mas sobre quê e para quem? Nunca percebi as razões pelas quais chegou à final. Era, sem dúvida, a candidata mais inteligente, embora também a menos sociável: não se relacionava com ninguém, praticamente não falava... Sempre pensei que tinha todas as características para não ser escolhida.

— E talvez tenha sido por isso mesmo que a escolheram — sugeriu o meu irmão. — Por ser diferente, uma pessoa rara. Afinal, o concurso não passava de uma experiência social para estudar o comportamento dos seres humanos numa colónia isolada do resto da civilização. E... quem sabe? Talvez ela fosse a que melhor se poderia adaptar a um ambiente de isolamento.

— Talvez... — respondi. Vistas as coisas por este prisma, era possível que tivesse razão, mas sempre suspeitei de que, por detrás da escolha da Andrea, houvesse mais qualquer coisa.

— Além disso — continuou—, era especialista em matemática e informática. E uma pessoa assim pode ser muito útil se surgir um problema com as comunicações e com os computadores.

Nesse momento, fitei o meu irmão nos olhos.

— Não sei... também acho que era a pessoa ideal para, de alguma forma, conseguir controlar as coisas — disse.

— Controlar as coisas? Como? Porquê? — respondeu-me, a sorrir. — Andas sempre atrás de conspirações.

— Bem, é o meu trabalho, e talvez por isso tenhamos agora este porta-chaves na mão.

Entrámos os dois no carro e começámos uma nova viagem, que nos conduziria a uma universidade que ficava a mais de oito horas de distância dali.

Em fundo, ouvia-se a canção *Come Tomorrow*, de Peter Bradley Adams.

OceanofPDF.com

Agora, nos quartos, é o silêncio que ocupa o espaço em torno de cada um dos escolhidos, um silêncio capaz de alcançar os pensamentos mais íntimos, os que nascem quando tudo o resto desapareceu.

Esse silêncio chega ao quarto de Frank, um homem que, apesar do cansaço acumulado, terá, hoje, dificuldade em adormecer. Está nervoso, devido a todas as emoções vividas. Assumiu que nunca mais voltará à Terra, que, a partir daquele momento, este será o seu lar, a sua vida. Pensa que, apesar de todas as restrições ao conforto do dia a dia, a sua mente deixará de ser o atoleiro dos seus medos.

Sonha acordar todas as manhãs sem precisar de tomar os medicamentos que lhe abrandam as inclinações sexuais.

Já não sentirá o tremor no corpo, como lhe acontecia nas consultas, durante as quais tinha de travar uma batalha contra os seus instintos.

E ali, deitado na cama, sorri, porque chegou ao paraíso, a um lugar onde poderá ser, finalmente, um homem normal. Não quer pensar no futuro, no que acontecerá se um dia nascer ali uma criança. Talvez, por essa altura, já esteja morto.

Cai também o silêncio da noite sobre o quarto de Andrea, uma rapariga que se sente feliz com esta nova vida. Alegra-se ao saber que, no máximo, se cruzará com onze pessoas num futuro próximo. Pessoas que, além disso, já se encontram sob o seu controlo.

Andrea adora as câmaras, porque lhe dão segurança, são como o irmão mais velho que nunca teve, aquele que nos vigia, mas que também nos

protege. Quem dera tivessem estado sempre presentes, captando os movimentos dos que se aproximavam dela.

Enquanto olha para o computador, sorri. Na verdade, tem tudo o que quer: acesso livre e privado à Internet.

Está ali por um motivo que a obriga a não abandonar o ecrã durante muito tempo.

Deita-se na cama e começa a pensar na sua infância. Vê uma criança ir de um lado para outro, um corpo transitar de rua em rua, sempre alerta, a esconder-se até de si mesma. Uma menina órfã de pais, de país e, por fim, até de sentimentos.

E assim, com a cabeça virada para cima, estende os braços à sua frente, para observar as tatuagens que tem em cada uma das palmas das mãos.

Um zero na mão esquerda, que fez quando se sentia assim: um símbolo que lhe recorda os momentos em que, apesar de estar viva, não existia; quando não era mais do que um corpo à deriva num mar de indiferença, quando, ao adormecer na rua, via passar cães que traziam mais roupa vestida do que ela.

Desvia ligeiramente o olhar, para ver a outra tatuagem e o zero desenhado na palma da mão direita. Aquele que fez quando aquele homem tomou conta dela, quando começou a ser mais forte; o que tatuou quando percebeu que era capaz de se multiplicar. Um zero que a transforma numa das pessoas mais perigosas do mundo.

Fecha os punhos e baixa os braços. Senta-se na cama de pernas cruzadas e pausa de novo os dedos no teclado. Chega uma nova mensagem. O processo recomeça.

— O que te preocupa? — perguntei, depois de quase uma hora de silêncio.

— Como sabes que estou preocupado? — respondeu, sem desviar os olhos da estrada.

— Há coisas que não mudam, e essa maneira de coçares a cabeça...

Sorrimos, mas de forma contida.

— Estava a pensar que não há relógio. No concurso, havia sempre um cronómetro. Os concorrentes tinham de terminar o jogo num determinado período de tempo.

— Também estive a pensar nisso, mas nem sempre houve cronómetro.

— Que me lembre, sim — contestou. — Em todas as edições, da primeira à última, havia um tempo-limite para terminar o jogo.

— Na televisão, sim, mas na cabana, não. Estamos a jogar esse primeiro jogo, e nele não havia relógio.

Deixámos passar alguns quilómetros, e percebi que me mentira: continuava a coçar a cabeça de forma dissimulada.

— Diz-me a verdade. O que te preocupa?

O meu irmão não disse nada, até que, um pouco à frente, encontrou um lugar onde podia parar o carro.

E então, sim, fez-me a pergunta que o atormentava.

O silêncio da noite cai também sobre o Mãozinhas. Um homem que está calmo, muito mais calmo do que nos últimos anos. Sabe que, no dia seguinte, não se levantará inquieto, que já não irá precisar de ter uma pistola debaixo da almofada e de dormir com um olho aberto.

Devia dinheiro, muito, e devia-o a pessoas sem paciência, nem escrúpulos. Ia todos os dias para a rua com medo, a pensar se a próxima sova seria a derradeira. Por isso, quando lhe ligaram do programa para lhe dizer que passara a primeira fase de seleção, a vida iluminou-se para ele. Fez os possíveis para agradar ao público, exibiu as suas capacidades, e a sua beleza extraordinária fez o resto.

Mas este homem pacífico, simpático e belo tem outra face que ninguém conhece: em certas circunstâncias, torna-se irascível. Ao menos ali, naquela colónia, não haverá nada capaz de revelar essa outra personalidade que tem dentro de si. Não sabe como está enganado.

Aquilo de que também não desconfia é que a mesma tranquilidade que agora valoriza poderá transformar-se no seu cilício.

Permanece deitado na cama, mas não faz tenção de dormir. Não parou de pensar numa coisa desde que chegaram, algo que não lhe sai da cabeça, algo que vai tentar nessa mesma noite.

O silêncio cai igualmente sobre Miss, que, por mais que tente, não consegue ter sono, em lado nenhum. No escasso tempo passado desde que ali se encontram, percebeu que não terá muitas oportunidades de ser modelo. Talvez não tenha sido assim tão boa ideia abandonar a Terra: tinha

uma carreira promissora, todos a cumprimentavam na rua, podia ir às melhores festas, podia fazer muitas coisas...

Senta-se em cima da cama, encostada à parede. Começa a pensar no seu passado, em tudo o que conseguiu esconder durante o concurso. Se alguém tivesse sabido, se a organização tivesse investigado... Que pensariam dela se, um dia, essas informações viessem à luz do dia?

OceanofPDF.com

— Nel, porque decidiste jogar?

Era uma pergunta que, na realidade, estivera em suspenso.

Preparara mil respostas, mil mentiras, mas decidi que nenhuma delas seria melhor do que a verdade.

— A que te referes? — respondi.

— Ora, Nelly. Embora tenhamos estado muitos anos sem nos vermos, ambos sabemos que nunca terias regressado à cabana sem um bom motivo, se este jogo não te conduzisse a algo que te pudesse realmente interessar. O desejo que pediste era assim tão importante?

Sorri-lhe.

— Garanto-te que não voltei por causa disso.

— Então, porque estás a fazer isto?

Suspirei, abri lentamente a porta e saí. O meu irmão saiu também, e ambos nos sentámos no capô do carro. Permanecemos durante alguns minutos um ao lado do outro, em silêncio.

Enfiei a mão no bolso e tirei o anel.

— Por isto.

Olhou para ele e sorriu.

— Já calculava — disse, olhando para a estrada. — Sabia que havia mais qualquer coisa... A lista eXo?

— Sim, a lista.

— E porque não me disseste?

— Não sei, talvez porque ignoro se fazes parte deste circo, se estás com o pai nisto tudo.

— Sabes, Nel, eu também tenho um anel como esse, bem... dois.

OceanofPDF.com

A noite chega também para o militar, que tem uma folha de serviço impecável. Um homem que esteve em muito mais batalhas do que teria desejado; que viu todas as faces do ser humano, inclusive as que nunca aparecem nas notícias; que enfrentou o diabo, mas que também conheceu muitos anjos.

Um homem que nunca se apresentou como voluntário, que foi escolhido diretamente pela organização. As negociações foram difíceis. É um militar habituado a receber ordens e a cumpri-las. Precisavam dele, e estava disposto a considerar a situação como mais uma missão. Impusera apenas uma condição: ter um pequeno privilégio.

Está calmo. Por enquanto, tudo corre bem.

A noite chega à Doutora, que se deita na cama, feliz. Está entusiasmada com esta nova fase da vida. Apresentou-se voluntariamente, mas, na primeira seleção, quase não obteve votos. Não suscitou o interesse de ninguém. Era uma mulher muito inteligente, que salvara milhares de vidas; alguém que fizera do mundo um lugar melhor. Mas não estava em nenhuma das redes sociais existentes, não tinha um canal próprio para publicação de vídeos, não aparecera em nenhum programa importante, e alguém assim, evidentemente, não podia competir com o último *influencer* da moda.

No entanto, ao estudar-lhe o perfil, a organização descobriu algo muito interessante no seu currículo, algo que, sem dúvida, lhes seria útil no futuro, uma competência que ainda muito pouca gente possuía.

Foi essa a razão pela qual, em tempo recorde, conseguiram adular os

resultados: o seu nome aparecia sempre entre os candidatos mais interessantes, apesar de ninguém votar nela, ninguém real, claro.

OceanofPDF.com

— O pai deu-mos no dia em que saí da empresa. Segundo ele, eram um presente por todos os anos em que estive ao seu lado.

— Deu-te dois?

— Sim, um para mim e o outro para a pessoa que o merecesse.

— Mas como? Como se codificam esses anéis de maneira a pertencerem à lista?

— Não faço a menor ideia. Disse-me que a minha única responsabilidade era encontrar uma pessoa que merecesse usá-lo.

— E encontraste-a? — quis saber.

— Sim, mas acaba de me dizer que já tem um.

Fiquei em silêncio.

Vi o irmão da minha infância, o irmão que, depois de nos zangarmos, vinha até à minha cama com aqueles mesmos olhos: olhos que tremiam, só de olhar para mim.

— Sabes alguma coisa acerca da lista? — perguntei, desviando o assunto.

— Quando me deu os dois anéis, fui falar com os responsáveis pela empresa eXo... e já sabes...

— A mesma coisa de sempre. Dizem que só fazem joias, mais nada. Que o preço é definido pelo comprador e que, enquanto houver pessoas a gastar cem milhões num anel, irão continuar a vendê-los.

— Essa é a versão oficial.

— Bem, ando há anos a tentar investigar a outra versão.

Nesse momento, levantei-me do capô do carro. Fui até ao lugar do condutor: estava na altura de trocar com o meu irmão.

Voltámos a fazer-nos à estrada. Ele pegou de novo no portátil e manteve-se absorto durante quase uma hora, até que, de repente...

— Nel, há aqui algo muito curioso: esta universidade recebeu muito dinheiro da fundação do pai, mas não são valores genéricos para colaborações ou patrocínios de determinado evento. São montantes associados a pessoas concretas.

— É o caso da Andrea? — perguntei, sem me virar.

— Sim. Há várias transferências em nome dela. O dinheiro passou para uma conta cujos titulares eram a Andrea e o pai. E sabes o mais curioso? A conta tinha imenso dinheiro, mais do que uma pessoa normal pode gastar numa vida inteira, mas a Andrea não gastou nada.

OceanofPDF.com

A noite avança sobre um homem que foi passando pelas várias fases do programa sem ajuda de ninguém, pelos trâmites normais. É apaixonado por plantas, mas não se trata apenas de um *hobby*; na realidade, elas são o seu refúgio. Quando ele, num acidente de automóvel, acabou com toda a vida que existia à sua volta, decidiu que, a partir desse momento, deveria dedicar-se ao oposto: a criá-la.

Assume também que ganhou o carinho do público graças àquilo que ocorreu no passado, graças a uma história que não quis esconder, por isso, mal entrou no concurso, decidiu contá-la.

Essa confissão, aliada ao seu atraente físico, criou um *cocktail* que fez com que se posicionasse rapidamente entre os favoritos.

Senta-se na cama, mas não tem sono. Lembra-se de pegar no portátil para ver o que se passa nas redes sociais, mas há algum tempo que o aborrecem, e acaba por abandonar a ideia. Embora ainda não saiba, se se tivesse ligado nessa noite, teria descoberto o que se ia passar a apenas alguns metros do seu quarto. E talvez isso o tivesse feito mudar de planos.

Por último, a noite envolve uma rapariga que não sabe onde se encontra o botão para voltar atrás num capricho. Acaba de perceber que vai viver num quarto mais pequeno do que a casota do cão. Agora, que a realidade a atingiu, tem a esperança de dormir e de, no dia seguinte, tudo não ter passado de um pesadelo. E de assim voltar a acordar na bonita cama da sua mansão; pedir que lhe façam o pequeno-almoço e, depois de um duche quente, pegar num dos seus carros, o desportivo vermelho, por exemplo, e

voar com ele para casa das amigas, para, todas juntas, irem apanhar sol na praia privada que é propriedade do pai.

Tem esperança de acordar, para poder contar aos seus seguidores que esteve em Marte, que a viagem foi agitada, que o quarto era pequeno e o pôr do sol, magnífico; para lhes dizer que passeou pelo planeta com os seus ténis novos, que vestiu um fato muito giro, que a comida era asquerosa e que a água não sabia a água. Gostava de lhes poder contar tudo isso da esplanada do hotel mais na berra, a dançar ao ritmo da música e com um copo na mão.

Fecha os olhos, cerra-os com força, para conseguir que lhe doam mais do que os pensamentos. Passam os minutos, as horas... e não consegue dormir. Não consegue, porque sabe que, desta vez, o problema não se vai resolver ligando para casa.

E, de repente, dentro do silêncio que cobre toda a colónia, uma das câmaras do corredor deteta movimento e ativa-se.

Uma sombra começa a andar pelo corredor.

Imediatamente, como um organismo vivo que nunca descansa, as redes sociais entram em movimento, intuindo que algo estranho se passa.

Chegamos à universidade uma hora antes do previsto. Não tínhamos avisado ninguém, mas, habitualmente, o nosso apelido abria as portas de qualquer lugar. Fizeram um telefonema e, em apenas alguns minutos, já nos acompanhavam ao gabinete do reitor.

— Bom dia — disse o homem, enquanto nos apertava a mão. — É uma verdadeira honra recebê-los. Entrem, por favor, e sentem-se.

Sentamo-nos mesmo à sua frente, numa divisão pequena, mas elegantemente decorada.

— Não tínhamos conhecimento da vossa visita, caso contrário, poderíamos ter-vos preparado qualquer coisa. Podíamos ter feito algo especial...

— Não se preocupe. Na verdade, a visita será curta. Estamos apenas a resolver uns assuntos pendentes do nosso pai — intervim.

— Lamento imenso o ocorrido. Foi um homem incrível. Foi tão... Nem sei como expressá-lo. Vê-lo ali, em direto... Lamento imenso.

— Obrigado — respondeu o meu irmão.

— Ficámos sem um grande homem.

Mergulhámos no silêncio.

— Os senhores sabem...

— Queríamos fazer-lhe algumas perguntas sobre uma das vossas alunas, uma muito especial.

O homem olhou para nós os dois.

— Suponho que se referem à Andrea, certo?

— Sim, isso mesmo. Mas, mais do que dela, queríamos tratar de um

assunto de natureza financeira — interveio o meu irmão, tentando chegar ao tema da chave através das transferências. — Como deve saber, era eu quem tratava de quase todas as contas da organização do meu pai. Agora, que ele morreu, estamos a rever todos os movimentos, todos os contributos...

— Compreendo — respondeu o reitor.

— Ao analisar os dados referentes a esta universidade, demo-nos conta de que há várias transferências em nome da Andrea, e não sabemos muito bem o motivo das mesmas.

— Ora, então... como já devem saber, o vosso pai doava muito dinheiro à comunidade educativa, sobretudo às universidades. Não apenas a esta, naturalmente, mas, como calculam, tratava-se de acordos privados, entre nós e o vosso pai.

— Sim, mas compreenda também que agora sou eu o responsável pela fundação e tenho de controlar cada dólar que é gasto. Ora, no caso da Andrea, digamos que o dinheiro transferido era muito mais do que o necessário.

— Já lhe disse, tínhamos um acordo privado para que a fundação patrocinasse despesas de alunos... digamos, especiais.

— Especiais?

— Sim, especiais. Não posso revelar mais nada.

— Pois eu acho que deverá fornecer-nos mais alguma informação — intervim, perante a surpresa do reitor —, caso contrário, teremos de cancelar as transferências pendentes, que, ao que sei, se destinam a outros alunos.

Nesse momento, algo no seu rosto mudou. Soube que o derrotara. Eram muitos anos de experiência a fazer interrogatórios. Havia sempre dois tipos de pessoas, aquelas a quem, pelo tato e pela paciência, se conseguia tirar

tudo, e as outras, as que exigiam menos paciência. Este homem enquadrava-se na última categoria.

— Digam-me o que querem saber... — hesitou, fazendo que não com a cabeça.

— A verdade sobre a Andrea — afirmei.

— A verdade... — repetiu, enquanto se levantava da cadeira e se punha de costas para nós, a olhar pela janela. — E o que fazemos quando a verdade não nos agrada? O que fazemos se, depois de a conhecermos, desejamos não ter ficado a saber qual é?

«A verdade sobre a Andrea...», disse aquele homem para consigo. «Nem eu sei o poder que existe naquela mente.»

OceanofPDF.com

As câmaras perseguem uma sombra que atravessa lentamente o corredor. As luzes ténues que permanecem acesas não são suficientes para desvelar a identidade de um corpo que, além disso, avança com uma espécie de capuz por cima da cabeça. A sombra detém-se junto a uma porta, abre-a devagar e introduz-se no quarto.

As audiências disparam. Os trabalhadores decidiram largar o trabalho por uns instantes; na universidade, o professor interrompeu a aula para ligar o projetor em direto e, assim, os alunos poderem ver o que acontece: é História. Na sala de operações, a cirurgia programada vai atrasar-se alguns minutos. Nos supermercados, nas ruas e nos aeroportos, as pessoas quebrarão, por momentos, as suas rotinas, para ver o que está a acontecer em Marte.

São as câmaras do quarto que agora captam a sombra a aproximar-se da cama e, aos poucos, com delicadeza, a sentar-se ao lado de um corpo que, pelos movimentos, parece estar acordado.

Este novo corpo endireita-se. É uma mulher, e, apesar de não ter ligado as luzes do quarto, tem um contorno perfeito, juntamente com o reflexo do seu cabelo louro, que dá demasiadas pistas: Miss.

Os dois corpos falam em silêncio.

Ele parece sussurrar-lhe qualquer coisa ao ouvido. Ela parece rir.

Dão as mãos. Abraçam-se.

Voltam a rir, a mexer-se de um lado para o outro.

Ambos começam a despir a roupa na escuridão, até que, finalmente, se metem debaixo dos lençóis.

E ali, num pequeno quarto em Marte, dois corpos começam uma dança que todos os espectadores conhecem: pela primeira vez na História dos seres humanos, estão a fazer amor noutro planeta.

As redes sociais estão ao rubro, os servidores mal têm tempo de processar os milhões e milhões de mensagens que a população mundial envia: mais de 95% das mesmas nunca serão lidas por ninguém.

Rapidamente, há dois *hashtags* a ocupar as primeiras posições: #quem_é? #conseguirá_levantá-lo?

No que diz respeito ao primeiro, todos os espectadores sabem perfeitamente qual é a identidade da rapariga, mas mais dúvidas persistem em relação ao homem, pois há dois candidatos: #maozinhas ou #jardineiro. Nas casas de apostas, o dinheiro não pára de entrar.

No que diz respeito ao segundo *hashtag*, parece que, pelos movimentos observados por baixo dos lençóis, e contrariamente ao que se dissera, o protagonista não tem qualquer problema de ereção: os dois corpos continuam a mover-se por entre gemidos. A juventude pesa.

No centro de controlo do programa, sabem perfeitamente quem foi visitar o quarto de Miss, têm-no gravado em várias câmaras, mas preferiram manter o *suspense*. É uma das principais missões dos realizadores. Daí a importância de se fazer a transmissão com um atraso adicional.

— Posso garantir que a Andrea foi a aluna mais inteligente que pisou as salas de aula desta universidade. Muitas pessoas disseram que era um milagre, uma rapariga que vagueava pelas ruas de Pequim, entre ratazanas e lixo, poder estudar numa das universidades mais prestigiadas do mundo.

O reitor dirigiu-se a nós.

— Mas não foi um milagre. O vosso pai tinha olhos em todos os cantos do mundo. E sempre se sentiu fascinado por este tipo de pessoas, seres humanos com uma inteligência excecional... por isso se tornou tutor dela.

— O quê? — dissemos, quase ao mesmo tempo.

— Sim, é verdade. Entre todas as suas fundações, há uma especial que quase ninguém conhece. Uma a que destinou grande parte da sua fortuna. O vosso pai investiu muito dinheiro para transformar este planeta num mundo melhor, embora não de uma forma, digamos, comum.

O reitor olhou para nós e voltou a sentar-se.

— É verdade que nunca investiu um dólar a tentar ajudar as pessoas desfavorecidas, sem mais. O vosso pai concentrava-se nas pessoas inteligentes e que, além disso, se esforçavam. E, das pessoas que enviava para a fundação, apadrinhava as melhores, as mais brilhantes. Ajudava-as através de bolsas muito especiais.

— Bolsas muito generosas — disse o meu irmão.

— A generosidade é relativa — respondeu o reitor. — Na realidade, para ele, era pouco dinheiro, quase nada, mas, sim, para uma pessoa comum, é uma verdadeira fortuna. Mas estou a desviar-me da história. O problema que temos nesta universidade, e, na verdade, em todas, é que o nível dos

alunos que chegam é cada vez mais baixo. O ensino, tal como a sociedade, vai-se degradando ano após ano. Chegámos a um ponto em que são exigidas responsabilidades aos professores se um aluno reprova. Mas não só por parte da comunidade educativa, também por parte dos pais, das associações, dos partidos políticos...

»Nenhum aluno se pode sentir inferior a outro. Os estudantes não podem sofrer, não devem esforçar-se, todos devem ser iguais. É a ideia do comunismo, extrapolada para a educação. E, claro, exige que se nivele por baixo, pela preguiça. É sempre mais fácil o estudioso transformar-se em alguém ocioso do que o contrário. Criámos uma sociedade de verdadeiros idiotas.

»Temos alunos que não sabem escrever, que não compreendem o que leem. Por esse motivo, já não fazemos exames escritos, fazemos testes. Chegámos ao ponto de, no caso remoto de um aluno reprovar num exame, serem os pais a vir fazer a melhoria de nota.

»Aqui, os estudantes só querem lazer: sexo, dormir, comer e, acima de tudo, festas, festa de receção, festa de outono, festa de inverno, festa de primavera, festa de despedida, festa de licenciatura... Foi nisso que se transformou a universidade, numa creche para adolescentes.

— Mas porque não sobem o nível?

— Porque, se assim fosse, ninguém quereria vir. Os pais não nos pagavam as propinas e os filhos iam para outra universidade, onde passassem de forma mais fácil.

Silêncio.

— Felizmente, de vez em quando, aparece alguém extraordinário, como a Andrea.

— Uma aluna que acabou o curso dois anos mais cedo.

— Na verdade, obrigámo-la a concluí-lo.

Depois de vários minutos de movimentos e respirações ofegantes, os dois corpos ficam imóveis. Não durou muito.

Ela é a primeira a endireitar-se na cama.

Falam por sussurros. Parece que ele quer ficar ali, mas ela recusa. Por fim, o corpo escondido por baixo de um casaco com capuz sai do quarto e dirige-se ao corredor. A realização corta as últimas imagens, para não revelar a que quarto regressa e, assim, manter a expectativa e, naturalmente, o ritmo das apostas.

Nesse preciso momento, várias marcas de produtos eróticos aparecem no ecrã, celebrando o primeiro ato sexual fora da Terra.

Aquilo que ninguém imagina, nem mesmo a organização, é o que vai acontecer de seguida.

Quando ainda não houve tempo para o turbilhão de imagens, comentários, vídeos e opiniões passar, quando tudo aquilo ainda não chegou aos dispositivos dos habitantes da colónia, aparece outra sombra no corredor.

Desta vez, a sombra não traz capuz, mas a realização faz as alterações necessárias para que não se veja o rosto.

De forma semelhante, entra no quarto de Miss.

Esta levanta-se da cama e entabula uma conversa breve, junto à porta.

Dão as mãos, soltam-nas, voltam a dá-las. Ela ri-se, ele ri-se, abraçam-se e, finalmente, repetindo o ritual anterior, enfiam-se debaixo dos lençóis e começam a fazer amor.

As redes sociais voltam a alvoroçar-se. As casas de apostas também.

— A Andrea era um prodígio em Matemática. Conseguiu resolver alguns problemas que não tinham solução, há anos. Tinha uma intuição excecional para colocar cada número no devido lugar. Mas, claro, aqui, era um bicho raro. Quando o principal objetivo do ensino é serem todos iguais a um nível básico, alguém que se destaca não é bom. Se a isso juntarmos o facto de não gostar de festas, de álcool, de drogas... e de ainda ter aquelas tatuagens, o cabelo preto, a roupa em segunda mão, o carro velho...

— Mas a Andrea tinha muito dinheiro, não era?

— Sim, e era precisamente para isso, para que não houvesse muita diferença entre ela e os miúdos ricos. Mas nunca se quis integrar. Gastou apenas o indispensável.

O reitor recostou-se na cadeira.

— Não agradou a ninguém, e ainda menos a miúdas louras, altas, bonitas e com roupas de princesa. Nunca se integrou. Fizeram troça dela desde o início. Sofreu muito nos dois primeiros anos. Eu não teria aguentado, mas ela vinha da rua, estava habituada a coisas muito piores.

— Então, decidiu que o melhor era ir-se embora, por isso lhe concedeu a licenciatura dois anos antes. Fê-lo para a proteger.

O reitor olhou para nós e começou a rir.

— Não, não... muito pelo contrário. Sugeri que partisse para proteger o resto dos alunos, para nos proteger a todos.

No dia seguinte, graças às redes sociais, na colónia já sabiam o que se passara na noite anterior no quarto de Miss. Mas ninguém disse nada, ninguém quis abordar um assunto que poderia originar um conflito. O Mãozinhas e o Jardineiro decidiram simplesmente ignorar-se um ao outro.

Com o passar dos dias, a situação voltou a ter lugar muitas vezes, tantas, que aquilo que, ao início, fora novidade para o público acabou por perder parte do seu interesse.

Aconteceu o mesmo com o resto das atividades, pois, passada a novidade inicial, cada um dos participantes começou a desempenhar a sua função dentro da colónia.

O Mãozinhas dedicava-se à manutenção de tudo aquilo que avariava. E, apesar de não lhe faltar trabalho no dia a dia, começava a sentir uma espécie de claustrofobia. Alguém habituado a sair todas as noites, a andar de um lado para o outro, a visitar camas alheias em diferentes cidades, via a sua vida reduzir-se a alguns metros quadrados. É verdade que não havia ninguém à porta, à espera de lhe dar um tiro, mas também é verdade que nem sequer havia porta.

Nenhum dos concorrentes saía para o exterior, à exceção do trajeto que tinham feito da nave espacial até à colónia. Tinham-lhes dito que, primeiro, precisavam de concluir uma formação que se já prolongava demasiado.

O Jardineiro, por seu lado, não se queixava muito. Dedicava cada minuto da sua vida a cuidar de plantas, que, aos poucos, iam florescendo naquele meio tão hostil. Uma pequena flor, uma folha nova, um rebento... Era feliz ali, rodeado de vida ainda por estrear.

Andrea não falava com ninguém. Os cumprimentos indispensáveis de manhã e à noite, conversas que se reduziam a monossílabos e pouco mais. Passava a maior parte das horas isolada com o seu computador. Ninguém sabia muito bem a que dedicava o tempo, mas também não perguntavam.

Quem se debatia com mais dificuldades era, sem dúvida, Veruca: já não havia histórias novas para partilhar; não havia lugares diferentes onde tirar uma *selfie*... O seu canal transformara-se num diário que interessava cada vez menos.

Depois do primeiro mês, o público também começou a aborrecer-se. A única coisa que, de vez em quando, o animava era alguma discussão ou cena de sexo diferente, naquela relação triangular... mas nem isso suscitava entusiasmo. Era quase sempre o mesmo.

Foi na quinta semana que se soube de uma notícia que mudou tudo. Nem a organização mais poderosa do mundo conseguiu controlar o caso.

O furo foi publicado por um dos principais grupos editoriais do país.

Era verdade que na empresa já tinham conhecimento desta informação há algum tempo, mas haviam feito os impossíveis para que não fosse difundida. Miss gerava tanto dinheiro, que lhes convinha guardar segredo. A principal marca desportiva do mundo, uma das grandes marcas de cosméticos, um império da moda... todos esses e muitos mais eram os patrocinadores de uma jovem que se deitara com duas pessoas «ao mesmo tempo», sendo que essa, até agora, fora a única coisa estranha que fizera. Na moral dúplice mundial, era algo mais ou menos incómodo, mas aceitável. A linha quebrou-se quando a notícia foi publicada.

— A Andrea bateu onde mais dói, no único sítio que pode prejudicar os ricos.

— Na sua imagem exterior — respondi.

— Sim. Todo o peixe graúdo sabe que os seus filhos e filhas vêm para cá praticar sexo, embebedar-se, drogar-se, que não fazem absolutamente nada... Mas uma coisa é sabê-lo na intimidade, outra, muito diferente, é tornar-se público. A imagem... é preciso manter uma imagem de santidade, mesmo que se seja o preciso contrário.

O reitor levantou-se e dirigiu-se a um pequeno minibar, tirando três copos.

— Foi muito bem-feito... Muito bem calculado...

Trouxe os copos e pousou-os em cima da mesa.

Voltou a sentar-se.

— Ora bem, foi na festa da primavera, uma festa que nunca existira na faculdade, mas que tivemos de criar, pois, do Natal até ao fim do ano letivo, havia demasiado tempo sem diversão.

»A festa consistia em mais do mesmo: apanhar uma bebedeira, consumir drogas e praticar sexo. Foi organizada num grande jardim afastado da universidade, mesmo junto ao lago. Nesse dia, todos chegaram mascarados de *hippies*, mas com roupa de marca original, a exhibir joias e carros.

»Na altura, o último grito da moda era ter um *Tedison*, um carro que custava milhares de dólares. Quem chegasse à festa com um desses modelos tinha... digamos assim, diversão assegurada. Dos mil alunos existentes, cerca de cem chegaram em automóveis desses.

»Tudo se passou às 00h00 em ponto. Calculo que os zeros tinham algum significado para ela. Com efeito, tinha dois tatuados, um em cada palma da mão.

»A festa estava a decorrer dentro da normalidade: música, álcool, gargalhadas. Por essa altura, havia muitas pessoas a praticar sexo dentro dos carros. Parecia o cenário do costume, até que, de repente, os acontecimentos se precipitaram.

»Alguém conseguiu aceder ao sistema operativo dos carros e ligou as câmaras interiores. Em alguns segundos, as imagens começaram a ser transmitidas em direto pelas redes sociais. Os pais e as mães viram imediatamente os filhos e as filhas a fornicar, a fazer felações, a drogarse...

»Mas a coisa não ficou por aí. Às 00h03, as portas dos veículos foram bloqueadas, e estes começaram a circular por todo o *campus* a uma velocidade de precisamente dez quilómetros por hora. Quem o fez não tinha a intenção de prejudicar, apenas de semear o caos. Ainda assim, aquilo acabou com dezassete jovens no hospital e milhares de minutos de imagens espalhadas pela Internet.

— E como souberam que foi ela?

— Nunca soubemos. A Andrea não deixou uma única pista. Nunca poderia ser acusada de nada.

— Então...

— No dia seguinte, veio a este gabinete e disse-me que terminara a sua tese de fim de curso, há muitos anos! Deixou-me uma pasta em cima da mesa em que dizia: «Aceso remoto a veículos autónomos.» Lá dentro, não havia nada.

»Atribuímos-lhe um *cum laude*, e não teve de fazer mais nada. Demos-lhe o grau sem ter terminado o curso, mas merecia-o, sem dúvida.

Suspirou.

— Foi a última vez que a vi. Passados poucos meses, soubemos que se tinha apresentado a concurso.

— Bela história...

— E é apenas isto. Acho que não tenho muito mais para vos contar acerca da Andrea.

Fez-se silêncio.

— Se puder ajudar-vos em mais alguma coisa... — insistiu.

— Ora bem, calculo que os alunos tenham algum tipo de cacifo, por aqui — perguntei.

— Sim, claro.

— E é possível que a Andrea ainda tenha o dela?

— Não, não é provável. Já deve estar atribuído a outro aluno.

— Seja como for... poderíamos vê-lo?

— A que propósito?

— Vejamos, é que...

Nesse momento, contámos-lhe por alto a história do jogo das chaves e das pistas e de como tínhamos chegado à universidade. Dissemos-lhe que pensávamos que a chave que tínhamos podia ser a do cacifo da Andrea ou de algum espaço que lhe pertencesse.

O meu irmão mostrou-lhe a chave, e, mal a viu, o homem sorriu.

— Acho que vieram ao sítio errado.

— Conheço essa chave, mas não é de nenhum cacifo. Esse tipo de chave abre uns cofres tão especiais quanto desconhecidos. Esses cofres estão distribuídos por vários países, por todo o mundo: podem estar em orfanatos, em hospitais, em lares de acolhimento, em pequenas escolas...

— E o que há dentro desses cofres? — perguntei.

— Vidas que vale a pena salvar. Foi a resposta que o vosso pai me deu quando veio falar comigo acerca da Andrea e me trouxe uma chave parecida. Quando aceitei a proposta de acolher a Andrea, levou-me a visitar um sítio: um pequeno orfanato situado a cerca de três horas daqui. Foi lá que me falou do objetivo da sua fundação: encontrar pessoas especiais. Entrámos numa pequena sala cheia de caixinhas amarelas, e cada caixa tinha a sua chave, como a vossa. Deu-me a 010, e, quando a abri, deparei com toda a história da Andrea.

O homem pegou numa esferográfica e assentou qualquer coisa numa folha de papel.

— É esta a morada. Se vos puder ajudar em mais alguma coisa...

— Acho que é suficiente. Muito obrigado.

Levantámo-nos, e ele aproximou-se para nos apertar a mão.

— Uma última pergunta? — sugeri.

— Claro, diga.

— Este anel, o que tem na mão, se não for indiscrição, como o conseguiu?

O reitor desatou a rir.

— É verdade que tenho um bom ordenado, mas não é suficiente para

gastar cem mil dólares num anel. A minha mulher matava-me. — Continuou a rir. — Foi um presente do seu pai. Disse-me que talvez um dia me pudesse ser útil. Não o compreendi...

Olhámos um para o outro, enquanto dávamos um aperto de mão. Foi nesse momento que reparei que a mão dele me rodava suavemente o pulso.

— Posso fazer-lhe uma pergunta também? — disse, sem me soltar.

— Claro.

— Tem alguma coisa que ver com este trevo que tem tatuado no pulso, com a forma da chave?

Afastei a mão suavemente.

— Não me parece... — respondi.

Despedimo-nos e saímos daquele grande edifício. Entrámos no carro e introduzimos a morada no GPS.

O reitor voltou para o gabinete, assomou à janela e viu os dois irmãos atravessar o pátio interior em direção à saída. E, dali, sabendo que não o poderiam ouvir, dirigiu-lhes umas palavras finais.

— A verdade sobre a Andrea... Um dia, vão saber o poder que essa rapariga tem, um dia...

Às três horas, chegámos ao orfanato que procurávamos. Era uma casa no meio do campo, com uma quinta ao lado e uma pequena horta. À volta do edifício, havia várias carrinhas amarelas, todas iguais.

Mal chegámos, fomos recebidos por uma mulher idosa que nos levou até à pessoa responsável. Mostrámos-lhe a chave, conduziu-nos a uma sala em que havia várias caixas, também amarelas.

— Qual é a caixa que procuram?

— A 010 — respondi.

— Oh, que estranho. Há uns dias, apareceu um homem para aceder a essa

mesma caixa. Acho que levou tudo o que se encontrava lá dentro.

— Um homem? Como era? — perguntei.

— Não sei bem dizer-lhe: alto, grande, muito grande. Trazia um boné e óculos de sol. Lembro-me de que tinha uma barba cerrada, quase não se lhe via a cara. Ah, e usava luvas, não sei muito bem porquê, porque não faz assim tanto frio por aqui.

A mulher deixou-nos sós.

Experimentámos a chave. Era aquela.

A caixa continha apenas dois objetos: uma chave semelhante à que tínhamos utilizado, mas sem número, e uma folha de papel com um nome escrito: Margaret Fride. Mais nada.

OceanofPDF.com

A notícia caiu como uma bomba: Miss fora prostituta de luxo. A modelo entrara no país como imigrante ilegal. Trabalhara em mil sítios diferentes, até perceber que a beleza vendia mais do que qualquer outro produto, tendo criado a sua empresa, uma empresa onde a única funcionária era ela própria.

Nas redes sociais, apareceram alguns dos anúncios que ainda se conservavam em papel. Evidentemente, tudo o que era digital fora apagado. A organização tinha milhões de dólares para o fazer, mas o papel... Foi um pequeno recorte numa revista a conseguir revelar tudo.

Aparecia uma fotografia dela muito mais nova, com cerca de catorze anos, o limite legal para exercer a profissão.

Embora fosse algo de que não se falava nos meios de comunicação social, cinquenta por cento dos jovens entre os catorze e os dezoito anos tinham descoberto que era muito mais rentável alugar o corpo do que estudar ou trabalhar, e a prostituição *teennet* generalizara-se de tal maneira, que o governo teve de reduzir dos dezoito para os catorze anos a idade legal para se exercer. Havia demasiadas detenções todos os fins de semana.

Grande parte dos *influencers* vendia o corpo por quantias muito elevadas, que os milionários disponíveis não hesitavam em pagar. Quanto mais seguidores tinham nas redes sociais, mais alto era o cachê.

De início, Miss fora apenas uma entre muitas. Com a diferença de que, pelo facto de estar ilegal no país, nunca se anunciara em redes sociais. Recorrera a meios mais discretos, como o papel.

Os seus clientes eram homens com muito dinheiro, homens que nem

sempre se comportavam como deviam, pois o facto de se ser *teennet* e imigrante ilegal era um *cocktail* perigoso. Um cliente podia fazer o que quisesse com ela.

E um dia aconteceu: foi para a cama com a pessoa errada, uma pessoa que quase acabou com a vida de Miss.

A publicação daquela notícia nas redes sociais foi o detonador da primeira grande crise na colónia, embora esta tenha tido lugar um pouco mais tarde.

OceanofPDF.com

— Quem é a Margaret Fride? — perguntei ao meu irmão.

— Acho que, desta vez, será mais rápido consultar diretamente a contabilidade, não achas? — disse-me, com um sorriso.

Fomos até ao pequeno café que havia nas redondezas, e, enquanto ele voltava a ligar o computador, saí para tentar pôr as ideias em ordem.

Que se estava a passar? Onde nos levava tudo aquilo? Porque tinham as chaves o mesmo trevo que eu trazia no pulso? E se ele estivesse apenas a brincar connosco?

Sentei-me num banco de madeira e comecei a rever, mais uma vez, todos os padrões. O concurso podia ser um deles. Tínhamos dois concorrentes, Frank e Andrea, mas... e Margaret Fride? E se fosse o verdadeiro nome de uma das outras participantes? Nesse caso, o padrão seria reforçado.

O que não percebia era o que tinha tudo aquilo que ver com o meu desejo. Nada, não conseguia entender o sentido. E ainda havia a lista eXo. Tirei o anel do bolso e decidi pô-lo no dedo.

Levantei-me e passei durante algum tempo pelo exterior, tentando encontrar uma solução para tudo aquilo.

Depois de quase uma hora sozinha, regressei ao café. Deparei com o meu irmão a sorrir.

— Calculo que tenhas encontrado qualquer coisa, certo?

— Sim, há uma transferência em seu nome.

— Deixa-me adivinhar — interrompi —, é o verdadeiro nome de outra das concorrentes.

— Não. Também tinha pensado nisso. Ter-nos-ia dado um padrão estável,

mas não. Não tem que ver com nenhum dos concorrentes, mas com o concurso.

— Então, pode ser esse o padrão: o concurso.

— Sim, parece que sim.

— E o que podemos concluir das transferências? Algum dado interessante?

— Fez-se apenas uma em nome dela, mas muito, muito grande.

— Quanto?

— O suficiente para se ficar sem vontade de investigar.

— De investigar o quê?

— A morte de um marido.

— O quê? — perguntei, surpreendida.

— Ora bem, a Margaret era a mulher de um dos funcionários da empresa — disse, enquanto eu me aproximava do portátil. — O marido trabalhou durante dois anos, e morreu.

— Ah... E morreu de quê? — perguntei, instintivamente.

— Essa é a melhor parte. Diz apenas que sofreu um acidente na Islândia, mais nada.

— Na Islândia?

— Sim.

— E o que é que estava lá a fazer?

— Bem, na Islândia encontrava-se um dos centros de apoio de tudo o que era gravado para o concurso. Suponho que seria um dos responsáveis pela manutenção dos equipamentos.

— Então, o pagamento seria algum tipo de indemnização?

— Sim, é o que parece. Mas é uma indemnização muito alta, demasiado. Não é normal, nada normal.

— Talvez tenha morrido por causa da empresa e tenham querido ocultar

o facto...

— Parece-me que é isso que temos de descobrir.

O meu irmão introduziu o nome da mulher no motor de busca, e apareceu-nos a sua última morada. Apesar de não ficar muito longe, preferimos dormir, nessa noite, num hotel da zona.

OceanofPDF.com

A organização já tinha conhecimento destas informações, mas averiguaram o caso demasiado tarde, quando Miss já era uma das pessoas com mais popularidade do concurso, quando as melhores marcas se digladiavam para a patrocinar.

Trabalhou-se intensamente no sentido de apagar a sua pegada digital: eliminaram-se fotografias, referências e textos e chegou-se aos recantos mais escuros da Internet, com a intenção de alterar todo o seu passado.

O problema era o papel, o grande inimigo, o último reduto de liberdade. Existia uma revista muito seleta, a que só podia aceder-se por subscrição. Uma revista que falava dos iates mais modernos, dos destinos turísticos da moda, dos últimos veículos de edição limitada. Uma revista que decorava as suas páginas com mulheres e homens a posarem, despidos. Quase todos eles jovens, quase todos passíveis de serem alugados por uma boa quantia.

Era muito difícil alguém ser escolhido para aparecer nessa revista: tinha de se ser jovem, desconhecido nas redes sociais e ter um corpo praticamente perfeito. Miss satisfazia os três requisitos, portanto, quando enviou as suas fotografias, chamaram-na, e ela não pensou duas vezes.

A organização conseguiu a morada das pessoas que subscreviam a revista.

Conseguiram comprá-las quase todas, mas foi esse «quase» que espoletou o desastre.

De alguma forma, uma dessas revistas chegou a um órgão de comunicação social da concorrência.

Em apenas algumas horas, os principais patrocinadores de Miss — joias exclusivas, empresas de cosméticos, marcas de alta costura — decidiram rescindir o contrato.

OceanofPDF.com

No dia seguinte, ao início da tarde, chegámos a um bairro de luxo. O meu irmão conseguira a morada, pelo menos, a última que figurava na base de dados. Começámos a procurar, até depararmos com uma casa bonita, com um jardim imenso.

— De acordo com o que tenho apontado, é aqui.

— Bela casa! — exclamei. — Bem, suponho que, com o dinheiro que lhe pagaram, podia ter comprado três como esta.

Estacionamos diante da vedação, avançamos a pé por um pequeno caminho de pedra e batemos à porta.

Pouco segundos depois, aparece uma mulher. Pela farda, deduzimos que faz parte dos empregados.

— Bom dia — cumprimentou, com amabilidade. — Em que posso ajudá-los?

— Bom dia — respondi. — Procuramos Margaret, Margaret Fride.

— Margaret? — perguntou a mulher, surpreendida. — Lamento, mas acho que se enganaram. Não vive aqui ninguém com esse nome.

— Tem a certeza? — insisti. — A última morada que temos é esta.

— Não, lamento. Mas esperem um instante. Vou chamar o senhor para ver se os pode ajudar.

Apareceu um homem alto, forte, bem vestido, de meia-idade.

— Boa tarde. Em que posso...? — E, nesse momento, soube que acabara de me reconhecer. — Olha, mas a senhora não é a Nel, a jornalista?

— Sim, sou eu — respondi.

— Que surpresa! Aqui, em minha casa. Em que posso ajudá-los? — quis

saber, enquanto nos apertava a mão.

— Bem, andamos à procura de Margaret Fride.

— Ah, sim, a antiga proprietária desta casa.

— A antiga proprietária?

— Sim. É uma longa história... e também um pouco triste. Teve de vender a casa há algum tempo. Foi um banco que ficou com ela. Depois, foi a leilão, e houve várias licitações. Finalmente, tive oportunidade de a comprar.

— Teve de vender a casa? Mas tinha tanto dinheiro... — disse, mais para mim do que para o resto dos presentes.

— Bem, como lhes disse, é uma longa história. Se não tiverem pressa e me quiserem fazer companhia num chá, num café...

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro e aceitámos.

Atravessámos o átrio e dirigimo-nos a uma pequena sala em que havia uma mesinha simples e quatro cadeiras.

— Sentem-se, sentem-se. O que desejam tomar?

— Eu, um café... — respondeu o meu irmão.

— E a senhora? — perguntou-me.

— Também, obrigada.

— Perfeito — disse, olhando para a empregada. — Como lhes dizia, é uma história um pouco triste, mas, se me permitem a indiscrição, é para algum documentário, para algum livro?

— Nós é que pedimos desculpa. Entrámos aqui sem explicar nada. Eu e o meu irmão estamos a rever vários pormenores do testamento do nosso pai, e, entre eles, encontra-se a Margaret.

— O vosso pai! É verdade. Que falta de educação. Lamento imenso, lamento imenso o ocorrido. Não a tinha relacionado com ele. Lamento.

— Não se preocupe.

— Bem, não é que saiba grande coisa, apenas o básico. O marido dela morreu num acidente... sabiam?

— Sim, temos andado a investigar.

— Bem, antes do acidente do marido, o casal vivia, com o filho, numa casa normal, num bairro modesto do outro lado do rio. De repente, chamam-na para lhe dizer que o marido morreu de uma forma estranha na Islândia. Logo na Islândia.

»Sei que foi lá, que o enterrou e que, várias semanas depois, recebeu uma indemnização milionária. Recebeu tanto dinheiro, que conseguiu comprar esta casa. O problema foi quando teve de o gerir. Não soube fazê-lo.

— Mas como pode ter-se arruinado?

— Bem, na verdade, é simples. Quando se ganha dinheiro muito depressa e não se sabe geri-lo, começa-se a comprar coisas, coisas muito caras, a crédito. Assinam-se documentos que não foram bem interpretados, recebe-se aconselhamento de pessoas mal-intencionadas... e, de repente, os empréstimos começam a engolir tudo. Por fim, a única hipótese que teve de não ir parar à prisão foi vender esta casa.

— E agora, onde vive? Sabe?

— Sim, infelizmente, sei. Vive num descampado que existe nos arredores da cidade, numa pequena caravana.

Durante alguns segundos, ficámos todos em silêncio.

— É esta a história. Não sei se ajudei nalguma coisa.

— Sim, claro que sim. Temos de falar com ela. Vamos fazer-lhe uma visita. Muito obrigada pela informação.

— De nada. Foi um prazer.

Bebemos o café, enquanto o homem nos perguntava milhares de coisas sobre a televisão, sobre o mundo do jornalismo, sobre os segredos das pessoas famosas...

Depois de quase uma hora, saímos da casa em direção à nossa nova pista. Em apenas dez minutos, chegámos ao descampado que nos indicara. Era ainda pior do que tínhamos imaginado.

OceanofPDF.com

A notícia chegou também à colônia, com alguns minutos de atraso. De início, ninguém disse nada. Preferiram ignorar o assunto. Mas havia algo estranho no ambiente, como se, nesse dia, as horas nunca mais passassem, com a sensação de incômodo colando-se a cada recanto das instalações.

Miss reparou que ninguém se dirigia a ela, e, quando isso acontecia, o nervosismo entorpecia as palavras. Talvez por esse motivo, porque a situação não podia continuar como estava, mesmo antes de começarem a jantar, quando se encontravam todos sentados, decidiu falar.

— Bem — começou, enervada —, queria esclarecer convosco o que foi publicado nas redes sociais. Acho que vos devo uma explicação.

— A mim, não debes explicação nenhuma — interrompeu-a John, levantando-se da cadeira. — Na verdade, não quero saber nada, absolutamente nada. Todos viemos para aqui para começar de novo. Todos temos um passado do qual talvez não nos orgulhemos. Do que me orgulho, sim, é do que estamos a construir agora, no presente. Estou orgulhoso de todos vós, e de ti também.

E, sem mais dizer, aproximou-se de Miss e deu-lhe um abraço.

Miss fechou os olhos com força, para evitar que as lágrimas corressem, e apertou John com a mesma intensidade. Nesse refúgio de sensações, permitiu-se oferecer uma amnistia ao seu coração.

— Eu também não preciso de explicações — acrescentou, nesse instante, a Doutora, enquanto se aproximava de Miss. Pôs-se à sua frente, deu-lhe um abraço e um beijo infindável na face.

— Nem eu — afirmou Frank.

Assim, um após outro, todos se aproximaram dela.

Todos, exceto Andrea, que disse apenas quatro palavras enquanto continuava a escrever no teclado do computador: «O passado, passado é.»

O problema foi que, poucos dias depois, esse passado quase destruiu o presente.

OceanofPDF.com

Tratava-se de um cemitério de caravanas. Na sua maioria, desfeitas, sem rodas, escoradas em tábuas de madeira e tijolos. As mesas e as cadeiras estavam espalhadas em volta, como se acabasse de passar um furacão e os serviços da proteção civil ainda não tivessem chegado.

Caminhámos alguns metros, até encontrarmos um homem deitado numa espreguiçadeira. Vestia uma *T-shirt* que lhe estava demasiado apertada, deixando ver uma enorme barriga de gordura, como um balão prestes a explodir.

— Desculpe — disse o meu irmão, aproximando-se dele. — Procuramos Margaret, Margaret Fride.

— Ei, *mi no entender*, perguntem ali — respondeu-nos o homem, apontando para uma pequena caravana cor-de-rosa e azul.

Aproximámo-nos e batemos levemente à porta.

Apareceu uma mulher em camisa de dormir.

— Sim?

— Desculpe incomodar, mas andamos à procura de Margaret Fride.

— Ah, a Margaret, sim, a rica. Olhem, vão por ali, hão de encontrar uma caravana verde com uns vasos no tejadilho. É essa.

— Muito obrigada.

— Não tem de quê. — E a mulher ficou a observar-nos, enquanto nos afastávamos.

Depois de contornarmos umas chapas e um barco que ninguém percebia como poderia ter ido ali parar, encontrámos a caravana. Uma mulher estava a regar umas plantas no exterior. Quando nos viu, assustou-se.

— Olá — dissemos-lhe, a alguns metros de distância.

— Olá — respondeu-nos, afastando-se timidamente.

— É a Margaret Fride? — perguntei.

— Sim, a própria — respondeu, sem se aproximar.

— Bom, queríamos dar-lhe uma palavrinha.

— Não vão levar o meu filho! Estão a ouvir? Não o vão levar! Podemos viver aqui os dois — começou a gritar.

— Não, não — interrompi—, não queremos levar o seu filho. Viemos falar de outro assunto. Chamo-me Nel Miller, e este é o meu irmão, o Alan.

— Miller... São, são... os filhos do...

— Sim — disse, vendo a tensão desaparecer-lhe do rosto.

— Oh, lamento imenso tudo isto, toda esta trapalhada... Lamento, lamento...

Nesse momento, compreendemos a vergonha que começava a crescer no interior desta mulher. Sentimo-nos incomodados por ela.

— Lamento... — não parava de dizer.

— Não nos peça desculpa. Nós é que aparecemos aqui sem avisar.

— Bem, este não é o melhor lugar para vos receber.

— Não se preocupe. Serão apenas alguns minutos.

Sentámo-nos numas cadeiras à volta de um barril que fazia as vezes de mesa.

Explicámos-lhe o jogo das chaves e como tínhamos chegado a ela.

— E as pistas acabam aqui — referi.

— Mas não sei nada sobre chave nenhuma. Não sei como posso ajudá-los.

— Importa-se que lhe façamos algumas perguntas sobre a indemnização?

— quis saber, pressupondo que o assunto poderia ser delicado.

— Não, claro que não. Foi por causa do acidente do meu marido, uma

compensação económica.

— Mas é uma quantia elevada — interveio o meu irmão. — Faz ideia do motivo pelo qual lhe pagaram tanto?

— Não sei...

— Importa-se de nos contar o que se passou?

— Bem, não há muito que contar. O meu marido sempre trabalhou em construção, em obras que apareciam, biscates... Quando não andava nas obras, fazia o que podia. Não se importava de servir como empregado de mesa, de fazer reposições num supermercado, o que fosse preciso.

»Acontece que, um dia, o chamaram para lhe dar um trabalho em que ia ganhar muito dinheiro. O problema era não ser cá, tinha de ir para longe. Disseram-lhe que era num centro de segurança de dados, ou algo do género, que iam construir na Islândia.

— É verdade. Foi um investimento milionário. O que não percebo muito bem é o motivo de levar funcionários daqui, podendo contratá-los no local. O seu marido tinha habilitações em alguma área em particular? Algo que o tornasse imprescindível?

— Não, não, nada. Por isso, também estranhei. Era apenas um trabalhador das obras não especializado, mais nada. E, se quiserem saber a verdade, não era dos mais responsáveis. Despediram-no mais de uma vez por faltar ao trabalho, por chegar tarde ou mesmo por aparecer um pouco entornado — disse, envergonhada.

— Tudo isto é muito estranho. Não faz sentido. E o que se passou?

— Pensámos em várias hipóteses. Uma era ir viver para lá, mas eu tinha a minha vida aqui, e o meu filho também. Acabámos por decidir que iria apenas ele. Experimentava durante algum tempo, e logo se via. O vencimento era muito bom, e a empresa pagava-nos, a mim e ao meu filho, a viagem para a Islândia, para o visitarmos uma vez por mês.

— E o que fazia ele lá? — perguntei.

— O mais estranho era isso...

OceanofPDF.com

Apesar de milhões de pessoas terem assistido em direto, só no dia seguinte se soube a verdade. Aconteceu durante a madrugada marciana, quando já todos dormiam.

A cena, apesar de ser relativamente habitual, não passou despercebida: um corpo levanta-se de noite, uma das câmaras do corredor ativa-se, e as imagens entram no primeiro canal.

As redes sociais despertam, graças a milhares de pessoas cuja vida se movia em torno do concurso; pessoas para as quais era motivo de orgulho ser das primeiras a partilhar uma nova notícia.

O corpo continua a avançar pelo corredor, entre o silêncio e a escuridão, até se deter frente a uma porta, a mesma de sempre.

O público continua a aumentar, acontece sempre que há um encontro sexual. Como das vezes anteriores, a curiosidade principal reside em descobrir quem dos dois partilhará a cama com Miss. As casas de apostas enviam avisos automáticos aos utilizadores.

A figura, escondida sob um capuz, abre a porta, introduz-se lentamente no quarto e aproxima-se da cama. Mergulha devagar debaixo dos lençóis, para começar um jogo que o público já testemunhou noutras ocasiões.

A câmara situada no teto capta-a a abrir os olhos no escuro. Os seus dentes exibem um sorriso.

Ele começa a brincar com a cabeça entre as pernas de uma mulher que estremece a cada contacto. Continua ali durante alguns minutos, até que, aos poucos, o seu contorno vai subindo até ao umbigo, até ao peito, até ao

pescoço... até que, com um movimento brusco, os dois corpos se unem. Ela grita.

E as redes sociais vão ao rubro.

E ele tapa-lhe a boca, talvez para silenciar o som do prazer na noite, ao mesmo tempo que continua a investir por baixo dos lençóis. Os dois corpos movem-se com intensidade, com grande intensidade: parece que há muito mais paixão do que de outras vezes. Talvez seja essa mesma paixão que faz com que tudo termine depressa, muito depressa.

O corpo do homem deixa-se cair para um dos lados. Dá-lhe um beijo na face e, já fora da cama, puxa as calças para cima. Põe o capuz por cima da cabeça e abandona o quarto rapidamente. Nas redes sociais, o momento foi batizado como #omaiscurto.

OceanofPDF.com

— Nunca mo explicou, ou talvez tenha sido eu que não soube compreender. Dizia-me sempre que a empresa não permitia que se falasse do assunto. Contava-me coisas sobre cópias de segurança, computadores, dados... Fiquei com a ideia de que era um centro para fazer reproduções de tudo o que a estação transmitia.

— Bem, era mais ou menos isso — interveio o meu irmão. — Guardava-se ali tudo o que se gravava no programa. Claro que só uma pequena parte era posta no ar, mas, por lei, tínhamos de gravar tudo o que acontecia, para o caso de ser necessário, em algum momento.

»Suponho que o seu marido terá tido de assinar algum contrato de confidencialidade. Era esse o motivo pelo qual não lhe podia contar o que ali se passava.

— Sim, acabava sempre por me dizer que não podia falar do assunto. Mas não me parecia assustado, nem preocupado. Sempre que o ia visitar à Islândia... era como se quisesse contar-me qualquer coisa e não o pudesse fazer.

— Devia ter medo — disse o meu irmão. — O mais provável era estar a ser vigiado. Talvez por isso fosse a senhora que tinha de lá ir visitá-lo. De certeza que em sua casa havia câmaras e microfones escondidos.

— O quê? — Olhou para mim, surpreendida.

— Sim. Assim, o meu pai garantia que nenhum contrato de confidencialidade era quebrado.

— Mas o que aconteceu? Como morreu o seu marido? — disse, tentando desviar a conversa para a indemnização.

Cerrou ligeiramente os dentes.

— Era de noite, já. Estávamos todos deitados, o telefone tocou. Nesse dia, aprendi que as notícias nunca são boas quando o telefone toca de madrugada.

Permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Uma voz pediu-me desculpa pela hora e perguntou-me o meu nome. A frase seguinte foi: «Lamento comunicar-lhe que o seu marido morreu.» Assim, rápido, simples, sem contemplações com a dor. Por alguns segundos, fiquei sem palavras, como se tivesse sido um pesadelo.

»Quando fui capaz de reagir, explicaram-me que tinham organizado um passeio até um glaciar e que o meu marido tivera um acidente. Azar, coisas que acontecem. O gelo que se encontrava por baixo dos seus pés tinha cedido, e ele caíra de mais de vinte metros, embatendo contra o solo. A morte fora imediata, não sofrera.

A mulher parou de falar.

— Lamento imenso — disse, enquanto a abraçava.

— A verdade é que a empresa se portou muito bem connosco. Fomos à Islândia, pagaram-nos tudo, mostraram-nos o relatório da polícia. Tivemos acesso às fotografias que tinham sido tiradas, aos pormenores do resgate. Mostraram-me o corpo do meu marido...

— Tudo parecia estar em ordem — disse o meu irmão.

— Sim, é verdade.

A mulher afastou-se lentamente de mim e limpou os olhos.

— E é apenas isto. Deram-nos uma indemnização. Sim, era muito dinheiro, mas eu não sabia se era normal ou não.

— Na realidade, não é nada normal, é demasiado — interveio o meu irmão.

Nesse momento, gostava de lhe ter perguntado como era possível uma

pessoa gastar todo aquele dinheiro e ficar arruinada, mas não era a altura certa. Tinha de continuar a pensar. O meu pai conduziu-nos a esta mulher por algum motivo. Mas, agora, não se tratava de uma concorrente. Tínhamos de pensar noutra maneira, em algo que nos levasse à chave seguinte.

Olhei para o meu irmão e percebi logo que estava tão perdido como eu.

Passados alguns minutos em silêncio, tive uma ideia. O meu irmão olhou para mim, surpreendido, quando fiz a pergunta.

— Mais uma coisa: por acaso, o seu marido não era órfão?

OceanofPDF.com

Um novo dia começava na colônia. As câmaras voltavam a mostrar a rotina que envolvia tudo: a higiene matinal a seco, muito rápida, a roupa do dia anterior, a visita à cozinha para preparar a comida embalada... Longe ficavam os pequenos prazeres da vida, como um duche com água quente, o cheiro a torradas acabadas de fazer ou estrear roupa comprada na véspera.

Depois de reunir e reciclar as embalagens, a primeira coisa que cada um dos elementos da colônia fazia era ligar os dispositivos eletrônicos para alimentar o ego. Desejavam saber o que acontecera na Terra enquanto dormiam, o que tinham dito acerca deles, quanto haviam aumentado os seus seguidores ou qual a fotografia com mais *gostos*.

Alguns, como Miss, o Mãozinhas e Veruca, passavam horas a responder aos seus seguidores, a enviar vídeos em direto, a desmentir notícias, a explicar as suas ações, que eram mal interpretadas pelas imagens das câmaras.

— Bem, parece que ontem à noite houve movimentações nos corredores — referiu o militar, sem qualquer tipo de intenção.

Ninguém disse nada.

— Parece que sim. E onde está a Miss? — perguntou a Doutora. — Alguém a viu?

Nem o Mãozinhas nem o Jardineiro disseram nada. Cada um desconfiava de que fora o outro que passara a noite com ela. Tinham concordado em manter aquele estranho caso a três, mas nenhum deles queria reconhecer que, nessa noite, não fora o escolhido.

— Bem, vejo que hoje não estão muito faladores. Vou ver se ela está

bem. É estranho não ter tomado o pequeno-almoço com toda a gente — disse a Doutora, enquanto se afastava.

As câmaras perseguem uma mulher que atravessa o corredor e chega ao quarto de Miss. As audiências são excelentes, em comparação com outra manhã qualquer: todos querem saber quem esteve no quarto na noite anterior. E não apenas por causa da excitação que a informação provoca, mas porque há dinheiro em jogo: as apostas iam de três a um a favor do Mãozinhas.

A Doutora bate à porta do quarto, mas ninguém responde. Volta a bater. Nada. «É estranho», pensa, e empurra suavemente a porta: Miss está encolhida na cama, em posição fetal, tapada com os lençóis.

Aproxima-se dela em silêncio, põe-lhe a mão nas costas e, lentamente, vira-a e descobre a agitação nos seus olhos: estão demasiado inchados.

Miss abraça-a com força, como a um salva-vidas que alguém encontra no momento preciso em que o mar parece estar a levar a melhor.

— Calma... fala comigo... O que se passa? — sussurra, receando o pior. Sabe que, ali, uma doença pode ser mortal.

OceanofPDF.com

— Órfão? Não, não, nada disso — respondeu a mulher.

— Pensei que pudesse ser um padrão... — disse, olhando para o meu irmão, na esperança de que ele se lembrasse de algo melhor.

— Eu também não sei por onde continuar — reconheceu, olhando para a mulher. — Lembra-se de algum lugar onde houvesse uma porta para abrir, uma caixa-forte, um baú...?

— Deixe-me pensar...

Permanecemos alguns minutos em silêncio, mas não soube dizer-nos mais nada. Levantei-me e comecei a dar voltas por ali, tentando pensar em algum pormenor em que não tivéssemos reparado.

— Tem de haver mais qualquer coisa, algo que nos está a escapar... — continuei, falando para comigo, mas em voz alta.

Ao rever todos os dados que tínhamos reunido, percebi que não sabíamos como chegara à empresa do nosso pai. Tentei puxar por esse fio.

— Vamos lá ver... a senhora diz que o seu marido teve muitos trabalhos.

— Sim, ele fazia qualquer coisa. Principalmente, nas obras. Sabia fazer de tudo.

— E como conseguiu a empresa do nosso pai entrar em contacto com o seu marido?

— Não sei. Na verdade, ligaram-lhe através de uma agência de trabalho temporário.

— Há aqui algo estranho... Não compreendo como, sem terem uma relação anterior, contactam de repente o seu marido para ir trabalhar para a

Islândia. De certeza que não se cruzou com a empresa do meu pai antes disso? Alguma entrevista, algum teste a que se tenha apresentado...

Nesse momento, vi que algo mudava no rosto da mulher, vi o momento por que todos os jornalistas aguardavam.

— Bem, agora, que fala nisso, houve uma coisa. Uns meses antes de ir para a Islândia, o meu marido apresentou-se numas audições que andavam a fazer à procura de figurantes. Era bonito, alto, forte. Não era a primeira vez que trabalhava na área, e pagavam bem.

— Lembra-se do nome do *casting* ou de quem o organizava?

— Sim, isso mesmo. Era uma espécie de *casting*. O meu marido disse-me que era qualquer coisa para descobrir pessoas parecidas com gente famosa, ou coisa do género. Para fazerem de duplos em certos filmes.

— O programa dos parecidos! — gritou o meu irmão. — Pode ser isso.

OceanofPDF.com

— Fala comigo... O que se passa? — pergunta, perante o olhar atento de milhões de pessoas, que sobem o volume dos seus dispositivos.

Mas não há resposta, apenas silêncio no interior de um abraço que Miss deseja que nunca acabe. Busca ali, no corpo da Doutora, o caminho que lhe falta desde que chegou a Marte, não de quem procura sexo, mas de quem oferece amor sem receber nada em troca.

— Conta-me o que se passou — sussurra-lhe, de novo, ao mesmo tempo que os dois rostos se afastam e ficam frente a frente, à distância de uma respiração.

E, enquanto a Doutora lhe afasta suavemente o cabelo da cara e tenta limpar-lhe as lágrimas do rosto, os lábios de Miss abrem-se para deixar escapar uma frase que arrasta dor em cada palavra.

— Violaram-me.

Sem mais dizer, como um animal ferido, volta a afundar o corpo nos braços da Doutora. Permanecem assim, unidas, «durante todo o tempo que precisares», pensa a Doutora. «Nunca será suficiente», pensa Miss.

— Vi nas redes sociais — diz-lhe ao ouvido. — E parecia que tinhas uma visita, como das outras vezes, que tinha sido bom. Na verdade, diziam que foi mais intenso do que nunca. — E é então que a Doutora se apercebe do que aconteceu.

Miss continua a chorar.

— Quem foi? — pergunta a Doutora, em voz baixa.

Miss afasta-se lentamente dela e, entre lágrimas, dor e saliva, responde:

— Nenhum dos dois, disso tenho a certeza. Conheço os seus corpos, o

seu tato, o seu cheiro... Foi outro. Quando estava ali, debaixo dos lençóis, com a excitação do momento, não me apercebi, mas, enquanto ele me... nesse momento, reparei em algo estranho e gritei.

— E ele tapou-te a boca.

— Sim... foi... — continua a chorar.

A Doutora deixa-a desabafar, libertar toda a dor que tem dentro de si. Deixa passar vários minutos até à pergunta seguinte.

— Mas, então, quem é? Só duas hipóteses.

— Acho que não foi o militar... — sussurra. — É demasiado grande. Acho que teria notado, quando se pusesse em cima de mim.

— Pois... então resta apenas uma opção. O Frank?

— Mas o Frank... — responde uma mulher mergulhada na dor, não a física, mas a outra, a que nos destrói quando nos lembramos que nos obrigaram a fazer algo que não queríamos, a que nos recorda que nos roubaram aquilo que temos de mais precioso: a nossa intimidade... — Porquê? Porque haveria de fazer algo semelhante?

— Não sei, não sei... — responde a Doutora, tentando encontrar uma explicação.

— Não compreendo — balbucia entre lágrimas. — Não compreendo... Fugi da Terra precisamente por isso, porque me sentia um objeto, porque cometi o erro de aparecer naquela revista, porque, depois disso, alguns homens me obrigaram a fazer coisas horríveis... Arrependi-me mil vezes, mas já ninguém me levava a sério, e transformei-me numa boneca com que se podia ter prazer e que depois se descartava...

Respira.

— Não sou uma boneca, sou uma pessoa... por isso me pareceu boa ideia vir para cá, porque pensei que íamos começar do zero, num lugar onde

homens e mulheres fossem iguais, um lugar onde houvesse liberdade, onde pudesse viver sem medo.

Ficam em silêncio, abraçadas uma à outra.

Minutos antes, enquanto as duas mulheres permaneciam unidas, já as redes sociais tinham ditado a sentença.

Milhões de mensagens de ódio inundam a Internet. Todas têm um objetivo comum, todas incluem um dos seguintes *hashtags*: #Frankculpado, #Frankviolador, #morteaoFrank. Não há provas, mas também não há dúvidas. A sentença é clara: culpado.

Talvez o melhor que poderia ter acontecido a Frank nesse momento fosse estar longe da Terra, caso contrário, algum louco não demoraria mais de uma hora a localizá-lo e a dar-lhe um tiro. Havia muitos antecedentes. Não era a primeira vez que as redes sociais tinham ditado a sentença e que um desequilibrado a executara.

Em apenas alguns minutos, várias associações feministas organizaram-se para realizar protestos nas principais capitais do mundo. Todas elas pediam um castigo exemplar, que, em muitos casos, incluía a morte.

A Doutora e Miss não tinham tido consciência de que cada uma das suas palavras, com o atraso habitual, já tinha chegado à Terra e regressado à colónia. Não tinham consciência de que as mensagens de ódio estavam a aparecer, nesse mesmo instante, nos dispositivos do resto dos habitantes da colónia.

Por isso se surpreenderam tanto com o facto de, ato contínuo, se ouvirem gritos vindos da Sala Comum. Gritos de ódio, dor e raiva.

Ambas se levantam e correm para lá, temendo o pior.

— O que é o programa dos parecidos? — perguntei ao meu irmão.

— Bem, era uma espécie de *casting* em que selecionávamos pessoas que se pareciam muito com alguém. O processo era simples: um candidato sentava-se num quarto, e fazíamos-lhe algumas perguntas. Durante o interrogatório, havia câmaras que captavam cada um dos seus gestos: o seu sorriso, o movimento dos olhos, se cerrava os dentes ou relaxava os maxilares face a determinada pergunta... Desta forma, conseguíamos que um *software* especializado nos dissesse se o seu rosto, em certa medida, se parecia com o de outra pessoa.

— E para quê? — perguntou a mulher.

— Havia muitos motivos: para o caso de termos de inventar um exclusivo, de fabricar um álibi ou de ser preciso um duplo para proteger alguém... Por vezes, eram os próprios interessados a pedi-lo, outras, eram trabalhos que iniciávamos por conta própria.

— Mas o meu marido não se parecia com nenhuma celebridade.

— Nem sempre era fácil perceber à vista desarmada, por isso, utilizávamos o *software*. O programa selecionava um candidato se este tivesse oitenta por cento, ou mais, de semelhança com outra pessoa. À vista desarmada, havia parecenças que não detetávamos, mas o *software* conseguia fazê-lo. A aplicação conseguia saber se, realizando pequenos retoques de maquilhagem, cabelo, pestanas, ou mesmo cirurgia, um candidato poderia parecer-se com outra pessoa.

— Então, temos de procurar alguém que se parecesse com o seu marido

— intervim. — Talvez a solução resida aí, talvez, desta vez, não tenhamos de procurar uma chave, mas uma pessoa.

Ficámos mais alguns minutos a falar com a mulher, a agradecer-lhe pela ajuda, pela paciência.

Levantámo-nos e despedimo-nos.

Quando já nos tínhamos afastado alguns metros, o meu irmão deu a volta e dirigiu-se de novo a ela.

— Temos de corrigir esta situação. Vamos fazer alguma coisa, dou-lhe a minha palavra — disse, enquanto lhe dava um abraço.

Tentei conter as lágrimas, porque, pela primeira vez em muitos anos, voltava a ver o meu irmão, aquele que sempre fora o meu herói.

— Obrigada — disse-lhe, quando chegou junto a mim.

— Por...

— Porque sei que vais ajudar esta mulher.

— Sim, mas não lhe vou dar dinheiro. Ia gastá-lo e voltar ao mesmo. Há pessoas a quem nunca se pode dar dinheiro.

Dirigimo-nos ao carro.

— Bem, e agora? — perguntei.

— Agora, vamos precisar de pedir ajuda a alguém. Sei onde estão guardados todos estes dados, mas não tenho acesso a eles.

— Pedir ajuda a quem?

— A pessoas que nem sequer conheço.

A primeira imagem que a Doutora e Miss viram quando entraram era desoladora: o pediatra estava no chão, com a boca a sangrar. A alguns metros, o militar prendia o Mãozinhas com o braço direito. A cobra tatuada parecia mais viva do que nunca.

Toda a cena se tornou viral quando chegou à Terra. Tudo começara com um primeiro plano do Mãozinhas a consultar as redes sociais no seu dispositivo, a responder a mensagens, quando o seu rosto mudou de repente. A expressão começou a endurecer, à medida que passava as mensagens que lhe iam chegando a toda a velocidade. Continuou durante dois ou três minutos, até não aguentar mais e se levantar.

Não fez perguntas. Foi direto a Frank, que nesse momento estava a beber um café, e pôs-lhe o telemóvel a cinco centímetros da cara.

— Isto é verdade? — perguntou-lhe, aos gritos.

— O quê? O quê? Não percebo — respondeu Frank, surpreendido e assustado.

— Isto! Isto! Filho da puta! — continuou, ainda a gritar. — Esta noite violaste a Miss!

— O quê? Eu? Não, não! Não fiz na...

O Mãozinhas não conseguiu conter-se. Lançou o punho, que caiu como uma bigorna no queixo de Frank. O impacto deitou-o por terra.

O pediatra, aturdido, levou a mão à boca, de onde começava a sair um fio de sangue.

Nesse mesmo instante, John levantou do sofá os seus cento e muitos quilos de músculo e agarrou no Mãozinhas para o deter.

— Estás doido? — gritou-lhe, enquanto o agarrava com força pelas costas. — Porque fizeste isso?

Foi nesse instante que Miss e a Doutora apareceram à porta.

Depois do choque inicial, Veruca foi a correr para um canto e aninhou-se no chão. Ali, começou a chorar, sem largar um telemóvel que continuava a transmitir em direto para o seu canal.

Andrea pegou no computador e escondeu-se atrás do sofá.

O Jardineiro, durante os primeiros instantes, também ficou paralisado pelo ocorrido. Ainda não tinha consultado as redes sociais. Quase nunca o fazia de manhã, esperava sempre pela tarde, quando podia partilhar os seus progressos com as plantas.

— Não fui eu, não fui eu! Seja o que for, não fui eu. Não saí da cama a noite inteira... — lamentava-se Frank, do chão, cuspiendo sangue a cada palavra.

— Claro que foi ele, não foi? — perguntava o Mãozinhas à modelo, tentando fugir de John.

Miss abraçou-se de novo à Doutora e começou a chorar.

— O que se passou? Vamos acalmar-nos e tentar esclarecer tudo — gritou-lhe o militar, sem o soltar.

— Esta noite alguém violou a Miss! Raios! Violaram-na! Merda, merda, merda! — gritou o Mãozinhas.

De imediato, todos os olhares se voltaram para o rosto de Miss, que não conseguia dizer nada. Os seus olhos estavam fixos num ponto qualquer.

— Eu não fui, e ele também não — continuou o Mãozinhas, apontando para o Jardineiro—, portanto, só podem ter sido duas pessoas.

— Bem! — gritou o militar. — Nesse caso, também podia ter sido eu.

— Não! — voltou a gritar. — Ela disse que não era um homem tão grande, que te teria reconhecido. Foi ele.

— Mas que provas tens? — insistiu John.

— Não há aqui mais ninguém! Que provas queres? — E, com um gesto brusco, tentou libertar-se dos braços do militar, para se lançar de novo sobre Frank. John conseguiu detê-lo a tempo.

— Juro-vos que não fui eu — lamentava-se Frank, no chão.

Devagar, a Doutora foi soltando Miss e ajudou o pediatra a levantar-se.

— Vou levá-lo para a enfermaria. John, tenta acalmá-lo até sabermos o que se passou.

— Filho da puta! — gritou o Mãozinhas. — Aqui, não tens para onde ir. Não podes escapar!

OceanofPDF.com

— Temos um problema, um problema tremendo.

— Mas como foi possível passar-se uma coisa destas, raios?

Duas horas depois da confissão de Miss, três aviões saíram de três lugares diferentes em direção a um pequeno hotel perdido no nada. Os três fundadores do projeto reuniram-se de urgência num local afastado de tudo. Tinham de tomar uma decisão. E depressa.

As redes sociais pediam, mais do que justiça, vingança. Tinham encontrado um culpado, tinham ditado a sentença... esperavam que a organização a executasse.

— Se Frank for culpabilizado, acaba-se vinte por cento do nosso patrocínio. É muito dinheiro.

— Demasiado. Temos de arranjar outra solução.

— Mas como é que ele fez aquilo? Como foi capaz? Não há ninguém a vigiar?

— Manipulou as câmaras exteriores, por isso, ninguém se apercebeu, até a Miss ter contado. Por isso, ninguém o viu quando se aproximou.

— Mas está gravado?

— Sim, está gravado, mas arquitetou tudo para que as imagens não nos chegassem. Sabe que não conseguiremos transmitir as imagens, o filho da mãe! Vejam!

Os três homens veem o que realmente aconteceu. Sabem que aquelas imagens nunca poderão tornar-se públicas, têm de as apagar imediatamente, caso contrário...

— Podemos modificá-las — diz um deles.

— Como?

— Bem, basta procurar pessoas das que constam como suplentes, alterar algumas sequências, e pronto. Não será a primeira vez que criamos a mentira e a cruzamos com a realidade. São apenas alguns segundos... Temos de o fazer, ou, então, o ambiente na colónia ficará insustentável.

— Bom... Se calhar, é melhor, sim, pois haverá alguns efeitos secundários.

— E esses efeitos secundários podem ser resolvidos com dinheiro?

— Sim, acho que sim.

Os três homens ficam a pensar.

— Então, está combinado, mas isto vai levar algum tempo, umas quantas horas. Enquanto resolvemos tudo, temos de dizer qualquer coisa.

Muito poucos minutos volvidos, foi emitido o comunicado seguinte:

Caros espectadores:

A organização lamenta imenso o ocorrido. Nunca pensámos que algo semelhante pudesse acontecer, e menos ainda agora, que estamos a tentar criar uma nova civilização num novo planeta, uma Humanidade diferente e mais justa. Vamos rever minuciosamente todas as câmaras e, logo que possível, transmitiremos o ocorrido.

Estamos completamente destroçados.

Por favor, pedimos que se mantenha a presunção de inocência. Não podemos cometer os mesmos erros que as civilizações anteriores.

Obrigado.

Depois do comunicado oficial da organização, as ruas das principais cidades do mundo encheram-se de manifestações pacíficas que pediam a pena de morte para Frank. Reclamava-se também uma prisão em Marte, havendo, inclusive, quem exigisse a criação de uma cadeira elétrica nesse planeta.

O *hashtag* mais partilhado a nível mundial foi #morteaoFrank. Matem-no, prendam-no, expulsem-no... As redes sociais transmitiam o ódio de

aparelho para aparelho, de pessoa para pessoa. Redes sociais que, nesse momento, já ninguém conseguia travar, talvez nem mesmo a verdade.

OceanofPDF.com

Já era tarde.

Decidimos dormir naquela cidade.

— Não fazia ideia dessa história das parecenças — referi ao meu irmão, enquanto nos dirigíamos ao hotel.

— A empresa tinha uma base de dados enorme, com milhões de rostos. Um programa encarregava-se de rastrear todas as redes e ia armazenando fotografias. Ao início, fazia-se assim, mas era complicado ter as imagens em três dimensões, com todos os gestos, expressões... por isso, pensaram nos *castings*. O investimento foi grande, mas os resultados, espetaculares. Melhorámos o processo e, hoje em dia, já não é preciso pedir os rostos aos utilizadores. Eles próprios no-los oferecem, sem saber.

— Como?

— Lançamos, simplesmente, aplicações daquelas que mudam a cara, que põem óculos ou bigode, que dizem como alguém será dali a alguns anos, e conseguimos milhões de fotografias sem mexer um dedo. Atualmente, setenta por cento dos rostos da população mundial estão armazenados. Assim, conseguimos afinar ainda mais a publicidade.

Olhei para ele, surpreendida.

— Com os rostos?

— Claro, analisando os rostos, pode obter-se um manancial imenso de informação. Às pessoas com rugas ou manchas na pele, podemos mostrar anúncios de cremes faciais específicos; às que usam óculos, lentes ou operações aos olhos; às loiras, tintas para serem morenas; às morenas, tintas para serem loiras; às carecas, não é preciso mostrar anúncios de

champô, mas tratamentos para recuperar o cabelo; às pessoas de pele branca, protetores solares... As possibilidades são infinitas.

Chegámos ao hotel.

Jantámos qualquer coisa rapidamente, enquanto tentávamos compilar toda a informação de que dispúnhamos.

— Preciso de descansar algumas horas — disse-lhe, depois do jantar.

— Muito bem, vou fazer umas pesquisas. Quando descobrir alguma coisa, aviso-te.

— Combinado. Eu também vou pensar no assunto, a ver se consigo resolver mais um pouco deste quebra-cabeças.

Despedimo-nos no patamar que separava os dois quartos, um ao lado do outro.

OceanofPDF.com

Felizmente, Frank não tinha partido o queixo, mas perdera um dente. Na Terra, não haveria problema, mas ali era difícil resolver a situação.

Tinha jurado mil vezes à Doutora que não fizera nada; e ela acreditara. Receitara-lhe uns calmantes e aconselhara-lhe repouso.

A Doutora foi ver Miss, que se fechara no quarto e não queria falar com ninguém. Sentia-se culpada por tudo o que se passara. Sentia-se também suja, frágil e indefesa. Chorava, porque, na verdade, não sabia como sentir-se.

A Doutora deitou-se ao seu lado.

Veruca não dissera uma palavra desde o incidente, nem sequer publicara nas redes sociais. Permanecia fechada no seu quarto. Tinha vontade de continuar a chorar, mas já não tinha lágrimas. Tinha vontade de gritar, mas não encontrava voz. Tinha vontade de se ir embora dali, mas também não podia.

Andrea, depois do acontecido, preparou dois cafés na cozinha; tomou um deles ali, de uma assentada, e levou o outro para o quarto. Sentou-se na cama, pôs os auriculares nos ouvidos e abriu a tampa do portátil. Sabia que ia ser uma noite muito longa...

O militar decidiu acompanhar Frank até ao quarto e ficar com ele toda a noite. Dormiu no chão, não se importava, era algo a que estava habituado. E sabia que não o podia deixar sozinho.

O Mãozinhas e o Jardineiro, agora aliados, eram os únicos que ainda permaneciam na Sala Comum.

— O Frank? Mas porquê? Não faz sentido — comentava o Jardineiro.

— Também não sei. Talvez tenha alguma coisa que ver com a tal doença que ele disse que tinha na Terra. Se calhar era algum tipo de distúrbio mental, ou então é um predador sexual. Mas não quero saber. Só quero justiça.

— Parece que não procuras isso, mas vingança.

— Estou-me nas tintas para aquilo que lhe chamas. Isto não pode ficar assim. Ou é-te indiferente? Não te importas mesmo com o que lhe aconteceu?

— Sim, sim, claro que me importo. Custa-me tanto quanto a ti. O filho da mãe... — diz este homem, que começa a estar sob a influência do Mãozinhas. — Mas o John ficou com ele.

— Surpreendemo-lo esta noite. Entramos pela calada, apanhamo-lo a dormir e podemos subjugá-lo, com uma faca, por exemplo, e assim apanhar o Frank.

— E o que queres fazer com ele?

— Justiça, só isso, justiça. Obrigá-lo a confessar. Vamos dar-lhe a oportunidade de confessar.

— E se ele admitir que o fez?

— Então, entre todos, decidimos qual é o castigo, mas preciso que confesse.

— Está bem — responde o Jardineiro, sabendo que, na verdade, não está nada bem.

— Hoje à noite, às duas, quando todos estiverem a dormir. Encontramo-nos aqui, nesta sala.

Claro que toda esta conversa foi travada entre sussurros, diretamente ao

ouvido, para evitar que um microfone captasse as suas palavras, de maneira a evitar que John ficasse a saber tudo acerca das redes sociais.

OceanofPDF.com

E chegou a hora combinada. Duas da manhã.

As câmaras captaram duas sombras, que começaram a avançar pelo corredor até ao quarto de Frank.

Abriram a porta em silêncio e viram-nos: o pediatra na cama, John no chão. Dormiam. Mas, no momento em que o Mãozinhas deu um passo na direção de Frank, o militar levantou-se de um salto.

— O que fazes aqui? — perguntou.

— Quero justiça! — gritou o Mãozinhas, e acordou o pediatra, que permaneceu na cama, imóvel.

Para sua surpresa, John viu o Mãozinhas sacar de uma faca. Calculou as hipóteses de os dominar: existiam, mas eles eram bastante mais fortes e muito mais novos do que ele. Se lhe custara controlar um, com dois, seria muito mais complicado. Avaliou rapidamente a probabilidade de alguém sair ferido: muito elevada.

— Deixa-nos levá-lo, e ninguém sairá ferido — disse o Mãozinhas, levantando a faca com a mão direita.

— Não vais levar ninguém — respondeu John.

— Claro que vou, e não és tu quem me vai impedir — replicou o Mãozinhas, enquanto se aproximava dele, de faca em riste.

Sangue, dor, violência, caos... John vivera aquilo tantas vezes... É sabido como algo semelhante começa, não como acaba, porque, às vezes, as coisas alteram-se e tudo pode descontrolar-se. E ali não há ambulâncias. Contrataram-no para minimizar os riscos, por isso, em apenas dois segundos, avalia as alternativas, sabendo que a mais eficaz é aquela que não

deveria revelar, mas talvez tenha chegado o momento... ainda assim, decide tentar de novo a via pacífica.

— Mãozinhas, deixa isso. Vai para a cama. Amanhã será um novo dia — respondeu o militar, habituado a momentos muito mais tensos do que aquele.

— O quê? — disse, começando a rir. — Até podes ser grande, mas nós somos dois, e estou armado. Podemos bem contigo — respondeu, com raiva.

O momento era verdadeiramente tenso. O Jardineiro olhava, assustado. Frank também. O Mãozinhas e John estavam a apenas dois metros de distância.

— Não me parece, porque não estou sozinho. Também trouxe uma amiga — disse John, sacando de uma pequena pistola que apontou à cabeça do Mãozinhas.

— Mas o que é que estás a fazer? — gritou este, enquanto se detinha.

— A defender-me.

— Onde a desencantaste? Não podes ter isso aqui!

— Bem, é um pequeno privilégio decorrente de ter servido a pátria.

Silêncio.

— Escuta — tentou falar delicadamente, sem baixar a arma. — Vamos fazer uma coisa. Vamos todos acalmar-nos. Vamos dormir, descansar. Vamos esperar pelas revelações das câmaras, e, quando tivermos percebido tudo, e só nessa altura, discutiremos que castigo o culpado merece, mas, para já, não temos culpado, apenas suspeitas, mais nada. Aqui não há juízes, apenas testemunhas, milhões. As câmaras hão de mostrar o que lhe aconteceu. Até esse momento, vamos manter a calma.

O Mãozinhas e o Jardineiro sabiam que tinham perdido. Com raiva, viraram costas e foram-se embora.

O Mãozinhas regressou ao quarto a tremer de raiva, a pensar noutras formas de causar dano. E esse ódio acumulado na sua mente também se dirige ao militar. De onde desencantou a pistola? Dá um murro na cama, outro na porta, na parede... Magoa-se, mas não quer saber. O ódio anestesia-lhe a dor.

Deita-se na cama, pega no telemóvel e consulta as redes sociais; cada mensagem suscita nele mais ódio.

O Jardineiro também regressa ao seu quarto, mas com um espírito diferente. Sente-se mal por estar a acusar sem provas, por se deixar contagiar pela raiva alheia. Ele também cometeu erros. Decide esperar que tudo se esclareça. Prefere não consultar as redes sociais. Sabe que a multidão só olha numa direção, e nem sempre na mais acertada.

Veruca tentou bloquear a porta. Sentou-se na cama, nervosa. Percebe que não controla nada do que se passa à sua volta. Tem muito medo. E, neste momento, atribui ao pai a responsabilidade por a ter deixado ir para Marte. Continua sem perceber como lhe permitiu apresentar-se, como permitiu que fosse até ao fim... Porque não fez nada para a impedir?

Olha para o telemóvel e nem se interroga sobre o que dizem as redes sociais. Nasceu numa época em que a fronteira entre a realidade e a mentira depende apenas do número de *gostos* que uma mensagem tem, ou o contrário. Por isso, assume que Frank é culpado e que está ali, a apenas dois quartos de distância do seu.

*

Frank e o militar continuam juntos no quarto. O primeiro adormeceu; o segundo, habituado à vigília, receia que tudo se descontrole. É o único que desconfia do que poderá ter acontecido, é o único que tem a informação necessária para saber que há versões alternativas.

A Doutora permanece acordada junto a Miss, que, de tanto chorar, adormeceu. Compreende-a perfeitamente: passou por aquela situação várias vezes na vida. Conhece a dor que lhe percorre as entranhas, a dor que, como um vidro, dilacera os sentimentos, que atravessa a intimidade de forma cruel.

OceanofPDF.com

O homem mais rico do mundo prepara-se para enviar uma das mensagens mais incômodas da sua vida.

Há alguns minutos, deu as instruções necessárias para que se engendrasse rapidamente uma história que, em breve, substituísse a realidade.

«Agora, vem o pior», pensa. Põe-se diante da câmara e começa a gravar um vídeo.

Olá, daqui fala William Miller. Esta mensagem dirige-se, única e exclusivamente, ao astronauta e capitão da missão Centinel, Marcus Z. N. Se não for o capitão, lembro-lhe que pode incorrer em crime contra a privacidade.

Capitão, temos de falar de um assunto delicado, um assunto que lhe diz diretamente respeito.

Às nove da manhã, hora dos Estados Unidos, a programação de várias estações que transmitiam o concurso foi interrompida. Estava prevista a apresentação de um comunicado oficial sobre o que se passara em Marte.

As audiências começavam a subir, as redes sociais estavam ao rubro, as casas de apostas também... E o dinheiro continuou a entrar, porque chegaram novos anunciantes. Empresas de armas, segurança e alarmes para residências, que apareciam em oráculo, por baixo das imagens.

Ninguém podia imaginar o que realmente acontecera. Nem uma única pessoa teria acertado. As casas de apostas ganharam milhões nesse dia.

Deitei-me na cama, a olhar para o teto, a observar o vazio. A tentar reunir toda a informação que tínhamos em nosso poder. Frank, Andrea e, agora, um homem que fora trabalhar para a Islândia e morrera. Que relação havia entre estas três pessoas? Faltava-me mais uma peça, aquela que o meu irmão procurava neste preciso momento. Com quem se parecia o marido daquela mulher? Porque lhe tinham dado uma indemnização tão elevada? Toquei de novo no anel. Teriam estas pessoas alguma coisa que ver com a lista?

Escrevi num papel todas as relações possíveis entre elas, procurei novos padrões, mas não descobri nada. Restava-nos apenas continuar a jogar.

De repente, ocorreu-me outra pergunta: Onde conseguia o meu irmão obter a informação? A quem iria perguntar sobre a história do programa dos parecidos?

Foi nesse momento que chegou uma mensagem ao meu telemóvel. Era ele: «Descobri.» Mais nada.

Levantei-me da cama e dirigi-me à casa de banho. Lavei a cara e vi-me ao espelho. E juro que, por um instante, vi o seu rosto, o mesmo que, quando era pequena, aparecia atrás de mim para me pregar um susto.

Fui até ao quarto dele.

— Descobriste?

— Sim, bem, foi um pouco difícil, não tinha as ferramentas necessárias para aceder. Tive de pedir ajuda.

— Ajuda? A quem?

— A uma pessoa que cobra muito caro para fazer o seu trabalho. A

pessoas que nem sequer conheço.

— Um *hacker*?

— Na verdade, vários, um grupo organizado. Envio um pedido, eles dizem-me a quantia e indicam-me uma conta-corrente. Eu pago, eles pesquisam. Tão simples quanto isto.

— E ilegal também.

— Enfim...

Ficámos em silêncio, até ele voltar a falar.

— A única dificuldade que tiveram foi em aceder ao sistema. Numa hora, enviaram-me toda a informação. Nem imaginas com quem era parecido... com oitenta e quatro por cento de semelhança.

— Chuta.

OceanofPDF.com

Para surpresa do público, as primeiras imagens que foram transmitidas não correspondiam ao interior da colónia, mas ao exterior.

As câmaras detetaram movimento na área envolvente da colónia. A um quilómetro exato, a primeira câmara exterior captou a presença do *Rover*. Nesse momento, as comunicações foram cortadas. Passados poucos minutos, a câmara que se encontrava precisamente por cima da porta ativava-se: capta a sombra de um astronauta a aproximar-se a toda a pressa e a tapar a lente com uma mão.

A gravação seguinte é do interior da colónia, de uma câmara lateral que só consegue gravar dois segundos. O homem detém-se à entrada e, depois de uns momentos de hesitação, entra para o corredor. São, então, emitidas as imagens que já todos conhecem. Evita-se passar de novo a cena da violação. Finalmente, mostram-se as imagens da fuga. É nesse ponto que se regista um novo corte. As câmaras exteriores ficaram inutilizadas.

Durante alguns minutos, o mundo ficou em silêncio. Ninguém pensara nos ocupantes da Centinel.

Nesse mesmo instante, o Jardineiro desatou a chorar.

O Mãozinhas ficou imóvel, a observar o ecrã, durante vários minutos. Finalmente, olhou para o resto dos que estavam presentes na sala.

— Eu mato-o. Juro que o mato — foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

Depois da projeção, apareceu um apresentador com um comunicado oficial.

Aquilo que acabamos de ver foi um choque para todos. Nunca esperámos que um dos homens

mais destacados da História pudesse fazer algo semelhante. Descobrimos que, graças a um controlo remoto, conseguiu desligar as câmaras durante o intervalo de tempo necessário para que não fosse identificado. Mas cometeu um erro: as câmaras continuam sempre a gravar em segundo plano, mesmo que não transmitam, por isso, conseguimos recuperar os fragmentos que nos ajudaram a deslindar o sucedido.

Também pudemos aceder às gravações das câmaras da Centinel e detetámos que, precisamente às 00h34, hora de Marte, um dos três camarotes estava vazio, o de Marcus Z. N. Os seus dois companheiros continuavam a dormir.

Fica, desta forma, provada a inocência do concorrente Frank Smith, a quem julgo que toda a comunidade deve um pedido de desculpas.

A organização está a deliberar que sanção aplicar ao astronauta e capitão da missão, Marcus Z. N., e como conseguir que seja cumprida.

O delito é muito grave, mas em Marte não há prisão, por isso, temos de ponderar alternativas diferentes. Logo que se tenha tomado uma decisão, torná-la-emos pública.

Reiteramos o nosso pedido de desculpas pelo ocorrido, em primeiro lugar a Miss e, em segundo, a todos os que tiveram de presenciar imagens e uma situação tão terríveis.

E agora?

Era esta a pergunta que toda a gente fazia.

Como se punia alguém que se encontrava a tal distância? Como se punia uma das três pessoas que, em caso de infração grave, deveria assumir o controlo para tentar salvar a vida de toda a comunidade?

OceanofPDF.com

— O Marcus Z. N. — respondeu-me o meu irmão.

— Mas não foi esse o astronauta que violou a Miss?

— Sim, ele mesmo.

— Que sentido faz tudo isto?

— Nenhum. Mas há um pormenor que nos conduz a um padrão.

— Qual?

— Bem, «os meus amigos» enviaram-me um documento com a biografia completa do Marcus. Como podes imaginar, para ser uma das três primeiras pessoas a ir para Marte numa missão científica, é preciso ser-se esperto, muito, muito esperto.

— Uma pessoa muito inteligente... excecional.

— Exato — respondeu o meu irmão, entusiasmado. — Mas ainda há mais: não tinha pais nem irmãos. Não tinham família conhecida.

— Órfão! — exclamei. — Tal como a Andrea, exatamente como a Andrea. Temos apenas de saber em que sítio o menino foi criado, para podermos utilizar a chave. Por isso, esta chave é igual à da Andrea, porque também corresponde a uma dessas caixas... — disse, entusiasmada.

— Estou a pesquisar isso agora mesmo, a procurar onde o miúdo cresceu. Enfim, são eles que estão a pesquisar...

— Tão fácil como isso.

— Não, tão caro como isso. Mas, se houver algum dado na rede, vão encontrá-lo, e de certeza que há; o tipo tornou-se um homem muito famoso.

— Adorava ter uma equipa de investigação dessas... — murmurei para comigo, enquanto me dirigia para a porta.

— Basta ter dinheiro, muito dinheiro, mais dinheiro do que algum jornal conseguirá ter, por isso, é sempre mais fácil ocultar a informação do que encontrá-la.

Decidimos que estava na hora de ir dormir. Fora um dia muito intenso.

— Boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu.

Regressei ao meu quarto.

Deitei-me, mas, apesar de estar esgotada, não conseguia dormir. Tinha a cabeça a mil à hora. Comecei a pensar noutros padrões, noutras hipóteses, em lugares...

Depois de vários minutos de ideias que não chegavam a lado nenhum, apaguei a luz. No meio da escuridão, comecei a pensar que o meu irmão estava ali, do lado de lá do quarto, como na nossa infância. Como quando batíamos na parede, para dizer um ao outro que estávamos acordados. Como quando aprendemos o código morse, para comunicar no interior da noite. Estive prestes a bater na parede, mas não o fiz.

Do outro lado, um homem também permanece deitado na cama, tentando unir fios, resolver quebra-cabeças...

Finalmente, abraça-se à almofada, põe-se de lado e fica a olhar para a parede, para o outro lado do quarto: o sítio onde se encontra a irmã. Sente-se feliz, porque é o mais perto que a tem desde há muito tempo.

Levanta a mão e, no silêncio da noite, na fronteira exata entre o arrependimento e o amor, ouvem-se várias pancadas.

Uma pancada suave e uma pancada forte.

Uma pancada forte e duas suaves.

Três pancadas fortes.

Uma pancada suave, uma forte e uma suave.

Três pancadas fortes.

Silêncio.

Uma pancada forte.

Uma pancada suave.

E caem as lágrimas dos dois lados de uma parede que, agora, apesar de ser física, é muito mais frágil do que a anterior, a que ambos construíram com o esquecimento.

OceanofPDF.com

Depois da violação, nada voltou a ser igual: era como se a pequena família constituída pelos oito escolhidos tivesse perdido a inocência. Acabaram-se as portas abertas de noite, as pequenas partidas que, de vez em quando, faziam uns aos outros, a alegria que polvilhava muitos momentos... Tudo isso foi desaparecendo à medida que a rotina se instalou.

Perceberam que o passar dos dias não garantia a existência de um futuro. O mesmo espaço reduzido de sempre, os mesmos horários, as mesmas tarefas repetitivas, os mesmos limites e, sobretudo, os mesmos rostos, as mesmas pessoas...

No entanto, se havia algo pior do que a rotina, era, sem dúvida, a ausência de possibilidades. Podemos habituar-nos a repetir as mesmas ações, a que cada dia seja igual ao de ontem e venha a ser igual ao de amanhã — com efeito, na Terra, a maioria das pessoas vive assim —, mas toda a gente precisa de possibilidades. Mesmo que não façam uso delas, mesmo que nunca saiam da roda de hámster que elas próprias criaram, mesmo que baseiem a sua existência e a sua esperança na frase «Um dia, faço isso», as pessoas têm de saber que existe hipótese de sair da jaula.

Mas ali não existia chance de conhecer novas pessoas, de sair para tomar um copo e dançar com um desconhecido, de ir a uma discoteca para fazer amigos, de encontrar a mulher da nossa vida numa festa... Não havia cidades para visitar, restaurantes para descobrir, parques onde passear, mares a navegar... Nada.

Foi também essa ausência de possibilidades que começou a aborrecer um público que, passada a novidade, se foi desinteressando do programa como

uma criança se desinteressa de um brinquedo. Um público que foi substituindo a curiosidade por Marte pelas últimas coscuvilhices dos novos *influencers* na Terra.

E, finalmente, foi essa rotina a injetar na mente dos concorrentes a ideia de que tinham escolhido a opção errada: talvez se estivesse melhor na Terra.

Depois da violação, tudo mudou.

Frank não voltou a ser o mesmo. Apesar de ter perdoado publicamente ao Mãozinhas, a raiva não saíria de dentro de si; tentava controlá-la e dissimulá-la, mas, quando se via ao espelho, contava um dente a menos.

O Mãozinhas, por seu lado, estava sempre aborrecido. Era um homem nervoso, ativo, habituado a calcorrear as ruas da sua cidade, acostumado a andar de bar em bar, de lugar em lugar; já não suportava a rotina daquele sítio. Durante as primeiras semanas depois do incidente, tentara, mais de uma vez, sair dali sem autorização, para poder alargar os limites da sua existência. Por esse motivo, dera origem a várias altercações. Discutira com a organização e com John, mas, ultimamente, já nem sequer tinha vontade de irritar fosse quem fosse.

John arrependera-se muitas vezes de ter mostrado a pistola.

Agora, todos sabiam que existia, pelo menos, uma arma e que ele era o único a ter conhecimento da sua localização. O facto deixava-o numa posição de poder em relação aos outros, e John sabia que as desigualdades conduzem quase sempre ao conflito. Vira-o acontecer demasiadas vezes ao longo da vida.

Miss perdeu o interesse pelo contacto físico. Depois do ocorrido, tornou-se mais reservada, isolou-se do grupo. As suas noites não voltaram a ser as mesmas. Passou muito tempo até alguém voltar a visitá-la no quarto. Todos os dias, quando ia deitar-se, tentava bloquear a porta com algum objeto, e o

mais pequeno som, de madrugada, era suficiente para que acordasse a chorar.

O que ainda não sabia era que, numa questão de semanas, a sua vida mudaria por completo.

OceanofPDF.com

Nessa noite, mal consegui dormir. Pensei no anel, nas pancadas na parede, no desejo que pedi ao meu pai, em todo aquele jogo sem sentido.

Na manhã seguinte, tomei um duche, vesti-me e enviei uma mensagem ao meu irmão, para lhe dizer que estava lá em baixo, no bar do hotel.

Pedi um chá e fiquei ali quase uma hora, sozinha, a observar as pessoas. «Adoro-te.» O meu irmão dissera-me que gostava de mim, mesmo que o tivesse feito através de uma parede. Estava a pensar nisso quando ele apareceu. Vi-o aproximar-se da mesa, a sorrir, talvez com a intenção de me dar um beijo, que não chegou a concretizar.

— Bom dia — disse, sentando-se à minha frente.

— Bom dia. Conseguiu descobrir alguma coisa?

— Sim... não foi difícil, mas tenho de reconhecer que o mérito não é meu. Limitei-me a esperar pela resposta. Às vezes, chega, outras, não.

— Um serviço fantástico. Quem me dera tê-lo no jornal. Conheces os tipos que te passam a informação?

— Se os conheço? Não, claro. Ninguém os conhece. A única coisa que conheço são os seus *nicks*: gnr20, gunswagger, zerozero...

— Nomes curiosos — respondi, enquanto o empregado trazia o café com gelo que ele pedira. Mexeu-o, juntou o açúcar, voltou a mexer e engoliu-o de uma assentada.

— Vamos para o aeroporto! — disse, a sorrir.

— Para o aeroporto?

— Sim, é bastante longe.

O novo destino ficava praticamente do outro lado do país. Mal aterrámos, alugámos um carro e percorremos estradas solitárias, até chegarmos a uma grande casa junto a uma pequena igreja.

Como da vez anterior, quando fôramos visitar o orfanato onde Andrea estivera, também havia várias carrinhas amarelas no exterior do edifício.

Batemos à porta. Um homem idoso veio abrir e, depois de nos olhar de alto a baixo, convidou-nos a entrar. Explicámos rapidamente a nossa história e perguntámos pela caixa.

— Sim, temos aqui algumas dessas caixas, mas também é verdade que, há algum tempo, levaram outras. Que número tem a sua chave?

— Não tem número — respondi.

— Estranho... — disse o homem, surpreendido.

— Não tem número, mas achamos que é a caixa do Marcus — expliquei.

— Bem, se for a chave certa, abrirá a caixa; se não for, não vai ser possível abri-la... Venham comigo.

Percorremos um corredor estreito.

— É estranho... quase nunca vem cá ninguém. Mas, esta semana, são os segundos a perguntar-me por essa caixa.

— Como?

— Sim, há dois dias, apareceu um homem a pedir o mesmo. É raro haver duas chaves para uma só caixa. Pensava que era impossível. A dele, sim, tinha o número...

— Podemos perguntar-lhe como era esse homem? — tentei. Qualquer informação poderá ser útil.

— Era alto, forte, com barba e cara de poucos amigos. Trazia uns óculos de sol enormes. Não é que fosse antipático. Não, não era isso. Estava sério.

Chegámos a uma pequena divisão. Entrámos, olhou em volta e pegou numa caixa, a 133.

— Aqui têm, a caixa do Marcus, o astronauta — disse, enquanto a depositava em cima de uma mesa. Sabem que ele passou aqui parte da infância? Estamos tão orgulhosos dele.

— Orgulhosos? — respondi, indignada. Depois do que ele fez?

— Depois do que ele fez? E o que é que ele fez, exatamente? — respondeu-me, o semblante sério.

— Bem, o senhor sabe. Violou aquela rapariga...

O homem olhou-nos fixamente e começou a rir.

— E quem o diz? — perguntou o idoso.

— A televisão, as redes sociais, a Internet; as imagens apareceram em todos os órgãos de comunicação social.

— Ah... a televisão, as redes sociais, a Internet... — repetiu, em tom de desprezo. E, olhando-me diretamente, fez-me uma pergunta que me atingiu. — E calculo que a senhora seja jornalista?

A pergunta apanhou-me desprevenida. Ao longo da minha carreira, tivera muitos desencontros com colegas de outros meios, com empresários, com delinquentes, mas acho que nunca tinha sentido um desprezo tão absoluto.

— No meu tempo, um jornalista tinha de ter coragem, ser ousado, ter uma boa câmara, não essas porcarias de telemóveis com que vocês agora andam. Na minha altura, um bom jornalista questionava tudo, fazia os impossíveis para descobrir a verdade, mas hoje em dia...

— Oiça... — interrompi. Não estava disposta a que alguém me falasse assim, por mais idade que tivesse.

— Garanto-lhe que não foi o Marcus que violou aquela rapariga. Juro pelos meus filhos, por toda a minha família.

— Mas... — Tentei acalmar-me. — Como pode estar tão certo disso?

— Bem, porque o educámos aqui, porque ele foi uma das crianças mais carinhosas que passou por esta quinta. Porque era doce, terno, dos que

choravam com qualquer filme de amor, e, acima de tudo, porque era *gay*, e não me parece que Marte possa mudar isso.

Fiquei sem palavras.

— Muito bem. Aqui têm a caixa. Experimentem a chave.

— E o senhor? — perguntou o meu irmão.

— Eu fico, para ver se essa chave abre a caixa. Se assim for, vou-me embora e deixo-vos em paz.

A chave abriu. E o homem saiu da divisão.

— O que significa aquela história toda do Marcus? — perguntei ao meu irmão.

— Não sei. Talvez a resposta esteja na caixa.

Quando a abrimos, vimos que lá dentro havia apenas um papel, mais nada. Lemos o nome que estava escrito no mesmo. Ambos conhecíamos aquela pessoa.

Ambos sabíamos que seria um encontro difícil.

OceanofPDF.com

Andrea era, sem dúvida, a que melhor se adaptara à vida na colónia. Talvez porque estava habituada a viver assim: isolada. Podia dizer-se que era feliz. Ninguém fazia troça dela, ninguém a atacava, ninguém a menosprezava. Não tinha de estar sempre atenta ao meio envolvente, as câmaras estavam ali para isso. Fazia tudo o que lhe pediam da Terra, através da Centinel, e colaborava nas tarefas comuns.

Ela e o Jardineiro eram as pessoas mais reservadas da colónia. Este, por seu lado, também se sentia feliz a ver as plantas crescer num ambiente tão estranho como aquele. Cada folha nova, cada flor era motivo de felicidade dentro da sua rotina.

De vez em quando, lembrava-se do passado, da mulher que já não existia, das vidas que haviam desaparecido a escassos metros, ao seu lado. Tentava esquecer tudo aquilo, pensando agora nela, em Miss, por quem estava apaixonado, mas de quem não se aproximava por vergonha, por medo de, mais uma vez, fazer mal a alguém.

Era a médica que, juntamente com o militar, era considerada, de alguma forma, responsável pelo resto dos habitantes da colónia. Talvez pela idade, talvez pela experiência, o facto era que as suas opiniões eram as que mais se levavam em conta.

Entre ela e o militar houve pequenos momentos de atração, que, de quando em vez, terminaram em sexo. Ainda assim, tentavam que o interesse que tinham um pelo outro passasse despercebido. Amor, talvez não houvesse, mas necessidades, sim. A gravidade e a pressão também não afetaram John.

*

Mas, se havia alguém que cavava cada vez mais fundo a sua própria perdição, era Veruca. Era a flor que morria no deserto, a gota de água que se evaporava ao amanhecer, a vida que murchava no paraíso....

Pouco a pouco, deixou de falar e cada dia publicava menos nas redes sociais... e isso era perigoso, pois, para ela, desaparecer dali era como morrer em vida. Passava os dias no quarto, entre lágrimas, devaneios e tristeza.

De vez em quando, Miss ou a Doutora apareciam para falar com ela, mas as respostas escasseavam mais e mais.

Que fazer quando nos levantamos todas as manhãs no sítio errado? Quando a única coisa que se deseja ao acordar é voltar a adormecer, para ver se tudo não passou de um sonho?

— Já viram o estado da Veruca? Temos de fazer alguma coisa. Há demasiados dias que não sai do quarto. Não come, não fala com ninguém, acho que nem sequer dorme... Ainda vai acabar por adoecer — referiu a Doutora na Sala Comum.

— O que ela tem é de se pôr a trabalhar. Não pode continuar assim — respondeu o Mãozinhas, bruscamente. — Aqui, todos colaboramos. E ela, o que faz ela? Eu também me queria ir embora desta porcaria de sítio, desta treta...

— Sim, mas é apenas uma criança. Continuo sem perceber como o pai permitiu que viesse para Marte. Não podemos esquecer-nos de que é uma rapariga que passou de ter tudo a não ter nada. — A Doutora tentava justificar.

— Talvez a tenha mandado para aqui para lhe dar uma bela lição. E não é assim tão nova. É maior de idade. Foi ela que tomou a decisão, como todos nós, ou acham que eu não gostava de voltar para a minha casa, para os meus

amigos, de voltar para a minha cama, para o meu...? — Nesse momento, o Mãozinhas explodiu pela primeira vez e começou a chorar diante das câmaras.

Levantou-se, dirigindo-se a Frank.

E abraçou-o.

— Lamento, lamento imenso. Desculpa ter-me comportado daquela maneira. Desculpa, desculpa... Quem me dera estar na Terra, para te poder arranjar o dente, para poder consertar tudo, para... — Afastou-se dele bruscamente e foi a correr para o seu quarto.

OceanofPDF.com

Dois dias depois, a estação emitiu o comunicado que a população aguardava, um comunicado que não seria bem aceite.

Uma apresentadora apareceu diante das câmaras.

Bom dia, boa tarde, boa noite a todos os telespectadores.

Interrompemos a transmissão, porque, depois de reunidos os especialistas jurídicos, e com base na legislação aplicável em Marte, se realizou um julgamento privado que contou com a presença de três prestigiados juízes, de um advogado e, a partir de Marte, do próprio capitão Marcus, através de videoconferência diferida.

Teve-se em conta a gravidade dos factos e a vulnerabilidade da vítima, mas também o percurso irrepreensível do capitão.

Aplicou-se como atenuante a situação excecional que ali se vive: dois anos de solidão podem afetar até a mente mais lúcida.

Não estamos, com isto, a justificar qualquer ato, apenas a tentar encontrar uma explicação.

Este é o veredicto:

Marcus Z. N. é culpado da violação de Amelie Borowski, mais conhecida por Miss, em Marte. A punição seria de vinte anos de detenção, mas, como ali não existe estabelecimento prisional e é impossível repatriar o acusado para que cumpra a pena na Terra, o tribunal determinou que será desterrado da colónia para o resto da vida. Nunca mais poderá aproximar-se dela. Deverá manter uma distância mínima de dez quilómetros.

Pensou-se também em mantê-lo fechado na nave durante vários anos, sem que lhe fosse permitido sair, mas é uma pena inviável, pois o seu trabalho no exterior é necessário para a sobrevivência de todo o projeto.

Muito obrigada pela vossa atenção. Feliz dia, feliz tarde, feliz noite.

Numa questão de segundos, apenas, a indignação percorreu as ruas e as redes sociais. Parecera a todos um castigo demasiado brando. Mas que alternativa havia? A vida de quem ali estava dependia desse homem, de uma das mentes mais brilhantes que a Terra criara.

Mais um aeroporto. Mais uma viagem.

Mais um estado diferente. Mais um carro de aluguer.

E, entre os quilómetros...

— Como se volta a viver depois de nos acontecer uma coisa destas? — perguntei ao meu irmão.

— Não sei, não sei...

— Conhecia-la bem?

— Sim, bastante. Eu e o pai íamos muitas vezes a casa dela. Foi quando tu já não estavas... — O meu irmão parou de falar, percebeu que tinha aflorado um ponto sensível.

O silêncio entre ambos adensou-se. Um silêncio que me ajudou a olhar para os meus atos sob outra perspetiva. Talvez tenha sido injusta, demasiado egoísta. Castiguei o meu irmão, quando, na realidade, só queria fugir do meu pai.

«E, papá, sabes porque quis fugir de ti? Porque me habituaste aos teus beijos, às tuas cócegas, às tuas brincadeiras... Porque, mal me vias, me pegavas ao colo e eu voava nos teus braços, e fazias-me sentir capaz de tudo, capaz de derrotar qualquer ser maléfico, capaz de salvar o mundo. De repente, tudo isso acabou. Foste-te esquecendo de mim: a cada dia que passava, os teus beijos eram mais pequenos; as tuas cócegas mal me faziam rir; e os abraços só chegavam na véspera das tuas ausências, que duravam cada vez mais e te levavam para cada vez mais longe.»

— E conheceste a filha? — disse, voltando à conversa.

— A Veruca? Sim. Às vezes, vinha ao escritório. O pai adorava-a. Sabes

que o nascimento dela foi quase um milagre?

— Porquê? — perguntei.

— Os pais não podiam ter filhos. Eram um dos casais mais ricos do mundo e, mesmo assim, não podiam ter filhos. Fizeram todos os tratamentos possíveis, até que, por fim, conseguiram. Por isso, a Veruca era tão importante para eles, tão mimada.

— O que não compreendo é por que motivo o pai a deixou ir. Foi praticamente uma condenação à morte.

— Não sei, não sei. Sempre pensei que haveria algum plano B, que, de alguma forma, ele sabia que, no futuro, poderia trazê-la de volta, que poderia tirá-la de lá com alguma nave espacial de última geração, algum projeto secreto... Se calhar, só queria dar-lhe uma lição.

— Talvez hoje fiquemos a saber.

— Talvez...

OceanofPDF.com

Mas, se havia algo que realmente abatia Veruca, não era estar ali sozinha, sem nada que fazer. Na verdade, em casa, muitas vezes, também não fazia nada; se havia alguma coisa que a deixava em baixo, eram as opiniões negativas nas redes sociais. Desde a infância, fora uma criança pública. Com apenas cinco anos, teve o seu primeiro canal, aos nove, conseguiu o primeiro milhão de seguidores, aos vinte, tinha vários milhões. A sua felicidade e a sua tristeza dependiam da quantidade de *gostos* de uma fotografia. Vários comentários negativos podiam dar-lhe cabo do dia.

Apesar de lhe continuarem a chegar mensagens de apoio dos seus fãs mais incondicionais, a verdade é que a grande maioria era de ódio. Um dos *hashtags* que mais utilizavam era #Verucanaovoltes.

E Veruca, em vez de se afastar daquele ninho de víboras, fazia precisamente o contrário. Passava horas, dias, deitada na cama, a ler cada uma dessas mensagens. Por fim, aquele vírus foi-a envenenando de tal forma, que chegou a pensar que a realidade eram as redes sociais e não aquilo que tinha à sua volta.

De vez em quando, a Doutora tentava fazer-lhe algum tipo de terapia, pelo menos, manter uma conversa. Começava sempre com a mesma pergunta, e quase sempre a resposta era também a mesma.

— Como estás hoje?

— Não consigo estar aqui, não quero estar aqui.

— Veruca, foi o que escolheste — respondia-lhe, num tom calmo. — E, desta vez, a decisão não se resumia a escolher uma camisola cor-de-rosa ou uma amarela, era uma decisão importante.

— Não consigo estar aqui para sempre — dizia Veruca. — Isto é uma prisão.

— Sim, é verdade, mas uma prisão que tu escolheste. Mesmo assim, tenho a certeza de que, desde que a tecnologia o permita, terás oportunidade de voltar.

— Isso pode demorar muito...

— Não tanto quanto isso. Em menos de dois anos, outra nave espacial chegará a Marte. Talvez nessa altura...

— Dois anos... — lamentava-se Veruca.

— Entretanto, terás de te adaptar. Não é fácil para nenhum de nós. Olha a Miss, vê aquilo por que passou. Temos de tentar criar uma sociedade, dia após dia...

— Mas eu não quero estar aqui.

OceanofPDF.com

Chegámos a uma grande mansão.

Quando o marido faleceu, tornara-se a sexta pessoa mais rica do mundo.

Parámos o carro em frente a umas portas exteriores. Um segurança pediu-nos a documentação, e entrámos.

Um mordomo aguardava-nos.

— Bem-vindos. Sigam-me, por favor.

Seguimo-lo até uma grande divisão coberta de mármore, ouro e solidão, sobretudo, solidão.

— A senhora virá daqui a alguns instantes.

Quase sem nos darmos conta, passados poucos segundos, apareceu a miragem de uma mulher. Ali não havia armadilhas: não tinha maquilhagem, nem postigos, nem holofotes colocados de forma estratégica. Não, aquilo não era a reportagem de uma revista qualquer. Vimos apenas um vestido que cobria um interior feito de ossos e mágoa.

Quando chegou junto de nós, abraçou-se ao meu irmão e começou a chorar em silêncio, como se cada lágrima pedisse desculpa pelo facto de se soltar.

Eram quase horas do almoço quando Veruca recebeu uma nova mensagem do pai, uma de muitas. Escrevia-lhe praticamente todos os dias e tentava sempre enchê-la de coragem. Dizia-lhe que fosse forte, que a amava.

Leu-a durante vários minutos e depois fechou o portátil e ficou deitada na cama, a olhar para o vazio. Há dois dias que mal comia.

Passados poucos minutos, as câmaras mostram a Doutora a entrar no seu quarto para conversar com ela.

— Como vai isso? Que tal as coisas com o teu pai?

— Tudo bem... — responde, sem vontade. — Como sempre.

— Alguma novidade na Terra?

— O mesmo de sempre. Disse-me que tenho de ser forte, que não me vá abaixo... parvoíces como estas. — E, enquanto fala, vira-se na cama e fica a olhar para a parede.

Silêncio. A médica dá-lhe um beijo na face e vai-se embora.

OceanofPDF.com

Dois dos três fundadores do projeto estão deveras preocupados. Sabem que nunca deveriam ter permitido que aquela rapariga entrasse para a colónia.

Veruca está a ficar muito abatida. Uma bomba com grandes possibilidades de deflagrar; além disso, oferecia uma imagem eterna de tristeza, de tédio, de desespero, e isso não era bom para ninguém, nem para os outros elementos da colónia, nem para o programa, nem para as audiências. E, naturalmente, não era bom para os patrocinadores, que a última coisa que queriam era que alguém como ela publicitasse os seus produtos.

Deviam ter nisso pensado antes, deviam ter proibido a sua participação com antecedência, mas, claro, dependiam do dinheiro daquele terceiro homem. Um homem instável, caprichoso — tal como a filha —, prepotente, mas rico, muito rico. O dinheiro.

Dias depois de completados seis meses desde a chegada a Marte, a Terra ficou em silêncio, pela segunda vez. Ninguém quis perceber que, por vezes, entre tantos seres humanos, é complicado encontrar humanidade.

Ninguém levou os avisos a sério, ninguém quis interpretar as palavras — tanto as que foram ditas como as que acabaram por ser engolidas—, ninguém reparou nos olhares, sobretudo nos que se afastavam...

Passavam apenas alguns minutos das duas da madrugada, hora de Marte. A colónia estava em silêncio. As câmaras, imóveis, apontavam para a escuridão, e, no principal canal do concurso, eram transmitidas reposições dos melhores momentos do dia...

O corpo que acaba de acordar sabe que, quando se levantar da cama, ativará a câmara que se encontra na parede, por isso a tapou no dia anterior. Também inutilizou a câmara interior, que se encontra mesmo por cima da porta. Começa a vestir-se às escuras. Veste as calças e uma *sweatshirt* com capuz.

Sai para o corredor. Conhecia um ângulo morto, mas sabia que, se avançasse dois metros, a câmara no teto captaria a sua presença e transmitiria a imagem de forma automática. Começa a mexer-se.

E isso desencadearia uma sucessão de ações na Terra. Quando, uns minutos mais tarde, as imagens comesçassem a chegar, as redes sociais avisariam os que estivessem acordados e acordariam os que estivessem a dormir. As audiências aumentariam, porque todos suspeitariam de que pudesse acontecer de novo, e todos haveriam de querer ser testemunhas. Seria Miss vítima mais uma vez? O corpo continua a caminhar em direção

ao quarto de Miss. Detém-se em frente à porta e empurra-a, mas esta não abre. Parece estar bloqueada por dentro.

O corpo afasta-se do quarto de Miss e dirige-se a outro, ao da Doutora. Todos sabem que é o seu, porque, logo no primeiro dia, marcou-o com uma cruz na porta, para o caso de haver alguma emergência durante a noite.

Empurra, e, desta vez, a porta abre-se com facilidade.

E a sombra entra.

Quando estas imagens chegam à Terra, o público volta a suster a respiração.

OceanofPDF.com

— Alan — disse, enquanto lhe agarrava na mão, como se ele fosse um apoio que podia trazer-lhe paz —, quanto tempo se passou desde a última vez?

— Muito... Desculpa não ter vindo ver-te.

— Não te preocupes. As tuas chamadas eram suficientes.

— Olha, esta é a Nel, a minha irmã.

Nesse momento, a mulher aproximou-se de mim e estendeu-me a mão. Uma mão de osso e metal. Cinco dedos que mal tinham carne, adornados com vários anéis, que, sem dúvida, lhe ficavam grandes. Reconheci um deles.

O meu irmão pegou-lhe suavemente e acompanhou-a até uma sala contígua. Ali, sentou-se ao seu lado num grande sofá.

Um mordomo aproximou-se, para nos oferecer infusões de todo o tipo, e deixou também um tabuleiro com bolachas.

— Mas, então, diz-me, o que vos traz por cá? Em que posso ajudar-vos?

— Não sei por onde começar. Bem, o nosso pai deixou-nos uma missão, uma última missão. Já sabe como ele era. E estamos completamente perdidos — disse o meu irmão.

— Sim, bem sei como ele era. Sempre a brincar, sempre a fazer coisas diferentes... Houve uma altura em que apreciei muito o vosso pai, muitíssimo. — Fez um esforço para sorrir. — Mas isso foi antes de começar a odiá-lo, claro. Foi antes de ter feito... — Ficou em silêncio durante uns instantes. — Mas conta lá...

Explicámos-lhe o jogo das chaves, as caixas, as pistas, como tínhamos,

finalmente, chegado a ela; dissemos-lhe que na última caixa não havia uma chave, mas o nome dela. Perguntámos-lhe, mas não se lembrava de ter tido uma chave com um trevo, nem uma caixa amarela...

— Calculámos que aconteceria algo semelhante — disse o meu irmão —, que não seria assim tão fácil, por isso, gostava de lhe fazer algumas perguntas. Podem ser dolorosas, mas, por algum motivo, as pistas do meu pai conduziram-nos a si.

— Dolorosas? — perguntou, exibindo um sorriso que não chegou a ser real. — Acho que não há nada mais doloroso do que a própria dor. Já nem a alma me dói. Há alturas em que a única coisa que me assusta é esquecer. Os dias passam, e as recordações, como os desenhos na areia, são levadas pelas ondas do tempo. Tenta-se fazer o impossível para que não aconteça: vejo fotografias, leio as suas cartas, recordo os momentos, os bons e os maus, mas há um instante em que me esqueço da cara, das suas caras... Isto, isto é dor em estado puro.

O meu irmão apertou-lhe suavemente a mão.

— Desculpa... Diz lá.

— Queríamos saber a sua opinião, a sua opinião sobre o que aconteceu ao seu marido. Talvez isso nos possa ajudar.

O meu irmão tivera muito tato. Havia dois fios que podíamos puxar, o do marido e o da filha. Começou pelo menos doloroso.

E, quando ambos pensávamos que nos ia contar a história conhecida, a que apareceu em todos os jornais, a do acidente de automóvel, disse uma coisa que nos deixou sem palavras.

— Mataram o meu marido — afirmou, sem que o seu rosto se alterasse.

— O quê? Mas como? Quem? — foi a única coisa que me ocorreu dizer.

— Mataram o meu marido — repetiu, desta vez quase sem se fazer ouvir.

— Como?... Num automóvel. E quem? — Então, respirou fundo. Olhou-nos diretamente. — O vosso pai.

OceanofPDF.com

O corpo aproxima-se lentamente da cama, inclina a cabeça e dá-lhe um beijo.

Vira costas e sai do quarto.

As câmaras do corredor continuam a ativar-se, uma após outra, perseguindo uma sombra anónima que parece não saber para onde vai.

Na Terra, as audiências são à escala mundial. Não há ninguém que consiga dormir. Todos estão presos aos seus dispositivos eletrónicos, querem testemunhar o que se está a passar. Nas redes sociais, perguntam-se por que motivo a organização, por esta altura, ainda não enviou um sinal de emergência à Centinel, para que façam alguma coisa. Talvez, dizem alguns, porque é da Centinel que o perigo vem.

O corpo chega à Sala Comum. Permanece ali por alguns instantes, olhando em volta.

E é aí, nessa sala que tem mais luz, que o público deteta algo estranho: a compleição é diferente.

O corpo dirige-se agora à porta exterior.

Talvez se tenha arrependido, publicam as redes sociais.

Chega à pequena divisão onde se encontram os fatos e veste um deles. Parece que se vai embora. Um suspiro de alívio percorre a Terra.

Com o fato vestido, o corpo marca o código de saída e abre a primeira comporta de isolamento.

Fecha essa e abre a seguinte.

Fecha depois a segunda e sai.

Ativa-se então a câmara que se encontra no exterior, mais precisamente, a

três metros da porta. Uma câmara capaz de captar o corpo, mas incapaz de ver as lágrimas que brotam no interior do capacete.

O corpo afasta-se cerca de dez metros da porta e detém-se, no meio do nada.

OceanofPDF.com

— O nosso pai?

— Bem, não pessoalmente, claro, mas tenho a certeza de que foi ele que deu a ordem.

Apertou a mão do meu irmão e, de repente, mudou de assunto. Como se a morte do marido não fosse mais do que a consequência daquilo que começou com Veruca.

— Sempre me opus. Pareceu-me uma loucura, mais um capricho de uma menina mal-educada. Ambos tínhamos deixado muito claro, desde o início, que não iria para Marte. Na verdade, foi ele, o pai, que o esclareceu desde logo. Tínhamos passado por tanta coisa para que ela nascesse... Mas a Vera era a Vera, e continuou a insistir. Pensava que, como sempre, acabaria por levar a sua avante. Quando quis um carro, o pai ofereceu-lhe um *Ferrari*; quando quis casa própria, o pai ofereceu-lhe um apartamento em Nova Iorque e outro em Paris. Tínhamos dinheiro de sobra, e ela era filha única.

Respirou.

— Um dia, o pai disse-me que conseguira que a aceitassem nas provas de acesso ao concurso. Nesse dia, desabei, literalmente. Desmaiei na cozinha. Porque já sabia que a seleção dos concorrentes fora combinada e que, se quisessem, ela poderia chegar à final. E então iria, e eu ficaria sem a minha menina. Supliquei-lhe, até me ajoelhei...

»A miúda queria viver a experiência, disse o pai.

»Eu avisei-os de tudo o que podia acontecer, mas, quanto mais falava, maior era a vontade que ela tinha de ir. Ataquei-a onde mais doía: disse-lhe que as redes sociais ficariam contra ela, que, se chegasse à final, acabariam

por saber que fora tudo arquitetado, que lhe enviariam mensagens desagradáveis...

— E isso não a fez repensar?

— Nada disso. Chegaram algumas mensagens negativas, sim, mas a maior parte era de incitamento, dos seus seguidores, dos seus fiéis...

»O meu marido dizia que não fazia mal, que só lhe faria bem, para amadurecer. É curioso ter sido a pessoa a educá-la daquela maneira a dizê-lo, a mesma pessoa que lhe permitira tudo.

»Mas eu sabia que ela não ia aguentar. Nunca estive preparada. Por nisto, nesse dia, quando vi aquele corpo a deambular de noite...

OceanofPDF.com

Um corpo anónimo continua parado no meio do nada. A escuridão é tudo o que o rodeia. Dos seus olhos, caem lágrimas que nenhuma câmara consegue captar. Cerra os dentes. Talvez o que vai acontecer de seguida seja o mais real que fez em toda a sua vida.

Respira fundo.

Silêncio.

E começa a correr.

E a imagem passa à câmara exterior seguinte e à seguinte e à seguinte... e, de repente, o corpo, exausto, detém-se. Ali, a imagem já não é tão nítida, mas continua a ser aceitável, o suficiente para ver que aquele corpo, no meio da dor, leva lentamente as mãos à cabeça, para o ver retirar o capacete, atirá-lo para o chão e, em apenas três segundos, cair sem sentidos.

Toda a gente viu o seu rosto.

E a Terra morre de vergonha.

São as redes sociais que, depois da comoção, começam a atacar todos os que insultaram uma rapariga que quis ter tudo.

De forma massiva, os utilizadores começam a apagar mensagens anteriores, eliminam-se contas, frases, imagens... Agora, ninguém quer ser responsabilizado.

Fomos todos, a sociedade, as redes sociais... dirão.

Mas isso não servirá de nada, porque, por detrás dessas redes, também há pessoas, e cada uma delas, com o seu grãozinho de areia, conseguiu acabar com uma vida.

#RIPVeruca foi *trending topic* durante vários dias.

OceanofPDF.com

— Quando vi as imagens, soube que era ela. Uma mãe consegue reconhecer a filha, mesmo que esteja dentro de um fato de astronauta, mesmo que milhões de quilómetros a separem de si.

Suspirou, baixou os olhos e continuou a falar como se, ao soltar as palavras, estas magoassem menos.

— Quanto vi aquele corpo a caminhar em direção ao nada, fui assaltada pelo pânico. Estava sozinha em casa, não sabia o que fazer, a quem ligar, e comecei a gritar para um ecrã, sabendo que aquilo já se tinha passado. As imagens eram transmitidas com grande atraso, e, enquanto eu via a minha filha suicidar-se, ela já estava morta há muitos minutos...

Pude ver a expressão de pura dor no rosto daquela mulher.

— Nunca senti tamanha impotência na vida. Liguei ao meu marido, mas não atendeu. Estava a passar uns dias na Islândia. Ausentava-se de vez em quando, porque havia lá umas instalações. Quando consegui entrar em contacto com ele, já tudo acontecera.

Suspirou e ergueu a cabeça. Olhou para nós, mas sem nos ver, como se os seus olhos tivessem perdido o rumo.

— Vi-a tirá-lo, vi essa menina que estivera dentro de mim, essa menina que aprendera a andar comigo, essa vida... vi-a tirar o capacete, e juro-vos que nunca senti maior dor na minha vida. Era uma parte de mim que morria ali.

A mulher procurou a mão do meu irmão e apertou-a com todas as suas forças. Talvez os olhos lhe doessem tanto, que tentava que as lágrimas lhe saíssem de entre os dedos.

— E caiu... a minha menina caiu no chão, e eu caí com ela.

O meu irmão abraçou-a.

Mantiveram-se assim, no interior da dor, durante alguns minutos.

— Durante muito tempo, procurei culpados — continuou —, precisava de descarregar a minha raiva. De início, fi-lo com o meu marido. Ele deixara-a ir, era o responsável... mas depois percebi que, se havia alguém a quem a Vera dava ouvidos, eram as redes sociais. Vivia por e para elas... Foram essas redes que levaram a minha filha e que, depois, levaram também o meu marido.

»A morte da Vera foi a morte do nosso casamento. É verdade que não éramos o casal ideal, mas, pelo menos, suportávamo-nos, convivíamos... no entanto, quando a única coisa que nos ligava desapareceu, toda a minha dor se transformou em ódio, que caiu sobre ele.

»Depois, veio o resto: os grafítis na nossa casa, os insultos, as ameaças... A multidão procurava um culpado: o meu marido. Todos os dias, recebia milhares de mensagens de ódio, de morte...

»Decidiu partir definitivamente para a Islândia, afastar-se de tudo, procurar um sítio onde pudesse passar despercebido.

— E não voltaram a ver-se? — perguntou o meu irmão.

— Vinha de vez em quando, mas depois surgiram aqueles rumores, as fotografias onde ele aparecia com todo o tipo de mulheres, uns dias com uma loura, outros com uma morena... Todas mais bonitas e, sobretudo, mais novas do que eu. Pensei que tinha perdido a cabeça, que não estava bem mentalmente, por isso, desconfiei de que poderia ter qualquer coisa.

— Refere-se ao acidente — perguntei.

— Não foi um acidente. Ele era um dos fundadores do projeto e sabia demasiado, mas tornara-se instável, uma pessoa demasiado perigosa. Tinham de o afastar do caminho.

— Mas como pode ter a certeza de que não foi um acidente? Talvez estivesse embriagado, talvez tivesse andado na borga...

Inspirou profundamente.

— Sei, porque, nesse dia, tinha previsto fazer uma viagem muito especial. Ia a caminho do aeroporto de Keflavik, para apanhar uma avioneta privada. E sabem para onde ia?

— Para onde?

— Para cá. Vinha ver-me.

OceanofPDF.com

O primeiro suicídio de um ser humano fora da Terra, era o que milhões de pessoas acabavam de presenciar. Uma morte que ninguém conseguiu prever, a de uma rapariga que se enganara tão rotundamente, que decidira nunca mais se enganar.

Foi um grande golpe para a colónia, que, dia após dia, parecia entrar em declínio.

Contrariamente ao que seria de esperar, do ponto de vista comercial, a morte de Veruca foi um sucesso: todos os meios de comunicação social voltaram a falar do concurso. Fizeram-se inúmeros programas especiais que transmitiram a sua biografia completa, e a dos pais, os seus melhores momentos nas redes sociais, as últimas imagens dela em Marte... Tudo aquilo conseguiu despertar um público que permanecia adormecido.

Realizou-se um pequeno funeral em Marte. Foram os robôs da Centinel que a enterraram.

Os habitantes da colónia organizaram-se em dois grupos, que saíram para o exterior e visitaram o túmulo de uma rapariga que quis viver uma aventura para a qual não estava preparada. Tudo foi transmitido.

Na Terra, decretaram-se vários dias de luto mundial. Milhões de pessoas demonstraram o seu carinho, deixando, nas ruas, flores, velas e cartas.

A sua morte provocou o desaparecimento da maior parte das mensagens de ódio que se tinham publicado contra ela. Os próprios autores as apagaram, ou por vergonha ou com medo de represálias. E todos os que até esse momento a tinham bombardeado com insultos se perguntavam, agora,

como se chegara àquele ponto, por que motivo ninguém fizera nada para o evitar.

O mesmo ódio que acabou com a vida de Veruca dirigia-se agora contra o seu pai: não paravam de lhe chegar mensagens com insultos, ameaças de morte. A casa fora atacada em várias ocasiões, por isso, acabou por decidir fugir e viver num lugar perdido na Islândia, onde ninguém o conseguisse localizar. Abandonou todos os dispositivos eletrónicos: não tinha telemóvel, computador, televisão, nem mesmo cartão bancário. Não tinha qualquer objeto por onde o ódio pudesse escorrer.

Assim estive durante algum tempo, a viver na invisibilidade, entre os rumores de pessoas que o tinham visto a deambular pela ilha, a passear perto das falésias, a tomar banho numa piscina ou a embebedar-se nos *pubs* com alguma acompanhante.

O seu protagonismo foi desaparecendo, até que, uns meses depois da morte de Veruca, foi notícia: um despiste de carro, uma saída de estrada. Morrerá.

— Para cá?

— Sim. Ligou-me no dia anterior. Foi muito estranho, porque não sabia nada dele há semanas. A única coisa que tinha ouvido eram rumores de que andava bêbedo pelos *pubs*, acompanhado de raparigas novas, de que, uma ou outra vez, o tinham visto a dormir na rua. Por isso, estranhei tanto quando recebi a sua chamada. Disse que vinha ver-me, que tinha de me contar uma coisa muito importante.

— E o que era?

— Segundo as notícias que me chegaram, parece que, ultimamente, já não andava com várias mulheres, mas sempre com a mesma. Talvez se tivesse apaixonado e me viesse pedir o divórcio. Acho que é a explicação mais provável. Talvez o tenham matado por isso.

— Por lhe vir pedir o divórcio?

— Não, não por mo pedir, mas porque, ao fazê-lo, acabaríamos por discutir, disso tenho a certeza. E gritaríamos e deitaríamos muitas coisas à cara um do outro e... quem sabe... em momentos de muita tensão, um homem que não estava muito equilibrado podia dizer coisas que não devia. Mas não sei, não liguem ao que estou a dizer. Não chegou ao aeroporto, pelo que nunca saberemos.

A mulher olhou-me fixamente.

— Alguns meios de comunicação tentaram camuflar o caso, como se tivesse sido suicídio. Demasiada pressão, sentimento de culpa... mentiras de jornalistas comprados pelo sistema. Sei que o mataram.

Parou de falar. Talvez por já não ter mais nada a acrescentar.

Percebi que, depois de duas horas de conversa, não tínhamos avançado nem um pouco relativamente à chave seguinte.

— Obrigado — disse o meu irmão—, obrigado por nos contar tudo isto. Não era necessário...

— Na verdade, para mim, era. Quem tem de agradecer sou eu. Às vezes, sabe bem ouvirem-nos, saber a verdade, mesmo que não corresponda àquilo que aparece nas notícias. Olhem em volta. O que veem?

Eu e o meu irmão ficámos sem saber o que dizer.

— É só dinheiro, muito dinheiro, mas não há vida, não há nada por qual valha a pena levantar-me todos os dias... Já não há nada.

Fez-se silêncio. Queria perguntar-lhe algo que tivesse que ver com as chaves, mas não sabia se era o momento certo. Ela foi mais direta.

— Não me parece que vos tenha conseguido ajudar muito no vosso jogo. Lamento.

— Não se preocupe — respondeu o meu irmão—, mas deve haver alguma coisa. Se o papá nos conduziu aqui, deve haver uma chave, algures. De certeza que não se lembra de nenhuma com um trevo?

— Uma chave com um trevo? Não.

— Lembra-se se ele tinha um cofre em casa, algum lugar secreto?

— Sim, tinha vários, mas todos com combinações... Se quiserem...

— Não, não me parece que seja por aí — disse o meu irmão.

Bebemos chá com bolachas e acabámos por ficar para jantar. Ela precisava de companhia. «Há muito tempo que não tenho convidados em casa», disse.

Foi ali, ao jantar, que, finalmente, surgiu a pista.

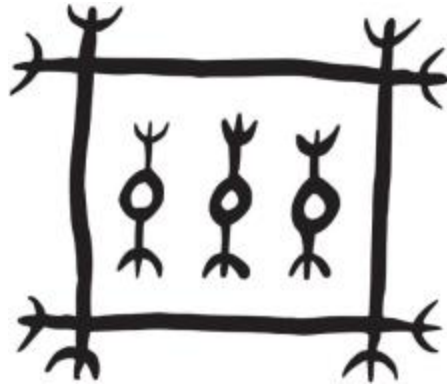
— E sabe-se alguma coisa dessa casa da Islândia onde o seu marido

vivia? Foi a senhora que ficou com ela? — perguntou o meu irmão, enquanto nos serviam a sobremesa.

Nesse momento, a mulher ficou a olhar para o vazio. Demorou uns segundos a falar.

— Sim... Há uma chave. Tinha-me esquecido completamente.

OceanofPDF.com



OceanofPDF.com

A mulher levantou-se lentamente e desapareceu no corredor. Ficámos à espera dela na sala. Passados poucos minutos, voltou com uma pequena caixa na mão.

— Esta foi a única coisa que me enviaram do meu marido quando ele morreu — disse, enquanto entregava a caixa ao meu irmão.

Havia um símbolo estranho gravado na tampa: era um retângulo cujo interior continha mais três símbolos, três riscos com um círculo no meio. Abriu-a devagar, tendo o cuidado de não a desfazer, e descobrimos lá dentro uma chave num chaveiro com aquele mesmo símbolo.

— Esta chave é da casa da Islândia? — perguntei.

— Sim, da casa da Islândia onde o meu marido esteve a viver. Deixou-a em testamento.

— E nunca lá quis ir? — voltei a perguntar.

— Lá? Onde, segundo as minhas fontes, partilhou a existência com mulheres mais novas, mais bonitas e, sem dúvida, mais promíscuas do que eu? Não, nunca lá irei. O que não compreendo é porque ma deixou. Nunca foi um homem cruel, por isso, não compreendo...

Ficou a pensar.

— Talvez a chave não fosse para mim. Talvez alguém ma tenha enviado para que um dia vo-la entregasse.

— E sabe a morada da casa?

— Não, não quis saber. Enfiei a chave dentro de uma gaveta e tinha-me esquecido dela, até hoje. É vossa — disse-nos, fazendo um gesto com as mãos que indicava que não queria saber dela.

— Muito obrigado... — respondeu o meu irmão. — Segundo os padrões que estamos a seguir, é muito possível que o nosso próximo destino seja a Islândia.

— Gostava de vos poder ajudar mais.

— Acho que já nos ajudou muito — disse o meu irmão, sorrindo-lhe com o olhar.

Acabámos de jantar, estivemos mais uma hora a conversar com ela e, por fim, despedimo-nos. A mulher deu um abraço ao meu irmão, mas, a mim, estendeu-me a mão. Nesse momento, não consegui aguentar, a minha faceta de jornalista venceu.

— Desculpe, mas posso perguntar-lhe que anel é esse que traz no dedo, o prateado?

— Ah, sim, a lista eXo... Mas este é diferente do teu, querida. — Surpreendeu-me a mudança de tom. — Este é um dos três primeiros que foram feitos. Foi a partir destes que todos os outros foram criados. Este era do meu marido. Ofereceu-mo antes de ir para a Islândia, antes de tudo o que aconteceu com a Vera.

— Então, sabe o que é? — perguntei-lhe, entusiasmada. — Sabe para que servem esses anéis?

— Sim, claro que sei.

Ficámos em silêncio, a olhar uma para a outra. Esperei que me dissesse mais alguma coisa, estive prestes a exigir-lho verbalmente, mas, pelo seu rosto, adivinhei que não ia falar do assunto.

Tinha ali, à minha frente, alguém que sabia a resposta para todas as minhas perguntas, mas, em contrapartida, eu não lhe podia arrancar qualquer informação.

Despediu-se de mim com o olhar.

As redes sociais não sabem de luto, respeito ou empatia, porque isso está reservado aos seres humanos, e nem a todos.

Talvez assim se explique que, uma semana apenas depois da morte de Veruca, as mesmas redes que a tinham atacado tenham dirigido essa raiva contra o pai. O seu crime: ter permitido que uma rapariga inocente, que não sabia nada da vida, morresse em Marte.

Veruca, antes menina mimada, agora heroína.

Veruca, antes caprichosa, agora sem experiência.

Veruca, antes a snobe, agora a vítima.

Veruca, antes Veruca, agora Vera.

Veruca, antes viva... e agora morta.

As redes cuspiam ódio. Algumas das imagens que acompanhavam as mensagens eram verdadeiramente cruéis: o pai a pôr uma corda à volta do pescoço da filha; Veruca sem o capacete de astronauta e com a cabeça desfeita; o pai, crucificado, com a palavra CULPADO na testa... Mas a lei permitia-o: liberdade de expressão, chamavam-lhe.

Tudo aquilo começou a destruir ainda mais um homem que recebia ódio de cada vez que ativava um dispositivo. Não foi possível culpar uma única pessoa, não foi alguém perturbado a enviar tudo aquilo, foi uma turba de opiniões que começou a persegui-lo, dia e noite.

E aquele desprezo virtual contagiou a televisão: os apresentadores, os jornalistas e as celebridades, que, num primeiro momento, o felicitaram por

ter permitido que a filha se apresentasse a concurso, recriminavam-no agora pela sua falta de humanidade.

Por fim, aquele homem não conseguiu aguentar mais e desapareceu. Abandonou a organização e transferiu os seus poderes para os outros dois sócios. Foi o preço que teve de pagar por ter posto todo o projeto em perigo. Não houve conferência de imprensa, não houve despedida oficial.

Decidiu abandonar a Internet, fugir do mundo digital. Não tinha telemóvel nem computador. Transformou-se num habitante anónimo de um lugar perdido da Islândia, um reformado rico que decidira passar os últimos dias em plena natureza, longe da civilização. Um velho que, perfeitamente disfarçado, de vez em quando, bebia uns copos no *pub* local ou tomava banho numa das piscinas de água quente da ilha.

OceanofPDF.com

Depois da morte de Veruca, uma tempestade de silêncio arrasou a colônia durante vários dias. Ninguém falava com ninguém. «Olá», «Adeus», «Bom dia» ou «Boa noite»... eram as tiradas mais longas num local onde o sentimento de culpa estava escrito em cada canto, em cada rosto, em cada mente.

Uma palavra de carinho de vez em quando, um olhar daqueles que dizem «Estou aqui, se precisares de mim», estar ao seu lado, mesmo que ela não quisesse mexer-se... Quase ninguém fez nada. Para muitos deles, Veruca esteve ali como o jarrão chinês que incomoda, mas que ninguém se atreve a mudar de sítio, não vá, um dia, quem o ofereceu fazer uma visita.

Miss e a Doutora foram as duas únicas pessoas que, de tempos a tempos, se apercebiam da existência daquele jarrão, as únicas que, de tempos a tempos, se preocupavam com ela. Talvez por isso tenham sido os seus os dois únicos quartos que visitou antes de partir.

Evidentemente, esse decorrer plano dos dias fez com que o público também fosse perdendo o interesse por um programa que criara expectativas que não se cumpriam, e a ilusão de criar uma sociedade nova, mais justa e melhor, estava a desaparecer.

Embora a organização soubesse perfeitamente que as audiências iniciais baixariam com o passar do tempo, nunca pensaram que esse processo fosse tão rápido.

Felizmente, a solução por que há tanto esperavam surgiu logo. Tinham a certeza de que, por mera probabilidade, tinha de acontecer. E aconteceu, e

foram os primeiros a saber porque viram imagens que o confirmavam, imagens que, naturalmente, não transmitiram.

Imagens que lhes serviram para assinar contratos milionários com um tipo de empresas que, de início, nunca teriam investido um único dólar para se promoverem através do concurso. Mas as coisas iam mudar.

E, naturalmente, com as audiências, voltaria o dinheiro de que precisavam para continuarem com o projeto das suas vidas, o projeto eXo.

A engrenagem estava de novo em movimento. Restava-lhes resolver um assunto delicado: uma bomba que vivia numa casa perdida na Islândia e que podia explodir em qualquer momento.

OceanofPDF.com

— Bem, sendo assim, vamos para a Islândia — disse ao meu irmão, enquanto conduzia em direção ao aeroporto.

— Sim, para a Islândia.

— Procurar a maldita cabana. Estiveste lá, não foi?

— Sim, fui várias vezes com o pai, quando andavam a construir o centro de apoio. Lembro-me vagamente de que se fez uma inauguração. Mas isso foi há anos. Continuei a manter o contacto com uma pessoa que talvez nos possa ajudar.

— Quem?

— Um dos chefes da manutenção, um tipo inteligente e muito simpático. Cruzámo-nos várias vezes e acabámos por fazer amizade. Acho que, ao todo, passei mais de dois meses por lá, e ele mostrou-me muitas zonas da ilha. De vez em quando, ainda mantemos contacto: um ou outro *e-mail*, uma chamada... Ele estava na Islândia quando aconteceu aquela história do pai da Veruca. Talvez saiba alguma coisa.

— É uma hipótese...

Ficámos em silêncio, ele a olhar para a frente, para uma estrada em que mal havia trânsito; eu, a observar o anel que já fazia parte de mim. Agora, sabia que havia qualquer coisa por detrás daquilo. O rosto da mãe de Veruca confirmara-mo. Tirei-o, aproximei-o do rosto, virei-o, analisei-o por dentro...

Mais uma quantidade de quilómetros em silêncio.

— Como é a Islândia? — perguntei.

— É a coisa mais parecida com a Terra que ainda podes encontrar na

Terra — respondeu-me, a sorrir.

OceanofPDF.com

Era uma tarde normal de um dia normal, no mesmo lugar de sempre. Cada um dos elementos da colônia se ocupava das suas tarefas, quando uma das câmaras detetou Miss, que se aproximou da Doutora para lhe dizer qualquer coisa em voz baixa.

— Tenho de falar contigo — sussurra-lhe ao ouvido, ao mesmo tempo que lhe pega na mão.

— O que se passa? — responde a Doutora, assustada.

— Aqui não. Vamos para o meu quarto.

Nesse mesmo instante, as câmaras de movimento do corredor começam a ativar-se, uma após outra, e, manipuladas, essas imagens passam para o primeiro canal da estação.

As redes sociais também se mobilizam. As audiências aumentam.

As duas mulheres dirigem-se ao quarto de Miss e fecham a porta, mais por hábito do que por conveniência, pois as câmaras e os microfones, lá dentro, continuam a gravar. Sentam-se uma ao lado da outra na cama.

Miss tenta falar, mas, antes de dizer uma palavra sequer, atira-se para os braços da Doutora, quem sabe procurando um pouco de humanidade num lugar repleto de frio, metal e silêncio. Um lugar onde as pessoas se habituam, de tal maneira, à solidão, que a companhia de alguém parece uma anomalia ambiental.

— Tem calma... — diz, tentando consolá-la, enquanto lhe acaricia o cabelo e mantém a sua cabeça no colo. — O que se passa?

— Naquela noite, quando o astronauta... — E Miss deixa a frase a meio, fechando os olhos.

A Doutora abraça-a de novo, sabe aquilo por que está a passar. Aconteceu-lhe o mesmo e reconhece que as recordações não percebem nada de tempo. Quando magoam, magoam; infelizmente, as recordações magoam sempre no presente.

— Vai acontecer, de vez em quando, lembrares-te, mas vai doer cada vez menos. Não te vou mentir: estará sempre presente, mas virá um dia em que terás outras coisas maravilhosas à tua volta. Quando participei em missões humanitárias, tive de ver... à minha frente... muitos homens... muitos selvagens... violarem mulheres, crianças... Eram crianças, e agarravam-nas, arrancavam-lhes a roupa, atiravam-nas para o chão... — E, pela primeira vez, a concorrente mais forte da colónia, o farol que todos orientava... desaba diante de milhões de espectadores.

E chora.

E não chora apenas pelo que aconteceu a Miss, chora porque, por vezes, duvida, por vezes, pergunta-se se o ser humano merece viver. E isso faz com que repense toda a sua vida, uma vida dedicada aos outros.

— Lamento... — Agora, é Miss quem tenta consolá-la.

Abraçam-se com força. As audiências continuam a subir.

Depois de alguns minutos em silêncio, é a modelo que continua a falar.

— Mas não é isso... Não me sinto bem...

E a preocupação inunda o rosto da Doutora. Sabe que ficar doente, ali, pode ser demasiado perigoso: quase não há medicamentos, não há material médico, não há ambulâncias à porta, à espera de nos levar ao hospital. Uma simples apendicite pode ser mortal.

Nas redes sociais, as opiniões voam, livres, alimentando qualquer rumor criado pela dúvida. A suspeita que ganha mais força é, sem dúvida, a de cancro. É o que dá estarem expostos a tanta radiação, referem os principais canais e fóruns.

As casas de apostas aproveitam a oportunidade e, em apenas cinco minutos, lançam propostas com diferentes opções:

- a) Cancro de pele.
- b) Cancro de mama.
- c) Cancro de pulmão
- d) Cancro de estômago.

Milhões de pessoas apostam o seu dinheiro.

— O que sentes? É físico ou psicológico? — pergunta a Doutora, recordando o sucedido. — Não te deixes abater como a Veruca, hem? Isso não. Não me podes deixar aqui sozinha. Não te vás abaixo, tu também. Pede-me tudo o que desejares, faremos o que disseres, mas não te vás abaixo, por favor, tu não...

Depois do que se passara com Veruca, as redes sociais explodem com mensagens de apoio. Os mais rápidos começam a gravar vídeos a dar-lhes coragem, os *influencers* mais famosos apressam-se a enviar mensagens com o *hashtag* #coragemmiss...

Abraçam-se, e a modelo aproxima-se o máximo possível do ouvido da Doutora, para que os microfones não consigam captar as suas palavras.

A Doutora afasta-se dela e olha-a diretamente.

Ficam em silêncio durante alguns segundos.

— Estou muito assustada — confessa Miss, cujas palavras escapam, trémulas, por entre os dentes, os lábios e o seu próprio medo.

O avião posicionou-se lentamente na pista, os motores rugindo, e acelerou rumo ao futuro. De repente, uma imensa massa metálica encontrava-se no ar, em direção a uma ilha de gelo e de fogo.

Como podia eu saber, naquele momento, que cumprir o meu desejo significava ficar a viver ali?

Durante o voo, conversámos acerca dos padrões, procurámos relacionar todas as informações de que dispúnhamos. Depois de tentar várias teorias, o meu irmão fez-me uma pergunta que me apanhou de surpresa.

— Nel, achas que estamos preparados para isto?

— Preparados? Não estou a perceber... — menti. Sabia a que se referia. Pensara naquilo desde que soubera que íamos visitar o centro de apoio.

— Estavam lá as cópias de segurança de tudo o que se passou. De certeza que há imagens que nunca foram transmitidas, imagens que ficaram guardadas desde então. Estive a pensar que talvez fosse isso que o pai queria que encontrasses.

— É possível... — respondi. Sim, como jornalista, mostrar aquelas imagens ao mundo seria um grande exclusivo.

— Nel, seria um impulso considerável na tua carreira.

— Pensei nisso. O grande exclusivo, toda a gente a falar da Nel Miller, a grande jornalista que descobriu o que realmente se passou ali, tudo o que não foi transmitido, as imagens cortadas, a dor em estado puro, certo? Veríamos o ser humano a tentar sobreviver.

— Sim... — disse ele. — E achas que valia a pena mostrá-lo?

— Não sei. Afinal, seria a verdade.

O meu irmão começou a falar, mas sem dirigir o seu olhar para mim.

— Nel, às vezes, penso em tudo o que me incomodava no pai: a sua falta de respeito pelos seres humanos e pela sua intimidade, a forma como brincava com os sentimentos dos outros para fazer dinheiro... e compreendo, compreendo perfeitamente que o odiasses por isso.

Deixou passar uns segundos e continuou a falar.

— Ele organizava aqueles concursos, brincando com as pessoas, mostrando imagens que não deviam aparecer... e fazia tudo isso para ganhar dinheiro. E os jornalistas, de alguma forma, fazem o mesmo, conseguem mostrar qualquer imagem, por mais dura que seja, por mais violenta que seja, e também por dinheiro.

Ficou em silêncio.

— Sim, embora haja uma pequena diferença — respondi. — Nós ganhamos a vida a mostrar a verdade, ele fazia-o a mostrar a mentira.

Silêncio.

— Não sei. Não ligo, mas primeiro pensei que, se o teu último desejo fosse transformares-te na melhor jornalista do mundo, isto pode torná-lo realidade.

OceanofPDF.com

As audiências começam a subir.

As duas mulheres abraçam-se de novo. Lentamente, afastam-se, limpam as lágrimas e falam em sussurros.

Saem juntas em direção à Sala Comum e, ali, utilizam o microfone central para reunir toda a gente, como faziam durante os primeiros dias, quando havia sempre uma desculpa para se encontrarem.

Por isso, quando se ouve, pelos altifalantes da colónia, a voz da Doutora a anunciar uma reunião, todos são apanhados de surpresa. Aos poucos, os concorrentes chegam e vão-se sentando nos sofás.

O Jardineiro, que se encontrava na estufa exterior, é o último a aparecer. Senta-se ao lado de John.

A modelo e a Doutora ficam de pé, de mãos dadas. Olham uma para a outra. Silêncio. Miss suspira e limpa o resto das lágrimas que ainda lhe molham o rosto.

— Acho que estou grávida.

OceanofPDF.com

E tudo é silêncio: o ar que não se chega a respirar é silêncio; os olhares que ficam presos em Miss são silêncio; as lágrimas que ainda não escorreram são silêncio; e o medo, a surpresa e a alegria, no princípio, também são silêncio.

Silêncio na sala de controlo, silêncio em cada uma das regiões do mundo; silêncio nas ruas, nos hospitais, nas prisões, nas empresas, nos aviões, nas televisões e, até, algo inaudito, silêncio nas redes sociais. O *zoom* da câmara aproxima-se tanto de Miss, que consegue detetar o tremor nas suas pálpebras, aquele que precede o transbordar das lágrimas. E daí, dessa mesma câmara, lentamente, desce até à sua barriga.

Silêncio.

De repente, tudo é alarido.

A modelo começa a chorar como nunca antes fizera. E a Doutora também chora com ela, e abraçam-se, e os companheiros esquecem as suas quezílias e o astronauta e a pistola e o dente de Frank e Veruca, e abraçam-se. E choram, porque, afinal, toda a gente chora.

E a Terra sorri, pela primeira vez em muitos anos. A Terra, no seu conjunto, sorri.

De repente, de uma forma que parece improvisada, mas que já estava preparada há algum tempo, aparece em todos os dispositivos uma única mensagem em centenas de línguas: PARABÉNS!

No instante seguinte, várias empresas de produtos para bebés ocupam a

zona inferior dos ecrãs. Ninguém se pergunta como é possível os anúncios já estarem preparados, ninguém pensa como os procedimentos de esterilização terão falhado, ninguém pensa, por enquanto, no risco que envolve o nascimento de um bebé ali. Também ninguém pensa no pai.

E ninguém pensa porque, nesse momento, a colónia precisa de uma alegria, de um pequeno milagre que justifique todo o projeto, algo em comum por que lutar, uma esperança dentro da impossibilidade.

Aquele bebé não seria apenas o filho de Miss. Aquele bebé seria de todos os que ali estavam e, acima de tudo, aquele bebé seria da Humanidade.

OceanofPDF.com

Os dois homens que lideram o projeto brindam num terraço espetacular situado num dos edifícios mais luxuosos da cidade. Recebem os dados acerca das audiências e calculam as receitas resultantes da publicidade mais recente, direcionada para mães, pais e bebés.

Ligam-se à sala de controlo para verificar se surgiu algum problema nas redes sociais. Por enquanto, tudo calmo. Há perguntas incómodas que se apagam, comentários que, depois de alguns minutos, desaparecem misteriosamente, utilizadores que não conseguem entrar nas suas contas, aquelas onde se está sempre a criticar o programa... Enfim, o habitual.

Alguns minutos antes, um dos homens enviou uma mensagem à Centinel.

Olá, daqui fala William Miller, da Terra.

Esta mensagem destina-se ao capitão Marcus Z. N.

Precisamos de uma lista com tudo o que é necessário para poder acomodar cem pessoas em Marte. Em breve teremos dinheiro suficiente, mas o tempo joga contra nós: o processo, tal como receávamos, está a acelerar. Usando a imagem de um castelo de cartas, basta uma cair, para todas as outras desabarem irremediavelmente.

Informem-nos acerca do estado das instalações no momento atual.

Obrigado.

W. Miller.

Meia hora depois, chega a resposta de Marte.

Olá, William, daqui, capitão Marcus.

Enviaremos, em breve, a lista com o material necessário.

As instalações estão praticamente concluídas. Há pequenos acertos a fazer na central

energética. Precisamos de muitos mais painéis solares do que o previsto. Assumo o erro de cálculo.

No que diz respeito às plantas, continuam a ser o nosso principal problema: quase não crescem. Apesar de acharmos já ter descoberto a solução, os resultados vão demorar a chegar. Por esse motivo, solicitamos que, no próximo envio, se tripliquem os víveres, para o caso de não conseguirmos abastecer-nos de forma completamente autónoma.

Lamento saber que na Terra o processo de destruição está a acelerar. Os nossos cálculos assim o confirmam também.

Sem mais assunto, cumprimentos de Marte. Centinel.

Marcus Z. N.

Os dois homens leram a mensagem. Além da questão das plantas, não há nada que não soubessem. Ao menos, agora, têm dinheiro, muito mais dinheiro. Aquele bebé irá fornecer-lhes as receitas necessárias.

Os dois homens brindam.

— Ainda bem que o fizemos. Essa criança vai ser a nossa salvação — diz Dmitry, enquanto leva o copo à boca.

— Esperemos que nasça saudável e que o parto decorra sem complicações.

— Esperemos que sim. Calma. Não foi por acaso que escolhemos uma mulher que deve ser uma das melhores parteiras do mundo. Mesmo assim, é muito arriscado...

— É verdade, mas acreditemos que vai correr tudo bem — anima-se—, que a criança nascerá saudável, que não acontecerá nada à mãe. Sabes que até já pensei no nome?

— Qual é? — pergunta Dmitry.

E o homem diz-lhe dois nomes, dependendo de ser menino ou menina.

— A sério? Não eras capaz.

— Claro que era.

— És um filho da mãe.

Ambos sorriem. Ambos voltam a brindar por não terem esterilizado

nenhum dos concorrentes.

OceanofPDF.com

Como era inevitável, depois da alegria inicial, surgiram as perguntas, as que estão sempre presentes para nos transportarem para a realidade. Perguntas que, a partir desse dia, encheriam os programas de televisão, os fóruns e as redes sociais. E, entre essas perguntas, destacavam-se duas: *Como fora possível?* e *Quem era o pai?*

No que dizia respeito à primeira, houve várias respostas possíveis, mas alguns jornalistas encarregaram-se de convencer o público de que os sistemas tinham simplesmente falhado, porque tudo podia falhar.

Relativamente à segunda pergunta, o pai podia ser o Mãozinhas, o Jardineiro ou Marcus. Com esta última opção, surgiu também uma pergunta que alimentou debates acesos: Teria direito de ver o filho?

Fosse como fosse, em Marte, não se podiam fazer testes de paternidade, pelo restava apenas esperar para ver quem se parecia mais com o bebé quando este crescesse.

Mas aquilo que, na verdade, preocupava a população mundial era a questão da saúde desse bebé. Nasceria saudável?

Na Centinel, tinham algum equipamento, mas não muito. Numa época em que apenas dez por cento dos partos aconteciam de forma natural, onde a maior parte deles era programada, onde um jogo de futebol podia decidir a hora do nascimento, um bebé nascer de forma natural era quase primitivo.

Frank e a Doutora disseram que não havia problema, que, durante séculos, os seres humanos tinham nascido sem ajuda. Também era verdade que isso acontecera na Terra, não fora dela.

Mas ainda faltavam vários meses para o nascimento. De momento, a

grande notícia era que, pela primeira vez na História, um ser humano nasceria fora da Terra.

Se aquele bebê vivesse, seria a maior proeza da Humanidade. Contudo, se morresse, a colônia, certamente, morreria com ele.

OceanofPDF.com

O avião aterrou numa ilha onde, apesar de ser noite, era de dia.

Chovia.

Atravessámos o pequeno aeroporto de Keflavik até à saída. Encontrámo-nos ali com um homem que estava à nossa espera para entregarmos o veículo que tínhamos alugado: um todo-o-terreno muito potente. O meu irmão referira que, para se circular por muitas das estradas do país, era necessário um quatro-por-quatro.

Entrámos no veículo e, sob uma chuva que parecia querer devorar tudo em volta, arrancámos em busca de respostas, em busca da verdade.

Foi no fim dessa viagem que me apercebi de que o principal problema de procurar a verdade era encontrá-la e não saber o que fazer com ela.

OceanofPDF.com

Os meses que se seguiram foram, sem dúvida, os mais felizes da colônia. Aquele bebê foi como a recompensa que toda a gente espera em algum momento da vida; chegou na altura certa, para salvar uma minissociedade que fora perdendo a alegria, inclusive a de continuar a existir.

Todos os elementos da colônia fizeram os impossíveis para que a coisa corresse bem; tinham consciência da grande probabilidade de o bebê nascer com malformações, problemas de saúde ou, no pior dos casos, morto.

Felizmente, havia vários medicamentos que podiam ajudar: vitaminas, ferro e alguns nutrientes essenciais para uma gravidez.

Nunca tinham sido cientificamente analisadas as repercussões que o tipo de comida que consumiam poderia ter num feto. Por isso, da Terra, um grupo de médicos e nutricionistas analisou pormenorizadamente cada um dos alimentos que Miss ia consumir a partir desse momento, para lhe indicar os melhores e aqueles que nem deveria provar.

A gravidez conseguiu devolver a alegria inicial ao grupo: já quase não havia discussões, tudo era partilhado, e, de vez em quando, havia encontros sexuais entre a Doutora e o militar; no entanto, utilizaram os preservativos disponíveis. Na verdade, sempre os houvera, mas os concorrentes partiram do pressuposto de que estavam esterilizados e de que eram saudáveis, pelo que ninguém pensou em fazer uso deles. Até à gravidez de Miss, claro. Parecia que a alegria voltava àquela pequena colmeia de vidas.

Mas nem sempre foi uma felicidade constante, pelo menos, para Miss, que tinha momentos em que parecia ir abaixo, momentos em que pensava que tudo podia correr mal, que a criança podia nascer morta ou disforme,

que em Marte não havia hospitais aos quais recorrer, que ela própria também podia morrer no parto...

Felizmente, as redes sociais souberam agir nesses momentos de fragilidade e encarregaram-se de dar uma resposta positiva interplanetária. À menor recaída, milhões de pessoas enviavam mensagens de apoio a Miss.

Do outro lado, estavam os *haters*, pessoas que, nas suas mensagens, desejavam que a criança nascesse morta e que todo o programa fracassasse. Pessoas que, na vida real, certamente, nunca seriam capazes de dizer algo semelhante, mas que, sob o anonimato das redes, se transformavam em monstros.

OceanofPDF.com

A organização respirava de alívio ao ver tudo a correr sobre rodas, o dinheiro a entrar de novo. A lista eXo precisa de recursos, de muitos, por vezes, de demasiados, pensam.

Felizmente, aquele bebé serviu para que as empresas relacionadas com produtos para crianças paguem a publicidade, encantadas. E depois será a roupa e os brinquedos e os carrinhos... porque o bebé irá crescendo.

A equipa de *marketing* já tem preparado um novo concurso, que irá gerar mais receitas. Participarão milhões de pessoas, o que representa muitos dólares.

Há apenas um facto a destruir a tranquilidade dos últimos dias: o homem que vive numa casa no Norte da Islândia está prestes a cometer uma loucura. Por sorte, detiveram-no a tempo. Conseguiram intercetar um embrulho, precisamente quando o avião da empresa transportadora ia sair do país. Dentro dele, havia uma carta com uma fotografia que poderia representar o fim de absolutamente tudo o que tinham construído. Se essa fotografia tivesse chegado à sua destinatária, o trabalho de anos teria terminado em alguns segundos.

— Temos de fazer qualquer coisa — diz Dmitry ao seu sócio. — Safámo-nos desta, mas da próxima...

— Não haverá próxima, garanto-te — responde o homem mais rico do mundo. — Entrem em contacto com ele, para que venha amanhã.

— Para cá?

— Sim, que venha para cá. Que venha mascarado, de pijama ou como raio lhe der na cabeça, mas que venha.

Continuámos a circular sob um manto de chuva e vento, em direção a Reiquejavique. Era cedo, a madrugada ainda estava a dar as boas-vindas à manhã, mas ali já era dia, porque não chegara a ser noite.

Em fundo, *Nica Libres at Dusk*, de Ben Howard.

— Há um provérbio islandês sobre o clima — disse o meu irmão, a sorrir. — Se não gostas de como está o tempo, espera uns minutos.

Sorri-lhe também, enquanto olhava para o céu de uma noite com luz.

Aproximávamo-nos de Reiquejavique.

— Onde combinaste com o teu amigo? — perguntei.

— Não combinei em Reiquejavique, combinei noutro sítio, mas um pouco mais tarde. Queria aproveitar o facto de ainda ser cedo, para te levar a um lugar muito especial.

Deixámos a capital para trás e continuámos a percorrer uma estrada que tinha cada vez menos trânsito. Em volta, a densidade populacional também começou a diminuir: ao longe, viam-se apenas umas quantas casas disseminadas.

— Algumas dessas casas que aí vês são quintas, mas quintas muito especiais, de cavalos.

— De cavalos? — perguntei, surpreendida.

— Sim, mas são cavalos particulares: o cavalo islandês. Na verdade, tem qualidades únicas. Ao que parece, para se preservar a sua pureza, se, por algum motivo, um exemplar sair da ilha, já não pode voltar a entrar.

Abandonámos a estrada principal e desviámo-nos em direção a um lugar que, segundo as tabuletas, se chama PINGVELLIR.

Não nos cruzámos com um veículo sequer.

Passados alguns minutos, um grande lago que começou a divisar-se diante de nós.

— É lindo... — sussurrei.

— É o maior lago da Islândia.

Depois de contornarmos, durante um bom bocado, aquele espelho do céu, chegámos a um parque de estacionamento, onde deparámos com um espetáculo grotesco: um muro de autocarros mal deixava ver a paisagem. Hordas de turistas saíam dos veículos. Após vários minutos numa fila, conseguimos atravessar aquele caos e estacionar o todo-o-terreno na berma.

— Tanta gente! É sempre assim? — perguntei, surpreendida.

— Dantes, não era — respondeu, com um ar triste. — Há alguns anos, quando aqui vim pela primeira vez, podias encontrar turistas, claro, mas eram de outro género. Vinham tirar fotografias, passear, sentir a Natureza. Sabiam que tinham chegado a um lugar que deviam respeitar. Nada que ver com o que se passa agora.

— E onde estamos? — perguntei, enquanto avançávamos por entre a multidão.

— No vale de Pingvellir. Dizem que é a ferida aberta da qual nasceu a Islândia. É neste ponto exato que as placas tectónicas da América do Norte e da Eurásia se encontram. Dentro de um instante, vamos passar precisamente por uma dessas falhas. Trata-se de algo único. Mas, além da questão geológica, trouxe-te aqui por outro motivo.

Deixámos para trás o centro turístico e começámos a descer por um caminho que servia de passagem entre duas rochas.

— Neste mesmo instante, estamos a caminhar pelo ponto em que os dois

continentes se separam — disse o meu irmão, enquanto avançávamos juntamente com uma multidão considerável.

Poucos metros adiante, deu-me a mão e desviámo-nos do caminho. Apesar dos anos decorridos, apesar das feridas, das repreensões e das ausências, apesar de tudo isso, notei o mesmo toque da infância. Apertei-lhe a mão.

Chegámos a uma pequena ponte que levava a umas bancadas de madeira. Encontrava-se ali um grande mastro com uma bandeira da Islândia. As pessoas subiam, desciam, saltavam por todos os lados.

— Dizem que os víquingues fundaram aqui o primeiro parlamento do mundo. Os representantes dos vários clãs que habitavam a ilha reuniam-se neste lugar uma vez por ano, no verão, para discutirem diversos assuntos: aprovavam-se leis, realizavam-se julgamentos e também se celebravam casamentos e alianças entre clãs. Dizia-se que o eco da escarpa permitia aos oradores amplificar a voz e chegar a todos os presentes.

»Nunca houve um edifício igual. Vinham pessoas de toda a ilha e, simplesmente, sentavam-se à volta daquilo a que chamaram a Rocha da Lei. Tudo o que se dissesse no parlamento deveria ser acatado. Com efeito, a independência da ilha também foi aqui decretada, em 1944. Toda a zona se enchia de vida e atividade comercial, não apenas por causa do acontecimento, mas porque era o melhor sítio para ficar a par do que se passava no resto da ilha.

— Como sabes tanto acerca do assunto? — perguntei, enquanto voltava a sentir um orgulho de irmã.

— Bem, por curiosidade e porque mo explicaram quando estiveram a estudar Constituições para Marte, no âmbito do concurso. Basearam-se, em grande parte, na islandesa.

Mantivemo-nos em silêncio durante algum tempo, exatamente o

contrário do que se passava à nossa volta: dois turistas que não paravam de gritar acabavam de atirar dois sacos de batatas fritas vazios para o chão; uma criança estava encarrapitada no mastro da bandeira; dois jovens raspavam com uma faca o encosto de uma das bancadas...

Olhei com tristeza para a praga em que nos tínhamos transformado, e ali, naquele lugar, recordei as palavras que um dia o meu pai me disse: um vírus que vai acabar com a Terra, é isso que os seres humanos são.

OceanofPDF.com

As redes sociais esperavam, ansiosas, que a organização anunciasse o próximo concurso. Exatamente às 20h00, a principal estação da empresa mostrou nos ecrãs a seguinte frase: «Como quer que se chame o primeiro ser humano nascido em Marte?»

Esta pergunta instigou milhões de pessoas a pegarem nos seus dispositivos e a desatarem a votar, mediante pagamento. O concurso era simples: era preciso escolher o nome do primeiro ser humano nascido fora da Terra. E que melhor maneira do que perguntar a toda a Humanidade? Como ainda não se sabia o sexo do bebé, em princípio, todos os nomes poderiam ir a concurso.

A partir desse momento, qualquer pessoa podia propor um nome. Não havia qualquer restrição, qualquer condição prévia, apenas o dólar que custava enviar a mensagem.

Minutos depois de as plataformas para a participação serem ativadas, vários servidores encarregados do processamento das propostas entraram em colapso. Ao mesmo tempo, alguns dos sistemas de cobrança ficaram bloqueados durante vários minutos: estava a entrar demasiado dinheiro.

Milhares de nomes — russos, chineses, japoneses, hispânicos, americanos — foram sendo armazenados nos servidores, em função do número de vezes que foram escolhidos. Ia-se criando um *ranking* que se atualizava de duas em duas horas.

Claro que o homem mais rico do mundo já sabia como queria que se chamasse aquele bebé, por isso, lançou duas propostas com um utilizador

anônimo, e o seu exército de *hackers* encarregou-se de colocar essas duas opções diretamente entre as preferidas.

Passado um mês, terminou o prazo para a proposta de nomes, e as votações tiveram início. Todas as semanas iam-se eliminando os menos votados e pedia-se um novo voto para os que continuavam no *ranking*. Isto gerava outra vaga de receitas: milhões de votos, milhões de dólares.

OceanofPDF.com

Saímos dali e continuámos a andar durante mais cerca de vinte minutos, até chegarmos a uma magnífica cascata com um nome difícil de pronunciar: Oxararfoss. Havia ali muito menos gente, porque, para se aceder ao local, era preciso subir um lanço de escadas, e, para a maioria das pessoas que nos rodeavam, isso representava demasiado esforço.

Permanecemos alguns minutos a apreciar a beleza do som da água.

Regressámos ao local onde tínhamos estacionado, mas a saída desabara. Muitos automóveis tinham ficado envolvidos na confusão, sem saber o que fazer ou aonde ir. Felizmente, o nosso era dos antigos, dos manuais, e conseguimos sair por entre o caos.

— Aonde vamos agora? — perguntei, quando já estávamos de novo na estrada.

— Agora, vamos visitar um amigo meu. Combinei com ele num sítio muito especial. Espero que gostes.

Continuámos pela estrada durante cerca de meia hora, até que, ao longe, vi outra confusão de veículos, maioritariamente, autocarros.

Procurámos lugar num parque de estacionamento apinhado. Depois de vários minutos, conseguimos.

Tinha parado de chover, mas as nuvens continuavam no céu.

— Há muito poucos lugares no mundo onde se pode ver isto — disse-me, enquanto saíamos do carro.

Reparei que estávamos rodeados de várias construções: dois hotéis de luxo, um restaurante, um café bastante grande, uma enorme loja de recordações...

Atravessámos a rua e deixámos tudo isso para trás. Dirigimo-nos a um caminho de terra delimitado por cordas de segurança.

Apesar de o trilho estar perfeitamente definido e de haver tabuletas a pedir que não se passasse das linhas marcadas, as pessoas caminhavam por onde queriam.

Ao longe, ouvi uma explosão.

— O que foi aquilo? — perguntei ao meu irmão.

OceanofPDF.com

Os meses foram passando, e a vida na colónia continuava. Quase não havia sobressaltos na rotina diária. Tudo girava em torno daquele bebé.

Um bebé que, com o passar do tempo, continuava a fazer correr dinheiro. Todos os dias, juntavam-se novos patrocinadores ao circo, as pessoas não paravam de votar, e as casas de apostas ofereciam muitas opções: menino ou menina, louro ou moreno, morto ou vivo. Era possível apostar em tudo.

De início, parecia que a gravidez avançava de forma normal. De vez em quando, Miss fazia testes com um ecógrafo simples, que se encontrava entre o material médico; a nível tecnológico, não era tão avançado como os da Terra, mas desempenhava a mesma função. A Doutora foi a primeira a ousar afirmar que era, seguramente, uma menina e que parecia um bebé normal, não tinha qualquer malformação aparente.

Com o passar das semanas, ambas as afirmações se confirmaram: à partida, parecia que o bebé estava bem e, sim, era uma menina.

A notícia foi celebrada com grande alegria na maior parte dos países. Não tanto nos que ainda consideravam a mulher como sendo inferior ao homem, lugares onde parecia que a tecnologia avançava muito mais depressa do que a mentalidade.

As principais religiões, que nos últimos anos tinham visto os seus fiéis reduzir-se à mesma velocidade da progressão do ensino e dos conhecimentos, quiseram aproveitar-se do bebé.

De uma forma ou de outra, com pequenas diferenças, muitos grupos religiosos vaticinavam que aquela criança podia ser um novo messias a adorar. O problema surgiu quando se soube o seu sexo: tiveram grande

dificuldade em assumi-lo, sobretudo porque, nessa mesma religião, a mulher era tratada como um objeto.

Mas a notícia conseguiu que a única religião que vaticinara que seria menina, a IFSM (Igreja dos Fiéis da Semideusa Marciana), começasse a ter milhares, milhões, de adeptos. Em apenas algumas semanas, tornou-se a quinta religião mais importante da Terra. As suas ações dispararam na Bolsa.

OceanofPDF.com

— Foi um géiser — respondeu o meu irmão, enquanto continuávamos a andar. — Olha estes buracos todos na terra. Alguns são fontes termais, outros são antigos géiseres que já não se encontram ativos.

À medida que avançávamos, fui lendo pequenos cartazes que indicavam o nome e a antiguidade de cada uma daquelas aberturas. Por entre a grande quantidade de pessoas, consegui divisar um aglomerado que formava um círculo. O meu irmão voltou a pegar-me na mão e levou-me para outro lugar.

— Mas vamos aqui primeiro. Quero mostrar-te uma coisa.

Subimos por uma ladeira curta, seguindo outro caminho igualmente assinalado. Dirigíamo-nos a um local onde havia menos gente. Quando chegámos, vi uma grande tabuleta que dizia: GEYSIR.

— E isto? O que é?

— É o Geysir, o original — explicou. — É o que dá o nome a este tipo de fenómeno.

— E quando vai entrar em erupção?

— Este não vai. Morreu.

Inclinei-me ligeiramente para diante e vi que a água se movia apenas num pequeno vaivém pela superfície, mais nada. Não havia vida, nem sinal dela.

— O que se passou? — perguntei.

— Há alguns anos, mataram-no, matámo-lo. Os que chegaram a vê-lo dizem que era maravilhoso, que ficava ativo de meia em meia hora, mais ou menos, e chegava a alcançar sessenta metros de altura, mas parece que

trinta minutos era demasiado tempo, e as pessoas começaram a atirar-lhe coisas, para ver se o faziam jorrar água mais depressa: pedras, moedas, alguns dizem que detergente, até. O que conseguiram foi apenas bloqueá-lo, e não voltou a manifestar-se.

»O pai trouxe-me aqui no dia em que chegámos à Islândia, para me explicar como é o ser humano. Já sabes a opinião que ele tinha.

Ficámos ali durante alguns minutos, a olhar para aquele tesouro inerte. À nossa volta, um vaivém de turistas que, depois do esforço da pequena subida e ao ver que o géiser não entrava em funcionamento...

«Então este não desanda?», pergunta um homem obeso que vai perdendo as calças a cada passo. Tem uma mão ocupada com um hambúrguer, a outra, com uma cerveja.

«Não, parece que não», responde-lhe uma mulher que parece ser a esposa.

«Mas que grande porcaria. E foi para isto que subimos até aqui? Raios», protesta, enquanto continua a mastigar. Bebe um último gole de cerveja e atira com a lata para o chão.

«És mesmo porco», repreende a companheira.

«Quero lá saber. Os tipos da manutenção apanham. É para isso que lhes pagam.»

Dá uma última dentada no hambúrguer, faz uma bolinha com o papel e, posicionando-se como um jogador de basquetebol, aponta para o interior do Geysir.

Faz o lançamento.

Felizmente, o vento desvia a trajetória, e o papel cai na margem exterior, mesmo à beirinha.

Os dois viram costas, enquanto discutem.

Aproximei-me do papel e apanhei-o. Fiz o mesmo à lata. Deixei tudo no caixote do lixo que se encontrava a alguns metros. O meu irmão olhava para mim, descoroçoado.

— Bem, Nel, vamos ver o único que ainda parece estar ativo, o Strokkur — disse.

Voltámos a descer o caminho em direção à imensidão de câmaras que, com as pessoas atrás, tentavam captar a imagem perfeita para as redes sociais. Não havia espaços vazios. Todos se comprimiam, como se as suas vidas dependessem daquela fotografia.

Passaram-se vários minutos, mas o jato não dava sinais de vida, o que fez com que muita gente se impacientasse.

Ouviram-se insultos sem destinatário específico.

De repente, sem pré-aviso, vimos uma bolha gigante começar a formar-se no interior do pequeno lago.

Subiu, desceu, subiu, desceu e, em apenas um segundo, soltou um jato de cerca de dez metros de altura.

Risos, gritos, abraços, semblantes felizes em dezenas de *selfies*, imagens que iam diretamente para as redes sociais, com milhares, milhões, de *gostos*.

— Bem, ao menos, ainda resta este. É uma esperança — comentei com o meu irmão, que me sorriu, desolado.

Esperámos de novo, para o poder ver mais de perto. Passados cinco minutos, voltou a irromper.

As pessoas iam e vinham incessantemente: os que já tinham tirado a fotografia, os que queriam voltar a tirá-la e os que chegavam na esperança de publicar a imagem da sua vida.

— Vamos — disse o meu irmão, olhando para o relógio. — Já está na

hora. Disse-me que nos encontrávamos numa casinha de madeira que há ao fundo do parque de estacionamento.

Voltámos a atravessar a rua e dirigimo-nos para lá, divisando imediatamente a barraca. Mesmo à porta, um homem esperava-nos.

Quando o meu irmão o viu, aproximou-se, e deram um forte abraço.

— Há quanto tempo! — disse o amigo do meu irmão.

— Sim, pelo menos, quatro anos, mas tu estás na mesma. Parece que o clima de cá te conserva a juventude. — E ambos se riram. — Olha, apresento-te a minha irmã.

— Olá, como estás? — cumprimentou-me. — Vi-te uma ou outra vez na televisão.

— Muito prazer. — Sorri.

— Bem, pois eu já acabei o que tinha para fazer hoje. Como sempre, ando de volta da informática, das máquinas... há sempre alguma coisa para ajustar..., mas, enfim, o que é feito da tua vida?

Ficámos ali de pé. Eles começaram a falar dos seus encontros, dos seus momentos... Eu distraí-me um pouco a pensar nas pistas, no jogo das chaves, nos anéis, a tentar perceber tudo o que estávamos a fazer, a tentar descobrir onde tudo nos levava... De repente, reparei que, numa das frases, mencionavam o meu nome, e despertei do meu ensimesmamento.

— Podias mostrar à minha irmã?

— Sim, sim, claro. Não há problema.

— Mostrar-me o quê? — perguntei.

— O que se encontra dentro desta barraquinha. O teu irmão insistiu. Acha que ias gostar de ver, mas tem de ficar entre nós.

— Palavra de jornalista — disse-lhe, a sorrir.

Abriu a porta e entrámos. Mal cabíamos os três. Abriu um alçapão existente no chão e descemos por umas escadas verticais.

Chegámos a uma pequena divisão onde havia um painel de controlo e vários ecrãs.

Fiquei de boca aberta a olhar para tudo, a ver as imagens, os gráficos e as câmaras.

— Será o que estou a pensar? — perguntei ao meu irmão.

OceanofPDF.com

Um grito interrompeu o silêncio da noite.

Um grito que viajou de módulo em módulo, de parede em parede, que desfez o sono de todos os habitantes da colônia. Um grito que saiu para o exterior, ressoou num dos satélites que pairavam no Universo e chegou a cada lar da Terra.

A Doutora foi a primeira a chegar à cama de Miss.

Durante alguns instantes, a organização não soube muito bem que câmaras ligar. Eram vários os corpos que se moviam em diferentes direções.

John foi o segundo a chegar ao quarto da modelo. Ajudou-a a sair da cama e acompanhou-a até à Sala Comum. Todos sabiam como transformar aquela divisão num bloco operatório improvisado. Andavam há várias semanas a ensaiar.

Frank apareceu imediatamente na sala. Também já levava uma mala com tudo o que era necessário, ou melhor, com tudo o que tinham disponível para uma situação que nem sequer estava prevista.

Miss deitou-se no sofá, que se transformou em cama, e o resto foi disposto à sua volta.

A Doutora estava preparada.

Frank estava preparado.

As câmaras estavam preparadas.

E até Miss, apesar de toda a dor, parecia estar preparada.

Mas... e o mundo? Estaria o mundo preparado?

Sim, talvez estivesse preparado para conhecer um sucesso, para assistir ao nascimento de um ser humano, para viver um dos acontecimentos mais

importantes da História..., mas estaria preparado para assistir a um fracasso?

Eram muitas as complicações que podiam surgir. Nos treinos, tinham realizado simulacros de todo o tipo, mas nunca se pusera na mesa uma situação daquelas, simular o nascimento de um bebé. O parto poderia complicar-se, e ali não havia ambulâncias à porta, à espera, nem incubadoras, e muito menos uma unidade de neonatologia.

Ali, tudo tinha de correr bem à primeira, caso contrário, tudo correria mal.

Seria, além disso, um parto atípico, visto que, na maior parte dos países da Terra, há anos que ninguém — a menos que fosse por acidente — nascia de forma natural. Quase todos os partos eram programados: algo muito mais confortável e, claro, muito mais rentável.

Era uma das razões pelas quais quase não havia especialistas em partos naturais. Os médicos limitavam-se a picar, a anestesiá-los e a retirar o bebé. Posteriormente, o próprio hospital oferecia um vale de desconto para se recorrer à ala de cirurgia plástica. Nela, disfarçavam a cicatriz que eles próprios tinham feito.

Felizmente, e não foi por acaso, a Doutora, que se encontrava, nesse instante, diante de Miss, trabalhara durante muitos anos em regiões de África onde as mulheres ainda tinham os filhos de forma natural e era especialista nesse tipo de partos.

— Calma — aconselhava a Doutora. — Não te preocupes. Estive em lugares muito piores do que este, em verdadeiros infernos, e tudo acabou por correr bem. Pensa que, pelo menos, não temos ninguém lá fora com metralhadoras, não temos uma milícia ansiosa por levar as crianças para a guerra ou por matar os recém-nascidos. Em comparação com tudo o que vivi, isto é um luxo — dizia, para aliviar a tensão.

Miss não respondia.

Durante toda a transmissão, centenas de empresas farmacêuticas apareceram na parte inferior dos ecrãs. Tudo se vendia, em qualquer momento, em qualquer situação. Ninguém sabia quanto pagara o primeiro anunciante a aparecer logo que o bebé nascesse.

Miss gritava a intervalos regulares. Aos poucos, ia fazendo a dilatação, estava cada vez mais perto. Centenas de milhões de espectadores assistiam ao acontecimento.

— Vamos, agora! Faz força! — gritava a Doutora.

Nesse momento, apareceu em todos os ecrãs da Terra o seguinte texto: «Alertamos para o facto de as imagens seguintes poderem ferir a sensibilidade de alguns espectadores.»

Uma mensagem curiosa, porque há muito tempo não aparecia nos filmes violentos ou nos vídeos de lutas que constituíam material de visionamento habitual entre os adolescentes, nem mesmo da vez em que uma câmara gravou um grupo de jovens a deitar fogo a um sem-abrigo. A violência estava normalizada nas redes. Em contrapartida, o nascimento de um ser humano podia ferir suscetibilidades.

Uma das câmaras, situada na parte superior da parede, dirigiu o *zoom* para a vagina da mãe.

Um grito e outro e mais um.

E outro ainda e um «Faz força» e um «Vamos lá, o bebé já está quase».

E gritos, e uma mão a agarrar a de Frank com a intenção de lhe cravar as unhas, se necessário.

Em todos os ecrãs da Terra, uma pequena cabeça assomou entre as pernas de Miss. Os espectadores assistiam, atónitos, enquanto um bebé nascia de forma natural, com dor, com sofrimento, como se estivessem a ver algo que

já só pertencia ao passado, algo mais próprio de bárbaros do que de seres humanos.

— Vamos, agora! Faz toda a força que consegues agora!

Miss gritava e chorava de dor.

E o mundo sofria, e as pessoas choravam, e as mães tapavam os olhos aos filhos, e os próprios adultos cobriam os olhos com as mãos, deixando, contudo, uma pequena fresta por entre os dedos, para conseguirem ver.

OceanofPDF.com

— Sim, Nel, é exatamente o que estás a pensar — disse o meu irmão.

Apoiei-me na parede e regressei ao passado, ao momento em que nos damos conta de que um ladrão não consegue visitar tantas casas em tão pouco tempo.

— Sim, infelizmente, é assim. Faço com que a tecnologia ajude a Natureza — disse-me o amigo do meu irmão.

Permaneci em silêncio, fechei os olhos e tentei chorar só para dentro.

— É algo que muito pouca gente sabe. Mas, na realidade, o Strokkur, que acabas de ver, também morreu há vários anos. Não paravam de atirar moedas lá para dentro, o desgraçado não aguentou mais.

Suspirei e abri os olhos.

— Já viste bem tudo o que está montado à volta dele? Reparaste no hotel de luxo? No café, na loja de recordações, no restaurante, nos apartamentos que estão a ser construídos? Há demasiado dinheiro investido aqui. Afinal, o que custa instalar uma bomba para lançar um jato de água...? Olha, vou mostrar-te uma coisa.

Aproximou-se do painel de controlo e definiu alguns parâmetros.

— Aumentei agora o jato para mais dois metros de altura. Espera um minuto, e vais ver a alegria das pessoas.

Ficámos a olhar para a contagem decrescente no ecrã.

No minuto certo, o géiser explodiu com uma potência impressionante.

As pessoas começaram a gritar de alegria.

— Hoje, a loja vai vender mais *T-shirts*, mais ímanes, mais recordações...

Voltámos a subir e saímos da pequena barraca de madeira.

— Vamos beber um café a um lugar menos concorrido, para me contarem o motivo da vossa visita.

Dirigimo-nos ao hotel, que se encontrava a alguns metros. Ficámos no pequeno café situado no rés do chão.

— Nem vos disse nada. Que falta de educação. Lamento imenso pelo vosso pai. Mas teve coragem de fazer aquilo em direto.

— Bem... na verdade, é esse o motivo pelo qual estamos aqui. É uma história um pouco longa, mas, resumidamente... Depois da sua morte, deixou-nos um embrulho, para que pudéssemos chegar ao fim de um jogo. Era uma coisa da nossa infância, de família. — Olhou para mim. — Escolheu o jogo das chaves.

— Muito bem. Sempre adorei esse jogo.

— Fomos avançando e temos uma chave que sabemos capaz de abrir a porta de uma casa, só que não sabemos onde fica essa casa.

— Não estou a compreender.

— Lembras-te do pai da Veruca, certo?

— Sim, claro. Pobre família...

— Depois da morte da Veruca, veio viver para a Islândia, para uma casa. Viemos à procura dessa casa.

— Lembro-me do que se passou. Lembro-me de que esse homem praticamente enlouqueceu. As redes sociais acabaram com ele, e ele, por fim, veio para cá. Acho que entrou num programa de proteção de testemunhas que existia dentro da própria empresa, ou qualquer coisa do género. Mas não faço ideia de onde vivia. Constava que era lá para norte.

— Bem, seja como for, esta é a chave, para o caso de te fazer lembrar

qualquer coisa ou de saberes se... — disse o meu irmão, pousando-a em cima da mesa.

Nesse momento, o amigo pegou na chave.

— Que estranho! — disse.

— O que foi?

— O símbolo do porta-chaves. Há muito tempo que não via um igual.

OceanofPDF.com

Terra

OceanofPDF.com

Silêncio.

E Terra nasceu.

E chorou.

E as lágrimas daquela menina foram também as de uma Humanidade que testemunhava o acontecimento mais importante da sua História.

Milhares de perguntas percorriam as redes sociais, sob a forma de sussurros, entre elas, a mais importante: «Nasceu bem?»

A Doutora levou a criança rapidamente, para verificar o seu estado de saúde. A espera tornou-se interminável.

Vários séculos de sofrimento mais tarde, a Doutora regressou com Terra embrulhada numa pequena toalha.

— Depois de um exame superficial, posso afirmar que acabas de ter uma menina saudável — disse a Miss, enquanto lha entregava. — Parabéns!

Miss apertou Terra entre os braços. E chorou.

E Frank chorou. E o Mãozinhas chorou. E o Jardineiro chorou. E até John chorou.

E decerto que, se Veruca ali estivesse, também teria chorado e transferido mil fotografias para as redes sociais e saltado de alegria...

Em contrapartida, Andrea, quando viu que tudo corria bem, aproximou-se de Miss e de Terra, olhou-as, pôs uma mão no braço da mãe e, com um «parabéns», foi para o seu quarto.

Uma emoção contida explodiu por todo o planeta.

O ser humano conseguiu, com todas as circunstâncias contra si, gerar

uma menina completamente saudável. Por isso, quando as piores expectativas deram lugar ao improvável, a Humanidade saiu para a rua, para festejar o facto de o corpo pequenino de uma menina ter contrariado todas as estatísticas. Paris, Madrid, Roma, Nova Iorque, Tóquio, Londres, qualquer cidade, grande ou pequena, transformou-se numa festa.

Aquela criança foi o milagre de que a colónia precisava para voltar a ter esperança, para se convencer de que a sua presença ali tinha um sentido, um futuro, pelo menos.

A raça humana acabava de provar que não só era capaz de sobreviver noutra planeta, mas que, além disso, também podia reproduzir-se.

Aquele bebé conseguiu, ainda que temporariamente, algo que nunca se alcançara até esse momento: criou uma vaga de consciência ecológica que arrastou milhões de pessoas.

Durante os meses que se seguiram, centenas de campanhas de consciencialização ambiental surgiram, vários governos comprometeram-se a implementar programas para reduzir o aquecimento global, as principais organizações não governamentais pressionaram os políticos de forma mais intensa, voltou a definir-se uma data para se assinar um pacto mundial contra as alterações climáticas...

Contudo, como era de esperar, também se gerou o movimento contrário: muitos governos — e milhões de cidadãos — decidiram que não era necessário fazer nada para proteger o planeta, pois havia, agora, um substituto.

— Sabes o que significa? — perguntou-nos.

— Sim, estivemos a ver — respondi. — Segundo a Internet, esse símbolo refere-se a qualquer coisa como abrir uma fechadura sem chave e chama-se... Espera, tinha isto apontado no telemóvel...

— Lásabrájótur — disse ele.

— Sim, é isso. Como sabes?

— Sei, porque ando há anos a questionar-me. Talvez a resposta esteja aqui, talvez este porta-chaves também seja uma chave.

— Não estou a perceber — reconheci.

— Lembras-te — disse, dirigindo-se ao meu irmão — do centro de dados que montámos aqui, na Islândia, há uns anos, quando nos conhecemos?

— Sim, claro. Falei nisso à minha irmã. Foi um dos projetos mais modernos do mundo.

Era verdade. Durante a viagem, o meu irmão falara-me daquele lugar. Um pequeno centro de dados onde toda a informação do programa era guardada, por temas legais.

— Isso mesmo. A minha empresa encarregava-se da manutenção da parte informática. Os servidores, os discos, os sistemas de cópia... era tudo de grande qualidade, mas, mesmo assim, exigia vigilância permanente.

»Eu, por contrato, tinha de ir duas vezes por semana supervisionar, apenas, para que tudo funcionasse devidamente. Na maior parte dos casos, a minha visita era mais social do que outra coisa. Bem, ia mesmo por isso. Lembras-te de haver um hotel de luxo em Húsafell, onde começava a única estrada que levava ao centro de dados?

— Húsafell? Não me lembrava do nome, mas lembro-me do hotel. Era um dos mais modernos — respondeu o meu irmão.

— Sim, era mesmo. Se tínhamos de ficar vários dias a trabalhar no centro de dados, dormíamos nesse pequeno hotel. Ora, em algumas das vezes que ali fiquei, cruzei-me com celebridades, mas não das que aparecem nas redes sociais, verdadeiras celebridades: desportistas de primeira água, cantores, chefes de Governo, empresários multimilionários, em suma, gente muito importante.

— Bem, era um dos melhores hotéis da Islândia. Se tivessem vindo em turismo, era natural que ficassem ali alojados — sugeri.

— Claro, não teria nada de especial. Mas e se eu te dissesse que a maioria nunca ficava a lá a dormir? Tomava qualquer coisa na cafetaria que existia no piso térreo.

— Então? — perguntei.

— E agora vem o mais estranho e aquilo que me fez pensar no assunto. Parece que o hotel era apenas o ponto de encontro para se partir numa digressão pelo centro de dados. A empresa do vosso pai tinha, enfim, ainda tem, vários daqueles camiões gigantes que servem para atravessar as acidentadas terras altas da Islândia. Daí, levavam-nos para o centro de dados, que ficava perto do glaciar Langjökull. Era um passeio de quase uma hora, através de uma paisagem fria e gelada.

— E para que haveriam de os levar ao centro de dados?

— Isso foi o que, na altura, me perguntei. Era estranho. Até que, um dia, quase por acaso, descobri.

»As instalações eram pequenas, três andares com duas divisões por piso; os servidores ficavam na cave, praticamente debaixo do gelo. No rés do chão, havia uma receção e uma pequena cafetaria, no primeiro andar havia duas salas de reuniões e, no terceiro, mais duas salas: uma em que se

encontrava todo o sistema de controlo de domótica e outra que estava sempre fechada. Esta última tinha esse mesmo símbolo na porta.

»Mas, bem, como estava a dizer, um dia, estava eu na sala de domótica a tentar arranjar qualquer coisa no sistema elétrico, acho. Tinha deixado a porta entreaberta e ouvi várias pessoas aproximarem-se, e um dos desportistas mais conhecidos do mundo entrou naquela sala com o vosso pai. O mais estranho de tudo foi a maneira como abriram a porta.

OceanofPDF.com

Dois dias depois do nascimento de Terra, um homem idoso e uma mulher jovem dirigem-se a um dos seus lugares preferidos na Islândia: duas pequenas piscinas naturais situadas no Norte da ilha, no meio do nada; na encosta de uma silenciosa montanha e a alguns metros de um mar que açoita as rochas com força. Um lugar com um nome complicado de pronunciar por qualquer estrangeiro: Grettislaug.

Chegam os dois num grande todo-o-terreno. Dirigem-se à cabina mais próxima do café, ainda fechada por essa altura. Ela, como sempre, é mais rápida. Depois de se encontrar de fato de banho, vê-se ao espelho, hesitando entre pôr a peruca que traz no bolso ou deixar o cabelo solto, o seu.

A mulher tem a intenção de esperar por ele, mas está frio, muito frio. Por isso, corre em direção às piscinas: há duas, separadas por um grande muro de pedra. Sem pensar muito, escolhe a que fica mais próximo do mar. A temperatura exterior é de dois graus, mas, em contrapartida, a água encontra-se a cerca de quarenta. Introduce-se lentamente nela, tentando habituar-se ao contraste, à espera de que o homem, muito menos ágil e bastante mais gordo, a alcance.

Passados alguns minutos, vê-o chegar de calções de banho, com uma toalha na mão e a bufar, como se a cada passo a vida se lhe esvaísse um pouco. Enfia-se desajeitadamente na piscina. «Hoje, ainda não está bêbedo», pensa ela.

Sentam-se um ao lado do outro. E é então que o homem se apercebe de que ela não traz peruca.

— Querida, hoje também não a puseste... — recrimina-a, de uma forma

terna.

— Mas quem vai aparecer aqui a estas horas? — responde ela, virando a cara.

— Quem sabe? — protesta, mas com cada vez menos insistência, como se estivesse cansado de discutir sobre a mesma coisa, dia após dia.

Ficam em silêncio.

Ele, de olhos fechados, deleita-se com o ambiente envolvente.

Mais silêncio... até ela o quebrar.

— Já não aguento mais! Estou farta, farta de ter de me esconder e de toda a gente dizer que sou a tua prostituta! — grita-lhe.

Fitam-se, olhos nos olhos. O homem suspira. Ela aproxima-se dele, abraça-o. Volta a falar.

— Voltaste a contactar com ele? — pergunta.

— Depois daquilo de ontem? Não, não vale a pena. Deixou tudo claro, muito claro: jurou que me matava, e a ti também.

— Disparates — responde ela, enquanto se afasta lentamente para o outro lado da piscina.

— Não são disparates. Este homem cumpre as suas promessas.

— Não me digas que agora vais ter medo, com todo o teu dinheiro, com todo o teu poder... — replica, sem o olhar.

O homem não diz nada. Como sempre, prefere não discutir. O único som que os rodeia é o das ondas a quebrar, a escassos metros.

Passam vários minutos assim, em silêncio, um em cada extremidade da piscina, ela a olhar para fora, ele a olhar para as costas dela.

E é precisamente nesse momento que ouvem o som de um carro. Um todo-o-terreno acaba de estacionar mesmo ao lado do deles. Do mesmo, sai um casal jovem. Vão a brincar um com o outro. Dirigem-se à cabina.

— É muito cedo... É raro haver alguém por aqui a estas horas. Talvez

venham tomar banho — diz o homem, assustado.

— Devem ser turistas, e claro que devem vir tomar banho, são um casal... Como eu e tu, há algum tempo, não? — responde ela, franzindo as pálpebras.

*

A jovem sai da cabina e, mal sente o frio lá fora, começa a correr em direção a uma das piscinas. Vai tapada com uma toalha, leva um gorro de lã azul e um biquíni preto.

O rapaz, a rir, persegue-a, gravando os seus movimentos com o telemóvel.

Entram na piscina devagar, tentando habituar-se ao calor de uma água que contrasta com um exterior absolutamente gelado.

— Nem repararam em nós — diz a mulher, enquanto se aproxima de novo dele, se põe ao seu lado e o rodeia com os braços.

E ali, num canto perdido do Norte da Islândia, a ilha guarda duas histórias muito diferentes a escassos metros de distância.

Numa das piscinas, o casal recém-chegado faz amor em silêncio, entre sorrisos e carícias — um momento para mais tarde recordar.

Na outra, o homem e a mulher dão a mão. Ele chora porque sabe que vai tomar uma decisão que lhes pode custar a vida; ela tenta não pensar em nada.

Os minutos passam.

Uma hora depois, o casal jovem, entre risos e sussurros, vai-se embora. Quando passam à frente deles, cumprimentam-nos com um simples adeus.

E ali fica o outro casal, o estranho, aquele que tem de dar um rumo à sua vida.

— Amanhã — diz o homem.

— Amanhã? — responde ela, surpreendida.

— Sim, amanhã vamos ter com ela e conto-lhe tudo.

— A sério? — grita a mulher, rejubilando de alegria.

E dá saltos dentro de água e sorri e beija-o e abraça-o. Abraça com força um homem que será feliz pela última vez.

— Não vai correr bem... — sussurra para consigo.

OceanofPDF.com

— Como se abria? — perguntou o meu irmão.

— Ainda não sei. Mas talvez com este porta-chaves, por isso me lembrei dele; talvez isto — disse enquanto lhe pegava — também seja uma chave. Aquele desportista limitou-se a pôr a mão na porta, e ela abriu. Dias depois, estive a analisá-la e não descobri nenhum detetor de calor, de impressões digitais, nem nada do género. Estou habituado a ver todo o tipo de tecnologia, mas continuo sem saber como aquela porta se abria. Das três ou quatro vezes que vi ali alguém, a celebridade em causa punha a mão na porta, e esta abria-se, assim, sem mais nada. Tentei mil vezes e nunca consegui. Talvez tivessem este porta-chaves na mão...

— Então, temos duas chaves?

— Eu diria que sim, segundo o que me contaram: a da casa do pai da Veruca e, certamente, a da tal sala... — Nesse momento, perdeu-se de novo em pensamentos.

— O que se passa? — perguntou o meu irmão.

— Não sei se vos pode ser útil, mas, quando vi as duas chaves juntas, lembrei-me de que, naquela sala, aconteceu uma coisa entre o vosso pai e o pai da Veruca. Foi precisamente no dia depois do nascimento da Terra. Toda a gente estava feliz, por isso me lembro. Foi uma espécie de contraste com toda aquela felicidade.

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro.

— Nesse dia, eu também estava na sala de domótica. Tinha a porta fechada, pelo que não se aperceberam da minha presença. Comecei a ouvir gritos, e o pai da Veruca saiu da tal sala, furioso. Gritava com o vosso pai,

insultava-o. Falavam de lealdade, de responsabilidade, mas o que mais recordo foi que não parava de dizer uma frase: «Vou contar-lhe, vou contar-lhe.» Era como um mantra. Não parava de a repetir. O vosso pai respondia-lhe também aos gritos, a pedir-lhe que a deixasse em paz, que já lhe fizera mal suficiente, que a deixasse viver descansada os dias que lhe restavam...

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro.

— Referir-se-ia à mãe da Veruca? — perguntei ao meu irmão.

— Suponho que sim, não sei. Sempre pensei que entre o pai e essa mulher havia qualquer coisa. Posso garantir-te que o pai gostava muito dela.

— Quer dizer que tinha razão quando nos contou aquilo tudo em casa dela — dirigia-me ao amigo do meu irmão: — Ela pensava que o marido lhe ia apresentar a nova companheira e pedir o divórcio.

— Então, tudo o que vocês disseram faz sentido, se vos contar o que aconteceu depois — continuou. — Depois de vários minutos a discutir, o vosso pai disse uma frase que deixou tudo em silêncio: «Se o fizeres, mato-te, juro-te, mato os dois.»

— E o pai da Veruca morreu poucos dias depois, num acidente — intervim.

— Sim, e esta frase fez todo o sentido para mim, porque o vosso pai disse «mato os dois», e, embora nunca tenha sido anunciado em nenhum meio de comunicação social, na ilha, correu o rumor de que o pai da Veruca não tinha morrido sozinho. Dizia-se que ia acompanhado naquele carro.

— Talvez o nosso pai tenha querido evitar mais sofrimento a uma mulher que já perdera tudo. Uma mulher que, quando a vimos, estava mais perto da morte do que da vida — acrescentou o meu irmão.

— E a nova companheira do pai da Veruca? Teria família? Alguém daria pela sua falta? — quis eu saber.

— Bem — comentou o amigo do meu irmão —, dizia-se que o pai da

Veruca andava com mulheres que tinham uma vida complicada, sem família, sem lar, sem ninguém que se lembrasse delas se desaparecessem, que tinham de fazer coisas que não queriam ter de fazer...

Ficámos durante alguns instantes sem proferir uma palavra sequer, a tentar assimilar aquilo tudo.

— Voltando ao assunto da sala, calculo que, depois do que se passou, já não exista, certo? — perguntei.

— Essa não existe, mas há uma nova, a que se encontra no museu.

— No museu? Que museu?

— O museu que substituiu o centro de controlo — disse, olhando para o meu irmão—, quando aconteceu a tragédia.

OceanofPDF.com

Depois do nascimento de Terra, foram centenas as empresas que quiseram usar o seu rosto para promover todo o tipo de produtos: coleções de roupa para criança, cereais, bolachas, chocolates, brinquedos... tudo era patrocinável. O rosto daquela menina estava em todo o lado.

A estação, mantendo o objetivo de rentabilizar cada segundo da sua vida, inventava concursos, programas especiais e documentários em torno da pequena. Também realizava, periodicamente, entrevistas a todos os elementos da colónia, para lhes fazer perguntas acerca dela, para que dissessem o que representara para eles o nascimento de Terra.

De modo geral, as opiniões eram muito semelhantes: o acontecimento trouxera uma nova esperança a um grupo de pessoas que, depois que ocorrera no passado, tinham perdido a alegria. A Doutora estava encantada com aquela pequena vida, sentia-se, de alguma forma, responsável por tudo o que corria bem. O Jardineiro sentia-se feliz, mas não podia esconder que, de cada vez que a via, também pensava na mulher e na filha. O Mãozinhas talvez fosse um dos que menos atenção lhe reservava. Dizia que não gostava de bebés, mas reconhecia que ela era uma alegria para a colónia.

Curiosamente, e contra o que muitos poderiam imaginar, Andrea era uma das pessoas que mais carinho dispensava à menina, talvez porque a via como uma irmã mais nova de quem tinha de cuidar, ou porque se lembrava da sua infância, quando ninguém lhe dava atenção. Várias vezes ao dia, largava o computador e aproximava-se do berço improvisado para lhe fazer companhia durante algum tempo.

Mas, se havia alguém que nutria um sentimento estranho em relação à

menina, era Frank. Não que a rejeitasse, não se tratava disso, mas também não se aproximava demasiado dela. Ninguém percebia muito bem o que se passava com ele. Por vezes, dava até a impressão de que tinha medo de lhe tocar.

OceanofPDF.com

Três dias depois do nascimento de Terra, em plena noite, um homem sai de uma pequena casa perdida algures no Norte da Islândia. Não vai sozinho. Uma mulher e o medo acompanham-no.

Ambos olham em volta, tentando fazer o menor barulho possível a cada movimento, tentando mergulhar através do silêncio. Alguns cães ladram.

Sabe que não o deve fazer. Há dois dias, um homem fez-lhe uma promessa: «Se o fizeres, mato-te, juro-te, mato os dois.»

Mas também sabe que, se algum momento houver que seja acertado, é agora, exatamente quando toda a atenção do mundo está centrada no nascimento de uma menina, quando, depois da discussão, ele não estiver à espera disso.

Silenciosos, ambos entram num carro que, em alguns minutos, começará a atravessar a neve e a lama, um carro cujos faróis iluminarão a noite eterna de uma ilha que os manteve escondidos, envoltos no seu frio. Pensam que, ocultos no meio da névoa, ninguém os descobrirá.

O silêncio é a sua conversa; o medo, o seu caminho.

O carro continua a avançar, muito devagar, através de uma cortina de fumo branco que cobre todo o ambiente circundante, contornando pedras, água e lama, com um destino tão incerto quanto perigoso.

Ela tentou convencê-lo de que as ameaças não serão reais, de que é um homem rico, muito rico, de que o dinheiro protege tudo, de que não irá acontecer nada. Ele sabe que William Miller cumpre sempre as suas promessas.

— Foi um dos golpes mais duros que a empresa sofreu: milhões de dólares desapareceram em menos de um dia — respondeu o meu irmão.

Fiquei a olhar para o vazio, sem saber muito bem de que falavam.

— O que se passou? — perguntei.

— No fim, a Natureza é sempre mais forte do que o Homem — respondeu o seu amigo. — Pensavam que as instalações estavam protegidas contra tudo e não levaram muito a sério a quantidade de vulcões que existe debaixo desta ilha. Lembras-te de há uns anos, quando o vulcão Eyjafjallajökull entrou em erupção?

— Foi aquele que interrompeu parte do tráfego aéreo da Europa durante alguns dias? — respondi.

— Sim, exatamente. Foram cancelados milhares de voos, mas, enfim, trata-se de algo a que, de uma forma ou de outra, os islandeses estão habituados. Ao longo da sua História, foram vários os vulcões que acabaram por entrar em erupção, mas quem poderia imaginar que, ainda que de forma ligeira, haveria de entrar em atividade logo aquele que se encontrava por baixo do centro de dados? Destruiu quase oitenta por cento das instalações. Conseguimos evacuar muita gente, mas, mesmo assim, morreram cinco pessoas, funcionários que não conseguiram sair a tempo. Convém ter em conta que, para lá chegar, eram precisos veículos especiais. O edifício ficava num glaciar.

— Agora, que falas nisso — disse —, sim, lembro-me de qualquer coisa, mas não se atribuiu grande importância ao facto.

— Bem, na verdade, não foi muito espetacular. Apenas uma pequena

explosão, que não obrigou ao cancelamento de nenhum voo, mas que aconteceu mesmo por baixo do centro de controlo.

— Eu soube do ocorrido — acrescentou o meu irmão —, mas o pai não quis que se publicasse nada. Dizer que se tinha perdido milhões de dólares, que tinham morrido várias pessoas porque não se soube escolher bem o local não é publicidade favorável, para dizer a verdade.

— E os dados? — perguntei.

— Provavelmente, perdeu-se tudo... — disse o amigo do meu irmão.

— Ou talvez não... — replicou o meu irmão, de imediato, olhando para mim.

Lembrei-me logo da conversa que tivera com ele no avião: imagens pelas quais as pessoas pagariam muito dinheiro.

— Alguma vez entraste nessa sala? Viste o que havia lá dentro? — perguntei, um pouco nervosa.

— Bem, como vos disse, a sala já não existe, mas construíram outra no último andar do museu, vi-a uma vez. Tem o mesmo símbolo na porta.

— E o que há dentro dessa sala? — insisti.

— Apenas um ecrã de cinema e umas quantas poltronas.

Eu e o meu irmão olhámo-nos, cúmplices. Sabíamos que estávamos a pensar no mesmo, mas nenhum de nós disse fosse o que fosse, pelo menos, à frente do seu amigo.

— E o que há dentro do museu? — quis saber.

— Ah, sim, é um pequeno museu para fãs obcecados pelo programa, em que se homenageiam os concorrentes que partiram para Marte. Existe apenas uma empresa autorizada a organizar visitas, e tudo está sujeito a medidas de segurança muito rigorosas. A visita inclui a viagem num daqueles camiões gigantes e a entrada no museu.

O amigo do meu irmão viu as horas e sobressaltou-se.

— Bem, tenho de ir. Já devia estar há algum tempo numa reunião em Reiquejavique, um projeto que envolve muito dinheiro. Vamos lá ver se corre bem. — Sorriu-nos. — Não sei se fui grande ajuda. Espero que sim, com a história do porta-chaves. Sobre a outra chave, não sei onde vivia o pai da Veruca, mas tenho a certeza de que não será difícil descobrir. A Islândia é um país pequeno. Se acharem bem, esta tarde trago as credenciais, e amanhã podem ir ao museu ver se conseguem entrar na tal sala. O diretor é um tipo bastante simpático.

— Fica longe? — perguntei.

— Húsafell? Não muito, a umas duas horas de Reiquejavique, mas só abrem de manhã. Durante o dia de hoje ainda, trato de tudo e digo-vos qualquer coisa.

— Perfeito — respondi.

Despedimo-nos do amigo do meu irmão. Tínhamos o resto do dia livre para fazer turismo ou tentar procurar a tal casa. O meu irmão optou pela primeira opção. E eu, de certa maneira, fiquei contente.

OceanofPDF.com

Um carro continua a avançar às escondidas pelas entranhas da Islândia, entre a neblina e a noite. Dentro dele, viajam um homem e uma mulher que nem sequer olham um para o outro. As suas mentes estão muito mais longe do que os seus corações. Dirigem-se ao pequeno aeroporto de Akureyri, do qual descolam apenas voos domésticos e onde os espera uma avioneta privada que não sabem se chegarão a apanhar.

Ele tem dinheiro, muito, o suficiente para subornar as pessoas que, em princípio, o ajudarão na fuga. O problema é que o seu inimigo tem ainda mais.

Depois de mais de uma hora a circular em silêncio, através de uma calma que parece ser a única companheira do estranho casal, veem, de repente, dois pequenos focos ao longe, pelo retrovisor. O homem ao volante fica nervoso; a mulher, mais ainda.

— Se não é normal alguém circular por esta estrada de dia, imagina de noite — comenta o homem. — Sabia que isto não ia correr bem.

A mulher vira a cabeça para trás, para confirmar que as duas estrelas que os perseguem são reais.

Os faróis aproximam-se cada vez mais. É nesse momento que se dão conta de que as luzes estão demasiado altas.

— É uma carrinha *Bigfoot*, e das mais potentes — comenta o homem calmamente —, daquelas que atravessam as terras altas sem parar, das que poderiam esmagar-nos num ápice.

A mulher volta a olhar para trás. Mexe-se no assento, nervosa, grita... entra em pânico.

— Quero sair! Quero sair! Pára! Pára! — grita.

O homem sabe que não servirá de nada, que a morte não distingue fora e dentro, calor e frio, culpado e inocente. E a morte está ali, a uns quantos metros.

OceanofPDF.com

— Vou mostrar-te um lugar mágico — disse-me o meu irmão.

— E a casa? — perguntei, revelando a minha veia jornalística, a que não descansa nem por um minuto.

— Não faço a menor ideia — respondeu-me, a rir. — Neste momento, não temos qualquer pista acerca da casa. Talvez amanhã possamos perguntar, e nos informem. Só sei que nos restam umas quantas horas de sol e que gostava de te mostrar um lugar muito especial. Vens? — E dirigiu-se ao carro sem esperar por mim, sabendo que iria atrás dele.

Porque aquele «Vens?» me transportou para a minha infância: para quando me levou a ver a cabana que ele e os amigos tinham feito com um punhado de ramos; para quando me levou a ver uma rocha de onde podíamos atirar-nos ao rio; para quando me levou a ver uma gruta que tinha descoberto... «Vens?» E eu ia sempre.

E fui.

Entrámos no carro e metemos por uma pequena estrada rumo ao sul, à Ring Road, a estrada que contornava toda a ilha. Uma ilha que, a cada quilómetro, nos presenteava com surpresas à queima-roupa. Quando já nos tínhamos habituado a uma paisagem, tudo em volta mudava completamente passados poucos minutos: um sem-fim de cascatas que nasciam das montanhas quase por capricho; desertos de lava que engoliam qualquer vislumbre de cor; montículos verdes que pareciam esconder pequenos seres mitológicos. Água, frio, fogo, gelo.

Quase não falámos. Não precisávamos, porque a paisagem dizia tudo.

Felizmente, durante os últimos anos, o governo impusera um limite

máximo de visitantes por ano. Era a única forma de manter a ilha com vida face à invasão humana. Não era simples conseguir autorização para entrar. Por vezes, implicava dois ou três anos de espera, embora, se se tivesse dinheiro, fosse possível consegui-lo mais depressa.

Aproveitei o facto de o meu irmão ir a conduzir, para enviar várias mensagens a um contacto que me fora passado por um colega, um contacto que vivia em Reiquejavique e que talvez nos pudesse ajudar.

Já tínhamos duas horas de caminho, e eu começava a transpor a fronteira do sono, quando um estrondo me assustou.

— De onde vem este barulho? O que se passa? — perguntei ao meu irmão, olhando para os dois lados.

Ele limitou-se a sorrir-me e continuou a conduzir.

O som amplificava-se cada vez mais. Era como se uma vaga gigante viesse na nossa direção.

E, de repente, vi-a.

— Mas o que é isto? — quase gritei, surpreendida.

— Uma maravilha da Natureza — disse-me, a sorrir.

À nossa esquerda, apareceu uma grande cascata que parecia nascer do céu.

— É a cascata Skogafoss — disse-me. — Tem mais de sessenta metros de altura e, sim, parece saída do nada. Além disso, como hoje está sol, podemos ver a sua magia.

Virou à esquerda, para se desviar por um pequeno caminho. Estacionámos e, a pé, dirigimo-nos à cascata. Muitos metros antes de a alcançarmos, a água já nos molhava.

Quando nos aproximámos o suficiente, descobri um enorme arco-íris que nascia aos meus pés e abraçava tudo em volta.

— Isto é real? — perguntei, receando que fosse mais um truque.

— Sim, acho que, por enquanto, não há efeitos especiais por aqui. Habitualmente, quando está sol, o arco-íris está presente. Por vezes, até aparecem dois.

Permanecemos ali, em silêncio, a observar um dos lugares mais bonitos que vira em toda a minha vida.

Nesse momento, o meu irmão pegou-me na mão.

— Há uma lenda... Diz-se que um víquingue tinha um cofre cheio de ouro e não sabia onde o esconder. Depois de pensar em vários sítios, lembrou-se de o deixar atrás desta cascata.

»O víquingue morreu, mas o tesouro continuou ali durante anos, até que, um dia, um jovem que se encontrava nas redondezas o descobriu. O problema foi tentar resgatá-lo, pois, no momento em que puxou a argola do cofre, este desapareceu. Dizem que essa argola existe e que foi colocada na porta da igreja de Skógar, aí permanecendo.

Sorri e apertei-lhe a mão.

— Anda. Vamos para cima.

E começámos a subir umas escadas intermináveis, para descobrir onde nascia aquela maravilha.

Depois de muitas fotografias, regressámos ao carro.

— Já são horas de almoço — disse-me.

Metemo-nos no carro, para percorrer apenas um quilómetro. Parámos em frente a uma caravana estacionada no pátio de uma casa, uma caravana pintada com bolinhas brancas sobre um fundo vermelho. Mia's Country Van.

— Mas isto é o pátio de uma casa particular?

— Sim, mas fazem um belo *fish and chips* — disse, a sorrir.

Não encontrei mesas livres.

— Senta-te no chão, não faz mal. Vou fazer o pedido — disse, enquanto se aproximava da caravana.

Procurei um pouco de relva e sentei-me no chão. Nesse momento, chegou uma mensagem do meu contacto em Reiquejavique. Sorri. «Sempre é qualquer coisa», disse para comigo.

Passados poucos minutos, o meu irmão regressou com duas pequenas caixas de cartão. Comemos. Rimos. Falámos de tantas coisas, que, por um momento, nos esquecemos das chaves. Esquecemo-nos também de quando, há anos, nos tornámos desconhecidos.

— E agora vamos a Vik, ver uma das praias mais bonitas da Islândia. Quando lá estivermos, conto-te uma história — disse-me, enquanto me limpava a maionese da boca.

Terra foi, sem dúvida, a criança mais privilegiada do mundo. Nas redes sociais, nos programas de opinião e nas revistas, todos eram médicos, todos eram pais e mães, todos eram especialistas em dar conselhos. Todos questionavam qualquer decisão que a mãe tomasse; felizmente, estavam demasiado longe para poderem fazer alguma coisa.

Embora, em Marte, não houvesse material especificamente destinado a bebés, foi-se improvisando. O Jardineiro concebeu um biberão, feito com uma garrafa e umas borrachas. O Mãozinhas demorou nem duas horas a produzir um berço. A Doutora vasculhou por entre o material médico e encontrou uma forma original de terem ao dispor fraldas reutilizáveis. Os dejetos iam para as plantas do Jardineiro.

De alguma forma, aquela menina obrigara a colónia a regressar às origens. Era como se, de repente, o ser humano tivesse despertado e se encontrasse um século atrás.

Isso incluía o facto de dar de mamar, uma prática já quase em desuso na Terra. Há muitos anos que o leite da mãe fora substituído por um preparado que tinha tudo o que era necessário para o crescimento ideal de um bebé. Era mais caro, sim, mas, ao mesmo tempo, mais cómodo.

Também não havia brinquedos. Mas improvisaram-se rocas e bonecos. Na verdade, qualquer coisa era suficiente. Aquela menina não precisava de nada especial.

Com a autorização da organização, Andrea redireccionara uma das câmaras, para que apontasse para o berço. Havia sempre alguém de guarda, a vigiar a menina.

Sim, Terra era a menina mais vigiada do mundo, mas também era um ser isolado: não poderia relacionar-se com outras crianças. Como é que isso a afetaria?

Apesar de esta questão ter sido tema de conversa em muitos debates televisivos, decidiu-se, por fim, que se preocupariam com o assunto no futuro. Agora, era preciso olhar para o presente, e cada dia de vida ali era uma vitória, uma proeza da Humanidade.

Era a proeza de uma Humanidade que deixava milhares de crianças morrer de inanição no seu próprio planeta, mas que se preocupava com cada espirro de uma nova vida nascida em Marte.

OceanofPDF.com

Apesar de se ter tornado público, através da maior parte dos órgãos de comunicação social, o acontecimento passou despercebido no meio do turbilhão de notícias referentes ao nascimento de Terra.

K. Kopson, um dos homens mais ricos do mundo, cofundador do concurso de Marte e também conhecido por ser pai de Vera Sweet, faleceu hoje, aos sessenta e sete anos de idade, num acidente de viação, no Norte da Islândia.

Embora ainda não se conheçam as causas exatas do sucedido, a hipótese mais provável é a de que o veículo em que seguia se tenha despistado por circular em excesso de velocidade. Quando se realizar a autópsia, poderá também determinar-se se a quantidade de álcool no sangue excedia os limites permitidos.

Após a morte da filha em Marte, Kopson mergulhara numa grande depressão, que o levava a abandonar tudo e a isolar-se numa casa, algures na Islândia. Talvez estas circunstâncias o tenham impelido a tomar uma decisão trágica...

A maior parte dos órgãos de comunicação social forneceu informações semelhantes, mas nenhum deles fazia referência ao facto de o homem estar acompanhado. Esse dado desaparecera, simplesmente, tal como o cadáver da mulher. Nunca mais se soube dela.

Apenas meia hora depois, deixámos a Ring Road e seguimos por um pequeno caminho que nos conduzia diretamente ao mar. Vimos uma tabuleta com a indicação: REYNISFJARA.

Chegámos ao parque de estacionamento, e, mal saímos do carro, a força do vento fustigou os nossos corpos. Chovia mansamente havia alguns minutos.

Caminhámos por um caminho bem delimitado, que desembocava numa praia a preto e branco: as ondas cuspiam espuma sobre um tapete cor de carvão.

— Dizem que é uma das praias mais belas do mundo — comentou o meu irmão.

Permanecemos ali durante alguns minutos, de pé, um ao lado do outro, a observar um céu que se confundia com o mar, perguntando-nos qual dos dois perdera a cor primeiro.

O vento soprava cada vez com mais força.

— Anda, vamos até ali — disse-me.

Começámos a caminhar à beira-mar, em direção àquilo que parecia ser uma gruta. Não havia praticamente ninguém: um casal ao longe e um homem que tentava manter o tripé da câmara em equilíbrio.

— O que é aquilo? — perguntei ao meu irmão, ao ver três rochas enormes que pareciam nascer do mar.

— O que preferes? A verdade ou a lenda? — perguntou-me, por sua vez, a sorrir.

— A lenda... — respondi-lhe eu, enquanto ele me estreitava contra si.

Abraçou-me.

— Conta-se que, nesta zona, viviam três *trolls* que se entretinham a afundar barcos. Talvez porque não queriam que ninguém os incomodasse, porque não queriam visitantes.

O vento arrastava-me cada vez mais contra ele.

— Habitualmente, eram barcos pequenos, os que chegavam, barcos que um único *troll* conseguia afundar com facilidade. Mas, certa vez, aproximou-se um barco grande, muito mais resistente do que os anteriores. Nessa noite, os três *trolls* tiveram de unir esforços para o conseguir destruir. Mesmo assim, aquele barco era forte, muito forte. O esforço prolongou-se durante horas, tantas que, quando se deram conta, já amanhecia... E sabes o que acontece a um *troll* quando é atingido pela luz do Sol? — perguntou-me, estreitando-me entre os braços.

— Transforma-se em pedra.

— Exato. E ali estão eles... — Sorriu, apertando-me o corpo contra o seu. — Dizem que estas três rochas enormes são esses três *trolls*. Sei que têm nome, mas, neste momento, não me consigo lembrar deles.

As gotas caíam-nos desordenadamente sobre o corpo, à mercê do vento que as fazia dançar à nossa volta.

Aproximámo-nos de uma estranha parede formada por colunas de basalto. Encontrámos um pequeno recanto em que nos protegemos do vento.

Nesse momento, recbi uma mensagem no telemóvel, e outra, e mais uma. Três mensagens quebraram o silêncio.

Tirei o telefone do bolso, li e sorri. Cada um daqueles dados valia a pena.

— O que se passa? — perguntou-me.

— Eu também tenho os meus contactos — afirmei, a sorrir. — Quando souber algo mais concreto, digo-te.

Estivemos ali durante muitos minutos, cada um de nós absorto nos seus pensamentos, um ao lado do outro, tão perto, tão irmãos.

Começou a chover com mais intensidade. O vento forte transformava as gotas em balas que nos atingiam os rostos. Decidimos que estava na altura de voltar.

Fomos a correr para o parque de estacionamento.

Entrámos no todo-o-terreno, ligámos o ar quente, e a rádio presenteou-nos com Dermot Kennedy, em *A Closeness*. O primeiro verso da canção fê-lo sorrir: «*Keeping her bright eyes focused on the coastline...*»

OceanofPDF.com

Felizmente, a colónia encontrara um ponto de equilíbrio que quase já não trazia surpresas.

Terra desenvolvia-se de uma forma normal. Dia após dia, ia interagindo um pouco mais com o resto dos habitantes.

Cada um assumira o seu papel.

O Jardineiro estava a conseguir que as plantas crescessem; era um grande progresso, pois, como um dia referiu ao resto dos companheiros, dentro de muito pouco tempo, poderiam consumir os seus próprios alimentos, algo indispensável para serem autossuficientes em Marte.

Andrea continuava igual: durante a maior parte do tempo, permanecia em frente ao computador. A sua atitude para com os outros era correta, mas nunca chegou a relacionar-se muito com ninguém, à exceção, claro, da bebé. Criara um laço estranho com Terra, como se, de alguma forma, quisesse adotar o papel de irmã mais velha.

Miss e a Doutora tinham-se tornado muito amigas desde o nascimento de Terra. Ambas cuidavam dela, mas de uma forma diferente. Por vezes, parecia que a mãe da criança era a Doutora, pois era quem mais brincava com a menina, quem mais tomava conta dela. Não é que Miss não fizesse o mesmo também, não era isso, mas, muitas vezes, parecia que o seu principal objetivo era usá-la nas redes sociais. Não se pode esquecer que, depois de ter sido mãe, Miss se tornara a pessoa com mais seguidores no mundo.

No seu canal, mostrava cada pequeno progresso de Terra, cada olhar,

cada sorriso, cada gatinhar. Percebera que, quando aparecia numa fotografia com a menina, os *gostos* multiplicavam-se.

O Mãozinhas continuava sem se sentir à vontade naquele lugar. Não se tinha adaptado. Era quem mais saídas ao exterior fazia, sempre acompanhado por alguém da Centinel ou por John.

Essas saídas constituíam um ligeiro bálsamo contra a sua angústia interior. Era a pessoa que menos dúvidas tinha de que, caso a possibilidade de regressar se apresentasse, voltaria ao seu planeta.

No que diz respeito às relações íntimas entre os participantes, depois do nascimento de Terra, Miss voltou a ter sexo regular com o Mãozinhas, mas com proteção. Em contrapartida, o Jardineiro esqueceu-se da modelo e dedicou-se por completo às plantas.

John também visitava de vez em quando o quarto da Doutora, e vice-versa. Tinham desenvolvido uma relação especial; talvez, de início, não houvesse amor, mas no fim...

Frank nunca tentou nada com ninguém. Bastava-lhe ter de travar a sua batalha interior: aquela em que todos os dias tentava domar os seus pensamentos.

E Andrea... Andrea nunca se interessou por esse assunto.

À medida que a menina crescia, toda a gente procurava parecenças. Alguns diziam que tinha certos traços do Mãozinhas, outros que certas expressões faciais eram idênticas às do Jardineiro. Quase ninguém falava de Marcus. O assunto tornara-se tabu.

Procuravam-se características comuns, feições, gestos, um ou outro sinal no corpo, mas não se encontrou nada de conclusivo. Tentou-se comparar a cor dos olhos de Terra à dos possíveis pais, mas não foi possível encontrar a mais pequena semelhança. Parecia que tinha os olhos de cores diferentes.

O Mãozinhas e o Jardineiro nunca chegaram a acalentar um sentimento

de paternidade pela menina. Cada um deles tinha uma hipótese em três de a criança ser sua filha, e talvez isso os fizesse sentir carinho por ela, mas não ao ponto de amarem uma filha que podia não o ser.

*

Relativamente aos três astronautas da Centinel, continuavam o trabalho de expansão das instalações. Marcus nunca se aproximou da colónia. Os outros dois faziam-no esporadicamente, para realizar saídas ao exterior ou em face de algum incidente pontual que exigisse a sua presença.

OceanofPDF.com

No dia seguinte, chegámos a Húsafell às primeiras horas da manhã, embora o sol já ali estivesse desde o dia anterior. Na realidade, Húsafell não era uma povoação, mas uma quinta à volta da qual iam aparecendo alguns serviços, entre eles um hotel com o mesmo nome.

O amigo do meu irmão mexera uns quantos cordelinhos para que nos pudéssemos encontrar com o diretor do museu na cafetaria desse hotel. Entrámos e ficámos numa pequena sala situada no piso térreo. Uma enorme janela revelava a beleza de uma Natureza que ainda tinha autorização para ser selvagem. Sentámo-nos em dois sofás, um em frente ao outro, separados por uma mesinha em que nos serviram dois cafés.

Passados poucos minutos, aproximou-se de nós um homem vestido com um fato.

— Viva — disse-nos, exibindo um grande sorriso. — O meu nome é Jónas, sou o diretor do museu. É um prazer conhecer-vos.

Eu e o meu irmão levantámo-nos para lhe apertar a mão.

— Desculpem ter marcado tão cedo, mas, afinal, no verão, quando é que é cedo aqui? — Sorriu. — Preferi preparar-vos uma visita guiada antes da abertura do museu. Assim, não haverá turistas.

— Perfeito — respondi.

— Bem, se estiverem prontos, iremos daqui no meu carro até ao parque de estacionamento onde temos os elefantes.

— Os elefantes? — perguntei.

— Sim — respondeu, sorrindo. — São uns camiões enormes, os únicos em que conseguimos chegar ao museu. Entramos no quatro-por-quatro para

percorrer um caminho de terra e rocha. A viagem não dura mais de vinte minutos.

Quando chegámos ao parque de estacionamento, vimos vários camiões com rodas gigantes. Num deles, havia um motorista à nossa espera. Subimos, e o monstro arrancou.

Durante os primeiros minutos, Jónas referiu que íamos atravessar parte do glaciar Langjökull, o segundo maior da Islândia. Um glaciar que, infelizmente, ia perdendo dimensão ano após ano e que, segundo as estimativas, em 2100, teria desaparecido por completo.

Começámos a circular sobre um manto branco rodeado de frio e silêncio. A cada metro que o camião avançava, podíamos ouvir o estalar do gelo. Em determinadas ocasiões, o veículo detinha-se para voltar a ganhar tração. Jónas explicou que cada roda tinha um sistema pneumático que permitia regular a pressão dos pneus a partir da cabina e, assim, adaptá-los ao terreno.

Depois de quase uma hora a percorrer aquele deserto branco, chegámos a um lugar no meio do nada. Apenas uma grande porta que parecia nascer do chão, como uma entrada para uma caverna. Por cima da mesma, um pequeno letreiro metálico: MUSEU.

Saímos do veículo e entrámos na receção, de onde saía um túnel.

— Este museu — disse-nos, enquanto nos dava dois coletes especiais — está construído por baixo do gelo. Fizemo-lo em memória do antigo centro de controlo, que, em parte, também estava debaixo do glaciar.

Enquanto Jónas falava, apercebi-me de algo curioso: havia ali demasiada segurança. Durante o trajeto, detetara, pelo menos, três *drones* que nos tinham estado a vigiar, e, à porta do museu, havia várias câmaras. Mas o que mais chamou a minha atenção foi o facto de, no interior, na receção, também haver dois seguranças.

— É preciso esta segurança toda? — perguntei.

— Bem, mesmo que não pareça, temos aqui peças de grande valor. Algumas pessoas pagariam milhões por elas. Há informações pessoais de quando os participantes estavam na fase de seleção: as últimas roupas que vestiram, desenhos, cartas...

— Sim, mas... e os *drones*?

— Estou a ver que nada lhe escapa — disse, sem responder à pergunta.
— Tudo a seu tempo. Venham comigo.

Passámos as credenciais por um leitor, e as portas abriram-se. Começámos a atravessar um corredor de gelo. Era lindo.

— Sei que estão interessados numa sala em particular, mas permitam-me mostrar-vos rapidamente o museu. Como é feito de gelo, é espetacular.

E nós seguimo-lo.

A primeira sala a que acedemos era designada CENTINEL.

Mal entrámos, um mural gigante deu-nos as boas-vindas; nele, apareciam as bandeiras de todos os países que tinham participado na primeira missão tripulada a Marte.

Avançámos pela sala até chegarmos a uma parede em que se viam dois retratos gigantes: um homem e uma mulher. *Tripulantes da Centinel*, dizia.

— Mas não eram três? — perguntei.

OceanofPDF.com

Embora não tivessem essa percepção, o tempo na colônia continuava a passar.

Todos os dias, o Jardineiro conseguia novas proezas com o seu trabalho, e, pela primeira vez, uma das suas plantas dava frutos: tinham crescido uns quantos tomates pequenos.

Por seu lado, o Mãozinhas continuava a encarregar-se da manutenção básica dos módulos. De vez em quando, colaborava com os dois astronautas da Centinel na montagem dos oito habitáculos adicionais, que serviriam para acolher os novos candidatos. Eram tarefas em que tanto John como Frank também participavam.

A Doutora encarregava-se de tudo o que se relacionava com a saúde das pessoas ali presentes; periodicamente, realizava *check-ups* para verificar se estava tudo bem. Era a responsável por administrar e manter o material médico.

Miss, por seu lado, reservava metade do seu tempo a cuidar de Terra e a outra metade a contar tudo nas redes sociais.

Andrea ocupava-se das comunicações e das questões informáticas. Quase sempre que o programa transmitia aquilo que se passava no seu quarto, estava agarrada ao computador. Aproveitava as poucas vezes que saía para brincar com Terra.

Era uma menina que não podia interagir com outras crianças, que não tinha muitas das comodidades de que uma criança deveria usufruir, mas que, apesar de tudo, continuava a crescer com alguma normalidade. E isso, ali, era muito.

A Doutora fazia o acompanhamento semanal de Terra, para verificar se tudo estava a correr bem. Foi depois de um desses exames que confirmou aquilo de que suspeitava há algum tempo.

Nesse dia, pegou na menina ao colo e dirigiu-se ao quarto de Miss.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou a modelo, quando a viu aparecer com a filha.

— Não, não, nada. Acabei de lhe fazer a consulta semanal; está tudo bem. Mas já passou o tempo necessário para se poder concluir que a menina tem heterocromia total — disse.

Quando a informação chegou à Terra, milhões de pessoas fizeram os motores de busca ir abaixo para tentarem descobrir o que aquilo era.

— O quê? — respondeu Miss, angustiada, enquanto pegava na criança.

— Não te preocupes. A palavra assusta mais do que o seu significado. Vou dizer-te de outra maneira. Tem um olho de cada cor, e não me parece que vá mudar. Por vezes, como parece ser o caso, desenvolve-se pouco tempo depois do nascimento e, nesse caso, trata-se de algo conhecido por heterocromia congénita.

— Mas é perigoso? — perguntou Miss, apertando a filha nos braços.

— Perigoso? Não, não, talvez estranho. Segundo aquilo que investiguei, apenas um por cento da população apresenta esta característica. Mas não afeta a visão, de todo.

Nesse momento, as câmaras focaram uns olhos ligeiramente diferentes. Um tendia para o verde; o outro, para o azul.

— De certeza que, com o passar do tempo, as cores se hão de acentuar, mas não é certo, podem até ficar assim. Manter-me-ei vigilante, mas não há motivo para preocupações.

As semanas foram-se avolumando, até se transformarem em meses. As

redes sociais continuaram a funcionar como tutores improvisados. Toda a gente dava a sua opinião sobre como se deveria cuidar daquela criança.

As audiências foram caindo à medida que o interesse inicial se foi transformando em aborrecimento. Apareceram outros programas capazes de cativar as pessoas, fartas de ver as mesmas pessoas a fazer a mesma coisa, dia após dia.

Mesmo assim, o concurso ainda contava com milhões de espectadores fiéis.

OceanofPDF.com

— Sim, tem razão. Ainda hoje, há muita gente que seria capaz de o contestar. É fácil ir substituindo a realidade por uma verdade mais confortável. De início, claro que afixámos a fotografia dos três astronautas; com efeito, sem a ajuda do capitão Marcus, a missão não poderia ter sido concluída. Mas sabem o que aconteceu?

»Quando as pessoas passavam pela sala e viam a sua fotografia, protestavam, pediam o livro de reclamações, arrancavam o retrato, e, outras vezes, cuspiam nele. Uma petição *online* reuniu dez milhões de assinaturas para retirar a imagem de Marcus. Acabámos por decidir eliminá-la. Não alterámos a verdade. Limitámo-nos a esconder a parte menos agradável.

— Mas isso não é correto... — disse eu a Jónas.

— É algo que se faz todos os dias — respondeu-me. — O mais rentável é sempre dar às pessoas aquilo que elas desejam. Não interessa se é verdade ou mentira. Às vezes, dá-se demasiada importância à realidade.

— Mas... — Ia protestar de novo, quando o meu irmão me deu a mão. Fê-lo como quando éramos pequenos e o meu temperamento me arranjava problemas.

Suspirei, e deixei passar a coisa. Dissesse eu o que dissesse, não iria mudar nada.

Passámos por outro corredor de gelo, que desembocava num pequeno bar cujos bancos também eram feitos de gelo. Virámos à esquerda e chegámos a uma sala em que um vídeo explicava os preparativos do processo de seleção. Havia uma consola em que, se se introduzisse o nome de um dos 1 300 454 participantes, aparecia toda a informação sobre o mesmo.

Depois de atravessarmos essa sala, chegámos à principal: os 8 ESCOLHIDOS. Estava dividida em oito pequenos espaços. Em cada um deles, era possível obter informações exaustivas sobre cada um dos finalistas do concurso: os seus dados básicos, características físicas, como fora a sua infância ou trajetória no concurso, a sua data de nascimento e também de morte, que, para todos, à exceção de Veruca, era a mesma.

OceanofPDF.com

O tempo passava: dias que se transformavam em meses, meses que se acumulavam, formando um ano...

E chegou o dia do primeiro aniversário de Terra. Uma menina que já dera os primeiros passos, uma menina que já dissera algumas palavras em línguas diferentes, uma menina com um olho de cada cor. Uma menina isolada num mundo de adultos, que tinha o nome de um planeta que nunca haveria de pisar, que gatinhava num lugar onde quase não havia cores.

O seu aniversário foi celebrado de forma simples. Todos se juntaram à volta de uma espécie de doce desidratado e reidratado, e ali se cantaram os *Parabéns* em várias línguas.

Foi na Terra que o acontecimento se celebrou de forma mais entusiasta: em todas as grandes cidades, milhões de pessoas saíram à rua para festejar o facto de aquele pequeno milagre ter feito um ano.

Apesar de o acontecimento ter devolvido, momentaneamente, as audiências ao programa, a organização já não sabia o que fazer para as manter. Decidiu então que estava na altura de começar o processo de seleção dos oito novos candidatos. Sabiam que voltaria a acionar-se a engrenagem, que as audiências recuperariam e que, com elas, regressaria o dinheiro.

E passou-se o aniversário de Terra.

E passou-se uma semana, e outra, que foi igual à anterior, e mais uma, que também foi semelhante à anterior e à anterior e à anterior...

Parecia que, ali, o tempo continuava a passar, mas sem avançar. Ali, os relógios não eram necessários, ninguém esperava um dos concorrentes na fila do cinema; não era possível chegar tarde a um restaurante que não existia; nenhum comboio se atrasava; não era preciso estar duas horas mais cedo no aeroporto para fazer o *check-in*... ali, aquela palavra começou a perder o seu significado.

Talvez o corpo de Terra fosse a única prova de que o tempo passava. A menina crescia, dizia cada vez mais palavras, progredia no seu desenvolvimento, ficava um bocadinho maior.

Andrea e a Doutora eram as que mais atenção davam a uma pequena vida que olhava em volta e ainda não sabia distinguir muito bem o presente do futuro.

E, enquanto tudo isso acontecia na colónia, na Terra já se iniciara o processo de seleção dos oito candidatos seguintes. A engrenagem estava de novo em movimento.

Fim

OceanofPDF.com

Era uma sexta-feira comum, em que cada um dos habitantes da colónia fazia a sua vida normal. Talvez por isso mesmo, porque o inesperado intensifica sempre a dor, o impacto foi muito maior.

Quando o desastre teve início, o Jardineiro já estava há duas horas na estufa, a observar cada uma das suas plantas. Nesse dia, sentia-se especialmente feliz porque uma das variedades mais delicadas estava a florescer. Ainda era apenas um pequeno botão, de onde espreitava uma minúscula pétala vermelha, mas era vida, a sua vida.

Foi no preciso instante em que se aproximou para o acariciar, que tudo em volta estremeceu.

Uns segundos antes de aquela pétala morrer e, com ela, o Jardineiro, o Mãozinhas encontrava-se em cima de um pequeno escadote. Estava na sala de comunicações, a tentar reparar uma ligação elétrica que andava a falhar há dias. Já encontrara o ponto exato da avaria.

Eram essas pequenas tarefas rotineiras que mais o ajudavam a distrair-se do futuro, a concentrar-se em algo alheio à realidade diária que o rodeava.

Estava a pôr a chave de fendas entre os dentes, para apertar uma pequena peça manualmente, quando um forte abanão o fez perder o equilíbrio.

Uns segundos antes de o Mãozinhas, o escadote e a chave de fendas que tinha presa entre os lábios caírem no chão, Frank encontrava-se deitado na cama, no seu quarto, o mais afastado da Sala Comum.

A sua cabeça era um campo de batalha numa guerra esgotante, a de um

homem que tinha de se autocensurar todos os dias. Desde que Terra nascera, mal dormia. Passava as noites a tentar enterrar a realidade, que lhe lembrava que aquele bebé havia de crescer.

Quando fora escolhido como um dos eleitos do concurso, pensou que ali, naquele planeta, poderia estar a salvo das tentações, poderia livrar-se dos vermes que lhe infetavam cada pensamento. No entanto, acontecera precisamente o contrário: a tentação estaria sempre com ele, a poucos metros de distância.

Um grande estremecimento fê-lo levantar-se de repente e olhar pela janela. Foi o primeiro a avistar o fim.

Poucos minutos antes de Frank ver, através de um vidro, um torvelinho de pó negro e medo vir na sua direção, Miss encontrava-se de pé no seu quarto. Havia algum tempo que se apercebera de que o número de *gostos* que recebia era muito superior quando aparecia numa fotografia com Terra; em contrapartida, quando a menina não estava... Por essa altura, aproveitando a solidão do quarto, estava prestes a tirar uma *selfie* praticamente despida: uma pequena tanga branca era tudo o que trazia vestido. Com uma das mãos, a direita, segurava o telemóvel; com a esquerda, tapava estrategicamente o peito. Foi precisamente depois de premir o botão que captou a fotografia, que um estremecimento a arremessou contra o chão. Gritou.

Uns minutos antes de o grito de Miss atravessar o corredor, a Doutora estava a trabalhar num inventário na salinha que fazia as vezes de enfermaria, do outro lado da Sala Comum. Dali, se espreitasse pela porta, poderia ver Andrea a brincar com Terra no sofá.

Para a Doutora, era essencial avaliar a quantidade exata que tinha de cada

produto. Tinham de saber com precisão quanto material gastavam. Era a única maneira de se poder calcular aquilo de que iriam precisar quando chegassem os novos candidatos.

Foi no instante em que se preparava para pegar num frasquinho, que um estremecimento forte fez com que vários recipientes saltassem das prateleiras.

Uns segundos antes de estes recipientes de vidro se estilhaçarem no chão, Andrea brincava com Terra no sofá da Sala Comum. A menina tentava puxar-lhe os auriculares que trazia nos ouvidos; Andrea deslocava-os para a enganar. Terra ria-se, e, nesse dia, até Andrea se ria.

A menina conseguira pegar num dos auriculares com os dedos, quando um estremecimento forte a obrigou a soltá-los.

Andrea apertou Terra instintivamente. A pequena abriu as mãos e agarrou-se a ela com todas as forças. E desatou a chorar.

Cinco segundos antes de Andrea e Terra se terem abraçado, John encontrava-se de pé no pequeno ginásio, a levantar uma barra de cem quilos. Já a tinha quase acima da cabeça quando um estremecimento forte fez com que a largasse. A barra, com os respetivos pesos, caiu na vertical, diretamente sobre o seu pé esquerdo. Cravou-se nele como uma faca na manteiga.

E gritou.

E ouviu o barulho de vidro a partir-se.

E ouviu outro grito ao longe.

E ouviu Terra chorar.

OceanofPDF.com

Chegámos à penúltima sala: TERRA.

Uma divisão exclusivamente dedicada ao único ser humano que nascera fora da Terra, a menina com os olhos mais bonitos do mundo, como a apelidaram num dos principais programas de televisão.

Logo que entrámos, observámos um ecrã gigante que mostrava um primeiro plano do seu rosto. Tinham-lhe intensificado a cor dos olhos, um azul e o outro verde. Um rosto que praticamente toda a Humanidade conhecia.

Por baixo da imagem, havia vários painéis com informação básica sobre a menina: a pequena biografia de uma vida que não ultrapassara um ano e meio.

Na parede oposta, outro ecrã reproduzia, de forma cíclica, vídeos que mostravam o seu nascimento, as suas primeiras lágrimas, os seus primeiros passos, as suas primeiras palavras... todos os seus primeiros momentos, que, em alguns casos, foram também os últimos.

Na parte central, havia uma vitrina com cópias dos brinquedos que, de forma artesanal, o resto dos habitantes lhe tinham fabricado na colónia.

Sáímos dali com o estômago apertado. Apesar do tempo decorrido, a perda daquela criança não fora fácil de ultrapassar, para ninguém, e tenho de reconhecer que, para mim, também não. Enquanto estivemos naquela sala, chorei, mas fi-lo sem lágrimas, sem alterações no rosto, porque também se pode chorar por dentro, em silêncio.

Dirigimo-nos à última sala. Não havia nada afixado. Era uma divisão completamente branca, praticamente vazia, com centenas de velas em torno

de um pequeno altar onde tinham disposto oito coroas de flores e uma chucha.

Atravessámo-la em silêncio e saímos em direção a um pequeno átrio.

— Bem, agora, vamos ver a sala que vos interessa — disse Jónas, praticamente em sussurros.

Continuámos a andar por um longo corredor de gelo.

Chegámos a um elevador.

— A sala que vamos ver não fica por baixo do gelo, mas acima dele.

Quando nos encontrámos no piso superior, caminhámos alguns metros até ficarmos diante de uma porta completamente branca, uma porta que tinha um símbolo, o mesmo que estava desenhado no nosso porta-chaves.

— Apesar de eu ter a minha própria chave, para entrar aqui, devem utilizar a vossa — disse-nos, a sorrir.

O meu irmão enfiou a mão no bolso e, com uma expressão alegre, mostrou o porta-chaves a Jónas.

— Mas... a chave não é essa — disse-nos.

OceanofPDF.com

Enquanto a colónia desaparecia, as redes sociais, devido ao atraso nas comunicações, continuavam a sua rotina habitual, a de lançar milhões de mensagens inúteis.

Passados vinte minutos, aproximadamente, o sinal que chegava da colónia perdeu-se. Os ecrãs dos canais que emitiam o programa «em direto» ficaram às escuras.

Na verdade, não era a primeira vez que aquilo acontecia. Uma tempestade de areia, uma falha nos servidores ou o lixo espacial, eram muitos os motivos pelos quais se podia, por momentos, perder o sinal. Por isso, os espectadores não deram grande importância ao corte. Bastava esperar, a ligação voltaria a ser estabelecida.

No Centro de Controlo 2, também não se preocuparam muito. Tratava-se de mais uma interferência. O protocolo não obrigava a notificar um alerta, se o apagão durasse menos de quinze minutos.

Mas tudo mudou quando, poucos segundos depois do corte, a ligação regressou ao CC2: as câmaras exteriores transmitiam apenas escuridão, mas as interiores...

— No CC1, não respondem — refere um dos técnicos do CC2.

— Que estranho... Enfim, devem ser só interferências, ou, então, a falha está aqui e não em Marte — responde um colega.

Continuam a observar os vários monitores, os sinais e as ligações, para verificar, pelo menos, que a falha não é deles, mas externa.

— Olha! Já temos sinal! — grita um dos técnicos, com alegria.

Mas, no mesmo instante, toda a equipa fica sem palavras ao ver as imagens apresentadas pelas câmaras interiores.

Depois de quase um minuto de choque, um deles pega no telefone para fazer a chamada mais triste da sua vida.

No quarto de um dos apartamentos mais luxuosos da cidade, um homem ouve, desconcertado, o toque de um telemóvel que nunca deveria ter soado.

Larga o livro que está a ler nesse momento, baixa o volume da música e pega nele.

— Sim? — pergunta, perplexo.

Entre nervosismo e lágrimas, um funcionário anuncia-lhe, gaguejando, aquilo que as redes sociais ainda não sabem.

— Passem-me imediatamente o sinal! E nem vos passe pela cabeça transmitir alguma coisa! Entendido? Nada! — grita.

O homem liga um grande ecrã que tem em frente ao sofá, sintoniza o canal interno, e as imagens começam a chegar.

E ali, de pé, diante daquele caos de dor, deixa cair o telemóvel ao chão.

Pela primeira vez na vida, o homem mais rico do mundo fica paralisado, sem saber o que fazer.

Deixa que as imagens que o atingem por todos os lados o lancem sobre o sofá. Deduz que é o fim de tudo...

«O sonho chegou a este ponto», pensa.

Permanece absorto durante alguns minutos, sem afastar os olhos do ecrã, que lhe atira a realidade à cara, de forma desassombrada.

Sabe que tem de tomar uma decisão, e tem de o fazer já. Não pode transmitir o que acaba de ver. É demasiado cruel, mesmo para uma sociedade tão habituada à violência. Sabe que até a dor tem um limite.

Aquelas pessoas faziam parte da vida diária de milhões de espectadores. Criara-se um vínculo emocional demasiado forte. Para muita gente, os escolhidos eram mais importantes do que os melhores amigos, os irmãos, a família; para muita gente, os sentimentos em relação àquela menina eram semelhantes aos que nutriam pelos próprios filhos. Tinham passado mais de um ano a ver como crescia, vivido com ela os primeiros passos e as primeiras palavras, muitos tinham ficado acordados centenas de noites, só para a ver dormir. *Como dizer aos pais que a sua filha, mesmo que não fosse biológica, morrera?*

Respira devagar, sabe que tem de comunicar a notícia com tato, com muito tato.

O homem salta de um pensamento para outro, de uma alternativa para outra, até ir desenvolvendo um plano na sua mente.

Volta a ligar para o CC2, para dar indicações.

Depois de mais de cinco minutos de conversa...

— Entendido?

— Sim, senhor, perfeitamente entendido.

— Espero que sim. Vamos fazer com que a recordação do que se passou

seja menos dolorosa do que a realidade...

Desaba então no sofá, à espera de que as suas ordens sejam executadas, à espera de que sejam finalmente transmitidas as últimas imagens de um sonho.

Depois de duas horas sem ligação, o sinal regressa aos ecrãs do mundo inteiro.

OceanofPDF.com

— Esta não é a chave? Mas como? — perguntou o meu irmão.

— Não, não é essa.

— Então? — questionei eu.

— Mas o facto de essa não ser a chave não significa que não a tenham convosco — disse, olhando-me para a mão.

Naquele momento, o meu coração deu um salto. Percebi que trazia a chave comigo, num dos meus dedos. Lembrei-me então das palavras do amigo do meu irmão. Para aceder, bastava encostar a palma da mão à porta.

Confesso que fiquei nervosa, muito mais do que deveria ter ficado. Durante toda a minha vida, tivera essa mesma sensação em várias ocasiões: quando conseguia uma prova irrefutável que me permitia provar a culpa do político corrupto; quando, depois de meses de investigação, a polícia me ligava para me dar razão; ou quando uma das minhas investigações servia para evitar que se cometesse um delito.

Aproximei-me, encostei a mão, e a porta abriu-se. O meu irmão olhou para mim, surpreendido. Jónas sorriu.

Entrámos naquilo que parecia uma pequena sala de cinema: havia cerca de vinte lugares, um grande ecrã e, do lado direito, um minibar.

— Uma sala de cinema? — perguntei.

— Sim, é verdade. Esse anel dá-lhe o direito de ver um filme — disse-nos Jónas, enquanto, com as mãos, nos convidava a sentar.

Acho que, nesse momento, tanto eu como o meu irmão pensámos o mesmo. Cem milhões para assistir a uma morte em exclusivo? Cem milhões

para assistir aos últimos momentos das oito pessoas mais famosas do planeta? Cem milhões para assistir à morte de uma criança?

Mas também é verdade que, em toda aquela história, havia qualquer coisa que não encaixava. Durante os meus anos de investigação, vi gravações de todo o tipo, das que se comercializam na Internet profunda: pais que gravavam as próprias filhas a ser violadas por estranhos; homens que realizavam atos semelhantes com crianças pequenas; máfias que faziam vídeos em que os vagabundos lutavam até à morte... Mas nenhum dos consumidores dessa crueldade correspondia aos perfis das celebridades que o amigo do meu irmão vira entrar naquela sala. Havia algo estranho ali, muito estranho.

Eu e o meu irmão sentámo-nos, um ao lado do outro.

Pegou-me na mão, apertei-lhe a dele.

E, embora não o tenha dito, gostava de ter ouvido o «Calma, está tudo bem» que me sussurrara tantos anos antes, naquela cabana.

Apagaram-se as luzes, e o filme começou.

OceanofPDF.com

E foi assim, em contrarrelógio, no CC2, que começaram as tarefas de pós-produção: era preciso suavizar a realidade, para que fosse o menos dolorosa possível. Eliminam-se as cenas mais terríveis, tenta-se que os danos durem o estritamente necessário, filtram-se determinados sons, determinadas palavras, determinados gritos.

Convém intervir com delicadeza entre milhares de sequências, em muito pouco tempo.

Por fim, retoma-se a ligação.

Mas, em vez de isso acontecer diretamente com a colónia, como era habitual, aparece uma apresentadora com ar sério, olhando nervosamente para a câmara.

Esta mudança de guião faz com que as redes sociais abandonem o resto das suas vítimas, para assestarem os tentáculos nesta mulher de cabelo louro e rosto triste.

«Bom dia, boa tarde, boa noite.»

Suspira.

«Aconteceu algo muito grave em Marte. Segundo as últimas informações... — A apresentadora baixa a cabeça para ler o papel que tem em cima da mesa. — Segundo as últimas informações, e tendo em conta as imagens que chegaram ao centro de controlo, houve um abalo com uma intensidade considerável em Marte, o que afetou profundamente a colónia.»

Uma pausa.

«Desconhecemos a origem do mesmo, embora as primeiras hipóteses

apontem para o impacto de um meteorito ou para um terremoto de grande intensidade. Ainda não há dados definitivos, mas, pelas fotografias obtidas via satélite, julgamos que... — E uma mulher que não consegue conter-se mais diz, entre lágrimas, aquilo que toda a gente receia: — Julgamos que toda a colónia ficou destruída.»

Inspira e expira várias vezes.

Silêncio.

«As últimas imagens que nos chegaram das câmaras interiores mostram...»

A apresentadora vai-se abaixo. Deixa cair a cabeça em cima da mesa, aninhada entre os seus próprios braços. E, assim, dá azo a que a tristeza se lhe escape através dos olhos.

A câmara continua a gravar. Ninguém consegue fazer nada. Instantes mais tarde, um colega aparece para a abraçar, e essa imagem dará a volta ao mundo. É a dor em estado puro.

Passados alguns segundos, durante os quais ninguém parece saber muito bem o que fazer, aparece um texto, sobre um fundo negro, que anuncia que serão apresentadas as últimas imagens chegadas da colónia.

No ecrã, vê-se um grande iate.

Em volta, apenas o mar.

O sol desenha um céu cor de laranja: está a anoitecer.

No convés, cinco homens e três mulheres divertem-se.

Um deles, o mais novo de todos, toma o lugar de DJ improvisado, enquanto os restantes dançam.

Mudança de plano, e na imagem veem-se, agora, o capitão e os tripulantes na cabina. Estes servem-se de pequenos canapés que o próprio cozinheiro lhes oferece.

Como se deduz pelas conversas, parece que já se encontram há vários dias no mar, rumo a uma pequena ilha que é propriedade do mesmo homem a quem pertence a embarcação.

Passam os minutos entre gargalhadas, álcool e música, até que a câmara regressa ao capitão cujo semblante se alterou: olha para o painel de controlo, preocupado. Uma bomba de extração ativou-se, o que indica que a embarcação está a meter água. Pede a um dos tripulantes para ir lá abaixo ver o que se está a passar.

— Conseguiu identificar o problema? — pergunta o capitão ao tripulante, quando este regressa.

— Uma das válvulas de fundo soltou-se.

— Como é possível? — pergunta o outro tripulante, o mais novo.

— Apesar de ser um barco maravilhoso, não teve manutenção. É o que acontece com estes tipos ricos: compram coisas por capricho e depois não cuidam delas — responde o capitão.

— E agora?

— É preciso informar o dono quanto antes — responde o capitão, com calma.

É um dos tripulantes que, dissimuladamente, vai procurar um multimilionário de meia-idade, bem-parecido, em forma e arrogante.

— Lamento informá-lo, mas temos um problema — diz o capitão, já na cabina. — O barco está a meter água. Vamos tentar resolver o assunto, mas também estamos em condições de lançar um pedido de socorro.

— O quê? Agora? — protesta o homem, já toldado pelo álcool. — Estamos a divertir-nos à grande e... aqui entre nós, já tenho aquela loura no papo. Não, temos de chegar à minha ilha de manhã. Tenho de a mostrar aos meus amigos.

— Compreendo, mas o barco está a meter água... — insiste o capitão.

— Mas não podem arranjar foma de tapar o buraco? — interrompe o homem.

— Bem, sim, podemos tentar, mas, se virmos que não conseguimos...

— Tente — insiste o dono do barco. — Vá lá, tente. E peço-lhe que não comente o assunto com ninguém. Não quero que os meus amigos se assustem. — E, assim, dando-lhe uma palmada nas costas, afasta-se para continuar a farra.

O capitão fica preocupado, mas, por enquanto, não emite o sinal de aviso. Em vez disso, diz à tripulação que procure um dos cones de madeira que se utilizam para bloquear aberturas no casco. Finalmente, encontram um, mas é demasiado pequeno. Ainda assim, adaptam-no como podem, recorrendo a um pano.

O iate continua a navegar em direção à ilha, no meio de uma noite que os vai engolindo.

A festa continua também, e o álcool, e as drogas.

Uma das mulheres, já bastante embriagada, despe-se completamente e deita-se de costas numa espreguiçadeira; as outras duas imitam-na.

A música está cada vez mais alta.

Um homem e uma mulher fazem amor ali, à frente de todos.

Outra mulher grava a cena com o telemóvel.

Durante quase três horas, tudo parece estar controlado, até que, de repente, surge outro sinal de alarme: uma segunda bomba de extração entra em funcionamento. O barco está a meter mais água.

O capitão manda um dos assistentes lá abaixo, para ver se o cone que tinham adaptado de forma improvisada ainda se encontra no seu lugar. Sabe que devia fazer um pedido de socorro, mas, mesmo assim, decide comunicar a situação ao dono da embarcação.

Este chega, irritado e sob o efeito do álcool.

— O barco está a meter mais água — anuncia o capitão, com um semblante sério.

— E não o consegue tapar melhor, pôr mais qualquer coisa? — pergunta o homem, que, de copo na mão, tenta manter o equilíbrio.

— É o que estamos a fazer. Improvisámos um tampão, mas parece que não resultou. Acho que está na altura de fazer o pedido de socorro.

— Escute, capitão — riposta o homem, apontando para ele com o dedo da mão que não está ocupada com o copo—, este barco é meu, e estes são os meus convidados, gente com muito, muito poder. Estamos a divertir-nos loucamente, e não vai ser o senhor a estragar a festa agora. Quanto falta para chegarmos à ilha?

— Cerca de cinco horas. Segundo as previsões, íamos chegar mesmo antes de amanhecer.

— Cinco horas? Isso não é nada. Não consegue bloquear a fuga durante

cinco horas? Continue rumo à ilha e, quando lá estivermos, arranjam os que for preciso. É uma ordem! — grita, enquanto toca na parte direita da cintura, deixando claro o que traz consigo. — Não me obrigue a utilizar isto...

O homem volta para a festa, avançando aos tropeções.

— Vamos tentar bloquear a fuga como pudermos. A ilha fica a apenas cinco horas — diz o capitão, de forma suave, para acalmar uma tripulação que não está habituada a ser ameaçada com armas.

E, assim, entre álcool, cocaína e sexo, o grupo vai adormecendo no interior de uma noite que será longa.

O capitão hesita. Poderia lançar já o pedido de socorro, mas, entre os seus clientes, há, pelo menos, um homem com uma pistola, que, além disso, está ébrio. Prefere não correr o risco. Vai tentar chegar à ilha.

A solução temporária parece estar a funcionar, até que, quatro horas mais tarde, os tripulantes informam o capitão de que a água começou a entrar de forma descontrolada.

Apenas dez minutos depois, produz-se um apagão total no barco. Ficam às escuras no meio do nada.

Depois da advertência da praxe, transmitem-se as últimas imagens recebidas da colônia.

Terra brinca com Andrea em cima do sofá. Ambas riem. A menina tenta agarrar os auriculares com as suas mãozinhas. Andrea afasta-os, para que os não consiga alcançar. De repente, um grande estrondo faz com que as duas vidas se unam num abraço de pânico.

As imagens seguintes dizem respeito à estufa. Vê-se o Jardineiro a tratar das suas plantas, como tantas outras vezes. Observa uma pétala que nasce de um pequeno botão. É no momento em que uma das suas mãos se aproxima para a acariciar, que tudo em volta estremece.

Levanta-se com a intenção de se dirigir à Sala Comum, o lugar mais seguro da colônia. Mas o seu corpo mal consegue dar quatro passos. Ao quinto, o teto cai-lhe em cima.

Aquilo que a câmara não capta, porque também morreu, são os últimos instantes de vida de um homem que vê tudo desabar. As paredes desfazem-se como se fossem de papel, e quilos de material, em volta, despenham-se sobre um corpo que mal tem tempo de recuperar algumas memórias.

Volta a pensar no momento em que perdeu o controlo do automóvel, e, em vez de recordar a sua vida, pensa nelas. Talvez, agora, as possa encontrar algures. É esse último pensamento que lhe desenha um sorriso no rosto, embora não seja captado por qualquer câmara.

Depois do colapso da estufa, as imagens mostram o Mãozinhas em cima de um pequeno escadote. Encontra-se calmo, tentando reparar qualquer

coisa num painel elétrico. Examina vários cabos, e, quando parece ter encontrado o certo, pega na chave de fendas e coloca-a entre os lábios, para, assim, com as mãos, apertar uma das peças. É ali, precisamente à terceira volta, que um estremecimento o faz perder o equilíbrio e cair no chão.

Levanta-se, aturdido, olhando para todos os lados, numa tentativa de perceber de onde veio o som. E, sem pré-aviso, a parede que se encontra mesmo à sua frente começa a desabar como um castelo de areia.

Aquilo que os espectadores não verão, apesar de a câmara ter ficado a gravar durante mais alguns segundos, são as imagens de um corpo a agonizar no chão, um corpo que não sabe de que vai morrer, se de falta de ar ou da terrível ferida que tem na cabeça.

Depois de uns segundos de escuridão, os ecrãs passam as imagens de uma das câmaras situadas no quarto de Frank. Ali, como vem sendo habitual, nada acontece. Vê-se apenas um homem deitado na cama, como Frank estava quase sempre desde o nascimento de Terra. Ninguém sabia muito bem o que se passava com ele, ninguém sabia porque já não dizia piadas, porque parecia evitar qualquer companhia.

As imagens captam algo estranho, um ruído leve que faz com que Frank se levante da cama e se ponha em frente à janela. O seu rosto diz tudo.

Nesse momento, a produção passou a imagem à câmara que se encontra no exterior dessa janela, para que o público possa ver o mesmo que Frank antes de se despedir da vida: um torvelinho de areia escura que se aproxima demasiado depressa.

Não tem tempo de afastar o olhar, e o vidro fragmenta-se em mil pedaços. Começa a sangrar de várias partes do corpo, mas essa última imagem nunca será mostrada ao público.

As câmaras focam agora o quarto de Miss, que está praticamente despida. Prepara-se para tirar uma *selfie*: uma das mãos, a direita, segura o telemóvel; com a esquerda, tapa estrategicamente o peito.

Depois de vários segundos a olhar em volta, talvez para verificar que a luz é a adequada, prime o botão, e a imagem voa para as redes sociais, uma imagem que chegará quando ela já estiver morta. Foi a sua última publicação.

É depois de tirar a fotografia, que ouve um som. Fica imóvel, assustada. Parece hesitar entre dirigir-se à Sala Comum despida ou vestir-se rapidamente. No segundo seguinte, a decisão deixou de ter importância: o seu quarto torna-se pequeno. Tem tempo de gritar, uma vez apenas.

Aquilo que as câmaras já não conseguem mostrar é o *puzzle* em que acaba de se transformar o corpo mais belo do mundo.

Enquanto todas essas imagens são transmitidas, pela primeira vez em muito tempo, as redes sociais permanecem mudas.

— A água chegou às baterias! — grita o capitão. — E, sem energia, as bombas não funcionam.

— Isso significa que vai continuar a entrar água e que deixa de haver sistema de extração — responde um dos tripulantes, nervoso.

— Sim, significa que o barco vai afundar — reconhece o capitão, enquanto aciona um alarme que também não funciona.

Grita o mais alto que consegue, para os homens e as mulheres, que parecem um grupo de *zombies*, estirados no convés.

— Capitão, o rádio não transmite — informa outro tripulante, nervoso.

— Há dois botes salva-vidas, e ainda temos tempo — acalma-os o capitão. — Vou ver se consigo comunicar a nossa posição através do outro rádio, o portátil.

Tenta várias vezes, mas o alcance do rádio é mínimo. Só um barco ali perto poderia receber o sinal. Não há resposta.

Aos poucos, os clientes, ainda aturdidos pelas drogas e pelo álcool, vão-se apercebendo da gravidade da situação. Duas das mulheres entram em pânico e começam a gritar desesperadamente. O mais novo de todos, o filho do dono, grita mais alto ainda e desata a chorar. Anda de um lado para o outro da embarcação aos berros: «Não quero morrer, não quero morrer.»

Outro homem desata a correr sem rumo ou intenção clara. Tudo é um caos, até que, de repente, se ouve um disparo.

Silêncio.

— Já chega, raios! — grita o dono do barco, cambaleando de um lado

para o outro. — Há botes salva-vidas, lançamo-nos à água e pronto. Não é assim, capitão?

— É, sim — responde. — Cada um deles tem seis lugares, somos doze, ao todo. Não há problema. Além disso, estamos muito perto da ilha, a cerca de quatro ou cinco milhas.

Por momentos, todos se acalmam.

O capitão e os dois assistentes lançam ao mar um dos barcos insufláveis, mas o sistema falha: o barco não abre. Falta de manutenção.

O ocorrido gera um silêncio absoluto.

Todos olham para o homem que tem a pistola na mão. Sabem que se encontram numa situação complicada, mas, para lá dos soluços das duas mulheres e do jovem, ninguém se atreve a falar.

O capitão age como se nada se passasse e ordena aos assistentes que lancem a outra lancha. Esta enche-se.

— Primeiro, as mulheres — ordena o capitão.

— Primeiro, eu e o meu filho, depois, logo se vê — interrompe o dono do barco, apontando-lhe a pistola à cabeça.

Nesse preciso momento, ouve-se um disparo. Outro homem sacou de uma pistola e disparou para o ar.

— A seguir, eu e o meu irmão — diz um homem obeso.

— E, depois deles, eu — decide o homem mais velho de todos, mostrando igualmente a sua arma, sem chegar a disparar.

O dono do barco continua a apontar ao capitão, enquanto indica ao resto dos homens que saltem para o barco. Finalmente, ele próprio salta também. Há espaço para mais um, embora o peso dos cinco já seja excessivo para o pequeno bote salva-vidas.

Dali, três armas apontam para o resto das pessoas que se encontram no convés: as três mulheres, os dois tripulantes, o cozinheiro e o capitão.

O iate vai-se afundando aos poucos, e nenhum deles sabe se morrerão de frio ou afogados. Não há salvação; a única hipótese encontra-se naquele barquinho.

Uma das mulheres salta, tomada de pânico.

Ouve-se um disparo.

Um corpo flutua no mar, de barriga para baixo.

Silêncio.

— Tu! — grita o dono do barco ao capitão. — Pega no rádio e salta. Vens connosco!

— Não! — recusa.

O homem aponta de baixo e, quando parece que vai disparar...

— Tu! — grita a um dos tripulantes do capitão, ao mais novo. — Pega no rádio e salta. Vens connosco!

E o rapaz salta.

E o bote afasta-se.

E o barco afunda-se.

Muitas horas mais tarde, a pequena lancha insuflável consegue chegar à ilha.

A emissão continua.

Mostram-se agora as imagens da câmara situada na divisão que fazia as vezes de enfermaria e onde a Doutora parece estar a preparar o inventário. É precisamente no momento em que está prestes a tirar um recipiente da prateleira, que um som intenso a interrompe. Durante o segundo seguinte, serão muitos os frascos de vidro que irão cair ao chão.

Instintivamente, a Doutora abandona a divisão e corre à Sala Comum, para Terra, e é esse movimento que serve para lhe prolongar um pouco mais o tempo de vida. Quando sai, toda a sala desaba.

As câmaras passam agora de novo à Sala Comum, onde Andrea e Terra veem chegar a Doutora.

Enquanto as três permanecem abraçadas, formando um núcleo de vida que olha para um exterior que ameaça roubar-lha, as imagens voltam uns segundos atrás e mostram John a tentar levantar uma barra com pesos. Pega-lhe e, com dificuldade, começa a levantá-la. Um forte estrondo faz com que perca o equilíbrio e a barra se despenhe na vertical, em cima do seu pé esquerdo. Quase o perfura de um lado ao outro.

Urra, mas não se queixa. Não há tempo. Ouve-se o grito de Miss, que chega quando ela já não se encontra viva. John dirige-se à Sala Comum e depara ali com três vidas abraçadas, tentando proteger-se da incerteza e do medo.

De repente, outro estrondo, maior, mais forte, mais terrível. Um som que já nenhum dos outros quatro habitantes da colónia ouve.

A sala aguenta, mas não por muito tempo. Todos observam, com surpresa, a parede posterior, que separa a divisão do corredor, fender-se.

John não pensa duas vezes e pega em Terra ao colo, a pequena Terra, uma menina que chora sem saber o que está a acontecer, uma menina que não vai poder viver tanto como a Humanidade teria precisado que vivesse.

John e a menina dirigem-se ao pequeno armário onde se encontram guardados os fatos.

O teto começa a desfazer-se.

— Vamos, vamos! Vistam os fatos, e, sobretudo, ponham os capacetes. Tirem também as máscaras de oxigénio — grita-lhes, enquanto prime o botão de alarme geral que desativa o bloqueio de todas as portas, entre elas, a exterior.

Conseguem vestir os fatos em apenas dois minutos, algo que treinaram muitas vezes, imensas.

John tenta vestir um fato de adulto à criança, fecha-o como pode. O problema é o capacete. É enorme para uma cabeça tão pequena. Põe-lho e tenta selá-lo, colocando um colete à volta do pequeno pescoço.

A parede posterior desfez-se.

— Vamos! Não há tempo.

— Estás louco! Lá fora, morremos! — grita a Doutora, que não sabe muito bem o que estão a fazer.

— Aqui dentro também! — responde John. — A nossa única possibilidade é os tipos da Centinel virem ajudar-nos. A única salvação é terem o *Rover* lá fora e meterem-nos dentro do veículo. Temos alguns minutos. Não sendo assim, acabaremos por morrer. Quando saírem, afastem-se o máximo possível, para que nenhuma parede nos caia em cima e deite por terra.

John deixa a menina por instantes e, reunindo todas as suas forças,

consegue abrir a primeira das duas portas, a que dá acesso a uma pequena zona isolada. Volta a pegar na criança. Atrás dele, entram também Andrea e a Doutora.

— Agora! — grita.

E, com Terra nos braços, consegue abrir a porta exterior de uma assentada.

OceanofPDF.com

Mas o *Rover* não está lá.

Durante alguns segundos, Andrea e a Doutora correm o mais depressa possível, até que, por fim, se atiram para o chão, rendendo-se.

Sabem que é uma luta desigual. O exterior é sempre um adversário demasiado forte.

As câmaras exteriores continuam a gravar. A imagem é difusa, mas é possível distinguir o que se está a passar.

John continua a correr com a menina entre os braços. Consegue chegar uns metros mais longe do que as companheiras, mas o pé ferido falha. Cai no chão, e a menina com ele. Com o impacto, a pequena perde o capacete, que começa a rolar em direção ao vazio. É impossível recuperá-lo. John, com grande dificuldade, tira o seu, para o colocar na menina. Fá-lo como pode e, exausto, põe a máscara de oxigénio.

Deita-se sobre a pequena Terra com a intenção de a proteger de uma atmosfera envolvente que mais não gera para além de morte.

Vários segundos depois, as câmaras param de emitir.

A produção concluiu que estas foram as últimas imagens que chegaram à Terra: as de uma pessoa a tentar salvar a vida de outra.

Durante vários minutos, todo o planeta permanece expectante, observando um ecrã negro, talvez à espera de que, de um momento para o outro, apareça o *Rover* para os ir buscar e lhes salvar a vida.

Mas o *Rover* nunca apareceu.

Soube-se mais tarde que os astronautas da Centinel não puderam sair para o exterior. Fazê-lo teria sido suicídio.

OceanofPDF.com

Nesse momento exato, o filme parou, e apareceu o rosto do meu pai.

«Que daríamos para poder entrar naquele bote? Que preço atribuiríamos a algo semelhante? Um milhão? Dez? Cem? Quanto estaríamos dispostos a pagar para chegar àquela ilha?

»Eu, vendo essa ilha, vendo a possibilidade de, mesmo rodeado de morte, sobreviver.

»Quando o barco está a afundar-se, já não é a altura certa para procurar culpados, é o momento de procurar soluções. E, agora, o nosso barco está a afundar-se, o barco que usámos durante séculos, aquele que amámos, mas que, no fim, por falta de manutenção, por cobiça, por ignorância, também destruimos.

»Já não há volta atrás. O nosso barco está a afundar-se, mas eu tenho uns quantos botes que podem salvar vidas. E você já comprou um lugar num deles. Ofereço-lhe, pelo menos, essa possibilidade.

»Bem-vindo à lista eXo.»

Depois desta última frase, a imagem do meu pai desapareceu do ecrã, dando início a uma sucessão de fotografias da Terra, com dados históricos de todo o tipo: temperatura, níveis médios da água do mar, espessura dos glaciares, frequência de terremotos...

Enquanto estas imagens nos atingiam, voltou a ouvir-se a voz do meu pai em fundo.

«Conhecem a história do lobo? Contaram-no-la tantas vezes, que pensámos que nunca haveria de acontecer. Mas a verdade, mesmo que a ignoremos, acaba por chegar.

»Um dos principais defeitos do ser humano é não ser capaz de pensar a longo prazo; preocupamo-nos apenas com o que se irá passar daqui a pouco tempo, amanhã, ou no dia seguinte, mas nunca além disso. Só nos preocupamos com os efeitos quando não há volta atrás. Então, sim, então, arrependemo-nos de tudo. O problema é que esse momento chega sempre tarde.

»Quanto tempo resta a este belo iate a que chamamos planeta? Talvez cinquenta ou cem anos, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos. Sim, está a afundar-se, mas nem todos têm de morrer. Agora, tem a possibilidade de se salvar. Oferecemos-lhe essa hipótese.»

Apareceram no ecrã imagens de uma grande colónia que se estava a construir mesmo ao lado da Centinel. Dezenas de cápsulas, várias estufas, milhares de painéis solares...

«Apesar de tudo o que aconteceu, na Centinel, continuámos com o projeto original: construir uma grande colónia em Marte. Aprendemos muito com os erros, melhorámos os sistemas de segurança, introduzimos novos materiais de construção, aplicámos tecnologia de última geração nas unidades de energia e oxigénio.

Será complicado, sim, mas, de momento, foi a única ilha que encontrámos, e temos os botes para lá chegar.»

A ligação terminou, e os ecrãs de todo o mundo ficaram negros. As redes sociais foram as primeiras a reagir, a lançar o *hashtag* que se tornaria o mais partilhado a nível mundial: #adeus.

Passados poucos minutos, milhões de pessoas saíram espontaneamente para as ruas, para organizar marchas em silêncio: um grande funeral improvisado.

A tristeza invadia tudo, uma tristeza que cobria cada recordação, cada momento que o público passara com aqueles seres humanos ousados, que, um dia, tinham decidido abandonar a Terra, para viver a maior aventura de todas.

Flores, velas, desenhos, fotografias, frases, laços... milhares de objetos decoravam cada rua, cada casa, cada canto do mundo.

Durante os dias que se seguiram ao desastre, aconteceu aquilo que muitos temiam: mais de duzentas mil pessoas em todo o mundo suicidaram-se. Para algumas, a dor que sentiam era semelhante à perda de um filho, de um irmão, do melhor amigo. Muitas delas tinham passado mais tempo a ver o concurso do que com os próprios filhos ou com os companheiros. Por esse motivo, ao quebrar-se um vínculo tão intenso, a dor tornou-se insuportável.

A imagem desapareceu, e fomos surpreendidos pela voz de Jónas, que se aproximou de nós.

— A minha mulher morreu há alguns anos. Cancro — disse, em voz baixa. — Desde que o detetaram até morrer, passaram-se apenas três semanas. Foi o tempo que tivemos para nos despedirmos. Depois de uma vida inteira juntos, a doença não nos concedeu nem um mês para dizermos adeus.

»Uma noite partiu, apenas. E ali fiquei, sem ela, mas com uma menina que tinha apenas um ano. Nessa noite, embora ela já não me ouvisse, prometi-lhe que faria os impossíveis para continuar com uma vida que, na verdade, era dos dois: dela e minha.

»Quanto estou disposto a pagar para que a minha filha possa continuar a viver?

Eu e o meu irmão mantivemo-nos em silêncio, a olhar para um homem que se despia emocionalmente à nossa frente.

— Nasci sem que ninguém me desejasse. Nunca conheci os meus pais. Houve alguém que me encontrou à porta de um hospital. Pelo menos, tiveram a decência de me deixar viver. Talvez por isso tenha crescido a pensar que cada instante da minha vida era um presente.

Vimos que, apesar de se esforçar por o evitar, aos poucos, os seus olhos iam humedecendo.

— Durante anos, andei de um lado para outro, de um lar de acolhimento para outro, de um orfanato para outro. Cheguei até a viver na rua. Durante muitos anos, vagueei pelo mundo, até que, um dia, vi uma carrinha amarela.

»Fui com eles, fizeram-me uns testes e perceberam que eu aprendia depressa, muito depressa. E a vida continuou, estudei, estudei muito, e preparei-me para trabalhar na empresa. Encontrei a minha companheira e tivemos uma filha. Uma filha que tem o meu anel.

Respirou e deixou-nos respirar.

— Não, não sou rico, não tenho cem milhões, mas o vosso pai ofereceu muitos anéis a pessoas que considerava merecedoras. Suponho que, apesar de me terem deixado na rua quando nasci, sou alguém com mérito.

Não soube o que dizer. Olhei para o meu irmão.

— Aprendemos muito acerca da colónia — continuou. — Desde então, a Centinel avançou com o trabalho. Lançaram-se várias missões com material e pessoal qualificado. Está previsto que, daqui a cerca de cinco anos, comecem a chegar as primeiras grandes naves espaciais com civis, e, desta vez, não será apenas para um concurso, desta vez, será para sobreviver, porque não haverá alternativa.

»Não será um acontecimento isolado. Na realidade, prevê-se que o desastre ocorra em sequência. No mar, várias zonas habitáveis ficarão submersas, o que dará origem a migrações, porque haverá cada vez mais gente e menos terra firme. No fim, como sempre, tudo resultará em violência. Qualquer pequena mudança pode gerar um efeito de dominó; por exemplo, o facto de uma espécie desaparecer pode fazer com que depois desapareça outra que dependia da anterior, e assim sucessivamente...

Ficou em silêncio, a olhar para nós.

— Mas é preciso dizer isso tudo, explicá-lo. As pessoas têm de saber — disse eu.

— Esse é o grande problema — respondeu. — As pessoas já estão a par de tudo, mas ninguém quer saber. Vê alguém preocupado lá fora?

— Mas, se as empresas...

— Se as empresas fabricam, é porque as pessoas consomem — interrompeu. — Se há uma fábrica na China a fazer milhões de brinquedos inúteis para a *McDonald's*, é porque os pais compram o *Happy Meal* aos filhos, para eles deitarem o brinquedo fora quando chegam a casa. Se as empresas fabricam plástico, é porque o consumimos.

— Mas, mesmo assim, é preciso dizê-lo.

— Não, agora já não. Chegou o momento em que temos de o negar.

— O quê? — perguntei, surpreendida.

— Sim, chegou o momento em que temos de negar que a mudança climática existe. É nisso que os governos e as grandes empresas estão a investir todos os seus esforços.

OceanofPDF.com

— Mas porquê? Não compreendo.

— Agora, já não podemos dizer nada. Fazê-lo significaria o colapso da sociedade tal como a conhecemos. Se disséssemos a verdade, o que acha que aconteceria à economia global? Às bolsas? Que valor teria para si o dinheiro, se soubesse que dali a alguns anos tudo o que a rodeava ia desaparecer? Seria o salve-se-quem-puder, o caos, nada teria valor e nada distinguiria o rico do pobre.

Silêncio.

— Temos de aguentar o sistema, para que, pelo menos, os ricos se consigam salvar, caso contrário, não sobreviverá ninguém.

Confesso que aquela resposta me deixou indignada, mas, no fundo, aquele homem tinha razão.

— Quantas pessoas é possível salvar? — perguntou o meu irmão.

— Em princípio, segundo vários estudos, para criar uma população biológica mínima, que seja viável, e, assim, conseguir conservar a nossa espécie, precisaríamos de oitenta a cento e sessenta indivíduos. Seja como for, aspiramos poder levar quatrocentos a quinhentos seres humanos para a colónia. Desta forma, minimizar-se-iam os problemas resultantes da endogamia. A ideia é enviar cerca de trinta de dois em dois anos, e assim sucessivamente até que a Terra diga chega.

— Ou que alguém perceba o que está a acontecer.

— Sim, é essa a razão por que estamos a fazer os possíveis para que isso não aconteça. Se conseguimos até agora... — disse Jónas, olhando-me fixamente.

Silêncio.

— O grande problema de todo este projeto — continuou — é o facto de serem necessárias quantias obscenas para o levar a bom porto, daí, a questão dos anéis.

— Cem milhões, cem milhões é o valor de uma vida. E quem decide quem se salva e quem não se salva? Apenas o dinheiro? — recriminei.

— Em parte, sim, embora receie que sempre tenha sido assim. Em toda a nossa História, o rico sempre teve mais possibilidades de se salvar do que o pobre.

— Mas... não é justo... — sussurrei, derrotada.

— Não, a vida não é justa. Nesse ponto, estamos de acordo.

OceanofPDF.com

Sáímos daquele museu em silêncio, talvez porque, quando alguém resolve um mistério, percebe que é muito mais emocionante tentar resolvê-lo do que saber a solução.

— O camião leva-vos de volta ao hotel. Têm uma mesa reservada para almoçarem por lá — disse-nos Jónas, enquanto se despedia de nós à porta do museu.

Entrámos no veículo e sentámo-nos lá ao fundo.

Voltámos a atravessar o manto branco que, como nos explicou Jónas, todos os anos tinha menos gelo e mais terra.

— Nel... — ousou dizer o meu irmão—, o que vais fazer com tudo isto? Vais publicar?

— Que provas tenho? — respondi-lhe, assumindo que o meu pai ganhara. — Um filme que não poderei revelar ter visto, uma conversa que Jónas recusará ter tido e um anel cuja utilidade não consigo provar. Estou exatamente no mesmo ponto em que me encontrava quando aqui cheguei... Mas continua a não ser justo. Não pode ser o dinheiro a decidir...

— Nel... mas isso já é o que se passa. Acontece a cada instante. Confrontadas com a mesma doença, por exemplo, há pessoas que podem recorrer a um determinado tratamento e que se curam e outras que não podem e morrem. Acontece todos os dias.

Continuámos o resto da viagem em silêncio.

Pus os auriculares. Estava ouvir a magnífica composição *Selfish Art*, de Noah Gundersen.

Foi enquanto escutava esta canção, que chegaram mais duas mensagens

do meu contacto em Reiquejavique. A informação parecia credível.

Chegámos de novo a Húsafell.

Tinham-nos reservado uma mesa junto a uma grande janela panorâmica. A vista era espetacular.

Pedimos e brindámos com vinho.

— À nossa — disse o meu irmão.

— À nossa — respondi, olhando-o diretamente.

Bebemos e ficámos durante alguns instantes sem falar.

— E agora? — perguntei.

— E agora o quê? — quis saber, olhando-me, surpreendido. — Agora, temos de continuar o jogo.

— Para quê?

— Para quê?! Porque há aqui mais qualquer coisa. Isto só explica a história do anel e da lista. Ou será que...?

De repente, o seu semblante mudou, como quem descobre uma festa-surpresa antes do tempo.

— Ou será que o teu desejo já se cumpriu? Acabámos o jogo? Não é possível. Não é possível — repetia para consigo. — Quando aconteceu aquela história toda na cabana, estes anéis nem sequer existiam. Não é possível que o teu desejo esteja relacionado com tudo o que vimos naquele museu...

— Não, o meu desejo não se cumpriu.

O meu irmão não insistiu. E poderia tê-lo feito, porque, afinal, estávamos a fazer tudo aquilo por mim, pelo meu desejo. Mas ele também sabia quão importantes as promessas eram na nossa família, e eu, naquele dia, naquela cabana, dei a minha palavra ao meu pai: aceitei jogar, desde que nunca contasse o meu desejo a ninguém, e, na minha família, as promessas cumpriam-se.

— Como vamos encontrar a casa? — perguntou-me o meu irmão. — Ele não tinha telemóvel, Internet, nem cartão bancário. Nada, era como se não existisse. Estive a ver nas redes sociais, e quase não há informações sobre a altura em que o pai da Veruca esteve a viver aqui, na Islândia. Calculo que já se devem ter encarregado de apagar tudo.

— Na verdade, há algumas informações — respondi, enquanto ele olhava para mim, surpreendido. — O problema talvez tenha sido procurares no sítio errado.

— Estes jornalistas... — disse, e sorriu. — Surpreende-me.

— Bem, quando soube da história da casa do pai da Veruca, escrevi a vários colegas. Acontece que um dos meus melhores contactos na Europa tem, por sua vez, um grande amigo em Reiquejavique, uma espécie de detetive privado, ou coisa que o valha.

»Fiz-lhe algumas perguntas sobre esta questão, disse-me o mesmo que acabas de me dizer, que não encontraria nada na Internet, mas que havia outras opções.

— Que opções? — perguntou, impaciente.

— O papel. Disse-me que, na Islândia, ainda se publicam pequenos jornais. Por vezes, não são mais do que folhetos onde dão notícias acerca de uma zona ou região. É habitual levarem-se exemplares dessas publicações para as hemerotecas locais.

— E encontrou alguma coisa? — quis saber, esperançado.

— Sim. Alguns textos são rumores, mas um jornalista sabe espremer um rumor até lhe retirar um pouco de verdade. Segundo um artigo que foi

publicado num boletim de Akureyri sobre restaurantes da zona, os donos de uma churrasqueira disseram que o pai da Veruca tinha ido várias vezes comer ao seu estabelecimento. Passaram-me o nome do restaurante. Fica em Blönduós.

— Boa. É qualquer coisa — respondeu-me o meu irmão.

— Mas há mais — continuei. — Há umas pequenas piscinas naturais perdidas num lugar que se chama Grettislaug. Por acaso, numa reportagem sobre zonas a visitar na Islândia, fala-se deste local. Várias pessoas dão a sua opinião, e algumas garantem ter visto o pai da Veruca a tomar banho ali.

Vi o meu irmão pegar no telemóvel.

— Bem, Grettislaug e Blönduós não ficam muito longe, apenas a uma hora de distância.

— É verdade. Mas há mais, e, neste caso, até há uma fotografia, ainda que tirada de uma revista a preto e branco, pelo que está muito esbatida. É de um *pub* em que o pai da Veruca aparece com mais pessoas. Foi publicada num opúsculo local, em que se falava do aniversário do tal *pub*, como se tivessem dado uma festa, ou algo do género.

— Uma fotografia de grupo?

— Sim, é estranho que alguém que queira passar despercebido tenha tirado uma fotografia, mas talvez já estivesse com uns copos a mais e não se tivesse dado conta de estar a ser fotografado. Mas, mais importante do que a fotografia, é o local onde se encontra esse *pub*.

— Diz-me — pediu, impaciente.

— Em Sauðárkrókur, uma povoação que fica a menos de meia hora das piscinas naturais de que te falei.

— E também sabemos o local do acidente — acrescentou o meu irmão.

— Segundo a informação do jornal, ficava por ali...

— Sim, acho que a zona está bastante delimitada. Talvez noutro país

fosse complicado, mas, na Islândia, quase não há cidades, só pessoas... Além disso, estou habituada a encontrar agulhas em palheiros.

— Mas, mesmo assim, como identificar a casa exata?

— Haveremos de a encontrar, como se fazia antigamente, quando não havia tanta informação, tanto telemóvel, tantas redes... Não a procuramos. Faremos com que a informação venha até nós — disse, exibindo um sorriso.

Continuámos a falar de mil coisas: da nossa infância, da casa que um dia construiu na árvore, dos banhos no rio, do tesouro escondido, da nossa mãe...

Depois do almoço, voltámos a falar dos padrões, do vídeo que tínhamos visto naquele museu e das pistas novas para encontrar a casa.

Estávamos tão entusiasmados, que, mal acabámos de beber o café, decidimos ir até à zona onde talvez pudéssemos encontrar a casa.

OceanofPDF.com

Blönduós ficava a cerca de duas horas de Húsafell. Era uma pequena povoação com menos de novecentos habitantes. Encontrámos, pela primeira vez, o restaurante em que supúnhamos ter sido visto a almoçar, mas acabavam de fechar, já era tarde. Decidimos continuar em direção a Sauðárkrókur, a cerca de quarenta minutos de distância, mais ou menos. Quando chegámos, percebemos que era uma povoação um pouco maior do que a anterior. Estacionámos à porta do clube Grand-Inn Bar. A essa hora, ainda estava fechado, mas, mesmo ao lado, havia uma Sauðárkróksbakarí. Decidimos entrar e tomar qualquer coisa. Já estávamos há várias horas no carro.

O sítio era lindo. Pedimos dois *caffè latte* e dois rolos de canela. Sentámo-nos junto à janela. O estabelecimento estava vazio.

— A que horas abrem o *pub*? — perguntou-me o meu irmão.

— Segundo a Internet, às nove.

— Então, ainda temos umas horas livres. Vamos até às piscinas, para ver se conseguimos descobrir qualquer coisa? — perguntou.

— Não me parece que, num lugar como aquele, haja grande coisa para descobrir. Pelo que vi na Internet, só existe um pequeno café, mais nada. Na verdade, acho que as nossas melhores hipóteses se encontram neste *pub*.

— Sendo assim, o que fazemos? — perguntou.

— Podemos ir dar uma volta pela povoação e jantar no restaurante aqui em frente, por exemplo — disse eu, dando-lhe a mão.

Olhou-me, surpreendido.

— Obrigada... — sussurrei.

Ficou desconcertado, mas não me disse nada. Acho que percebeu tudo.

Demos uma volta pela povoação e jantámos cedo no restaurante que ficava em frente ao *pub*, o KK Restaurant.

Permanecemos ali até às nove, hora a que abriam o bar. Mesmo assim, não entrámos logo. Era melhor fazê-lo quando houvesse mais gente. O plano era tentar socializar com as pessoas. Deixar passar algumas horas, até que o álcool lhes reavivasse a memória, e, nesse momento, fazer as perguntas.

O *pub* era bastante pequeno, mas, ainda assim, havia umas dez pessoas lá dentro: ficaram todos a olhar para nós quando transpusemos a porta.

Pedimos duas cervejas e começámos a falar um com o outro. Passados poucos minutos, aproximou-se uma mulher que me reconhecera da televisão. A partir daí, tudo se tornou mais fácil.

Música, gargalhadas, álcool, conversas insignificantes, mais música, mais gargalhadas, mais álcool... Começámos a fazer perguntas.

Quase toda a gente o tinha visto em algum momento, mas ninguém sabia onde vivia ou, pelo menos, ninguém queria dizer.

Já estavam prestes a fechar, quando pus cinco notas de cem dólares em cima da mesma. E ali, à vista de todos, peguei nas cinco notas e rasguei-as ao meio, uma de cada vez.

Muitos dos presentes ficaram de boca aberta.

Dirigi as minhas palavras ao *barman*, embora, na realidade, falasse para todos os presentes.

— Se conhecer alguém que nos possa dizer onde vivia o pai da Veruca, a casa exata, dê-lhe estes fragmentos de notas e diga-lhe que, quando no-lo disser, lhe entregaremos a outra metade. Deixo-lhe o meu número de telemóvel. — E escrevi-o numa das notas.

Decidimos ficar a dormir na povoação.

OceanofPDF.com

No dia seguinte, o som do telemóvel despertou-me. Olhei para o número: desconhecido. Peguei nele, entusiasmada. Lembrei-me do início da minha carreira, quando ser jornalista não consistia em estar cem horas à frente de um ecrã para descobrir se a notícia que se estava a ver era real ou, simplesmente, *fake*.

— Sim? — disse, ao atender.

— São os senhores que procuram informação... — respondeu-me uma voz que falava quase em surdina.

— Somos, sim.

— Têm a outra metade dos quinhentos dólares?

Acordei o meu irmão, e, em apenas meia hora, já tínhamos tomado duche e bebido café.

Havíamos combinado com ele no parque de estacionamento de um supermercado situado junto à estação de serviço, à entrada da povoação.

Localizámos ali a carrinha vermelha de caixa aberta. Aproximámo-nos dela a pé. Tinha o vidro aberto.

— Trouxeram o dinheiro? — perguntou o homem de meia-idade, com cara de poucos amigos.

— Primeiro, a informação — disse.

— Não, primeiro, o dinheiro — insistiu, imperturbável.

— E se não for esse o lugar...? — interrompeu o meu irmão.

— Não vos resta outro remédio senão arriscar. Seja como for, a verdade é que não tenho muitos sítios para onde ir. Encontram-me com facilidade.

Olhei para o meu irmão e dei-lhe o dinheiro.

Entregou-nos um papel, ligou o motor do veículo e desapareceu.

A surpresa surgiu quando introduzimos a morada no GPS: a casa ficava a menos de dez minutos dali; em direção às piscinas termais, onde, em dado momento, o tinham visto.

Dirigimo-nos para norte, contornando a costa, por uma estrada estreita que deixava as montanhas à esquerda e, à direita, dezenas de quintas e casas dispersas que quase tocavam o mar. Podia ser qualquer uma delas.

Chegámos a uma estrada que conduzia a um aglomerado de casas, separadas umas das outras por alguns metros.

— Segundo o GPS, é aquela — disse ao meu irmão.

Desviámo-nos por um pequeno caminho delimitado por estacas de madeira e que, praticamente, acabava no mar. Quando nos aproximámos, vários cães começaram a ladrar.

Estacionámos lá fora. Não havia ninguém por ali, apenas os cães, que, apesar de continuarem a ladrar, não pareciam ter intenção de atacar.

Sáimos do carro.

Introduzi a chave, com nervosismo... e a porta abriu-se.

Entrámos.

Escuridão.

Abrimos as janelas, para que a luz iluminasse uma casa que parecia vazia. Havia móveis, mas dava a impressão de que não vivia ali ninguém há muito tempo.

Percorremos todas as divisões do piso térreo: uma cozinha ampla, uma sala de jantar e dois quartos, nada de invulgar.

Foi quando subimos ao primeiro andar que deparámos com algo estranho naquele que parecia ser o quarto principal. Em cima do toucador, havia

várias perucas colocadas em cabeças de manequins quase informes. O aspeto de tudo aquilo era macabro.

— São todas de mulher — disse o meu irmão.

— Pois, parece que sim. Estranho.

Sáímos em direção ao último quarto, aquele que ficava ao fundo do corredor, e ali, em cima de uma pequena mesa, descobrimos a chave dourada: tínhamos chegado ao fim do jogo.

Peguei nela, olhámos um para o outro. Sorrimos.

Nesse momento, ouvimos um som no rés do chão, como se alguém tivesse aberto a porta.

OceanofPDF.com

— Quem é o senhor? — perguntou o meu irmão a um idoso que se encontrava à porta.

Tinha um rosto com feições duras, o corpo magro como um bambu e uns olhos que pareciam querer descobrir todas as verdades. Vestia de forma descuidada: umas calças velhas, uma camisola de malha rota e um casaco que não permitia identificar a cor original. Reparei nas suas botas: estavam cheias de lama, como se tivesse andado pelo exterior da casa antes de chegar à porta.

— Olá, bom dia. Sou um vizinho. Vivo ali — disse-nos, com uma voz pausada, enquanto apontava para uma casa que ficava a cerca de duzentos metros. — E os senhores? Quem são?

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro, talvez para decidir qual dos dois falava primeiro ou o que haveríamos de dizer: a verdade ou uma mentira acabada de engendrar.

— Somos os filhos de William Miller — disse eu, tomando a iniciativa.

De imediato, sem pedir licença, o homem transpôs a porta e aproximou-se tanto de mim, que, por um momento, pensei que o seu olhar me fosse trespassar o corpo.

— Muito bem, é verdade... — disse, enquanto me observava. — Vi a menina muitas vezes na televisão, muitas vezes... Gosto, gosto que ainda haja jornalistas assim, com ousadia. Foi a senhora quem levou a melhor no julgamento daquele infeliz.

Falou, sem se dar conta de que o infeliz a que se referia era o meu próprio pai.

— E o que fazem aqui? — perguntou.

Estive prestes a responder-lhe, mas pensei que poderia ser-nos útil. Afinal, fora vizinho do pai da Veruca, talvez até se conhecessem.

— Se lhe dissesse que estamos a tentar terminar um jogo... — respondi.

— Um jogo? Adoro jogos. — Sorriu. — E de que jogo se trata?

— Bem, não sei se conhece o jogo das chaves.

— O jogo das chaves! — exclamou o homem, com entusiasmo. — Claro que sim. Era o meu preferido.

— É precisamente a esse que estamos a jogar. E quer saber a melhor? Chegámos à última chave. Estava aqui.

— A dourada? — exclamou, levantando as mãos, como se aquele fosse o grande momento do dia ou da semana ou, quem sabe, do que lhe restava de vida.

— Sim, a dourada. Só nos falta resolver a pista final para o terminar, mas não sabemos por onde continuar. Estamos a tentar encontrar uma caixa nesta casa. — Sorri para o meu irmão.

— Excelente. Foi por pouco... — Nesse momento, o homem trocou a expressão de alegria por um ar de resignação. — É uma pena, mas não vão encontrar nada aqui.

— Nada? Porquê? — perguntei.

— Porque limparam tudo. — Aproximou-se de mim, para me sussurrar ao ouvido. — Levaram tudo o que aqui havia quando o mataram.

— Quando mataram quem? — quis saber.

— Quem é que haveria de ser? — disse o homem, enquanto coçava a cabeça e olhava compulsivamente em volta. — O pai da Veruca, quando mataram o pai da Veruca.

Depois de dizer aquelas palavras, o homem virou costas e saiu. Observou o espaço em volta, como se estivesse vigilante. Voltou a coçar a cabeça e

regressou para junto de nós. Continuou a falar. Os cães tinham deixado de ladrar.

— Mas, enfim, eu sou apenas um velho. Sei que não devia dizer estas coisas... Não as devia dizer...

— Mataram-no? Mas como? Quem? — perguntou o meu irmão.

— Eu não disse nada, eu não disse nada... — Estava nervoso. — Eu e esse homem tornámo-nos amigos. E eu fiz-lhe uma promessa, e éramos amigos, e não quero que me prendam outra vez...

O homem olhou para fora. Tremia. Parecia procurar alguém. Depois de ver que não havia ali ninguém, continuou a murmurar em voz baixa, quase em silêncio.

— Era um homem bom, um homem bom... E mataram-no, mataram-no.

Aquele homem queria falar, mas havia alguma coisa que o impedia: o medo. Ao longo da minha carreira, vira-o muitas vezes: em testemunhas ao abrigo do programa de proteção, a quem demorávamos séculos a arrancar informações; em indivíduos arrependidos que entravam em pânico se ouviam um barulho estranho... Sabia que tinha de o ajudar, pelo que o instiguei com outra pergunta.

— Alguma vez entrou nesta casa?

— Sim, claro. — E, nesse momento, como se se tivesse lembrado do que não devia dizer: — Mas não vi nada, juro que não vi nada. Na verdade, não entrei, nunca cheguei a entrar...

— É que encontrámos um quarto com perucas — interrompi-o, de propósito—, mas o mais estranho é serem todas de mulher. Sabe para quem eram?

— Não, não, não sei dizer... — O homem estava cada vez mais nervoso, coçava a cabeça de forma compulsiva. — Não, não sei nada, não sei nada do que havia lá dentro...

— Bem — continuei no mesmo tom, tentando chegar a um daqueles pontos em que o entrevistado explode e conta tudo —, segundo as redes sociais e a imprensa, parece que, depois do que aconteceu à Veruca, o homem ficou transtornado e passou a andar com muitas acompanhantes.

— Mentira! — gritou o homem, nervoso. Explodira. Tocara num assunto delicado. Talvez agora conseguíssemos obter informação interessante. — Era um homem bom. Trataram-no mal, muito mal! Tudo o que se disse sobre ele era mentira! — gritou.

Então, saiu para o exterior e olhou em volta. Coçava a cabeça e tremia.

— Tudo o que se disse sobre ele era mentira. Era um homem bom! — continuou a gritar.

Os cães começaram a ladrar.

— Calma. Fique tranquilo — disse o meu irmão, aproximando-se dele.

— Não me toque! Não me toque! — gritou.

Nesse momento, ouvimos uma voz ao longe.

— Pai! Pai!

O homem ficou imóvel como uma estátua, parou de tremer, parou de gritar, quase parou de respirar.

— Estão a chamar-me... — disse, já mais calmo.

OceanofPDF.com

Uma mulher começou a correr na nossa direção.

O homem permaneceu imóvel à porta, até que ela se aproximou e o estreitou entre os braços.

Ficaram assim durante alguns segundos.

— Lamento — disse a mulher, com lágrimas nos olhos —, desculpem, desculpem... Espero que não vos tenha causado nenhum problema. — Respirou. — Bem, o meu pai altera-se muito facilmente.

— Não se preocupe, está tudo bem. Estávamos apenas a conversar — respondi, estendendo-lhe a mão. — O meu nome é Nel Miller.

— Nel, a jornalista? — perguntou, olhando para mim, surpreendida.

— Sim, a própria. E este é o meu irmão.

— O filho de... de... — disse, sem ter consciência de que eu também era filha dele.

Apertou-lhe a mão.

— Já lhe disse mil vezes que não se afaste de casa, mas suponho que hoje, quando os viu aqui, quando ouviu os cães, se aproximou para ver o que se passava.

— Não se preocupe — tentei sossegá-la. — Como lhe disse, estávamos apenas a conversar, só isso.

— Sim, mas ouvi gritos.

— Bem, ele alterou-se um pouco. Não sabemos muito bem porquê, começou a dizer que era tudo mentira.

Nesse momento, o homem afastou-se da filha e recomeçou a gritar.

— É mentira! Ele nunca andou com prostitutas! Deram cabo da vida

àquele homem! Ele só a queria proteger!

De repente, ao proferir aquela última frase, ficou paralisado.

Segundos depois, começou a tremer. Parecia ter entrado em choque.

— Lamento, lamento, lamento... Eu não disse nada, eu não disse nada — exclamou, a chorar.

— Vamos, paizinho, vamos. Deixa isso. Vamos deixar estes senhores sossegados — dizia-lhe, enquanto lhe agarrava o braço com delicadeza e tentava afastá-lo daquela casa. — Foi um prazer conhecê-los, mas receio que está na hora de irmos, para ele tomar a medicação.

Despedimo-nos à porta, enquanto os dois se afastavam.

Ficámos a ver duas figuras perderem-se na manhã islandesa.

— Temos de voltar a falar com este homem — disse ao meu irmão. — Temos de descobrir o que está por detrás desta última frase. Quem queria proteger? A mulher? A amante? Quem seria a amante?

OceanofPDF.com

— Com um louco? — protestou o meu irmão. — Teremos de voltar a falar com um louco?

— Claro — respondi-lhe, e sorri. — É junto das crianças e dos loucos que mais informação se obtém. Tanto uns como outros costumam dizer a verdade.

— A sua verdade, claro — respondeu-me.

— Sim, a sua verdade, mas, por vezes, essa é ainda mais real do que a mentira de tudo o resto. Um homem com todo o tempo do mundo viu, de certeza, muitas coisas.

»Durante a conversa, disse que não queria que o prendessem outra vez... Tenho muitos contactos na polícia, não na deste país, claro, mas também há comunicação entre as várias polícias nacionais. E, se for verdade que estive preso, posso averiguar o motivo. Pelo caminho, faço umas chamadas.

— Pelo caminho para onde?

— Não sei. Leva-me a almoçar a um sítio qualquer. Tenho a cabeça a rebentar: temos mil pistas, mas não consigo ligá-las. Nesta casa, aparentemente, não há nada. Voltamos cá mais tarde.

Entrámos no carro e regressámos à povoação de Sauðárkrókur, para procurar um restaurante.

Durante o almoço, fomos revendo tudo o que se passara, tentando perceber o que aquela chave poderia abrir. Tínhamos um homem que violara uma rapariga, mas que se supunha ser *gay*. Um homem que morrera de forma estranha e que se parecia muito com aquele violador. O pai de Veruca, um dos fundadores do programa, que, afinal, morrera num acidente

estranho, com uma companheira de quem nunca mais se soubera o paradeiro... E, agora, este velho, que nos garantia que tinham matado o pai de Veruca.

Antes de acabarmos de almoçar, chegou-me uma mensagem ao telemóvel.

— Nem vais imaginar por que motivo o nosso novo amigo esteve preso!
— anunciei ao meu irmão, enquanto acabava de ler a mensagem do meu contacto na polícia.

— Não faço a menor ideia — respondeu.

— Por invasão de propriedade.

— E ele a garantir que não entrara naquela casa.

— Mas há mais uma coisa: não o levaram para a cadeia... internaram-no logo num centro psiquiátrico. Estive ali durante dois dias... praticamente isolado, sem qualquer hipótese de comunicação.

— O quê? Porquê?

— É o que temos de descobrir: o motivo.

— Então, podíamos ir ao hospital e perguntar.

— Nestes casos — comecei a explicar ao meu irmão—, é muito mais rápido falar diretamente com a família. Evitas muita burocracia, segredos profissionais e todas essas coisas. Além disso, os familiares costumam ser mais compreensivos, desde que crie com eles uma ligação sentimental. Esta tarde, iremos a sua casa — disse-lhe, sorrindo.

— Sinto que estamos cada vez mais perto — diz uma mulher, referindo-se à solução do jogo.

— Eu também — responde um homem, referindo-se à distância que o separa da irmã.

Depois do almoço, voltámos à casa e andámos à procura de uma caixa, de um cofre, de uma gaveta escondida... algo que pudesse abrir-se com aquela chave.

Quando já estávamos há quase duas horas sem conseguir qualquer resultado, decidimos visitar a mulher. Caminhámos até à sua casa.

Os cães voltaram a ladrar.

A porta estava aberta.

Chamámos, e esperámos à entrada até ela aparecer. Ficou surpreendida ao ver-nos.

— Olá — cumprimentámos.

— Olá... — respondeu, quase a tremer. — Peço-vos que me desculpem pelo que aconteceu hoje de manhã. Não queremos problemas. Garanto-vos que o meu pai não voltará a incomodar-vos. Não se preocupem...

— Fique descansada, não há nada para perdoar. Não viemos por isso. Queríamos explicar-lhe o que estávamos a fazer naquela casa e, se possível, fazer-lhe algumas perguntas.

A mulher olhou para os dois lados. Convidou-nos a entrar.

Já lá dentro, ofereceu-nos um café, e sentámo-nos os três à volta de uma mesinha.

— Onde está?

— Quem? O meu pai?

— Sim.

— Bem, está no quarto. Chegou muito nervoso, dei-lhe um calmante. Mais uma vez, peço desculpa pelo sucedido. O problema é que está sempre

sozinho. Não há aqui nada para fazer, e, quando aparece alguém na zona, vai logo tentar perceber o que se passa. Por isso, quando vos viu, a primeira coisa que fez foi aproximar-se, para saber o que estava a acontecer. Suponho que agora esteja a dormir. Agradecia que não fizéssemos muito barulho.

Fomos-lhe contando toda a nossa história: o jogo das chaves, as várias pistas, como tínhamos chegado àquela casa...

Quando já estávamos a falar há um bom bocado e ela parecia menos nervosa, puxei o assunto do centro psiquiátrico.

— Se querem que vos diga a verdade, ainda hoje não sei porque o internaram. Segundo a polícia, detiveram-no por ter entrado numa casa sem autorização: invasão de propriedade. Mas disseram-me que, depois, tudo se complicou. Quando o foram meter no carro, começou a gritar, a ficar nervoso, teve um acesso de... Levaram-no diretamente para o centro psiquiátrico, sedaram-no e mantiveram-no isolado durante umas quantas horas.

A mulher puxou de um lençinho.

— Como podem imaginar, um homem como o meu pai, um corpo tão frágil, uma pessoa com a idade dele... que mal poderia fazer? Não tinham o direito de o tratar assim, não tinham o direito...

Bebeu um gole de café.

— Só me avisaram no dia seguinte. Passei mais de vinte horas sem saber nada dele. Procurei-o pelas redondezas, de noite, inclusive. Espreitei do cimo de todas as falésias, na costa, com medo de o encontrar ali, estendido no chão. A pensar que tivesse caído e... Por isso, quando o telefone tocou, imaginei o pior.

Bebeu outro gole de café.

— Disseram-me que, como não levava documentos, tinham demorado a

localizar-me... Mas é absurdo. Aqui, conhecemo-nos todos.

»Quando o fui ver, estava sedado, mal falou comigo. Disseram-me que tinha de ficar mais um dia, para lhe fazerem exames.

»No dia seguinte, à tarde, levei-o para casa, mas trazia um presente: tinham-lhe posto uma pulseira eletrónica como condição, para não apresentarem queixa contra ele.

»Falámos do que ocorrera, mas, no momento em que lhe perguntei porque tivera um surto naquela casa, ficou em silêncio.

— Não lhe contou nada? — insisti.

— Conheço bem o meu pai, e, quando fica em silêncio, é porque há alguma coisa que, na sua mente, não lhe permite falar. Tenho a certeza de que descobriu lá qualquer coisa importante.

— E não conseguiu perceber o que era? — quis eu saber.

— Impossível. Das poucas vezes que lhe perguntei sobre isso, entrou em crise e ficou tão nervoso, que tive de o medicar. Só uma vez me conseguiu dizer que tinha feito uma promessa ao pai da Veruca. Mas o mais estranho de tudo é que, segundo me disse, se quebrasse essa promessa, poria a minha vida em perigo.

— E, passado pouco tempo, o pai da Veruca morreu...

— Sim. Segundo ele, assassinaram-no. A verdade foi que a coisa me assustou o suficiente para não lhe fazer mais perguntas sobre o assunto.

— O que se passou depois com a casa?

— Quando o pai da Veruca morreu, veio um camião para fazer as mudanças. Acho que o meu pai deve ter ficado por ali a vê-los tirar tudo o que se encontrava lá dentro.

— E depois?

— Bem, a casa ficou vazia durante muito tempo, até que, há uns anos, foi para lá viver uma família. Acho que a arrendaram a alguém.

Nesse momento, pensei na mãe de Veruca. Não nos tinha dito nada acerca disso. Continuei o interrogatório.

— Lembra-se de como era essa família?

— Sim, eram quatro pessoas: um casal com duas filhas. Na verdade, não falei muito com eles, eram muito reservados. Tive mais contacto com a mulher, simplesmente porque, às vezes, nos encontrávamos pelo caminho. Era uma pessoa comum, sim, muito vaidosa. — Sorriu. — Mudava de *look* com frequência. De vez em quando, usava o cabelo louro, outras, escuro...

Aquilo explicava a história das perucas.

— Era simpática. Uma ou outra vez, veio pedir-me um pouco de sal ou de azeite, o costume, mas mais nada. O marido é que assustava um pouco — disse-me.

— Assustava?

— Bem, não tinha propriamente medo, tinha respeito. Era um homem muito grande, que, além disso, andava sempre de óculos de sol e boné. Nunca lhe vi os olhos.

— Usava barba? — perguntei, nervosa.

— Sim, uma grande barba. Como sabe?

— Porque talvez esse homem faça parte das pistas que andamos a seguir. E as filhas?

— Uma delas era uma menina, a outra, adolescente. Mas também não as vi muito. Às segundas-feiras de manhã, muito cedo, vinha uma carrinha daquelas da quinta-escola e levava-as. Só voltavam muito tarde, às sextas-feiras, já de noite. Portanto, via-as durante o fim de semana, mas muito poucas vezes; mal saíam para brincar. A mais velha ficava fechada em casa, e a pequena, de vez em quando, corria lá fora, mas, como lhe disse, era raro.

— Uma carrinha da *quinta-escola*?

— Sim, é uma espécie de escola alternativa. O facto fez-me duvidar de

que fossem filhas deles.

— Porquê?

— Bem, essas quintas-escolas são uma espécie de orfanatos modernos. Muitas das crianças que ali se encontram são órfãs ou vêm de famílias cujos pais se encontram na prisão ou, por circunstâncias diversas, não podem tomar conta deles. Por isso, pensei que talvez fosse uma família de acolhimento. Enfim, estou só a dizer...

Nesse momento, eu e o meu irmão olhámos um para o outro.

— De que cor são essas carrinhas? — perguntou ele.

— Ora bem... acho que são amarelas — respondeu a mulher.

OceanofPDF.com

— Talvez tenha acabado de nos ajudar a resolver o jogo das chaves — disse-lhe, a sorrir.

— Não estou a perceber — respondeu a mulher.

— Bem...

Começámos a explicar-lhe os diferentes padrões surgidos durante o jogo. Entre eles, um relacionado com crianças órfãs e carrinhas amarelas.

— E onde fica essa quinta-escola? — perguntei.

— A cerca de duas horas daqui, em direção a sul. Fui lá uma vez, há muito tempo. Têm baloiços, animais, uma horta maravilhosa... Além disso, fazem gelados com o leite das suas vacas. Vou dar-vos a morada — disse, enquanto procurava um papel.

— E o que aconteceu à família? — questionei.

— Um dia, sem mais nem menos, foram-se embora. Não deram explicações, nem sequer se despediram... Aqui tem — disse-me, enquanto me estendia um papel com uma morada. — É aqui.

— Muito obrigada — respondi, entusiasmada, com a sensação alcançada quando se consegue organizar todas as peças de cor no cubo de Rubik, quando tudo começa a encaixar.

Despedimo-nos e rumámos a sul, em direção à quinta Erpsstaðir.

Depois de duas horas de viagem a atravessar parte da zona noroeste da Islândia, chegámos ao local. O complexo era formado por vários edifícios de diferentes tipos; no estacionamento exterior, havia duas carrinhas amarelas.

Estacionámos ao seu lado.

Mal saímos, à nossa esquerda, vimos um parque infantil com baloiços e uma espécie de insuflável gigante multicolor.

Por detrás desse parque, a cerca de cinquenta metros, havia mais construções; uma delas parecia um grande barracão cheio de quartos.

Continuámos a andar em direção à entrada principal e percebemos que se tratava de uma pequena geladaria, exatamente como a mulher nos dissera. Mal entrámos, surpreendeu-nos o facto de podermos ver as vacas. Estavam mesmo ao lado, como se o gelado saísse diretamente delas.

— O que desejam? — perguntou-nos uma rapariga que estava sentada com o telemóvel, absorta, sem sequer olhar para nós.

— Eu, um desses — disse o meu irmão, sorrindo-me e apontando para um gelado de baunilha.

— Eu quero um de morango — disse eu, e ambos sorrimos.

Preparou-nos os gelados e entregou-nos o recibo.

Então, o meu irmão pôs o dinheiro em cima da mesa, bem como a chave dourada. A rapariga olhou-nos, surpreendida. Recolheu o dinheiro.

— Esperem um momento lá fora...

Saímos e sentámo-nos a uma das mesas de madeira que se encontravam em cima de um estrado, um em frente ao outro, a observar a paisagem de um país que nos cativava. Passados poucos minutos, vimos uma mulher passar apressadamente junto a nós; levava uma criança pela mão.

— Olá, bem-vindos! — disse-nos, parando a alguns metros de distância.

— Olá! — respondemos.

— A pessoa que aguardam encontra-se fora neste momento. Saiu numa excursão com o resto dos meninos. Com todos, menos este — disse, a sorrir, enquanto olhava para o pequeno que levava pela mão —, que esta

manhã caiu do baloiço e tem uma ferida que voltou a abrir e não pára de sangrar. Vou ver se lhe faço um curativo.

— Tudo bem. Nós esperamos — respondeu-lhe o meu irmão.

— Não devem demorar. Daqui a uma hora, ou coisa assim, estarão de volta. Enquanto esperam, podem pedir todos os gelados que quiserem. Estão convidados.

— Muito obrigado — dissemos.

Vimos a mulher e a criança afastarem-se para uma pequena cabana próximo, que tinha o símbolo de uma farmácia na porta.

Quanto a nós, ficámos ali a comer gelados, como na nossa infância.

Nesse momento, o meu irmão olhou para mim.

— Gosto de ti.

Foi assim, direto, breve, inesperado, um «gosto de ti» que estivera certamente guardado dentro dele durante muito tempo.

Silêncio.

Tirei outra colher de gelado.

Engoli-a.

Tremia-me a língua, a boca, e, num instante, também as palavras.

— Eu também gosto de ti, Alan — disse, tentando não chorar.

Olhámos um para o outro e soubemos que acabávamos de nos reencontrar.

Permanecemos ali durante quase uma hora, a olhar para a paisagem, até que, de repente, ao longe, vimos aproximar-se uma nuvem de pó. Era uma carrinha amarela, grande, quase um autocarro.

O veículo estacionou na entrada, mesmo ao lado das portas exteriores. O silêncio que nos rodeava foi quebrado: várias crianças saíram do pequeno autocarro, a maioria a saltar, a maioria a gritar, a maioria a correr, como se a vida não lhes bastasse em cada momento.

Aproximaram-se e sentaram-se às duas mesas que havia ao lado da nossa, e a rapariga apareceu com uma bandeja cheia de gelados. Nenhuma das crianças reparou em nós. Eram simplesmente felizes.

Nesse momento, voltei a desviar o olhar para o autocarro e observei o condutor a descer devagar. Era um homem grande, muito grande, e trazia um boné e uns óculos enormes; a barba cobria-lhe o resto da cara.

Devagar, a coxear ligeiramente, aproximou-se de nós. Levantámo-nos.

— Finalmente, chegaram — disse-nos, enquanto se sentava ao nosso lado. Nem sequer nos estendeu a mão. Reparei que usava luvas.

Deixou passar alguns minutos antes de falar.

— Ora bem, cada caixa tem uma vida lá dentro. Abri-la significa assumir uma responsabilidade — começou a explicar, olhando para o vazio. — Até agora, as caixas que encontraram já tinham dono, por isso, puderam abri-las sem mais, mas esta é diferente.

Virou a cabeça na minha direção e tirou os óculos. Vi que tinha parte do rosto queimado.

— Não estou a compreender — disse-lhe, tentando não olhar diretamente para as cicatrizes.

— Quero dizer que, ao abrir a caixa, torna-se responsável pelo que estiver lá dentro... — Ficou em silêncio durante alguns segundos. —

Dentro de cada caixa, há uma vida, a vida de cada uma destas crianças. Se a abrir, compromete-se a tornar-se responsável...

Voltou a olhar para o vazio, para o autocarro, para a paisagem que se encontrava atrás do veículo.

Na nossa mesa, havia apenas silêncio. Nas duas mesas ao lado, gargalhadas, gritos, vida.

— Pense nisso — disse-me, voltando a pôr os óculos. — É esse o acordo. Agora, deixo-vos em paz.

E, com estas palavras, foi-se embora.

Eu e o meu irmão olhámos um para o outro.

— Era isto? Era este o teu desejo? Ser mãe? — perguntou-me o meu irmão, surpreendido.

— Não, não! Não foi isso! — protestei. — Não estou a perceber, não percebo nada...

Levantei-me, nervosa, dei umas voltas por ali e, por fim, dirigi-me às vedações exteriores, longe das crianças, longe do barulho, das gargalhadas, de tudo. Atravessei a estrada e comecei a caminhar em direção ao vazio.

Ser mãe? Sim, é verdade. Queria, queria muito, e suponho que, de alguma forma, o meu pai soubera que, no passado, eu recorrera a várias clínicas de fertilização assistida, que me tinham feito exames, que tentara durante vários anos e que o meu corpo se recusara. Devia ter tomado conhecimento, e agora... Agora, apresentava-me um mostruário de crianças abandonadas, sem família... Observei-as de longe.

Quando acabaram os gelados, foram a correr para o parque que ficava ao lado. Algumas subiram para os baloiços, outras, para aquela espécie de insuflável; todas se mexiam, todas brincavam... muitas eram crianças que ninguém desejara... Pensei em Jónas, pensei em todas as pequenas vidas que, sem culpa, vêm ao mundo para sobreviver... em todas as pequenas

vidas que não têm sorte e que começam a morrer no instante em que nascem. Pequenas vidas que os adultos utilizam para aliviar os seus desejos sexuais, as suas frustrações, a sua raiva. Pequenas vidas sem culpa.

Sentei-me no chão e desatei a chorar.

Olhei para o céu.

— O que queres, papá? O que queres de mim? — perguntei para o vazio.

Passados vários minutos, regressei à mesa onde o meu irmão ainda permanecia, sozinho.

Voltei em silêncio.

Abraçou-me e limpou-me as lágrimas: as que se viam e as que continuavam a escorrer dentro de mim.

— Vamos — disse-lhe.

Voltámos a entrar na geladaria, mas pela parte lateral. O homem estava ali, a tratar de uma das vacas. Viu-nos e, lentamente, pousou um balde que tinha na mão.

— Tomou uma decisão?

— Sim, vamos avançar... — respondi.

Sáímos e rodeámos o edifício. Mesmo por trás, havia um pequeno alpendre. Abriu a porta e entrámos.

Vimos duas estantes com várias caixas.

O homem pegou numa delas, a que tinha o número 100 impresso em letras maiúsculas, e pô-la à minha frente.

Ficou ali, diante de nós.

— Desculpem, mas tenho de estar aqui. O que se encontra aí dentro exige-o.

Suspirei. Estava nervosa, muito nervosa. Poderia até dizer que nunca

estivera tão nervosa na vida. Tremiam-me as mãos, o coração, os pés, o corpo, até me tremiam os pensamentos.

Mesmo antes de introduzir a chave na caixa, o meu irmão não conseguiu aguentar mais e fez-me a pergunta. Sabia que acabaria por acontecer, sabia que o desejara desde o início, sabia também que fizera um grande esforço para se conter.

— Nel, qual foi o teu desejo?

Na verdade, já não fazia sentido adiar mais aquilo. Guardara o segredo durante anos, cumprira a minha promessa.

— Salvar o mundo — disse-lhe. — Foi o que pedi nesse dia ao meu pai. O meu desejo foi salvar o mundo.

Introduzi a chave e abri a caixa.

Sim.

O meu pai cumprira a sua promessa.

OceanofPDF.com

Encontravam-se ali anéis, muitos...

Eu e o meu irmão ficámos em silêncio.

— Estão aí, exatamente, cem anéis — interveio o homem. — Ainda não foram atribuídos a ninguém. Acho que lhe cabe a si fazê-lo.

Olhei para o meu irmão.

Nesse momento, lembrei-me da carta do meu pai: se tivesses de salvar cem pessoas.

E, se fosse preciso escolher, se tivesses de escolher quem salvar e quem não salvar... Serias justa?

Talvez sejam demasiadas perguntas para uma só carta. Mas não te preocupes, as respostas surgirão à medida que te aproximares do fim do jogo, quando tiveres de escolher entre dizer a verdade ou escondê-la, para que a vida possa crescer. E vais ter de o fazer, garanto-te.

— Claro que — voltou a interromper aquele homem, enquanto tirava um papelinho do bolso —, segundo aquilo que o seu pai me deixou escrito, a frase exata que pronunciou ao pedir o desejo não foi «Salvar o mundo».

— O quê? — exclamei, perfeitamente surpreendida. — De que está agora a falar?

— Veja, aquilo que o seu pai deixou anotado, a frase exata que lhe disse ao ouvido foi esta. — Com o dedo, apontou para o que estava escrito no papel, para nos mostrar.

— E que importa isso?! Como iria lembrar-se das palavras exatas passados tantos anos? — disse o meu irmão, irritado.

— Bem, as palavras são sempre importantes, mais ainda para uma jornalista — respondeu, de forma tranquila.

Silêncio.

— Não compreendo... Não compreendo que importância pode isso ter — disse-lhe eu também.

— Bem, esqueçamos este pormenor. Afinal, o seu pai cumpriu a parte dele do acordo. Agora, é a sua vez — disse-nos, enquanto olhava de novo para o papel. — Ah, em relação aos anéis, não se preocupe. Na verdade, pode deixá-los aqui. Não têm qualquer valor enquanto não forem codificados.

— Mas como vou eu codificá-los?

— Calma. Trata-se disso depois. Agora, tem de cumprir a sua parte do acordo.

Fomos os três lá para fora.

Encostámo-nos a uma vedação de madeira que separava a geladaria dos baloiços. Dali, podíamos ver todas as crianças. Eram umas doze, mais ou menos.

Cabia-me escolher uma vida.

— Na verdade, todos estes miúdos são maravilhosos — afirmou o homem. — Precisam apenas de um pouco de carinho, de alguém que, de vez em quando, lhes dê um beijo, alguém que os abrace, alguém que lhes diga que a sua vida faz sentido. Não é muito complicado. Além disso, Nel, estamos aqui para te ajudar naquilo de que precisares.

De um momento para o outro, aquele homem tratou-me por tu. Numa ou noutra frase solta, pude até verificar uma mudança no seu tom de voz. Era como se, com o fim do jogo, toda a tensão que trazia dentro de si tivesse desaparecido.

Comecei a chorar ao contemplar todas as crianças.

— Como posso escolher uma vida ao acaso? — disse, enquanto as olhava.

— Calma. É para isso que aqui estou, para a ajudar — disse-me o homem. — Muitas foram abandonadas à nascença, mas outras tiveram o azar de os pais terem morrido quando eram pequenas. Se alguém lhes der um pouco de amor, serão felizes.

As lágrimas não me deixavam ver. Só conseguia divisar pequenas vidas correndo de um lado para o outro.

— Repare naquele menino que acaba de subir para o escorrega. Chama-se Bjarni, é pequeno, mas muito corajoso. Não cresceu muito, porque sofreu maus-tratos durante os primeiros anos de vida: mal lhe davam de comer, alimentava-se com aquilo que conseguia apanhar no lixo. Finalmente, a polícia entrou na casa dos pais e conseguiu recolhê-lo. É pequeno e tem mau feitio, mas um coração extraordinário.

Doía-me cada vez mais a alma. E ali estávamos nós, a observar uma vitrina cheia de vidas que ninguém quisera.

— Aquela ali, a pequenina dos óculos, só tem um problema. Não ouve muito bem. Não é de nascença: simplesmente, o pai deu-lhe uma sova tal, que a deixou surda. Como é possível espancar uma menina como ela, uma pequena vida que não fez nada, tão inocente? De cada vez que penso nisso... Mas, aos poucos, graças a várias operações, parece que está a ouvir cada vez melhor. É adorável. É, talvez, a menina mais carinhosa de todas.

As lágrimas continuavam a escorrer-me pelo rosto. Não conseguia parar de chorar, era impossível. E ali estávamos, de uma forma ou de outra, a decidir o futuro de uma daquelas crianças.

— Veja aquele — continuou o homem —, é o mais velho de todos, mas também o mais responsável: encarrega-se de tomar conta dos outros. Os pais morreram num acidente de automóvel, e o resto da família não quis saber de nada, ninguém quis ficar com ele. Era demasiado velho. O que lhe parece?

— Não sei! Não sei! Não sei como posso decidir uma coisa destas! — gritei.

— Tem razão, tem razão, lamento imenso. Talvez não esteja a ajudá-la muito, talvez seja tudo demasiado frio, talvez devesse conhecê-los, falar com eles. Ora bem... — E começou a procurar com o olhar. — Olhe, está a ver aquela menina? A que está sentada no chão?

— Sim — disse, limpando as lágrimas.

— Chama-se Eva e é muito tímida. Acho que seria uma boa hipótese. Nunca conheceu o pai, a mãe morreu quando ela era muito pequena. Poderíamos dizer que o resto da família está desaparecida, pelo que acabaram por a trazer para aqui. Tem cicatrizes de queimaduras no pescoço e no peito, por isso, nunca quer tomar banho, tem vergonha de que a vejam despida. Devido à gravidade das feridas, sente dores crónicas e tem dificuldade em realizar alguns movimentos. Felizmente, aqui, todos tomamos conta dela, e, graças à reabilitação, tem recuperado aos poucos. A tecnologia avançou muito.

»Eva! — gritou, e a pequena virou-se. — Podes chegar aqui por um instante?

A menina levantou-se do chão, e vimos um sorriso aproximar-se de nós.

Enquanto a menina se aproximava, apercebi-me de que aquele homem tão grande começava a chorar. As lágrimas caíam-lhe atrás dos óculos e morriam-lhe no interior da barba. Estava a acontecer algo estranho.

— A culpa foi minha, a culpa foi minha... — disse, ao mesmo tempo que se ia abaixo. — Ela tem aquelas cicatrizes por minha causa. Não consegui fazer mais, não consegui fazer mais... Tentei, juro que tentei, mas não consegui fazer melhor... Veja, as queimaduras dela são como estas...

Nesse momento, começou a tirar as luvas, para nos mostrar as mãos. E foi uma delas, a direita, que me fez tremer de medo. Não pela grande

queimadura que cobria as costas da mão, mas pela tatuagem de uma serpente que se revelava, esbatida, entre a carne e o fogo.

Comecei a sentir-me indisposta, a sentir calor, a sentir frio; o meu corpo tremia como nunca. Era como se tudo o que me rodeava estivesse fora do sítio, como se alguém o tivesse sacudido e não o tivesse conseguido devolver ao seu lugar. Por um instante, começou a faltar-me o ar, vi tudo a andar à roda, e mal me apercebi de que a menina já se encontrava junto de nós.

— Olá, Eva — disse o homem. — Esta senhora chama-se Nel Miller, veio para...

Quando a menina se pôs à minha frente, deixei de ouvir, esqueci-me até de respirar. Não consegui afastar os olhos dos dela: um verde e outro azul.

OceanofPDF.com

Eva

OceanofPDF.com

Desde esse dia, já se passaram dois anos.

Dois anos desde que encontrei Terra na Terra, à minha frente, com outro nome, mas com os mesmos olhos. Com o corpo salpicado de cicatrizes à volta do pescoço, todas as que se fixaram no espaço entre o capacete que John lhe colocou e um fato que lhe ficava grande.

John, um homem que, agora, com os seus enormes óculos de sol e a sua barba hirsuta, tenta disfarçar as queimaduras que ganhou quando, no solo, tirou o próprio capacete para o pôr na pequena Terra. Ele próprio pôde apenas utilizar uma simples máscara de oxigénio, que, pelo menos, lhe protegeu a parte central do rosto.

John, um militar com experiência de combate, um homem que participara como mediador em muitos conflitos internacionais. Uma pessoa capaz de manter a calma, mesmo nas situações mais extremas. Alguém que vira um pouco de tudo e, naturalmente, alguém que sabia calar tudo. Um dos dois únicos concorrentes que, desde o princípio, sabia a verdade acerca do que se estava a acontecer.

Desde esse dia, eu e Eva vivemos numa pequena casa perdida no Norte da Islândia, a mesma que foi usada pelo pai de Veruca para esconder a filha, quando decidiram tirá-la do concurso que a estava a matar em vida.

Uma menina caprichosa a quem explicaram como simular a própria morte, para fugir para uma ilha que, à medida que o tempo passava, se transformava numa prisão. Habituada a grande visibilidade nas redes sociais durante vinte e quatro horas por dia, agora, tinha de se esconder de forma permanente.

Uma rapariga que, no princípio, aceitou todas as condições que lhe tinham sido impostas. Sabia que não poderia sair de casa, a menos que o fizesse sem ser reconhecida, com perucas, lentes de contacto e maquilhagem, mas que, aos poucos, se foi cansando de tudo aquilo.

Uma rapariga que pediu um último desejo que lhe custou a vida: queria ver a mãe.

A mesma casa em que um idoso, sabendo que, nesse dia, o pai de Veruca tinha saído e que, teoricamente, não havia ninguém lá dentro, entrou e deparou com uma pessoa que não devia existir.

A mesma casa em que também, durante algum tempo, se esconderam John, a Doutora, Terra e Andrea, uma família comum aos olhos de qualquer vizinho: um casal com as suas duas filhas.

Desde então, pergunto-me o mesmo há dois anos, dia após dia: Que faço com a verdade?

Há momentos em que tenho consciência de que o melhor é esconder o que se passou, enterrar a realidade, para proteger as duas Terras... Mas há outros em que tenho vontade de gritar, de fazer uma chamada e publicar tudo.

Tenho vontade de dizer ao mundo que vivemos a maior mentira da História da televisão, que nenhum dos concorrentes viajou até Marte, que se procurou um lugar perdido na Islândia para criar um grande *plateau*, que o meu pai tinha razão, quando, no último discurso da sua vida, disse: «Tudo é mentira.»

E, para se perpetuar essa mentira, procurou-se um lugar fácil de proteger, fácil de esconder. Um ambiente seguro, onde nenhum homem tivesse problemas de ereção, onde as ligações fossem estáveis, onde uma menina tivesse a possibilidade de nascer em perfeitas condições, onde o cancro não

fosse uma ameaça para ninguém, onde se conseguisse arranjar medicamentos, se fosse necessário... Um plano perfeito para criar um concurso demasiado arriscado, sem se correr demasiados riscos.

O único problema desse projeto foi que o meu pai não teve em conta um pormenor, que, no fim, conseguiu dar cabo de tudo: na Islândia, há muitos vulcões, e, de vez em quando, um ou outro entra em erupção.

Mas, claro, dizer a verdade implicaria descobrir, e talvez também destruir, o projeto eXo, o trabalho que a Centinel levava a cabo, há tanto tempo, em Marte.

Uma Centinel que a organização teve de replicar na Terra, por isso, procuraram três pessoas no programa dos parecidos: dois homens e uma mulher com traços muito semelhantes aos dos astronautas originais, os quais se encontravam realmente em Marte. Era a única maneira de tornar tudo credível, pois concorrentes e astronautas tinham de interagir no concurso. E, com os capacetes, os fatos e as imagens devidamente esbatidas quando as câmaras se aproximavam demasiado do rosto, quem conseguiria distinguir os falsos dos originais?

Resta-me outra verdade, a que envolve Eva. Que faço com ela? Mantenho a mentira que lhe contaram na quinta-escola? A que inclui um acidente de automóvel em que os pais morreram quando era pequena e que também explica as cicatrizes que apresenta no pescoço. Ou digo-lhe a verdade? Que o seu verdadeiro nome é Terra e que foi a menina mais famosa do mundo, que a mãe morreu enquanto fazia uma *selfie*, quase nua, e que tem três pais possíveis: um homem a que chamavam o Mãozinhas, porque sabia fazer um pouco de tudo; um jardineiro que, até ao último momento da sua vida, pensou na família; ou um homem que, um belo dia,

chamaram para ir trabalhar para a Islândia, porque se parecia, em oitenta e quatro por cento, com o astronauta Marcus Z. N., um homem que violou a sua mãe... um homem que o meu pai certamente matou.

OceanofPDF.com

Uma vez por mês, pegamos no carro e, depois de oito horas de viagem, vimos aqui, ao lago Jökulsárlón, para mim um dos lugares mais bonitos do planeta. Este lago é como um termómetro da Terra: os pequenos icebergues que flutuam nele indicam a velocidade a que estamos a destruir o mundo.

Aqui, brinco com Eva: rimos, gritamos, corremos pela margem de um lago que nos pede ajuda em cada pedaço de gelo que se fragmenta, soltando-se dele...

Por vezes, com alguma sorte, também conseguimos ver uma ou outra foca, que, vindo à tona, nos cumprimenta. Outras, somos nós, de baixo, que cumprimentamos as gaivotas que voam à nossa volta.

E tiro fotografias, sempre que venho, tiro fotografias, muitas fotografias... fotografias que publico na Internet, fotografias que envio para revistas, para muitas organizações, para políticos... Fotografias que, mês após mês, revelam uma realidade demasiado incómoda: há cada vez mais água e cada vez menos gelo.

Escandalizamo-nos quando saem notícias de pais que maltratam os filhos, de filhos que maltratam os pais... mas, afinal, estamos a fazer o mesmo com o planeta: estamos a matar quem nos dá a vida, e, contudo, ninguém parece preocupado com isso.

Como diria o meu pai: o ser humano é assim.

No que diz respeito aos anéis, ainda não codifiquei nenhum, talvez porque fazê-lo seria perder completamente a esperança. E eu, ao contrário

do meu pai, ainda acho que isto pode ser resolvido, ainda tenho a ilusão de que um dia o ser humano perceberá que está a morder a mão que lhe dá de comer.

Não codifiquei nenhum, apesar da insistência de zerozero, um dos elementos do grupo de *hackers* anónimos com que o meu irmão trabalhou enquanto andámos à procura das chaves. Um dos *hackers* mais perigosos do mundo, porque é responsável por decidir se alguém pode, ou não, viver; é ele que realiza as investigações necessárias para verificar se um determinado comprador merece ter um anel. Foi também ele que inventou o sistema para os codificar.

Zerozero, um *hacker* que é uma rapariga que tem um zero tatuado em cada uma das mãos. Alguém que tinha de manter tudo sob controlo, de dentro do próprio jogo, alguém que tinha de agir de forma imediata perante qualquer problema, qualquer imprevisto... a pessoa que, além de John, sabia o que se estava a passar desde o primeiro instante.

Às vezes, penso em tudo o que aconteceu há muitos anos naquela cabana, penso no meu irmão, no meu pai, no desejo que lhe pedi... E, é verdade, as palavras que disse ao meu pai não foram «Quero salvar o mundo». Disse-lhe que queria salvar a Terra.

Agora, tenho-a ali, à minha frente: uma pequena vida que, neste preciso momento, está a tentar apanhar um pedaço de gelo sem cair à água.

Uma pequena vida que estremece todas as manhãs ao sentir o frio e que sorri de cada vez que o Sol nasce; que fica maravilhada ao observar o voo de uma borboleta, a força da água ou a beleza de uma flor; que grita quando algum inseto lhe pousa em cima, que chora quando olha para si mesma e que sorri de cada vez que alguém lhe oferece um pouco de amor.

Uma pequena vida que se diverte a brincar com as pedras, a areia ou a lama entre as mãos; e que é feliz sempre que a chuva dança à sua volta.

Uma pequena vida de que temos de cuidar para que possa recuperar das suas feridas... para que possa respirar por si mesma.

Eu, pela minha parte, vou fazer os possíveis para que a vida de Terra seja longa, muito longa... mas aqui, na Terra.

OceanofPDF.com

Obrigado.

Esta é, sem dúvida, a palavra que mais utilizei desde que entrei neste belo mundo da literatura.

Obrigado, porque, na verdade, a única coisa que faço é escrever histórias; mas são vocês, os leitores, que lhes dão vida, que conseguem fazer com que estas cresçam.

Obrigado por todas as mensagens e sinais de carinho que me oferecem, tanto pessoalmente como de forma virtual, através das redes sociais.

Obrigado por estarem aí, a acompanhar-me ao longo deste caminho.

Obrigado.

OceanofPDF.com

UM ROMANCE QUE VAI MUDAR A FORMA COMO VÊ O MUNDO

Uma comovente história de sentimentos, laços familiares, natureza, sociedade e a importância de seguir os nossos sonhos.

Um fenómeno editorial com 7 edições no primeiro ano.



Dentro de uma cabana escondida na floresta, um homem faz uma promessa aos dois filhos: «Pensem naquilo que mais vos agradaria neste mundo, no que gostariam de alcançar quando fossem mais velhos. Seja o que for, se conseguirem terminar o jogo, prometo que farei os possíveis para que se torne realidade.» Mas esse jogo nunca acabou .

Trinta anos depois, uma das crianças conseguiu realizar o seu desejo, mas a

irmã não. É então que ela recebe um presente estranho, um objeto que lhe permitirá continuar o jogo.

Oito pessoas decidiram voluntariamente participar num reality show que consiste em isolar-se do mundo, para sempre.

O público pensa que sabe tudo sobre elas, mas nem suspeita os motivos pelos quais tomaram essa decisão.

A criança que não conseguiu realizar o seu desejo, agora jornalista, deve descobrir a ligação entre o presente que recebeu e aqueles oito concorrentes, de modo a realizar o seu desejo, caso ainda seja essa a sua vontade.

A resposta está na Islândia.

OceanofPDF.com

Eloy Moreno nasceu em 1976, em Castellón de la Plana, e, em 2010, aventurou-se a autopublicar o seu primeiro romance, que já vendeu mais de duzentos mil exemplares.

Começava, assim, uma bonita história editorial, e todos os livros que se seguiram foram grandes bestsellers. Com milhões de exemplares dos seus livros vendidos, Eloy Moreno é um dos escritores mais lidos e queridos pelo público, o que se deve, em grande parte, à sua capacidade de abordar questões universais com uma sensibilidade única e sempre com pontos de vista surpreendentes *Terra* foi publicado em Espanha em 2020, entrando em todas as listas de livros mais vendidos.

OceanofPDF.com



Edição em digital: junho de 2022

Título original: *Tierra*

© 2020, Eloy Moreno

© desta edição:

2022, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

penguinlivros.pt

Tradução: Inês Guerreiro

Revisão: Alice Soares

Capa: adaptação de Cristina Correia sobre design de

Penguin Random House Grupo Editorial

ISBN: 978-989-784-679-3

Composição digital: www.acatia.es

Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. apoia a proteção do copyright. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

OceanofPDF.com

Índice

Terra

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

O Concurso

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

Capítulo 117

Capítulo 118

Capítulo 119

Capítulo 120

Capítulo 121

Capítulo 122

Capítulo 123

Capítulo 124

Capítulo 125

Capítulo 126

Capítulo 127

Capítulo 128

Capítulo 129

Capítulo 130

Capítulo 131

Capítulo 132

Capítulo 133

Capítulo 134

Capítulo 135

Capítulo 136

Capítulo 137

Capítulo 138

Capítulo 139

Capítulo 140

Capítulo 141

Capítulo 142

Capítulo 143

Capítulo 144

Capítulo 145

Capítulo 146

Capítulo 147

Capítulo 148

Capítulo 149

Capítulo 150

Capítulo 151

Capítulo 152

Capítulo 153

Capítulo 154

Capítulo 155

Capítulo 156

Capítulo 157

Capítulo 158

Capítulo 159

Capítulo 160

Capítulo 161

Capítulo 162

Capítulo 163

Capítulo 164

Capítulo 165

Capítulo 166

Capítulo 167

Capítulo 168

Capítulo 169

Capítulo 170

Capítulo 171

Capítulo 172

Capítulo 173

Capítulo 174

Capítulo 175

Capítulo 176

Capítulo 177

Capítulo 178

Capítulo 179

Capítulo 180

Capítulo 181

Capítulo 182

Capítulo 183

Capítulo 184

Capítulo 185

Capítulo 186

Capítulo 187

Capítulo 188

Capítulo 189

Capítulo 190

Capítulo 191

Capítulo 192

Capítulo 193

Capítulo 194

Capítulo 195

Capítulo 196

Capítulo 197

Capítulo 198

Capítulo 199

Capítulo 200

Capítulo 201

Capítulo 202

Capítulo 203

Capítulo 204

Capítulo 205

Capítulo 206

Capítulo 207

Sobre este libro

Sobre Eloy Moreno

Créditos

OceanofPDF.com